

FAGNER CARNIEL

**O TELEJORNAL QUE “FALA PRA GENTE, MAS NÃO FALA DA GENTE”:
GLOBO RURAL E IDENTIDADE EM DOIS VIZINHOS**

CURITIBA
2007

FAGNER CARNIEL

**O TELEJORNAL QUE “FALA PRA GENTE, MAS NÃO FALA DA GENTE”:
GLOBO RURAL E IDENTIDADE EM DOIS VIZINHOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, na linha de Ruralidades e Meio Ambiente, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Alfio Brandenburg.

CURITIBA
2007

“Se a gente quiser provar que o ano que acabou foi péssimo, dá para provar. Se quiser dizer que foi bom, também dá. O que está errado nessa moda é encarar a história na base do tudo ou nada. Na verdade, entre o péssimo e o excelente tem um mundão difícil de ser medido pela enganosa tabela do bem e do mal”.

Nelson Araújo (Apresentador do Globo Rural semanal), em 01 de janeiro de 2006.

RESUMO

Entendendo que o discurso hegemônico do telejornalismo rural, especificamente na figura do *Globo Rural*, atua na promoção da modernização agrícola, procuro refletir neste trabalho sobre o papel da televisão nos processos de (re)construção do meio rural em Dois Vizinhos (PR). A hipótese é de que a “presença” da televisão neste contexto acirra a revisão e ressignificação das atividades e condições de vida no contato com experiências e estilos de vida rurais altamente inseridos no mercado e no consumo, veiculados pelo telejornalismo rural. São dinâmicas sociais que configuram a própria agricultura familiar a partir de processos identitários híbridos, forjados no encontro da vida local com a sociedade envolvente. Ativada para designar uma identidade aberta às tensões estabelecidas entre o que se vê na televisão e o que se vive nas comunidades, a agricultura familiar marca a própria diversidade do rural na região, tanto na (re)produção como na representação da vida familiar, abrigando uma polissemia de perspectivas e estratégias identitárias que disputam espaço e legitimidade nos contextos locais de Dois Vizinhos.

Palavras-chave: Agricultura familiar, identidade e telejornalismo rural.

RÉSUMÉ

Cette recherche part de l'idée que le discours hégémonique du téléjournalisme rural, expressément dans la figure du *Globo Rural*, a des influences sur la promotion de la modernisation agricole, pour réfléchir sur la fonction de la télévision aux procès de (re)construction du moyen rural à Dois Vizinhos (PR). L'hypothèse c'est que la présence de la télévision dans ce contexte accentue la révision et la resignification des activités et des conditions de vie au contact avec les expériences et les styles de vie rurales profondément insérés au marché et à la consommation, provenant du téléjournalisme rural. Ce sont les dynamiques sociales qui configurent la progression agricole familiale à partir des procès identitaires hybrides, forgés au rencontre de la vie sociale avec la société engageante. Activée pour désigner une identité ouverte aux tensions établies entre le qu'on voit à la télévision et le qu'on vit dans la région, dans les communautés, l'agriculture familiale marque la progression diversité du rural dans la (re)production autant que dans la représentation de la vie familiale; portant une polysémie de perspectives et stratégies identitaires qui disputent espace et légitimité aux contextes locaux de Dois Vizinhos.

Mots clés: Agriculture familiale, identité et téléjournalisme rural.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	007	
2. DESCOBRINDO O “INTERIOR”: OS CONTEXTOS DE PESQUISA	013	
2.1. DOIS VIZINHOS: O CONTEXTO RURAL	014	
2.2. TELEVISÃO E MEDIAÇÕES CULTURAIS	028	
2.3. GLOBO RURAL: O CONTEXTO DO MIDIÁTICO	033	
3. REDE GLOBO E A CONSTRUÇÃO DO ESPECTADOR NACIONAL	040	
4. O GLOBO RURAL: ENTRETENIMENTO E INFORMAÇÃO	055	
4.1. O TELEJORNALISMO RURAL	057	
4.2. “DIARIAMENTE O AGRONEGÓCIO NA TV”	062	
4.3. “O MAIS IMPORTANTE PROGRAMA LIGADO AO HOMEM DO CAMPO”	071	
5. O MUNDO “IRREAL” DO RURAL TELEVISIVO	079	
5.1. DOIS VIZINHOS E A REINVENÇÃO DO ESPAÇO RURAL	081	
5.2. GLOBO RURAL: TRADIÇÃO E MODERNIZAÇÃO	088	
5.3. ALÉM DO FAZER AGRÍCOLA: O COTIDIANO RURAL	094	
5.4. OS “SENTIDOS” DA AGRICULTURA FAMILIAR	098	
6. TELEJORNALISMO E COTIDIANO RURAL: AS DINÂMICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR EM DOIS VIZINHOS	110	
6.1. AGRICULTURA E IDENTIDADE: PROJETOS E PERSPECTIVAS	114	6.2.
TELEVISÃO E DINÂMICAS SOCIAIS DA VIDA RURAL	125	
6.3. O GLOBO RURAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DOS SABERES NO “INTERIOR”	135	

7. CONCLUSÃO	142
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
9. ANEXOS	152
9.1. ANEXO I – DOIS VIZINHOS	152
9.2. ANEXO II – MAPA DAS COMUNIDADES RURAIS DE DOIS VIZINHOS	161
9.3. ANEXO III – MAPA DE COBERTURA DAS AFILIADAS DA RPC TV	162
9.4. ANEXO IV – CRITÉRIO BRASIL	163
9.5. ANEXO V – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR CLASSE ECONÔMICA	164
9.6. ANEXO VI – PROJEÇÃO DE RENDA POR CLASSE ECONÔMICA	165

1. INTRODUÇÃO

O meio rural brasileiro é extraordinariamente revelador para aqueles que buscam compreender os efeitos da modernidade (desde o subdesenvolvimento até o discurso compulsivo pela modernização) em nosso território, sobretudo quando se percebe a diversidade de realidades existentes na conformação do espaço rural como um modo de vida distinto da vida urbana. São formas de viver e produzir que conjugam diversas posições e posicionamentos em relação ao trabalho na terra, à família e ao ambiente natural, social e cultural que os envolve. Hoje não é preciso viajar muito pelos interiores do país para perceber a coexistência de ruralidades habitadas por pessoas que desempenham múltiplas tarefas e partilham identidades diferentes, famílias ou grupos de familiaridade que dinamizam o campo e o configuram como um espaço aberto às tensões que atravessam o cotidiano e o trabalho na lavoura.

Partindo da pergunta pelo “lugar” da televisão, e particularmente do telejornalismo rural, no cotidiano rural e sua relação com as dinâmicas sociais no “interior” do município de Dois Vizinhos-PR (ver Anexo I), procuro acessar um universo híbrido de práticas, saberes e poderes que vêm ressignificando a identidade familiar agrícola local a partir do contato com os diversos discursos da modernização. Afinal, é na penetração e legitimação de perspectivas “modernas” para o campo que o telejornalismo rural se faz presente, interferindo nos modos como estes sujeitos se identificam e reconhecem seu espaço de vida. Trata-se, portanto, de um exame dos momentos de revisão e reflexão pelos quais as pessoas revêem e reforçam seus pontos de vista face aos conteúdos midiáticos.

Nesse sentido, o presente estudo utiliza-se da comunicação como um viés de análise possível para compreender esse universo de construções (de saberes), negociações (políticas e culturais) e conflitos (sociais) infindáveis que foram sendo construídas ao longo dos séculos no mundo rural brasileiro. Processos que têm recolocado categorias de tempo e espaço a partir do entrelaçamento dos contextos locais de interação da vida rural com a sociedade envolvente. Mais especificamente, trata-se de discutir a presença das modernas tecnologias da informação no cotidiano rural a partir dos sujeitos concretos desse processo (os agricultores familiares). A comunicação, assim, tem sido considerada como um lugar (teórico) de entrada para investigar os problemas e ambigüidades que envolvem os modos de produção da vida (as

técnicas de produção) e os modos de produção de sentido para a vida (a identidade cultural) na prática diária no meio rural. Portanto, a estratégia de investigação aqui utilizada procura compreender as profundas hibridizações entre cultura e comunicação no campo.

Uma vez que estudar o universo local da televisão em Dois Vizinhos implica em “sair” do campo profissional da comunicação e eleger o cotidiano como espaço-tempo da análise, penso que este trabalho poderá colocar questões diretamente voltadas para a área das ruralidades. Questões estas que vem sendo marcadas pelas transformações recentes no mundo rural brasileiro e que apontam para os pequenos proprietários, camponeses ou agricultores familiares como os principais personagens da (re)construção do rural como um espaço de vida. No entanto, acredito que este também é um trabalho voltado para a comunicação, e especificamente sobre as mediações culturais que se estabelecem entre as mensagens produzidas pelos meios (televisão) e os receptores (agricultores). Portanto, trata-se de um objeto “fronteiriço”, que se articula na intersecção dos campos da sociologia rural com a comunicação, o que exige uma metodologia particular, capaz de “entrever” o objeto. Afinal, todo o material empírico apresentado foi realizado a partir do contato com pessoas que estão intimamente ligadas tanto à agricultura, quanto à comunicação, sobretudo na posição de profissionais de suas respectivas áreas.

Ocorre que qualquer possibilidade de interpretar tal objeto depende do estabelecimento de um diálogo entre estes distintos campos do conhecimento; e para que este diálogo de fato se efetue é necessário aproximar conceitos e visões de mundo que, pela própria natureza do atual modelo de produção do conhecimento científico, encontram-se distanciadas. Certamente esta é uma tarefa ingrata e arriscada, pois o empenho em aproximar conceitos carrega sua própria negação, já que depende de especificidades próprias a um determinado contexto que sempre é histórico, passageiro e transitório. Nesse sentido, a aproximação sempre carrega consigo certo distanciamento futuro, que é a própria condição da crítica e da negação destas noções “híbridas”; categorias que se articulam num dado momento, mas que também são temporários e precisam ser revisitados à luz de novo contexto – aquilo que Theodor Adorno tanto combateu afirmando que “o conceito é totalitário” (1992). Contudo, assumir esta transitoriedade dos conceitos e categorias certamente não implica em ineficiência ou imprecisão, muito menos que se deva inutilizá-los ou utilizá-los ao bel prazer, mas que se deve sempre reinterpretá-los a partir das possibilidades abertas pela realidade sócio-cultural ao encontro e ao diálogo, mesmo porque o rodeio da distância sempre possibilita uma aproximação futura.

Na medida em que este estudo exige um entendimento complexo dos processos de produção e apropriação de sentidos, importa compreender as mediações, ou seja, as pontes, ligações, interconexões ou valências, entre os processos materiais de produção de mensagens e os processos cognitivos de apropriação e (re)interpretação do sentido destas mensagens¹. Deste ponto de vista, o trabalho aqui apresentado adquire, inevitavelmente, um caráter de aproximar fronteiras do conhecimento a partir do diálogo entre diferentes perspectivas de interpretação da realidade. Portanto, estas reflexões, que visam uma compreensão ampla da interpenetração dos meios no cotidiano rural, impõem ao pesquisador a necessidade de reformular conceitos e categorias analíticas com trajetórias específicas no interior das respectivas disciplinas (comunicação e ruralidades). Possibilitando assim um referencial de análise para a pesquisa, ou seja, explorar o “chão” comum de diálogo neste encontro disciplinar – que é a própria condição para o acoplamento de fenômenos complexos que nascem de processos comunicativos e os descrevem².

O Telejornal que fala pra gente, mas não fala da gente, é uma busca por estes diálogos através das mudanças, significações e reformulações que configuram a agricultura familiar em Dois Vizinhos no contato com o que se “vê” e “aprende” pelo *Globo Rural*. A televisão, nesse sentido, serve de caminho para investigar o entrelaçar da vida cotidiana com a sociedade envolvente; um processo que está ressignificando o rural e a agricultura atribuindo uma face híbrida à vida local. Esse “poder” da televisão sobre o imaginário das pessoas, sua capacidade de estabelecer linguagens pelas quais os brasileiros se descrevem e percebem o mundo a sua volta, é um fenômeno cultural e social de crescente importância também no meio rural. Por isto mesmo, neste estudo a sociologia rural e as teorias da comunicação se encontram na tentativa de elucidar as formas pela qual a questão da identidade passa a ocupar um espaço privilegiado na constituição dos rurais no Brasil.

* * *

A pesquisa de campo que fundamenta este trabalho foi realizada entre os anos de 2005 e 2007 através de entrevistas que realizei em contextos diversos de vida e interação: o

¹ Por complexidade, *complexus* do latim, entenda-se o movimento de tecer em conjunto um ou mais sentidos de um objeto, o que implica abarcar múltiplas e distintas dimensões do real.

² A idéia de acoplamento remete ao conceito de *acoplamento estrutural*, que descreve a co-dependência dos seres vivos numa teia biosustentável. Dessa co-dependência surgem novos seres no fluxo de uma história de transformações estruturais partilhadas com os membros de sua espécie, com os seres de outras espécies e com todo o ecossistema no qual está inserido (MATURANA & VARELA, 1995: 114).

universo rural da agricultura familiar em Dois Vizinhos (ver Anexo I) e do telejornalismo vinculado ao programa *Globo Rural*. Influenciado pelas perspectivas das ruralidades no Brasil e dos estudos culturais, o critério que norteou a interpretação do material coletado foi o fato de que a televisão constitui um objeto cultural “nobre” nos contextos rurais da agricultura familiar; ocupando parte significativa dos momentos de lazer e operando como mediação entre o cotidiano local e os contextos midiáticos da atividade agrícola nacional – ajudando a configurar estruturas narrativas pelas quais estes agricultores compreendem a si mesmos e o mundo a sua volta. Embora haja uma visível desproporção entre os espaços de poder da mídia e o espaço das audiências, os espectadores não foram tomados como sujeitos passivos nesse processo; procurei interpretar os sentidos do diálogo entre a cultura vivida e o universo das mensagens produzidas pelo telejornalismo rural.

Em meio a inúmeras viagens convivi com diversos moradores de Dois Vizinhos que transitam, quase indistintamente, entre os espaços do “interior” e da “cidade”; dentre eles me concentrei em cerca de vinte famílias de agricultores, distribuídas em seis comunidades rurais (e um bairro localizado na sede urbana) das quais utilizei apenas quinze para redação do presente texto. Nesta escolha pesou o tempo de convivência e o conhecimento dos hábitos e rotinas familiares que adquiri durante a pesquisa; por isso mesmo, as entrevistas conformaram apenas a dimensão mais “concreta” da pesquisa, que reuniu ainda o convívio cotidiano com a maioria dos entrevistados. Todos os nomes, bem como das próprias comunidades, foram alterados/invertidos para preservar a identidade de entrevistados e evitar qualquer constrangimento. Mesmo assim, procurando sempre estar atento (vendo, ouvindo e escrevendo), parti do pressuposto de que a fala é sempre situacional e não pode ser divorciada do contexto em que ocorre – isto não quer dizer, entretanto, que discurso e prática são realidades necessariamente opostas, mas antes pistas diferentes e complementares para a compreensão das experiências vividas por um determinado grupo social.

Por entender que a agricultura dinamiza e, em certa medida, estrutura o conjunto das dinâmicas sociais do município, trabalhei com a representação local da agricultura familiar como uma categoria identitária essencialmente fluida e híbrida. O rural duovizinhense acompanhou a tendência nacional e sofreu, nas últimas décadas, uma série de transformações econômicas, sociais, culturais e ambientais trazidas pelo pacote da modernização agrícola. Tal processo se intensificou com a instalação da *Sadia* nos anos oitenta e tem se fortalecido com a recente chegada da soja e do trigo, acelerando a inserção dos agricultores locais no universo da produção capitalista – visando ao aumento da produtividade e da lucratividade dos

produtos agrícolas. Um movimento que imprime mudanças na paisagem local e ressignifica certa “condição camponesa” de produção a partir desse contato com uma “agricultura moderna”. É nesse contexto que a agricultura familiar emerge como uma categoria segundo a qual agricultores locais passam a dialogar com o mercado e o próprio Estado (via suas políticas de desenvolvimento rural).

Paralelamente à pesquisa de campo, dividi o tempo e as viagens freqüentando outro contexto de investigação: o cenário profissional do telejornalismo rural da *Rede Globo*. Em ambientes bem mais formais e impessoais do que os de Dois Vizinhos, como o próprio espaço de trabalho dos jornalistas ou mesmo a *internet*, foram feitas, quase sempre, apenas entrevistas estruturadas com perguntas objetivas, cujo tempo de duração nunca ultrapassou mais do que uma hora. Nesta etapa da pesquisa foram realizadas outras vinte e cinco entrevistas, sendo seis delas gravadas e outras dezenove respondidas por *e-mail* e telefone. A identidade dos entrevistados foi omitida porque muitos optaram em permanecer anônimos. Embora esta fase da pesquisa tenha ocorrido em momentos separados da experiência de campo realizada junto aos agricultores duovizinhenses, todo o material coletado foi pensado a partir dos modos como aqueles espectadores rurais acompanharam o programa e significaram seus conteúdos e formatos; articulando, desse modo, os momentos da produção e recepção das mensagens midiáticas como etapas que atribuem sentido a um mesmo processo de leitura (e seus efeitos) e decodificação das mensagens.

Os capítulos que seguem são uma tentativa de articular estes contextos de pesquisa em torno das dinâmicas sociais nos contextos rurais de Dois Vizinhos. Para isto, procuro no capítulo inicial – *Descobrimo o “interior”: os contextos de pesquisa* – recompor a trajetória de pesquisa e aprofundar a discussão acerca dos métodos e contextos estudados a fim de situar o leitor em relação a algumas das principais representações que configuram o rural e os próprios agricultores familiares nestes espaços sociais. Nos capítulos subseqüentes – *Rede Globo e a construção do espectador nacional* e *Globo Rural: entretenimento e informação* – procuro circunscrever o universo da televisão e do consumo em que o telejornalismo rural está inserido, dando ênfase ao *Globo Rural* e seus formatos no interior da televisão brasileira. No quarto capítulo, intitulado *O Mundo “irreal” do rural televisivo*, realizo uma imersão nos contextos locais de leitura e interpretação dos agricultores duovizinhenses para “eclodir” algumas perspectivas que moldam os espaços de vida e produção da agricultura na região; o objetivo é apresentar toda a fluidez das dinâmicas locais que reconstroem a agricultura familiar a partir das tensões abertas pelos processos identitários em jogo nestes interiores. No

capítulo final – *Telejornalismo rural: as dinâmicas sociais da agricultura familiar em Dois Vizinhos* – procuro explorar as profundas hibridizações entre cultura e comunicação no campo a partir da penetração de lógicas e perspectivas oriundas do telejornalismo rural (*Globo Rural*), ressignificando os saberes, práticas e identidades locais.

2. DESCOBRINDO O “INTERIOR”: OS CONTEXTOS DE PESQUISA

(...) o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.
João Guimarães Rosa,
Grande sertão: veredas, 1978.

No trecho acima, a sensibilidade de Guimarães Rosa vai além da apologia ao mergulho intelectual e corporal em busca das vivências que encaixam todo ato de descoberta da “realidade”; ele atribui ao próprio real a condição fluida de “travessia” e, portanto, sempre submetido ao crivo de nossas experiências subjetivas. Tal travessia sinaliza a importância do trabalho de estar em campo, de ver e ouvir até chegar mesmo a fazer parte do universo simbólico observado. Contudo, a epígrafe também adverte para os limites da descrição deste “real”, pois se ele não se dispõe para a gente “nem na chegada” é a própria possibilidade de narrar ou traduzir a experiência que está posta em xeque. Como sugere o escritor, representar o real com fidelidade já está fora de questão, resta, portanto, interpretá-lo recriando sua paisagem e assumindo todo o ônus desta autoria.

Neste capítulo apresento os dois contextos de pesquisa (camadas médias e populares ligadas à atividade agrícola no município de Dois Vizinhos-PR e profissionais da Rede Globo em Curitiba, Maringá e Foz do Iguaçu) procurando situar o leitor em termos da distância física e simbólica entre os lugares pesquisados e algumas representações sociais que estão em jogo nestes dois contextos. Evidentemente narrar tal experiência significa também me situar num texto que apresente uma construção objetiva de interpretações sobre experiências, em grande medida, íntimas; ou ainda, para utilizar uma metáfora de Clifford Geertz (1988), o diálogo entre as múltiplas facetas do “Estar lá” com o “Estar aqui” da pesquisa. Ao discutir a autoridade etnográfica, o antropólogo aponta para o fato de que colocar no papel o trabalho de campo “implica contar histórias, criar imagens, conceber simbolismos e desfiar figuras de linguagem”, ou seja, significa que a escrita também deve “estar lá” (em termos autorais), do mesmo modo que ao pesquisar também “estamos aqui” em relação a todo o conjunto de temas e categorias postulados num determinado campo do conhecimento³. Desse modo, as páginas que seguem advêm de um trabalho de imaginação em construir um texto que possibilite certa

³ Este modo de trabalhar o material de pesquisa, conforme Geertz, “encontra comumente uma resistência, amiúde feroz, em virtude de uma confusão, que é endêmica no Ocidente pelo menos desde Platão, do imaginado com o imaginário, do ficcional com o falso, da compreensão de coisas com a invenção delas. A estranha idéia de que a realidade tem uma linguagem em que prefere ser descrita, de que sua própria natureza exige que falemos dela sem espalhafato – pau é pau, pedra é pedra, rosa é rosa –, sob pena de ilusão, invencionice e auto-enfeitiçamento, leva à idéia ainda mais estranha de que, perdido o literalismo, também a realidade se perderá” (1988:183).

verbalização das experiências interpretadas e que, ao mesmo tempo, ajude o leitor a se aproximar dos contextos apresentados. Para tanto, apresento mais longamente o universo da recepção, pois é ali que se dá o processo mais complexo que busco entender: o da transformação dos colonos da região em agricultores familiares. Transformação esta que aos olhos dos profissionais da comunicação se traduz na mudança dos espectadores em consumidores. Além disso, para que faça sentido todo o debate sobre a agricultura familiar e as transformações apontadas nessa esfera (em termos de relações identitárias e das atividades cotidianas) na interação com a televisão, senti a necessidade de debater mais cuidadosamente algumas representações que configuram o “interior” e a construção social do rural como um espaço de vida.

2.1. DOIS VIZINHOS: O CONTEXTO RURAL

O município de Dois Vizinhos fica a aproximadamente 500 km de Curitiba, ao Sudoeste do Paraná (ver Anexo I). Pela rodovia o ônibus leva aproximadamente nove horas. De carro fica muito mais “perto”. Se bem que de uns anos para cá, especificamente a partir de 1997, o trajeto foi encarecido por conta da privatização de boa parte das rodovias estaduais e a conseqüente implementação de um sistema de pedágios, o que certamente “aumentou” esta distância. Nestes últimos tempos, em que quase não tenho ido a passeio, mas como pesquisador, a estratégia economicamente mais viável foi freqüentar sistematicamente as rodoviárias, fato que lastimei no princípio, pois sempre tive muito prazer em percorrer “longas” distâncias dirigindo e, como julgava, poderia limitar a locomoção pelo município, sobretudo nas áreas rurais “afastadas”. E não estava tão equivocado. Freqüentar as rodoviárias e minha dificuldade de locomoção pelo município de fato modificaram decisivamente os rumos desta pesquisa. Só que para minha surpresa o que parecera um entrave acabou por ampliar qualitativamente minha rede de relações, possibilitando uma diversidade de contatos que não imagino como alcançaria no confinamento de um automóvel, além de aumentar meu

conhecimento do espaço social⁴ da região e permitir certa “aderência” ao cotidiano de algumas famílias.

Um acontecimento que ilustra bem o que digo ocorreu em minha segunda viagem de Curitiba para Dois Vizinhos, ainda no primeiro semestre de 2005. Acomodei-me na penúltima poltrona do ônibus por volta das onze horas da noite, com expectativa de dormir antes que pegássemos a estrada. Estava ansioso para descansar o máximo possível, pretendia iniciar a pesquisa exploratória na manhã seguinte com um questionário (preliminar, devo dizer) que havia acabado de construir. O questionário consistia em um jogo de vinte perguntas objetivas e respostas abertas que se dividiam sob dois eixos: as primeiras questões tinham um caráter quantitativo e não esperava me delongar nelas, mas sim mapear a partir delas as características sócio-econômicas dos agricultores que seriam entrevistados; as questões finais deveriam ser as mais “prazerosas” e apreender destes agricultores informações iniciais sobre suas práticas agrícolas. O mote das questões era perceber que conhecimentos orientavam estas práticas e compreender se a televisão realmente poderia exercer alguma influência sobre elas. Mas antes que pudesse fechar os olhos sentou-se a meu lado um sujeito magro, que aparentava uns vinte e tantos anos. Ele falava um bocado e parecia bem desperto. Chegou cumprimentando quem via pela frente. Logo perguntou meu nome e qual a razão de estar viajando para Dois Vizinhos. Tentei responder secamente e fechar os olhos para me concentrar em dormir, mas não demorou muito para que desistisse. Começamos a conversar e lhe disse que pretendia fazer uma pesquisa na região sobre o que chamei de o “impacto” da televisão sobre o cotidiano rural destes agricultores. De pronto o sujeito se interessou e começou a me perguntar mais sobre o assunto. Para os cientistas sociais, que estão acostumados com o desinteresse que as pessoas normalmente expressam sobre os objetos e categorias “tradicionais” da área, é curioso notar como o tema da televisão pode gerar interesse.

Conversamos sobre as novelas, os programas de “fofocas” e culinária, que segundo ele decididamente são “coisas que interessam” às mulheres. Quando lhe questionei sobre quais seriam as “coisas” que interessariam aos homens, também falamos sobre os telejornais e o *Globo Esporte* – por sinal, tratou-se de um comentário nada surpreendente. Contudo, o sujeito

⁴ O espaço social deve ser entendido como o lugar em que as pessoas vivem, onde pensam a si mesmas e o mundo circundante, o espaço onde produzem e reproduzem sua existência. Conforme Pierre Bourdieu, “sem dúvida, os agentes constroem a realidade social; sem dúvida, entram em lutas e relações visando a impor sua visão, mas eles fazem sempre com pontos de vista, interesses e referenciais determinados pela posição que ocupam no mesmo mundo que pretendem transformar ou conservar” (BOURDIEU, 1989: 8).

se mostrou interessado mesmo foi em saber como estes programas poderiam influenciar seu cotidiano. Na hora devo ter tentado esboçar alguma fala, mas quando lhe disse que esperava obter essa resposta das próprias pessoas, interpretando o que fossem me contar, ele se assustou. Percebendo-o confuso devo ter me assustado ainda mais. Lembro-me perfeitamente de sua voz trêmula me dizendo timidamente que as pessoas simplesmente não iriam me contar a “verdade”.

Mais tarde, enquanto tentava anotar o ocorrido com a máxima exatidão possível num minúsculo bloco de papel – o qual mal enxergava naquela penumbra – imaginava o quão ingênuo deve ter me considerado aquele sujeito. Dormimos e a manhã logo chegou. Ao descer na rodoviária de Dois Vizinhos ele novamente se aproximou para se despedir e me deixou seu número de telefone, pedindo que ligasse no dia seguinte para combinar um almoço no sítio de seus pais – Marcelo era seu nome. Que sorte! Acabara de conseguir um contato para iniciar a pesquisa e ainda por cima um almoço. Realmente ele deve ter ficado preocupado com a “inocência” com que eu estava indo a campo.

Depois do ocorrido me dirigi à casa de um parente, onde iria ficar alguns dias. Resolvi, então, adiar a ida a campo e aproveitar o tempo para explorar “outros” espaços possíveis de pesquisa, rever o questionário e o próprio método. Afinal, a frase que havia ouvido durante a viagem (de que as pessoas não iriam me contar a verdade) parecia tão “honestas” que soava assustadoramente reveladora (ver Anexo II).

É surpreendente como um dia pode encerrar um intervalo de tempo fabuloso no processo de construção e desconstrução da metodologia de pesquisa. Passei toda a manhã e boa parte da tarde visitando duas comunidades (*São Luiz do Chopin* e *Flor da Serra*) e (re)pensando meu método. Mas foi logo cedo, após o café da manhã, quando sentei para ler o questionário que havia levado para campo, que efetivamente entrei em “crise” com o projeto. Estava estampado naquela folha de papel e eu nem havia percebido; todas, ou quase todas as questões estavam endereçadas a “agricultores familiares” da região. Contudo, em nenhum momento havia me perguntado sobre o que de fato estava sendo entendido como agricultura familiar. Era como se o questionário apenas permitisse acessar o discurso “oficial” com o qual estes moradores se relacionam com os bancos, as políticas públicas, ou mesmo o mercado,

negando à pesquisa qualquer possibilidade de compreender as identidades locais a partir das lógicas construídas pelos próprios moradores de Dois Vizinhos⁵.

O “risco” desse tipo de naturalização dos conceitos e categorias na pesquisa social, que certamente incorre no distanciamento entre teoria e pesquisa, é assumir um olhar etnocêntrico sobre os processos sociais – inviabilizando a prática reflexiva na produção do conhecimento. No caso desta pesquisa significaria reproduzir um imaginário que opõe rural e urbano, campo e cidade, ou ainda, encarar na presença da televisão apenas a transformação (modernização) das práticas agrícolas locais. Foi visitando as comunidades e conversando com os moradores que me dei conta da importância dos aspectos subjetivos na construção identitária. Em tais construções sempre houve o encontro de influências diversas, ou melhor, o entrecruzamento de influências locais com outras mais “externas”, como o discurso televisivo ou mesmo a própria presença de um “sociólogo da capital” (como algumas vezes fui denominado). Dois Vizinhos não é uma aldeia, nem mesmo um conjunto de pequenas comunidades rurais. Se o município parece com um conjunto de comunidades relativamente coerentes, isto é apenas uma maneira de tentar demonstrar algumas idéias e problemas de modo direto e conciso, sempre buscando algumas generalizações. Todavia, espero demonstrar como há uma heterogeneidade e uma mudança nas relações familiares e identitárias em processo na região.

Através das pessoas que revelaram essa heterogeneidade e as mudanças no modo de se reconhecer e serem reconhecidos que Dois Vizinhos foi aos poucos se tornando mais próxima e complexa para mim. O que é localmente constituído como agricultura familiar muitas vezes entrou em choque com as concepções que eu tinha acerca dessas práticas. Refiro-me aqui à agricultura familiar não apenas como práticas sociais específicas, mas também como um conjunto de representações que configuram um sistema de significados através do qual acredito ter sido possível acessar o universo cultural da região. Desse modo, entrar em contato com as experiências cotidianas e vivências individuais dos moradores de Dois Vizinhos ajudou a rever conceitos e noções que aparentavam certa fixidez ou permanência.

⁵ Ao problematizar o movimento do pesquisador em direção às pessoas estudadas, Pierre Bourdieu lembra que uma relação de pesquisa não deixa de ser uma relação social (BOURDIEU, 1998). Desse modo, ainda que se procure excluir qualquer intenção de exercer “violência simbólica” passível de afetar as respostas, a entrevista não deixa de ser uma situação de encontro em que “relações de poder” estão incluídas; somente um esforço consciente de controlar tais relações de poder pode reduzir tal violência. Portanto, Bourdieu alerta para a necessidade de uma postura compreensiva do pesquisador (não de complacência), que propicie a “atenção ao outro”; isto quer dizer que uma entrevista demanda uma “conversão do olhar que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida” (BOURDIEU, 1997).

Neste percurso abandonei o projeto inicial de um questionário “fechado” e dediquei-me à pesquisa de campo (ver, ouvir e escrever)⁶, em busca das relações simbólicas que envolviam as práticas locais por apostar em uma interpretação mais “densa” do cotidiano e das experiências em questão⁷. Tratou-se de um trabalho que inicialmente colocou-me diante de um contexto muito diverso de minhas referências anteriores. Mesmo para quem já conhecia desde a infância o município⁸, pesquisar em Dois Vizinhos significou, mais do que me aproximar de algo distante, estranhar aquilo que em minha memória havia de mais familiar e me esforçar em (re)descobrir todo um universo cultural do qual minha formação social e intelectual há muito se afastara. Para isto a televisão foi fundamental: serviu de ponte para conversas e relações sociais que, aos poucos, abriram caminho para penetrar e observar o cotidiano de algumas famílias e romperam com o discurso “comum” que ressaltava uma identidade local homogênea, tradicional e de interior.

Com a família do Seu João esse contato ocorreu aos poucos⁹. No dia seguinte à viagem que descrevi acima, liguei para Marcelo, filho de João e Marcela. Ele me disse que o almoço estaria na mesa por volta do meio dia, mas que eu deveria chegar um pouco mais cedo para conversarmos e para que ele pudesse me mostrar o sítio e apresentar a família. O sítio fica na comunidade *Santa Bárbara*, no “interior” de Dois Vizinhos, como me disse o rapaz. Na época tive um pouco de trabalho para chegar até lá, lembro inclusive que pedi carona por não ter nem mesmo noção da direção que deveria tomar.

⁶ Ao refletir sobre as etapas “mais estratégicas da produção do conhecimento antropológico”, o professor Roberto Cardoso de Oliveira, em analogia aos atos cognitivos, utiliza os exercícios de “olhar”, “ouvir” e “escrever” como elementos articuladores da pesquisa com a interpretação de seus resultados. Segundo o autor, “ao tentar penetrar em formas de vida que lhe são estranhas, a vivência que delas passa a ter cumpre uma função estratégica no ato de elaboração do texto, uma vez que essa vivência – só assegurada pela observação participante ‘estando lá’ – passa a ser evocada durante toda a interpretação do material” pesquisado (OLIVEIRA, 2000: 34).

⁷ Em Clifford Geertz o termo “descrição densa” refere-se à interpretação dos fatos descritos, procurando suas motivações e seus objetivos - seus significados (GEERTZ, 1989). Não é apenas uma descrição minuciosa, mas uma leitura, uma interpretação. Para este autor, não basta identificar as dinâmicas sociais e seus significados, é preciso compreender como tudo isto compõe um “universo imaginativo”, dentro do qual essas ações são determinadas e fazem sentido para os que dela participam, mas no qual não estamos inseridos. Não por acaso o autor afirma que o empreendimento do etnógrafo aproxima-se do de um crítico literário. Aqui “tomo de assalto” o conceito a fim de ressaltar a importância desse modo de encarar a pesquisa, em que a prioridade é acessar as “teias de significados” tecidas pelos sujeitos sociais, ou seja, o significado que estes homens dão às suas ações e a si mesmos.

⁸ Minha família, por parte de pai, descende de imigrantes que se estabeleceram no Rio Grande do Sul há quase um século. De lá meu avô migrou para o Paraná e se instalou no município de Verê, ao Sudoeste do Paraná, encostado em Dois Vizinhos, onde parte de minha família iria se estabelecer. Esse foi um movimento que acompanhei desde criança. Por isso mesmo pesquisar em Dois Vizinhos significou reaprender a enxergar o município ou, na metáfora consagrada por Gilberto Velho, aprender a exotizar aquilo que era familiar e familiarizar o que foi exótico (VELHO, 1978).

⁹ O trecho que segue foi reescrito a partir de anotações de campo.

Depois de atravessar quase toda Santa Bárbara e pedir um “bocado” de informações, cheguei à propriedade do seu João por volta do horário combinado. Ela se localiza na margem esquerda da estrada principal, a uns oito quilômetros da estrada que dá acesso à comunidade. Nos seus entornos, como acabei conhecendo mais tarde, há outras três propriedades que também pertencem à família¹⁰. Uns cem ou duzentos metros separam a casa da estrada principal, lembro que quando cheguei fiquei admirado com o pomar logo na entrada do terreno, era outono e as laranjeiras ainda estavam carregadas. Marcelo estava na roça “ajudando”¹¹ seu irmão (Celso), mas Seu João, que já sabia da minha chegada e “interesses”, me recepcionou aos gritos de sua varanda: “vamos chegar, vamos chegar!”. Era como se na entrada do sítio o terreno subisse por uma estradinha de terra que faz uma leve curva para a direita; na medida em que subia o terreno, a casa e os gritos iam ficando mais nítidos. Construída metade com “material” e metade com madeira a casa me pareceu já um pouco antiga. Pintada de amarelo e branco dava uma sensação bem aconchegante. Apresentei-me e sentamos na varanda, João apresentou a mulher Marcela e a filha (Cecília) e me ofereceu o chimarrão que estava tomando. Eu estava bastante ansioso e me sentia inseguro por não saber como me portar ou mesmo apresentar à família – o que já era esperado, afinal apenas detinha uma representação estereotipada das pessoas e suas expectativas. Mas a hospitalidade quando cheguei e o jeito expansivo de Seu João se apresentar e apresentar a família, foi logo rompendo qualquer distância que pudesse existir – fato que se repetiu com outras famílias e denota traço importante da sociabilidade local, sobretudo na construção comum de um discurso que enfatiza a unidade, a hospitalidade e a harmonia da identidade familiar local.

A varanda, toda de madeira, fica de frente para um pátio “enorme” de onde era possível enxergar tanto a entrada, onde se localizava o pomar, como o começo da plantação de milho, na época ainda verde. Continuando pela estrada, a propriedade se estende além da casa para uma granja associada à *Sadia* (de porte pequeno, como informam os técnicos agrícolas locais) que fica a uns cem metros e segue com uma área de monocultura onde, na época, a família plantava milho e soja, subsidiados pelo *PRONAF* (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar)¹². Junto à casa existe também uma pequena área

¹⁰ Logo atrás do sítio de Seu João, que tem cerca de quinze hectares, localiza-se a “chacrinha” de seu filho mais velho, Celso, que herdara cinco hectares do terreno antigo de seu pai. Depois vem o sítio de Seu Firmino, irmão do seu João e, ao fundo, o terreno de Adelino, primo de João e Firmino.

¹¹ O serviço de “ajuda”, que se refere à contratação de familiares ou pessoas conhecidas, já foi discutido por Klass Woortmann para traçar um tipo de solidariedade caracteristicamente camponês. “Nas culturas camponesas, não se pensa a terra sem pensar a família e o trabalho, assim como não se pensa o trabalho sem pensar a terra e a família” (WOORTMAN, 1990: 23).

¹² A definição de uma política pública nacional dirigida à assistência técnica e financeira para o pequeno produtor brasileiro faz parte do conjunto de demandas que vem sendo apresentadas pelos movimentos sociais e

destinada a cultivo de arroz, mandioca, feijão e batata, que serve, sobretudo, para subsistência doméstica. Ao lado da casa há também uma “hortinha” onde são plantados diversos legumes e verduras, e, na época, um chiqueirão que servia basicamente para o consumo local – o que mais tarde seria retirado por orientação dos técnicos da *Sadia*, e também por ser “insustentável”, conforme me disse Seu João.

Não demorou e Marcelo chegou com Celso e seu filho caçula de dez anos (Henrique), foi então que entramos para almoçar. Antes de chegarmos à cozinha passamos pela sala onde tinha um sofá muito desconfortável e algumas cadeiras, todas voltadas para uma enorme estante que, além dos retratos de família, sustentava uma televisão “novinha” de 29’. Foi inevitável fazer um comentário sobre a televisão. E Seu João me explicou que havia recém ganho de seu filho Celso, mas quase nunca a assistia. Ironicamente Celso retrucou dizendo que seu pai não gostava de admitir, mas era um “noveleiro”. O “papo” prosseguiu e Marcela ficava escutando tudo atenciosamente enquanto servia o almoço – foi assim outras vezes que passei por lá¹³.

Durante esse almoço e outras “visitas” que fiz a esta família, fui conhecendo suas atividades cotidianas, o trabalho na propriedade, as expectativas e perspectivas em Dois Vizinhos, a história familiar e as memórias do local de onde saíram (Palmeira das Missões-RS), a construção de novas redes de sociabilidades e a manutenção de laços antigos. Aos poucos suas relações familiares foram ficando mais compreensíveis para mim. Conversando com Marcela descobri também a manutenção de determinadas “tradições familiares” na cozinha e na educação dos filhos, o que ela “lutava para deixar para os netos”, mas também a incorporação de novos hábitos e experiências – das mais recentes ligadas aos “novos” hábitos de consumo, sobretudo do neto. Com Firmino, irmão do Seu João, observei toda uma “outra” relação com os filhos que, com exceção de um deles (Claudinei), moravam “fora” do município. Isso sempre, ou quase sempre, fazia com que ele remetesse os assuntos a outros espaços¹⁴. Nessas e outras conversas fui chegando cada vez mais perto do cotidiano dessa família, cujo principal traço da identidade está ligado ao valor atribuído à família – nota-se até

organizações ligadas aos interesses da agricultura familiar há pelo menos uma década e meia. E apenas recentemente, sobretudo com o lançamento do *PRONAF* e o relançamento de políticas de reforma agrária, a agricultura familiar tem sido reconhecida como um ator importante e beneficiário de direitos de políticas públicas para o setor. Contudo, não seria novidade constatar que a agricultura familiar brasileira é extremamente diversificada, e os jogos de poder e as estratégias políticas dos diversos atores envolvidos neste processo ainda formam uma turva imagem dos reais beneficiários. Isso faz da agricultura familiar brasileira um campo de lutas por reconhecimento e batalhas em torno das alternativas políticas para desenvolvimento do setor.

¹³ Como já era de se esperar, demorei certo tempo até conseguir, mesmo que como pesquisador, “chegar” aos assuntos e espaços predominantemente femininos das famílias entrevistadas.

¹⁴ Seu Firmino tem cinco filhos, mas apenas Claudinei, o filho do meio, permaneceu em Dois Vizinhos.

certa sobreposição desta noção de família sobre as vontades individuais. É esta força dada à família que explica, por exemplo, a forte oposição a determinados valores estéticos, morais e de consumo veiculados pela televisão, que, como me disseram, só valorizam os desejos individuais. Lembro-me inclusive como Seu João condenava meu antigo hábito de fumar, apesar de todo o esforço em demonstrar hospitalidade, e vivia dizendo que eu apenas fumava porque era “da capital”, se vivesse no “interior” largaria o vício – e largaria mesmo!

Evidentemente, esses exemplos não devem sugerir que as relações familiares sejam harmoniosas na região. Para exemplificar o que digo, parece relevante recordar meu último encontro com a família de Seu João, no final de 2006. Passei por lá para me despedir. Encontrei apenas João, Marcela e a filha Cecília. Convidaram-me para tomar o café da tarde, foi uma despedida um pouco melancólica. Seu João não estava satisfeito com os resultados da colheita e parecia um pouco preocupado com as festas de fim de ano. Durante o café presenciei uma pequena discussão entre a filha e pai por causa da herança da terra. Cecília dizia não querer mais trabalhar na roça, queria poder estudar na cidade como o irmão Marcelo. Seu João respondeu rispidamente: “Quieta menina, você não tem idade pra decidir essas coisas, além do mais teu irmão está estudando pra ajudar na casa”. Na hora a discussão foi tratada com certa naturalidade, mas pode dar bem a idéia de que o conflito também é inerente às relações familiares locais e, embora seja pouco explicitado para pessoas “estranhas” à família, constitui elemento relevante na configuração das relações sociais tanto familiares como comunitárias na região¹⁵.

Estar lá, junto com a família de Seu João, e me aproximar de suas experiências e vivências cotidianas foi fundamental para começar a compreender como estes produtores se reconhecem e percebem seu espaço de vida, bem como suas possibilidades e seus projetos familiares. Participando, desse modo, ativamente da produção e reprodução de um sistema de representações pelo qual eles percebem a si próprios, seus vizinhos ou familiares, e pelo qual também são percebidos por eles.

Relacionamento semelhante ao que tive com esta família ocorreu também com outras na mesma região, e, embora não possa ser tomado como uma experiência sistemática de

¹⁵ Por isso mesmo, “entrar na casa” dos agricultores pesquisados, ou seja, conviver com eles, observar seu cotidiano e conhecer os motivos que encaixam suas práticas, significa ter acesso a um universo de relações e valores sociais que são orientados por lógicas familiares. Nesse sentido a família de Seu João, cuja “estória” é narrada aqui, teve uma importância decisiva na compreensão das lógicas de “aproximação” e “distanciamento” em curso na região; e mesmo sabendo que, por um lado, “entrar na casa” de Seu João significou me afastar de muitas outras redes de relacionamentos na região, por outro, foi uma forma encontrada (por acidente) de mergulhar nos processos sociais da região.

pesquisa, permitiu que percebesse a construção de laços sociais e identidades locais que extrapolam a unidade familiar de produção. Entendendo, desse modo, a agricultura familiar da região como um complexo entrelaçamento de vivências, memórias e experiências coletivas que extrapolam as propriedades familiares, as próprias concepções de família (consangüinidade) e as fronteiras oficiais do município. O que remete a uma concepção de familiaridade¹⁶ que ultrapassa os limites espaciais estabelecidos na pesquisa. Voltando para o caso da família de Seu João, é interessante notar como toda uma dinâmica social de familiarização e desfamiliarização é construída na região. Desde a esposa de Celso, que frequentemente visitava, convivia e até mesmo “ajudava” membros de sua família, passando pelos filhos de Seu Firmino, que moravam nos municípios vizinhos, até as próprias relações de vizinhança que eram estabelecidas com “compadres” de Santa Bárbara, ou mesmo outras comunidades da região, tudo situava a família de Seu João dentro de um universo social e cultural complexo.

Através destas experiências de pesquisa, que resultaram em uma convivência de certa forma prolongada com muitas famílias de agricultores da região, evidenciaram-se determinadas configurações familiares que não podem ser pensadas a partir de estereótipos que remetam ao isolamento ou autonomia destes grupos familiares – um imaginário social arraigado em nossa “tradição” intelectual¹⁷. Mesmo quando tal representação é reforçada pelo discurso local em Dois Vizinhos, é importante perceber que ela tem mais a função de garantir a reprodução de práticas agrícolas e relações familiares do que afirmar uma “imobilidade” propriamente dita. A ênfase atribuída à unidade familiar e à harmonia das relações familiares encobre um universo social dinâmico que traz embutida uma agenda de transformações e

¹⁶ Parece-me interessante observar como a idéia de pertencer ou não à família emerge na sociabilidade local, ao menos no interior das comunidades rurais, como uma noção fluida e móvel, pois permite aproximações e distanciamentos a partir de lógicas de familiarização (tornar parte da família) e desfamiliarização (destituir da família). Nesse sentido, remete mais a uma “aproximação” construída socialmente (também culturalmente) do que a uma concepção rígida de consangüinidade – o que permite inclusive compreender algumas das próprias relações de “compadrio” (vizinhança) que também são marcadas pelas possibilidades, ou não, de se “forjar parentesco” (aproximar). Portanto, permite o estabelecimento de uma sociabilidade local que extrapola os limites da família biológica, mas conserva na lógica familiar muitas das orientações para os jogos de aproximações e distanciamentos sociais.

¹⁷ É curioso observar como o esforço intelectual na virada do Império para a República, posteriormente consolidado pela geração de 1930 e pelo Estado Novo, culmina na construção de um amplo projeto de desenvolvimento e identidade nacional para o país que visaria ora romper, ora reformar o “homem rural brasileiro”. Os estudos de Linhares e Silva procuram demonstrar como as questões da agricultura e do homem rural estiveram sempre presentes durante o governo Vargas, tanto do ponto de vista da política elaborada para o campo pelo Estado, como em relação ao imaginário construído sobre o homem rural brasileiro. Para os autores, a política elaborada para o campo pelo governo Vargas vinha de encontro às preocupações com a urbanização e a industrialização crescente, tendo como objetivos o abastecimento das cidades e a satisfação da demanda de matérias-primas, o que tendia à reorientação da agricultura do mercado externo para o interno. (SILVA & LINHARES, 1999).

inovações em busca de melhores resultados, de melhores produtos, de acesso à terra. A luta para adaptar sementes, animais, para enfrentar a escassez dos solos e das terras, constituem práticas sociais que compõe um mundo repleto de iniciativas e criatividade – experiências “móveis” e dinâmicas que constituem diferentes modos da vida na região.

Diante de objeto tão complexo e aberto quanto o é a agricultura familiar na região, o trabalho, talvez, mais “árduo” desta investigação tenha sido o de circunscrever um universo de pesquisa que fosse, ao mesmo tempo, representativo da realidade local e atendesse as expectativas da pesquisa junto à televisão. Estar lá, em Dois Vizinhos, significou também mergulhar em redes de relações sociais costuradas por formações específicas de sociabilidade e parentesco, e que imputam sentidos também específicos às relações e ações cotidianas destas pessoas. Constituindo, assim, lógicas próprias acerca do espaço e de sua mobilidade neste espaço. Para tanto, foi imprescindível acessar e compreender as construções “nativas” de categorias e representações acerca da(s) agricultura(s) familiar(es) e do que viria a ser o próprio rural na região. Procurando, desse modo, me aproximar daquilo que efetivamente vem sendo construído como “o interior” e percebendo, ao mesmo tempo, toda a multiplicidade e transitoriedade destas construções que, em muito, revelam processos situacionais de disputa em torno das distintas identidades sociais.

Quando iniciei esta pesquisa havia me programado para ficar na sede “urbana” de Dois Vizinhos e, a partir dali, dirigir meus esforços para as comunidades no “interior” do município – era uma estratégia relativamente simples e que me pouparia bastante trabalho. Contudo, desconstruir minhas concepções prévias acerca destes espaços obrigou a desconstrução da própria estratégia de investigação. Quanto mais ao “interior” eu me dirigia, “mais adiante” as pessoas me mandavam; sorte minha que nenhuma propriedade se localizava a um raio maior do que 30 km de onde eu estava! Evidentemente não estou querendo propor que Dois Vizinhos seja um município cindido entre espaços urbanos e rurais, mais rurais do que urbanos no caso, ou mesmo que se reconheça assim. Sem dúvida muitas foram as mudanças que ocorreram na vida política, econômica e cultural do município em mais de 50 anos de história; e no que diz respeito especificamente aos processos de “modernização”¹⁸, que normalmente são datados do início dos anos 70, é perceptível o conjunto das modificações na arquitetura material do município que repercutem na vida cotidiana e podem ser percebidas desde mudanças na esfera do consumo e da produção, até alterações no

¹⁸ A modernização da agricultura brasileira não é propriamente o tema deste estudo, sobre este assunto ver os trabalhos de Antônio Cândido (1979) e Afrânio Raul Garcia Jr. (1989).

repertório cultural pelo qual as pessoas organizam seus valores e orientam sua ação. Antes, contudo, é importante perceber como a idéia de mundo rural, que é localmente representada através da noção de interior, conforma uma categoria relacional e sujeita às constantes negociações e graduações também no discurso local. Trata-se de certa concepção que configura todo um universo de relações sociais na região, organizando e posicionando os sujeitos e os discursos nativos em lados distintos no que se refere às dimensões de saber e poder localmente construídas¹⁹. O que me parece importante, portanto, é compreender o sentido destas disposições simbólicas. Afinal, se já não é possível visualizar um “espaço rural” (bem delimitado) como antigamente, é porque também não é mais possível enxergar os homens e mulheres que habitam esse espaço.

Os projetos de urbanizar Dois Vizinhos sustentaram durante mais de duas décadas, e ainda hoje sustentam, discursos sociais que procuram alinhar a vida local com concepções “modernas” de desenvolvimento, procurando romper com um imaginário fortemente centrado na idéia de comunidade e núcleo familiar; conferindo, assim, um status de antigo ou ultrapassado a qualquer prática que não seja condizente com a “modernização”. Como me disse um técnico da secretaria da agricultura local, “não se trata apenas de mudar o campo e transformá-lo em cidade, mas de planejar o próprio desenvolvimento do município”, visando “tirar o município do atraso”, atribuído às antigas gerações. Mas essa não é exatamente uma fala individual isolada, ela revela agendas de políticas públicas que vem sendo pensadas para Dois Vizinhos, e de modo geral para todo o Sudoeste, como estratégia de ampliar a “industrialização e a modernização das técnicas produtivas na região”, tidas como estratégias prioritárias de desenvolvimento. Ora, não é necessário elaborado conhecimento técnico para compreender o que isso significa; modernizar, nesta perspectiva, quer dizer também emancipar-se de um passado “tradicional”, de “interior”, em que hábitos comunais, valores familiares e práticas típicas de colônia (colonos) seriam suplantados por lógicas “mais racionais” (e por mais racionais leia-se racionalidade econômica). Para isto seria necessário reinventar não apenas o espaço, mas as próprias pessoas que transitam por ele.

¹⁹ Um exemplo disso, talvez, pode ser encontrado nos índices oficiais do *IBGE*, com os quais inclusive o *IPARDES* orienta suas ações. Segundo este instituto, o município de Dois Vizinhos, no ano de 2000, detinha um “Grau de Urbanização” de 69,97%, ou seja, um município essencialmente “urbano”. Mas quando nos deparamos com mais números acerca de sua atividade econômica, descobrimos que em 2005, conforme indica a *SEFA*, a “Produção Primária”, ou seja, a agricultura e a pecuária, gerara 145.597.405 reais em receita bruta no município, enquanto a “Indústria” e o “Comércio/serviços” respectivamente 128.690.407 reais e 70.341.623 reais. O que nos sugere uma região eminentemente agrícola, do ponto de vista econômico (*IPARDES*, 2000).

A reinvenção das pessoas foi levada a cabo pelo discurso estatal quando este deixou de se dirigir aos “antigos” colonos da região e passou a informar apenas os “modernos” agricultores familiares²⁰. Assim como o acesso que o próprio mercado hoje dispõe, as políticas públicas, a assistência técnica e o conhecimento produzido pelo Estado, na medida em procurou atender e subsidiar a agricultura familiar (cooperada ou não), inviabilizou qualquer outra possibilidade “legal”, portanto pública, destas “outras” personalidades se reproduzirem e reivindicar a autonomia de seus projetos de vida no interior. Tal processo, contudo, não caracteriza a simples transformação de colonos em agricultores familiares; trata-se, antes, de um movimento “lento” de ressignificação de práticas herdadas do que uma ingênua transposição do antigo pelo novo. Certamente o discurso da “modernização” do município acabou desalojando determinadas concepções de comunidade e tradição que cada vez encontram menos lugar no imaginário local. Mas isto não significa que estas “outras” concepções acerca do rural e das pessoas que lá habitam simplesmente tenham desaparecido, ou mesmo tenham sido suplantadas por novos valores e hábitos modernos; elas ainda estão lá, mas na condição “subterrânea” de discursos periféricos ou dissidentes²¹.

Quando se coloca a questão desta forma, o discurso que retoma aquele conhecido “fatalismo” de que nossas sociedades teriam um sentido determinado, ou de que nossa história caminha em uma mesma direção, começa a perder sua sustentação. De outro lado, assistimos emergir a problemática das identidades sociais, pois são elas, ou a possibilidade de manipulá-las, que diretamente são colocadas em questão. Como é difícil precisar teoricamente a identidade individual em relação à coletiva, pelo menos na tradição sociológica²², optei neste trabalho por uma concepção dinâmica de identidade, salientando que elas são socialmente distribuídas, constituídas e reconstituídas nas interações sociais. Procurando, desse modo, reescrever a concepção ocidental e patriarcal²³ de identidade una, integral e homogênea, dentro da percepção de um novo contexto multicultural de onde emergem múltiplas lógicas e dinâmicas identitárias. Verdadeiras estratégias que, conforme aponta Boaventura de Souza

²⁰ O exemplo talvez mais marcante deste processo esteja no *Programa Público de Financiamento para a Reforma Agrária (PRONAF)* quando passou a definir planos estratégicos de ação a partir da categoria (jurídico-estatal) de agricultor familiar.

²¹ Estas distintas representações permanecem gravadas na memória local como parte constitutiva de sua história, sobretudo na figura de “herança cultural”, mas também emergem nos saberes, práticas e interpretações (de mundo, agricultura, família, educação) configurando seus próprios projetos atuais de vida.

²² Para uma revisão da literatura sociológica que discute a construção das identidades, ver o artigo de Ian Burkit: *Social Selves: Theories of the Social Formation of Personality* (1991).

²³ Refiro-me aqui à moderna perspectiva ocidental da identidade que surge com e no contexto dos Estados Nacionais e, durante muito tempo, teve enorme dificuldade em dialogar com as identidades sexuais emergentes, sobretudo no século XX. A esse respeito ver o texto de Maria Irene Ramalho: *A sogra de Rute ou intersexualidades* (2005).

Santos, são forjadas na tensão criadora entre “globalização” e “localização”²⁴. Compartilhar desta percepção fluida e fundamentalmente forjada na ação (relação) social sobre a identidade significa perceber que sua força não está exatamente na reprodução do idêntico, oriunda, por exemplo, da socialização familiar, mas que é construída, ou melhor, ativada nos momentos de conflito e desordem. Portanto, as identidades são descobertas e constantemente redescobertas na ação, pois é da relação promovida por esses sujeitos que elas são estrategicamente ativadas; e mesmo reconhecendo a existência de expressões dominantes (GALLISSOT, 1989), é necessário ter em mente que elas são sempre construções (representações) situacionais e históricas (JACKES, 2002).

Desse modo, é possível perceber como índices do *IBGE* e mesmo os discursos sociais, apresentados anteriormente e que aparentemente apontam para certa “urbanização” de Dois Vizinhos, representam não a “morte” do campesinato, como prevê Hobsbawm (1995), nem o fim do rural, como já supôs Graziano Silva (1996), ou ainda dos colonos da região, mas sim o acirramento de um sistema de representações que constrói um imaginário acerca daquilo que é percebido como “moderno”, a ser valorizado, e aquilo que seria “tradicional”, “de interior”, de menor valor. Adailton é morador do bairro *Nossa Senhora de Lurdes* e proprietário de uma simpática chácara onde cria gado de leite – bem no alto, de lá é possível enxergar boa parte da “cidade”. Conhecemo-nos em um posto de saúde local; chamou-me atenção o fato de ele se apresentar à enfermeira como “colono” e não como agricultor. Estranhei, afinal, ser identificado como “colono” pode ser coisa bem depreciativa para alguns produtores. Resolvi conversar com o sujeito e descobri que com as mudanças na “política urbana”²⁵ na década de 90, em menos de dez anos, este antigo “colono rural”, como ele mesmo se denomina, se transforma em “agricultor da cidade”, dono de uma “extensa” área no perímetro “urbano” – do rural ao urbano sem sair do lugar. Seu único temor é ter que fazer o mesmo que seu antigo vizinho, que vendeu sua chácara e mudou-se para o município de Pato Branco-PR. Segundo ele, é difícil continuar criando gado porque a “agitação aumenta” e os animais se estressam, o que diminui a produção. Mesmo assim, Adailton está satisfeito com a mudança pelo fato de

²⁴ Conforme Boaventura de Souza Santos, “por outras palavras, não existe condição global para a qual não possamos encontrar uma raiz local, real ou imaginada, uma inserção cultural específica (...) A globalização pressupõe a localização. O processo que cria o global, enquanto posição dominante nas trocas desiguais, é o mesmo que produz o local, enquanto posição dominada e, portanto, hierarquicamente inferior” (2001: 69).

²⁵ Como informa o *IBGE* ao traçar o perfil dos municípios brasileiros, ainda em 2002 Dois Vizinhos não teve legislação específica para o desenvolvimento urbano (*IBGE*, 2002). Optei por manter a referência à “política urbana” do município, embora o município não tenha desenvolvido nenhuma legislação específica que apontasse para a existência de Plano de Desenvolvimento Urbano, ou mesmo um Plano Diretor, pois foi como o próprio entrevistado se referiu ao processo de mudanças no zoneamento urbano. Um processo de ajustamento político e administrativo que se inicia ainda na segunda parte dos anos 80, onde são esboçadas alternativas de desenvolvimento para a região, mas que é efetivamente percebido pela população apenas ao final dos anos 90.

seus filhos hoje terem mais acesso “às coisas da cidade” do que ele teve na infância. E acredita que sua vida também melhorou, pois não se sente “tão mais no interior”. Claro, ainda gostaria de permanecer em Dois Vizinhos porque não saberia viver de outro modo senão trabalhando na roça, porém prefere estar mais perto da “cidade”, diz ser tudo mais fácil.

É interessante notar como as “coisas da cidade”, em oposição aos diversos níveis de “interiores”, constituem parte integrante do discurso de Adailton, Marcelo, João e alguns outros que presenciei durante a pesquisa. São referências locais constantemente ativadas para organizar todo um universo simbólico de posições e posicionamentos acerca da agricultura familiar em Dois Vizinhos. Embora a tradição intelectual que estuda o tema das ruralidades venha buscando romper com tais oposições e graduações, estes termos (campo, rural, interior, etc.) são categorias nativas que informam mais do que a manutenção de um sistema de relações entre saber e poder: elas também dão a dimensão das transformações em curso no município. Isto porque é no diálogo com o “moderno” que estas pessoas percebem as mudanças nos valores, hábitos e costumes “típicos do interior”, ou seja, uma transformação no próprio imaginário social acerca do rural, onde se atribui a transformação da própria prática agrícola. Tal confronto, como será discutido adiante, é cotidianamente vivido através da televisão. É com ela que esse sistema de oposições entre “moderno” e “tradicional” é ainda mais reforçado.

Estes e outros pontos de vista sobre a construção simbólica do território em Dois Vizinhos revelam uma percepção social acerca de elementos centrais que serão problematizados nesta pesquisa: o fato é que o telejornalismo, e em particular o telejornalismo rural, está associado a mudanças na vida cotidiana destas pessoas, na legitimação de saberes e práticas para o campo e no modo como se reconhecem e reconhecem seu espaço de vida, provocando um processo reflexivo nos espectadores. Ao assistir os telejornais com pessoas variadas, de camadas médias e populares ligadas a atividade agrícola, e ao conversarmos sobre televisão, foi possível notar como os espectadores comparam sua situação de vida ao que assistem na televisão. Nesse processo revêem e reforçam seus pontos de vista – analisando, por assim dizer, suas estratégias produtivas e sua relação com o mundo circundante.

2.2. TELEVISÃO E MEDIAÇÕES CULTURAIS

Ao investigar o lugar simbólico que a televisão ocupa no contexto de Dois Vizinhos e o papel que desempenha no cotidiano de agricultores da região, foi interessante notar como seu conteúdo, em geral, reforça os jogos de antagonismos e oposições localmente construídos entre rural e urbano. Quem me disse isto com maior clareza foi Baltazar, um agricultor da *Comunidade Santa Lúcia*; para ele a televisão “fala pra gente, mas não fala da gente”. Segundo Baltazar, em todas as narrativas televisivas há uma oposição entre o conteúdo que chega pela televisão e a vida local. Como me disse certa vez em que assistíamos ao *Jornal Nacional* da *Rede Globo*, o telejornal “mostra tanta coisa diferente; é difícil separar o que é certo do que é errado”. Um comentário condizente com quase a totalidade das pessoas com quem conversei, e que destaca uma influência ambígua da televisão na mudança dos hábitos e costumes da região, geralmente associada às “novas” informações e conteúdos difundidos pelo meio.

Embora a televisão e seus programas não tenham surgido em “primeiro plano” durante minha convivência com as pessoas da região, este objeto, bem como seus temas decorrentes, sempre esteve presente durante a pesquisa. Tal “presença” pode ser percebida de modo direto, com referências explícitas aos conteúdos da televisão (sobretudo novelas e telejornais), mas também de modo indireto, com certa correlação entre o que “vêm” na televisão e o que “fazem” em seu cotidiano. Certamente a centralidade da televisão evidencia-se ainda mais na região porque durante a pesquisa procurei direcionar esforços para investigá-la, mas ao mesmo tempo é curioso observar que todos com quem conversei se interessavam em participar por considerar o “assunto” importante; e todos sempre tiveram o que falar. Uma “evidência” que não raramente se transformava em “clarividência”, afinal estar “bem informado” significa ter conhecimento sobre o que é notícia, ou melhor, o que é transmitido pela televisão. Marcela, mulher de seu João, cuja “estória” narrei anteriormente, sempre se justificava: “é difícil ficar sem assistir televisão, porque as pessoas conversam e você precisa conversar também”.

Se por um lado, como indica Marcela, há a construção de sociabilidades que exaltam certa necessidade de estar “bem informado” sobre o que acontece no país; por outro também se evidenciam discursos críticos que reagem aos valores e padrões estranhos a esta mesma

vida local. Tal crítica ocorre, sobretudo, como negação dos “excessos” advindos da narrativa televisiva que, segundo muitos, “dá pouca atenção” ao que acontece no “interior” e “fala demais” sobre as “cidades grandes”. Isto me foi dito sobre uma variedade enorme de programas. Os casos mais expressivos, talvez, sejam os das novelas, onde padrões de relacionamentos e de consumo frequentemente entram em choque com a vida local²⁶. Mas os antagonismos também são percebidos nos programas de esporte que opõe os times da “capital” aos do “interior” – *sparring* privilegiado são os programas da *CNT* e alguns regionais da *SBT* e *Globo* que abordam apenas o futebol paranaense e desconsideram o futebol “gaúcho”, mais prestigiado na região. Muitas vezes também escutei que os programas de culinária, como o da Ana Maria Braga na *Globo*, também se dirigem pouco para as especificidades e necessidades da região, concentrando suas atenções sobre os espectadores urbanos, sobretudo “os de apartamento”, como já me afirmaram. O mesmo me foi dito dos programas de fofocas, curiosidades, auditórios, entre outros.

Todavia, é principalmente com os telejornais nacionais – que inclusive opõem com frequência “capital” e “interior”, cidades “pequenas”, “médias” e “grandes” às áreas ou comunidades “rurais” – que as críticas se alvoroçam ainda mais. Como pude observar, o telejornal estabelece uma relação ambígua com os moradores locais: na medida em que preenche grande parte da agenda de conversas e “preocupações” cotidianas consideradas “relevantes” pelas pessoas; ao mesmo tempo é tido como um programa que informa muito pouco, ou “nada” para o caso dos telejornais nacionais, sobre a região, ou mesmo sobre pequenos municípios em geral. Quando surge uma notícia, como muitos observaram, ou é porque aconteceu algum “desastre”, ou para falar de fatos “exóticos” que não ocorrem nas “grandes cidades”. E isto é percebido a tal ponto por alguns, que a sociabilidade local em torno do tema televisão permite a existência de discursos altamente apocalípticos²⁷. Este é o caso de Seu Cleiton – um senhor de idade, muito simpático, viúvo e aposentado, que vive

²⁶ Durante o percurso desta pesquisa, os anos de 2005 e 2006, as principais novelas transmitidas pela *Rede Globo* em “horário nobre” e amplamente comentadas pelas pessoas com quem convivi em Dois Vizinhos foram: *América* (2005), *Páginas da Vida* (2006) e *Belíssima* (2006). De modo análogo ao que já foi observado por Heloisa Buarque de Almeida (2003) em Monte Carlo, no sul de Minas Gerais, lá em Dois Vizinhos as novelas são produtos culturais significativos e diariamente consumidas pelas pessoas; através dela, muitas famílias aproximam-se de uma ampla gama de valores e modos de vida, questões políticas, sociais e sentimentais, que promovem certa “reeducação” social e sentimental em muitas famílias duovizinhenses.

²⁷ O termo “apocalíptico”, em oposição ao “integrado”, já foi amplamente debatido e criticado por Umberto Eco, em *Apocalípticos e Integrados* (1970), e refere-se a determinados discursos e posicionamentos frente aos meios de comunicação de massa que tendem unilateralmente a denunciá-los como instrumentos de manipulação política e ideológica. O que o opõe de uma posição “integrada”, que exaltaria tais como tecnologias capazes de transformar a quantidade e a qualidade de informações sobre o real. Discursos que pecam, ora por desconsiderarem as capacidades das audiências em reinterpretar as mensagens difundidas pelos meios, ora por desconsiderar todas as estruturas de poder nas quais as próprias mensagens estão inseridas.

sozinho em sua chácara, mas como faz questão de frisar, ainda visita com frequência seus vizinhos –, que diz não assistir televisão porque “tudo é manipulado, tudo é inventado”, “nada do que passa [lhe] interessa”, prefere as notícias do rádio.

Diante deste contexto, as rádios e os jornais locais²⁸ parecem ocupar uma lacuna deixada de lado pela televisão, na medida em que tratam das questões emergenciais na região em uma espécie de “diálogo” com os programas e conteúdos televisivos. Nesse sentido, muitas das informações que obtive acerca dos modos como agricultores duovizinhenses se relacionam com a televisão foi resultado de conversas e discussões que fazíamos a partir de programas de rádio ou reportagens de jornais. Isso, aliás, consistiu importante estratégia de comunicação com o universo pesquisado, pois frequentemente os programas mais assistidos da televisão são discutidos nas rádios locais (desde novelas, programas esportivos, até mesmo as notícias mais noticiadas) e também objetos de reflexão nos jornais regionais; a televisão é constantemente usada como “fonte” para as interpretações e discussões locais. O que confirma, ao menos em parte, a tese de que os meios configuram um sistema em que diferentes suportes técnicos coexistem nos mais diversos contextos, representando não exatamente uma superação de um por outro, mas sim configurando uma convivência e, inclusive, diálogo entre diferentes tecnologias da comunicação²⁹.

Para o caso deste trabalho, a televisão, e em especial o telejornal, foi privilegiada por ser considerada um objeto cultural decisivo na conformação das práticas e saber locais acerca da agricultura familiar e deste próprio modo de vida. Servindo inclusive de baliza para discutir os processos de transformações e estratégias identitárias em disputa no município. Diante do amplo espectro de telejornais que a televisão “aberta” abriga no Brasil, procurei concentrar a investigação sobre o Globo Rural, não exatamente por ser o mais assistido na região – como o *Jornal Nacional*, por exemplo –, mas por colocar diretamente em ação o tema das identidades sociais rurais e ativar um imaginário sobre o rural que produz/reproduz representações sobre a(s) agricultura(s) e seus modos de vida em Dois Vizinhos.

Portanto, a centralidade atribuída por este estudo à televisão, e mesmo aos meios de comunicação em geral, se dirige especialmente ao modo como ela dialoga e, em grande

²⁸ Entre os principais veículos que circulam localmente em Dois Vizinhos, e que também são produzidos na região, estão as rádios *Educadora* (AM) e *Vizinhança* (FM); e os jornais *Diário do Sudoeste*, *Jornal de Beltrão*, *Gazeta da Vizinhança* e *Tribuna dos Lagos*.

²⁹ Essa convivência, por vezes dialógica dos meios, é exaustivamente debatida por Asa Briggs e Peter Burke, em *Uma História Social da Mídia* (BRIGGS & BURKE, 2006), ao trabalhar a história social da comunicação como um “sistema integrado”, em que diferentes tecnologias não são superadas e abandonadas, mas convergem configurando um “sistema complexo de comunicações”.

medida, legítima processos sociais em curso em nosso país e que são responsáveis por transformações/reproduções no modo como as pessoas vivem e reproduzem seus padrões de vida “fora” dos grandes centros urbanos. Desse modo, procurando compreender o espaço e o lugar que nossa(s) sociedade(s) atribui à agricultura familiar. Em *Dois Vizinhos* trata-se particularmente de demonstrar como a informação e seus “excessos” promovem a inserção da agricultura em novos contextos sociais, de onde as audiências se confrontam com práticas e saberes que raramente se coadunam com os estilos de vida locais, exigindo destes homens e mulheres ligados a terra, “novas” estratégias de convivência e negociação. O “telejornal rural”, nesse sentido, sugere um repertório suficientemente amplo de conteúdos e formatos para investigar tais ambigüidades.

Inicialmente fui para campo disposto a utilizar uma metodologia qualitativa que pudesse auxiliar na apreensão de todo esse universo de “usos e consumos” dos conteúdos e informações difundidas pelo *Globo Rural*. Em muito influenciado pelos estudos de Carlos Eduardo Lins da Silva, pioneiro nos estudos de recepção da década de 80 (1985), pensei em trabalhar com a análise da audiência a partir de técnicas de “discussão em grupo”. Seria um pouco do que hoje as Redes de Telecomunicação já vêm fazendo, numa tentativa de dar mais “qualidade” às pesquisas de opinião pública. Tratava-se de reunir pessoas diversas em torno da televisão e problematizar alguns temas relacionados com o programa. E cheguei mesmo a realizar tal “operação” certa vez, procurei promover discussões em torno do turismo rural e da culinária “típica” do interior de Goiás (já que o *Globo Rural* trazia duas reportagens nesse sentido naquela ocasião). Procurei também promover discussões em torno do significado daquelas reportagens, questionando sobre como elas poderiam ser aproveitadas pelas pessoas que ali estavam, e da possível identificação com um “mundo rural brasileiro”, questionando se as pessoas se reconheciam e reconheciam seu cotidiano nas imagens transmitidas. Minha expectativa era alcançar os momentos de negociação e formação de consensos/dissensos na tradução dos conteúdos noticiados pelo *Globo Rural*; compreender, assim, como os processos em que a negociação se estabelece ou não, verificando que informações eram aceitas e quais não eram.

Contudo, tal abordagem em grupo trazia dois problemas imediatos à minha investigação: por um lado, me obrigavam a reduzir ainda mais o universo pesquisado, visto que necessitava de “vizinhos” ou “compadres”, minimamente familiarizados e dispostos a se reunirem, o que tornava os grupos pesquisados muito mais homogêneos do que realmente são;

por outro, me obrigava a retirar as pessoas de suas rotinas diárias, fabricando um “ambiente de recepção” que inviabilizava o registro da cotidianidade da própria recepção. Desse modo, o resultado da experiência acabaria sendo artificializado, pois os processos de tradução dos conteúdos e significados transmitidos pela televisão ocorriam em circunstâncias muito mais específicas de audiência. Foi necessário, então, recorrer a outras técnicas de pesquisa de recepção que possibilitassem indicar uma maior diversidade e complexidade de experiências de recepção ao mesmo tempo em que remetessem à constituição dos processos de negociação e tradução das mensagens televisivas.

Na medida em que passei a privilegiar a pesquisa de campo, conforme procurei demonstrar anteriormente, para me “aproximar” do universo simbólico pesquisado, a preocupação central desta investigação concentrou-se sobre o “lugar” que a televisão ocupa no contexto agrícola de Dois Vizinhos, ou seja, quais são as modalidades sociais pelas quais os agricultores se reconhecem e reconhecem o conteúdo televisivo. Nesse sentido, foi o cotidiano e toda a heterogeneidade de interpretações que ele suscita que passou a importar, pois ali é forjado um espaço privilegiado para compreender os processos de disputa e negociação dos sentidos e significados da agricultura familiar em Dois Vizinhos. Portanto, primeiramente precisei “entrar” na casa das pessoas para, a partir daí, procurar compreender como a televisão e em particular o *Globo Rural* é incorporado no cotidiano daquelas pessoas.

Como já afirmou Jesús Martín-Barbero, o receptor não pode ser desvinculado de seu espaço social, nesse sentido são os “lugares de recepção” que devem ser levados em conta (2000). Entendendo a casa e o cotidiano familiar com lugares privilegiados para estudar a recepção de agricultores familiares, necessitei dialogar com técnicas de pesquisa que ajudassem a identificar esse caráter essencialmente familiar na recepção. A recepção pode ser tomada como familiar, em oposição a uma recepção individualizada, no sentido de que a tradução e o consumo das mensagens se constituem no seio das relações sociais de parentesco e vizinhança, para então efetivarem-se em práticas sociais. Sob esta ótica, procurei dar conta de dois movimentos: primeiramente, estar presente ouvindo, vendo e anotando, no momento em que o programa é assistido pela família³⁰; e em segundo lugar, conversando com as pessoas para compreender em que medida aquelas mensagens transmitidas pelo *Globo Rural*

³⁰ Portanto, considerando a recepção como um evento, no qual se busca apreender todos os comentários, o gestual e as intervenções que fazem parte da recepção imediata (“ao vivo”) dos programas; como define Ondina Fachel Leal, é a “situação de fala” que interessa, “não as falas em si” (1994: 121).

e traduzidas pelos agricultores circulam na região e, eventualmente, constituem importante elemento na conformação das sociabilidades e identidades locais³¹.

2.3. GLOBO RURAL: O CONTEXTO DO MIDIÁTICO

Cada vez que voltava de Dois Vizinhos e começava a organizar o material coletado durante a pesquisa era mais e mais evidente a necessidade de recorrer aos profissionais da *Rede Globo* que trabalhassem diretamente com o programa *Globo Rural* para compreender como ele é estruturado, ou seja, que valores, saberes e recursos técnicos são empregados. Não se tratava unicamente de compreender as “intenções” de quem produz as notícias para este telejornal, mas de perceber em que medida estas notícias estão articuladas aos contextos locais do “mundo rural” duovizinhense. Ora, eu partia da hipótese de que um “noticiário rural”, como seus próprios profissionais o definem, na medida em que planeja e organiza informações para “as pessoas que vivem no campo”, antes de tudo tem de estar atento ao modo como esta diversidade de pessoas e grupos sociais vivem. Desse modo, procurei entrevistar alguns jornalistas ligados à *Rede Globo* (em São Paulo, Curitiba, Maringá e Foz do Iguaçu) que trabalham direta ou indiretamente com o programa *Globo Rural*, tomando como foco tanto seus critérios de noticiabilidade, como sua percepção/representação profissional sobre a agricultura familiar no Estado do Paraná, particularmente no Sudoeste, e sobre o território de Dois Vizinhos.

Nesta etapa da pesquisa as entrevistas nunca perderam de vista as relações entre a prática jornalística e os índices de audiência, uma relação construída pelos próprios materiais que circulam na comunicação social e acabam orientando, mesmo indiretamente, a relação que os jornalistas estabelecem com seus públicos – os principais materiais consultados foram

³¹ Nesse sentido, recorri a conversas em locais e momentos variados, sob a atenção de diferentes autoridades locais (técnicos, funcionários públicos, padres, etc.), e sempre procurei explorar a experiência do “recontar” dos conteúdos e imagens do *Globo Rural*. A intenção não era explorar a memória, como ocorre quando utilizamos o *recall*, mas compreender como o discurso se organiza localmente a partir do texto televisivo.

o anuário *Mídia Dados*³² e a revista *Mercado Global*³³. Tratava-se de uma estratégia de questionar qual o lugar simbólico que Dois Vizinhos e a agricultura familiar da região ocupam no imaginário destes jornalistas, bem como quais os interesses profissionais (midiáticos) que esta “parcela” do público poderia suscitar. Embora também discuta a questão mais geral da concorrência com outros programas e emissoras do meio, o foco desta investigação concentrou-se sobre as relações entre os critérios de noticiabilidade e as percepções/representações acerca das audiências do *Globo Rural*. De forma bem diversa do que ocorreu durante a pesquisa em Dois Vizinhos, esta etapa do trabalho foi realizada em Curitiba a partir de contatos esporádicos e bastante profissionais que resultaram em entrevistas, conversas por telefone e troca de *e-mails*.

Após alguns telefonemas frustrados e um bocado de indicações, consegui marcar minha primeira entrevista. Ao chegar à sede da Rede Paranaense de Telecomunicações (RPC), e atravessar os aparatos de segurança, me encaminhei para conversar com um diretor de jornalismo da emissora que havia estudado com uma conhecida minha. Deveria chegar ao segundo andar, onde ficavam os jornalistas e a própria estrutura de filmagem da RPC. Cruzando este andar, que mais parecia um enorme saguão picoteado por mezaninos brancos, cheguei à mesa indicada certo de que estava em um ambiente altamente moderno e tecnificado – cuja presença de um pesquisador parecia não criar nenhum questionamento. Sentei e esperei cerca de quarenta minutos, dali pude observar boa parte da movimentação daquela tarde, tive a sensação de que eram profissionais bastante ocupados e pessoas muito elitizadas. Após me cumprimentar e falarmos por cerca de um, talvez dois minutos, aquele diretor foi logo querendo saber o que eu precisava para concluir meu trabalho. Disse que gostaria de entender como funcionava o *Globo Rural*; que sorte eu ter dito isso! Então fui novamente encaminhado para conversar com um editor de jornalismo que ficou encarregado de explicar “como funciona” o telejornalismo na emissora. Dessa vez a espera foi menor e a conversa mais proveitosa. Embora o sujeito estivesse “pouco” interessado em meu trabalho conversamos cerca de duas horas. Ele procurou apresentar sucintamente o processo de produção e edição das reportagens e me explicou mais detalhadamente a estrutura do

³² *Mídia Dados* é um anuário de mídia criado pelo *Grupo de Mídia São Paulo* e reúne dados, informações e reportagens coletadas por profissionais da área sobre alguns dos índices, estimativas e tendências que hoje são consideradas relevantes para o trabalho de mídia.

³³ *Mercado Global* é uma revista criada pela *Rede Globo* ainda no início dos anos 70 para divulgar dados, artigos, pesquisas de mercado, consumo e comunicação, sempre demonstrando a constante atualização dos programas da emissora e dando visibilidade à sua própria estrutura empresarial.

telejornalismo no Estado do Paraná. A partir desta conversa, de modo análogo ao que ocorreu durante a pesquisa em Dois Vizinhos, comecei a construir uma rede de relações personalizadas.

Foi curioso perceber como o jornalismo pode constituir um espaço bastante fechado para quem é “de fora”. Logo após as primeiras entrevistas, era clara a necessidade de construir um “capital social”³⁴ que possibilitasse transitar minimamente por estes espaços. Nesse sentido, as entrevistas sempre tiveram esse caráter personalizado; de indicação pessoal e de constantes referências a estas indicações. Mesmo quando elas ocorriam apenas por *e-mail*, como preferiam quase todos os entrevistados, se tornava necessário dar vários telefonemas, trocar muitos e-mails e esperar bastante pelas respostas. De modo que, embora todos com quem falasse se mostrassem interessados e considerassem o estudo “pertinente”, era muito difícil chegar aos jornalistas, mesmo com contatos e indicações prévias. Por outro lado, uma vez estabelecido o contato os entrevistados geralmente tornavam-se simpáticos e falantes e a conversa fluía – isto, tanto pessoalmente, como por telefone ou e-mail. Todavia, a dificuldade em “penetrar” neste espaço social não resultou em um problema sério para esta etapa da pesquisa, sobretudo porque eu estava focado na estruturação do programa e na visão profissional destas pessoas, o que não exigia grande envolvimento e nenhum longo processo de observação.

Desse modo, prossegui minhas entrevistas procurando circunscrever um universo que se iniciava com os editores chefes do programa *Globo Rural* em São Paulo, passando por editores e repórteres vinculados à retransmissora da *Rede Globo* em Curitiba-PR (Rede Paranaense de Comunicação – RPC)³⁵, que de certa forma centralizavam muitas reportagens no Estado do Paraná, e se encerrava com repórteres vinculados às sucursais de Maringá e Foz do Iguaçu. Fechar a cadeia da produção da notícia nestes quatro espaços, do modo como realizei as entrevistas, certamente não me permite tecer longas reflexões acerca do hábito profissional, bem como das regras e representações que tacitamente envolvem este campo do jornalismo. Contudo, como inclusive me afirmou um repórter de Maringá, conversar com os jornalistas “é importante para saber o que significa o *Globo Rural* para quem faz ele aqui do Paraná”. O que quer dizer que tomar conhecimento da visão profissional destas pessoas

³⁴ O capital é definido por Pierre Bourdieu como um conjunto de “recursos e poderes efetivamente utilizáveis” (BOURDIEU, 1998: 128), cuja distribuição social é necessariamente desigual e dependente da capacidade de apropriação dos diferentes grupos sociais.

³⁵ A RPC é uma rede de comunicação composta por um portal na internet (www.rpc.com.br), dois jornais (Gazeta do Povo e Jornal de Londrina), duas rádios (98 FM e Globo FM) e oito afiliadas da Rede Globo (TV Cataratas, TV Coroados, TV Cultura, TV Esplanada, TV Guairacá, TV Imagem, TV Oeste e TV Paranaense), cada uma cobrindo uma região específica do estado (conforme Anexo III).

significa compreender como estes jornalistas concebem suas reportagens e seu(s) público(s) e quais as principais representações sobre a agricultura familiar que operam em seu discurso. E para isto foi fundamental escutar falas de diferentes “escalões” do telejornalismo da *Globo*; o que significou também compreender distintas construções acerca do rural e do “interior”.

Quase todas as entrevistas com repórteres e editores começaram com uma breve explicação sobre minha trajetória de pesquisa, iniciada na esfera da recepção, em Dois Vizinhos. Todos os entrevistados sempre se mostraram curiosos e interessados sobre como as pessoas da região “assistem” ao programa e “o que acham” dele, mas poucos aprofundaram a conversa, sempre remetendo Dois Vizinhos a um contexto que pode ser “interessante”, mas importa “menos” ao telejornalismo de modo geral, por se tratar de uma cidade “muito pequena” e com “pouca representatividade” para o país, em relação a outros “centros” – como Curitiba, por exemplo. Claro que essas classificações de “mais” ou “menos” representativo sempre estiveram em sintonia com certas representações que os próprios jornalistas detinham acerca do que é representativo ou não no “mundo rural”. Esta “maior” ou “menor” relevância de Dois Vizinhos e da agricultura familiar ficava ainda mais evidente quanto mais subia na hierarquia do telejornalismo da emissora. Como me informaram diversas vezes, o telejornalismo da *Rede Globo*, via de regra, obedece a uma estrutura hierárquica que diz muito de seus critérios de noticiabilidade e da própria orientação profissional dos repórteres.

Primeiramente é preciso saber que o processo de produção do *Globo Rural* é centralizado em São Paulo. Desta instância central, que define a própria estrutura do programa, segue um movimento relativamente aberto e negociado de “fabricação” das reportagens, ao menos para o caso das retransmissoras regionais no Paraná. Aberto, pois não impõe, ao menos diretamente, que as reportagens passem pela central da *Rede Globo* no Paraná – a RPC, com sede em Curitiba. Permitindo, assim, um vínculo direto entre as oito praças situadas no Estado com a direção central em São Paulo, ou seja, os jornalistas podem negociar as reportagens diretamente com a direção do programa sem necessariamente encaminhá-las por Curitiba, gerando uma autonomia relativa entre as praças estaduais no que se refere às “notícias rurais”. Isto ocorre diversamente de outros telejornais da emissora, conforme fui informado, que impõe aos repórteres a necessidade de encaminhar primeiro as reportagens para Curitiba. Desse modo, as reportagens de “interesse rural” são sempre construídas tendo em vista dois movimentos centrais: a pauta pré-definida pela direção do

programa e a demanda social que eventualmente é apresentada pelas próprias praças à direção.

As pautas têm o objetivo de definir uma orientação para o programa e apresentar eixos temáticos pelos quais as praças concorrem entre si (um processo sempre negociado e atravessado por outras lógicas que não a meramente técnica). Tais orientações norteiam também a atividade dos repórteres locais que “quase sempre”, conforme me confirmaram todos os entrevistados, são obrigados a revisar e por vezes reformar a reportagem “três, quatro, às vezes cinco vezes” para atender às expectativas do formato do programa. Por outro lado, também há a possibilidade “mais” ou “menos” freqüente, dependendo dos entrevistados, de inserir na agenda diária ou semanal do *Globo Rural* uma determinada temática, desde que ela seja de “interesse coletivo” (que se confunde com “nacional” em alguns casos) e respeite os critérios de noticiabilidade do telejornal – como tempo e orientação temática. Contudo, como me informou uma repórter maringense, mesmo assim “é difícil recusarem uma reportagem que a gente [referindo-se ao Estado] produz”. Nesse ponto, foi interessante perceber como o Paraná, repetidamente representado como um “Estado agrícola”, detém importância discursiva para o *Globo Rural*, sobretudo para falar de um “rural altamente produtivo que não fica só em São Paulo” – o que remete a certa “idealização” do agronegócio regional e à centralização das notícias em São Paulo.

Certamente é possível supor que exista toda uma rede de afinidades que modifique esta estrutura, contudo procurei me ater menos a estas relações interpessoais, que compõe este subcampo do telejornalismo, e mais no discurso profissional que sustenta e legitima tais definições sobre “o fazer [ou não] virar notícia”. Isto porque mesmo nas falas “oficiosas” (que fazem parte do discurso oficial destes profissionais) é possível perceber como na definição das pautas e na construção das reportagens estão colocadas algumas das questões decisivas para discussão acerca da agricultura familiar e das identidades sociais em Dois Vizinhos. Trata-se de perceber o lugar da agricultura familiar – portanto, do próprio “interior” enquanto estilo de vida, para utilizar uma categoria nativa do Sudoeste – no cotidiano da televisão.

Para isto foi também necessário compreender o lugar ocupado pelo próprio rural na hierarquia dos telejornais “globais”. Em primeiro plano, como descobri conversando com profissionais da RPC, apareceu o *Jornal Nacional*, que sempre tem preferência na produção das notícias: “quando temos uma reportagem importante [em termos nacionais] sempre tentamos veiculá-la no *Jornal Nacional*, se não for possível procuramos encaixá-la no *Jornal*

da *Globo* [no final da noite] ou no *Bom Dia Brasil*” (pela manhã), disse-me um editor em Curitiba. O *Globo Rural*, assim, é tido como uma opção “menor” entre os telejornais nacionais da emissora. “Menor” talvez seja exagero, meu ou destes profissionais da comunicação, mais “correto” seria considerar que o programa é um noticiário rural onde a emissora reúne as notícias que “interessam ao campo”; e apenas aquelas que escapam a esta “esfera rural” e adquirem certa “relevância nacional” seriam “merecedoras” de destaque nos demais telejornais. É mesmo curioso observar como tais critérios de classificação das reportagens são explicitados pelas falas destes profissionais da comunicação; mais interessante ainda é perceber quais notícias efetivamente escapam de uma “esfera rural” e são tomadas como relevantes para o país.

Deste ponto de vista, o de um telejornal rural da *Rede Globo*, a região de Dois Vizinhos visivelmente é tratada como um assunto de “menor” importância – em comparação com outros “centros” agrícolas onde impera o agronegócio ou mesmo uma agricultura familiar altamente tecnificada, por exemplo. Isto me colocou, novamente, diante da questão da construção simbólica do “interior” e da hierarquização dos próprios espaços rurais. Agora não mais circunscrito à localidade de Dois Vizinhos, é o próprio Paraná “rural” (à exceção de seus principais centros urbanos) que aparece na fala destes profissionais como o “interior”. Uma oposição entre “tradicional” e “moderno”; e que remete ao provincianismo (ou mesmo bucolismo) de regiões como Dois Vizinhos, com sua “pequena” agricultura, em relação ao “desenvolvimento” e “progresso tecnológico” (por vezes confundido com “progresso humano”) de áreas modernizadas de cultivo e criação, ou mesmo dos grandes centros urbanos. E mesmo quando assistimos ao “resgate” das tradições locais, e sem dúvida as assistimos, trata-se antes de uma referência mitificada de nossa história rural – tratada como um “passado antigo”, profundo – do que propriamente a valorização destes modos “típicos” de vida no interior. Para uma repórter de Foz do Iguaçu, “lá com os pequenos [em referência aos agricultores familiares de Dois Vizinhos] dificilmente encontro alguma novidade, digo, no que diz respeito à agricultura”. Desse modo, a idéia de “interior” aqui aparece como um valor, utilizado para designar um modo de vida que “não tem valor notícia” porque não traz nenhuma novidade para os grandes centros desenvolvidos do Estado ou do próprio país. Trata-se de um estilo de vida que “não muda”, como já me informou esta mesma repórter.

Distantes não apenas geograficamente, mas principalmente simbolicamente de Dois Vizinhos, nestes contextos midiáticos – como explorarei adiante – os jornalistas parecem

construir representações acerca da agricultura familiar e do próprio rural que estão muito vinculadas com uma concepção de modernização (e atraso) dos espaços rurais e da agricultura no Paraná – também no Brasil. Diversamente do que ocorre em Dois Vizinhos, todavia, todos com quem conversei sempre me pareceram tratar a televisão e o jornalismo com muitas certezas e pouca reflexividade – pouco me disseram sobre rever seus modos de utilizar os meios, seus critérios de noticiabilidade, seus pontos fracos ou fortes. Pareceram-me certezas de um saber técnico profissional que não é discutido, que não se recoloca e nem provoca reavaliação. Se em Dois Vizinhos as pessoas vivenciam um intenso processo de reflexão sobre suas vidas, muitas vezes gerado pelas próprias notícias veiculadas pelo *Globo Rural*; aqui, nestes contextos midiáticos do telejornalismo, circulam representações acerca do rural e da agricultura familiar que permitem aos profissionais que trabalham na produção das notícias e informações que “vão ao ar” refletir muito pouco sobre sua prática.

3. A REDE GLOBO E A CONSTRUÇÃO DO ESPECTADOR NACIONAL

*O Brasil não nos quer! Está farto de nós!
Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o Brasil.
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?
Carlos Drummond de Andrade,
Hino Nacional, 1934.*

Os versos finais do “Hino nacional” de Carlos Drummond de Andrade, transcritos acima e publicados em *Brejo das Almas* (1934), expõe com toda sua força o paradoxo da nacionalidade brasileira, que percorre nossa tradição intelectual desde os anos de 1930 – quando o país visou superar os “problemas” diagnosticados durante a Primeira República e “recontar” a nacionalidade do povo³⁶. Após a reconstrução simbólica de diversas tentativas de “decifrar” a identidade nacional, a sutileza do poeta parece deslizar da descoberta romântica da nacionalidade (“Precisamos descobrir o Brasil”), para o tradicional *clichê* que sugere a artificialidade do Brasil “oficial” diante do Brasil “real” (“Precisamos esquecer o Brasil”). Aparentemente, portanto, o poeta percorre um caminho que indica a existência de um Brasil anterior ao Estado e que não pode ser reduzido no discurso oficial, reforçando um *clichê* muito conhecido na literatura: o de que a origem da nacionalidade não pode ser apreendida nem expressada pela linguagem, apenas percebida pelos que “vivem” a nação³⁷. Mas apenas aparentemente, pois em seus versos finais Drummond não apenas coloca em xeque o caráter ficcional da identidade nacional, mas também questiona a própria realidade dos brasileiros. Afinal, se a existência do povo é tão questionável quanto a do país, onde estamos; quem somos nós afinal?

A força do paradoxo instaurado por Drummond reside neste fato: o Brasil não existe, os brasileiros não existem, e mesmo que saibamos disso permanecemos os mesmos, o Brasil permanece o mesmo. Desse modo, a nação segue como um discurso ambivalente; que ao mesmo tempo é vazio e não o é. Se por um lado, a crença em uma origem para a identidade nacional não pode mais se legitimar na narrativa de seu princípio, por outro, esta identidade

³⁶ Aliás, conforme destacou John Gledson o “Brasil é um país de paradoxos, e um dos maiores é que, embora o país pareça se abrir para um fácil entendimento, quanto mais nos aproximamos dele, mais complexo e contraditório se torna” (GLEDSON, 1994: 14).

³⁷ Enfocando o período da virada do Império para a República, Nicolau Sevcenko propõe uma importante discussão sobre o papel da intelectualidade nesse período, sobretudo, no que diz respeito ao papel social do intelectual como “mosqueteiro” da nação, responsável inclusive por conduzir a sociedade ao caminho do desenvolvimento, da igualdade e da modernização. Num contexto em que a intelectualidade permanecia em “isolamento literário”, marginalizada das questões políticas, o autor destaca a formação de uma geração de pensadores que negaria este conformismo – principalmente nas figuras de Euclides da Cunha e Lima Barreto – atribuindo-se um papel quase “missionário” (SEVCENKO, 2002).

também surge como o resultado das necessidades políticas e sociais de um dado momento histórico³⁸. Uma tautologia que, como já observou João Cezar de Castro Rocha, faz da nação um “signo repleto de um sentido que reforça a si próprio” (2003: 20). Neste caso, o paradoxo drummoniano confere ao Brasil, assim como aos próprios brasileiros, uma existência determinada pelo discurso que deles criamos.

Transpondo o paradoxo drummoniano para o contexto da televisão e do público nacional, me parece evidente o caráter primordialmente estratégico que a naturalização de um discurso nacional, ou seja, um discurso para “todos” os brasileiros, adquire na construção de suas audiências. Afinal, televisão aberta no Brasil é concessão pública, e obedece a critérios mínimos de interesse público. Nela encontramos o “sucesso” da *Rede Globo*³⁹, assistida por todos os estratos sociais; um poderoso meio de integração social justamente por valorizar a identidade nacional, ou melhor, por procurar absorver as diversidades e dissipar diferenças em torno de “questões nacionais” (como informa seu próprio *slogan* – “a gente se vê por aqui”). Contudo, televisão aberta no Brasil também é sinônimo de televisão privada, e certamente atende aos interesses político-comerciais a que se vincula. Sobre ela são exercidas pressões políticas e econômicas que, de modo bastante simplificado, podem se traduzir na conquista e manutenção de maiores fatias de mercado e segmentos da audiência; “um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica”, como Bourdieu já identificou para o caso da televisão francesa (1997: 18). Este caráter ambivalente da televisão aberta no Brasil, a meu ver, perpetua o paradoxo da identidade nacional ao forjar um discurso que promete a inclusão “total” dos brasileiros, mas opera a partir de lógicas (sobretudo econômicas) que segmentam as audiências em divisões simbólicas de classes sociais. Desse modo, ao mesmo tempo em que a televisão (particularmente a *Rede Globo*) veicula um discurso de caráter eminentemente nacional, é necessário perceber quem está efetivamente sendo incluído por este discurso e quem está sendo deixado que fora. Como procuro demonstrar, trata-se de uma representação do país que exclui Dois Vizinhos e os agricultores com quem realizei esta pesquisa do foco de atenção da televisão (assim como ocorre em outras tantas regiões tidas como “pequenas” e “médias” por todo o país).

³⁸ Wolfgang Iser resumiu este impasse afirmando que: “sempre que se postulam princípios e fins, a história se transforma num testemunho das noções preconcebidas, as quais devem revelar a si mesmas através da história, embora não se reduzam à história. Ademais, a compreensão dos fatos não seria importante se considerarmos a história o processo de desenvolvimento de algo que a precede ou se considerarmos a história como o caminho para um objetivo que, por definição, encontra-se fora dela” (ISER, 1996:58).

³⁹ Recentemente, a *Rede Record* também busca operar desta mesma forma, ganhando cada vez uma maior parcela de audiência e investindo na ampliação da programação própria. Apesar disso, muito se afirma que a liderança da *Record* em alguns horários ocorre apenas em São Paulo, não podendo ser projetada para todo o território nacional – sendo esse, inclusive, o discurso que o *SBT* utiliza para manter sua imagem de vice-líder.

Embora este duplo vínculo (público e privado), ao qual a televisão aberta se submete no Brasil, possa ser identificado no conjunto de seus programas, chamadas, comerciais e vinhetas, para os fins deste estudo explorarei o telejornalismo como um caso exemplar desta relação entre um discurso de interesse “nacional” – que atende as demandas públicas – com as expectativas comerciais das redes e seus anunciantes. Sabidamente o telejornalismo é um dos gêneros televisivos mais consolidados na televisão brasileira – o Jornal Nacional, por exemplo, completou em 2005 quarenta anos de história na Rede Globo. Como já observou Arlindo Machado (2000), o telejornalismo é um “gênero televisual” que opera a mediação simbólica entre “fatos” ocorridos e as audiências que consomem a informação veiculada pelo meio.

Evidentemente a temática da identidade nacional e suas relações com as culturas populares não é recente no Brasil. Aliás, como já apontou Renato Ortiz, ela “constitui uma tradição entre nós” (1988: 13). Mas observa também este autor o “relativo silêncio” que a intelectualidade manteve sobre as relações entre esta produção cultural e o mercado, sobretudo aquela mais diretamente vinculada aos meios de comunicação; um silêncio que dificultou inclusive a compreensão das transformações e do significado do advento das indústrias culturais para a questão da identidade nacional. Concepções de Brasil e cultura brasileira que se construíram, ao menos durante as ditaduras, como discursos de resistência aos autoritarismos, mas que também significaram a afirmação e progressiva consolidação de um mercado cultural⁴⁰. E neste processo de consolidação de um mercado para a cultura nacional os meios de comunicação desempenharam um papel decisivo para a adaptação e “modernização” da produção cultural a este mercado, pois foram eles que ocuparam um espaço significativo na mediação das tradições locais com os discursos de modernização⁴¹. Isto vale tanto para as cidades como para o campo. Muito embora estes meios tenham mediado apenas uma relação já existente em nossas sociedades, há um fator objetivo que modificou sua importância e alcance: a proliferação de rádios, televisores, jornais, revistas, etc. Tal processo não foi decisivo apenas no que se refere à profusão de informações e invenções, mas também, ou principalmente, na difusão da idéia de desenvolvimento e progresso via tecnologia – que por muito tempo foi sustentada pela imagem da indústria.

A consolidação de um mercado para produção cultural no Brasil sempre esteve muito ligada ao desenvolvimento de suas indústrias da comunicação. O exemplo mais marcante

⁴⁰ Sobre o tema ver: ORTIZ, 1988.

⁴¹ Para um maior aprofundamento sobre o assunto ver: MARTIN-BARBERO, 2001a.

desse processo talvez possa ser encontrado nas próprias transformações que ocorreram nas relações entre o mercado e a televisão – que ainda hoje é a mais “poderosa” tecnologia da comunicação no país, tanto em termos econômicos⁴², quanto de audiência⁴³. No início dos anos de 1950, quando a televisão começava a organizar-se no Brasil, a relação entre os programas e os anunciantes era bastante distinta da que conhecemos hoje. Acostumados a investir nos programas de emissoras de rádio, os patrocinadores primeiro se dirigiram às telenovelas (num formato bastante próximo do modelo americano de *soap operas*); eram os programas que mais importavam aos anunciantes e não as emissoras. Para estes patrocinadores, investir em programas significava também arcar com os custos desse programa, por isso muitos se tornavam seus próprios produtores⁴⁴. Hoje, embora seus interesses permaneçam os mesmos – divulgar produtos para vendê-los ao maior número de pessoas; bem como mudar ou manter os hábitos de consumo dos telespectadores –, é notória a inversão: são as emissoras que organizam seus programas e os vendem para os anunciantes (já ou “quase” prontos).

Esta relação entre mercado e produção cultural, pelo menos no que diz respeito à televisão brasileira, começou a ser redesenhada no formato que hoje a conhecemos com a consolidação da *Rede Globo* nos anos de 1970. Foi ela quem primeiro se organizou nos moldes de uma “indústria da comunicação”⁴⁵ e lá permanece praticamente hegemônica até nossos dias. Fundada por uma iniciativa privada em 1965, num contexto que ainda transpirava os ideais de Assis Chateaubriand⁴⁶, esta organização é marcada por um dinamismo extremado que conjugou interesses de mercado com a ampla atuação no espaço público nacional. Um fenômeno que, não por acaso, inicia-se com a ditadura militar (1964-85), quando a televisão é oferecida como instrumento de modernização e afirmação da identidade nacional, e estende seu triunfo tecnológico para a aceleração da produção cultural (produto inclusive de

⁴² Conforme divulgado pelo Projeto Inter-Meios, em 2003, os investimentos publicitários no Brasil totalizaram 12.008,2 bilhões de reais (valor extrapolado), e a televisão abocanhou 60,4% deste percentual, ou seja, mais de seis milhões de reais foram investidos na televisão aberta apenas em 2003.

⁴³ Segundo o *XLVI Estudos Marplan* – consolidado 2004, 98% dos homens e mulheres têm o hábito de assistir televisão no Brasil (MÍDIA DADOS, 2005).

⁴⁴ Sobre esse assunto são exemplares os estudos das relações entre anunciantes e produtores na TV Tupi: MORAIS, 1994 e COSTA, 1986.

⁴⁵ Utilizo a expressão “indústria da comunicação” em analogia ao conceito de “indústria cultural”, cunhado por Adorno e Horkheim em *Dialética do Esclarecimento* (1969), e que se refere ao processo pelo qual a comunicação, assim como a produção cultural, passa a ser radicalmente absorvida e submetida à lógica do mercado e organizar-se no universo capitalista como uma indústria entre outras indústrias.

⁴⁶ Considerado “pai” e idealizador da televisão brasileira nos anos de 1950, a figura pública de Assis Chateaubriand personificou muitos ideais de modernização e desenvolvimento que marcaram a emergência das “modernas” tecnologias da comunicação no país. A esse respeito consultar a interessante biografia escrita por Fernando Morais sobre a vida de Assis Chateaubriand (MORAIS, 2001).

exportação) com a redemocratização do país nos anos 90. Ao perceber este caráter eminentemente público da “maior” televisão privada do Brasil, o intelectual francês Dominique Wolton afirmou que:

Nela encontramos, com efeito, o sucesso e o papel nacional de uma grande televisão, assistida por todos os meios sociais, e que pela diversidade de seus programas constitui um poderoso fator de integração social. Ela contribui também para valorizar a identidade nacional, o que constitui uma das funções da televisão generalista (WOLTON, 1990: 153).

Para ele, ao assumir o papel de uma “televisão generalista”, ou seja, ao se dirigir a todas as “classes sociais”, a *Rede Globo* acabou representando para o Brasil o que a televisão pública teria representado para a Europa (ou talvez apenas uma Europa idealizada): um espaço de construção e negociação da identidade nacional que serve como laço social e lugar de exercício da cidadania; “como se a lógica do lucro se somasse a uma tomada de consciência do seu papel social, nacional e cultural” na televisão brasileira (WOLTON, 1990: 154). Um otimismo assumido por Wolton que até poderia se justificar, sobretudo nos anos de 1990, com a importância estratégica da *Rede Globo* no compromisso com a abertura política do país e a redemocratização do espaço público nacional; mas que também denota certo desconhecimento, para dizer pouco, no que diz respeito aos interesses envolvidos na construção do discurso “nacional” por parte desta emissora. Um “elogio” ao caráter “nacional” do discurso televisivo que hoje se reflete inclusive na posição comercial da instituição, e obscurece mais do que esclarece as relações entre a televisão e o “grande público” no país. Conforme informa o próprio boletim comercial para divulgação da marca *Globo*:

Você sabe que a TV Globo é uma empresa de comunicação que está presente em todo o território nacional, é líder em audiência e é reconhecida pelo seu padrão de qualidade. E por que não colocar a força da TV Globo para trabalhar para você? Muitos já o fazem. (...) Não importa qual a sua verba: a Globo tem muitas respostas para muitas das suas perguntas. Afinal, não é porque a Globo atinge tanta gente que seu orçamento tem que ser tão grande quanto. O que a gente quer é que seu resultado seja tão grande quanto sua expectativa. Antes de elaborar sua estratégia de mídia, consulte nossa equipe e descubra como é fácil pôr a força da Globo para trabalhar para você. Resultados que você vê. (Mídia Dados, 2004).

Assim como no passado a emissora constitui-se em um “formidável” veículo de integração nacional atendendo aos interesses políticos do período militar, com a redemocratização é ao mercado que a *Rede Globo* direciona seu “padrão de qualidade”. Um “sonho” comercial que se sustenta através da “força” de suas audiências – e não o contrário. A aparência de que a televisão apenas produz discursos (ideológicos) e os vende na forma de programas para seus telespectadores por muito tempo nos impediu de perceber que o principal produto que as emissoras passaram a vender foram suas próprias audiências. A audiência é “comprada” pelo anunciante sob a forma de tempo na programação. Portanto, sempre há um duplo interesse em jogo na televisão: de um lado, investir nas audiências, construindo um discurso que integre mais do que exclua, criando o hábito de assistir televisão no maior número possível de pessoas; por outro, vender espaços nessa programação, colocando “a Globo para trabalhar” para as empresas⁴⁷. Por isso a medição dessa audiência passou a ser um elemento decisivo para a indústria da televisão.

As transformações nos modos de produção da cultural, com o advento da televisão no Brasil, coincidem com a centralização desta distribuição nos “grandes centros consumidores” – e nem precisamos assumir uma perspectiva marxista para reconhecer isto. Percorrendo as páginas dos jornais (como é o caso do caderno *TV Folha*, da *Folha de São Paulo*), ou mesmo das principais revistas especializadas em divulgar dados sobre os índices de audiência aos profissionais da comunicação, facilmente se pode observar a concentração das referências e dos dados na “praça” Grande São Paulo. Tais referências, entretanto, usualmente são reproduzidas pelos comunicadores sociais, como observei, como referências nacionais. Embora existam outros índices que “informam” a audiência nacional, muitos entrevistados (sobretudo jornalistas) quando incitados a falar sobre as audiências da *Rede Globo* reproduziram referência da audiência paulista como se fossem referências nacionais⁴⁸. Ainda

⁴⁷ Este processo de conversão das audiências em “mercadorias” já foi observado pelo professor César Ricardo Siqueira Bolaño, ao firmar que: “Não é o indivíduo concreto, com sua consciência e seus desejos, que ela [a emissora] vende aos seus anunciantes, mas uma quantidade, determinada em termos de medidas de audiência, de homens e de mulheres, de consumidores potenciais cujas características individuais só podem ser definidas em termos de média. É a um indivíduo médio, a um ser humano abstrato, que todas as medidas de audiência se referem. E, no entanto, é o ser humano concreto, sua consciência e seus desejos, que a publicidade procura atingir.” (BOLAÑO, 1995: 23).

⁴⁸ Apesar de os índices nacionais da *Rede Globo* utilizarem dez mercados como base (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Brasília, Florianópolis, Fortaleza, Porto Alegre, Recife e Salvador), muitas vezes o mercado de São Paulo é considerado como a única referência nacional, sobretudo por possuir a justificativa de deter “maior” representatividade populacional. Os índices paulistas e nacionais, em sua maioria, não apresentam alto grau de disparidade, mas ainda assim podemos observar diferenças. Por exemplo, de acordo com o *Mídia Dados 2005*, enquanto a participação de audiência da *Rede Globo* no período noturno atinge nacionalmente 61% da população, em São Paulo esta participação é de 56%; diferença semelhante ocorre se analisarmos a participação da rede no horário matutino: nacionalmente, ela chega a 44%, enquanto em São Paulo chega a 38%.

que tal questão seja polêmica, o uso da Grande São Paulo como referência para medição da audiência nacional foi introduzida pelo próprio Ibope em 1996⁴⁹. É apenas nesta praça que o Ibope realiza a medição eletrônica minuto a minuto (“em tempo real”), utilizando o método *peoplemeter* (em 660 domicílios)⁵⁰, embora desde 2000 já existam tais equipamentos em outras localidades. Trata-se de uma técnica que garantiria maior “precisão” na medição das audiências e é divulgada pelas emissoras – especialmente a Globo, SBT e a Record – para destacar seus sucessos de público.

Uma vez que os índices nacionais são muito próximos dos índices da Grande São Paulo, alguém pode sugerir que seria muito “purismo” acadêmico exigir tal diferenciação, alegando que o tamanho da população paulista já justificaria tal recorte. Contudo, vale lembrar que esta é uma questão menos metodológica do que política – ao menos no sentido de políticas de representação⁵¹ –, pois a Grande São Paulo não é apenas vendida como uma amostra significativa da “realidade” brasileira; é o próprio país que passa a ser representado como a Grande São Paulo. O problema, portanto, está menos no que representa a Grande São Paulo para o país, ou qualquer outra área pesquisada, do que no próprio movimento de representar o país a partir de seus grandes centros de consumo. Mesmo quando consideramos os índices nacionais do Ibope, que são medidos em dez regiões metropolitanas (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza, Brasília, Curitiba e Florianópolis), é o “potencial de consumo” que organiza o “mapa” das representações da audiência⁵².

Nesse sentido, São Paulo representa para a televisão e seus anunciantes o maior mercado consumidor do país. A partir das estimativas do *Grupo de Mídia São Paulo*, que se baseiam nas amostras do Censo Demográfico de 1991 e nas Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs) do IBGE dos anos de 1992, 1993, 1995 e 1997, o “alto potencial de

⁴⁹ Sobre o tema verificar especialmente o trabalho de Esther Hamburger: *O Brasil antenado: a sociedade da novela* (HAMBURGER, 2005).

⁵⁰ Conforme o livro *Mídia de A a Z*, o *peoplemeter* consiste em “um controle remoto que funciona normalmente para a TV e que também tem botões correspondentes a cada um dos moradores. Quando o televisor está ligado, no máximo a cada cinco minutos – um aviso luminoso faz o alerta – uma das pessoas que estiver na sala precisa apertar os botões correspondentes às pessoas que estão assistindo à TV” (VERONEZZI, 2002: p. 34).

⁵¹ O termo “políticas de representação” é utilizado por Stuart Hall para designar o envolvimento político dos sujeitos que até então poderiam estar localizados “nas margens” do sistema, para reclamar alguma forma de representação (1996). No Brasil, Neusa Guareschi definiu como “um modo de compreender ações coletivas e individualizadas de uma forma que problematize as experiências de vida das pessoas socialmente excluídas” (2003: 131), reconhecendo que a construção de identidades se dá mediante a produção de sentidos, isto é, pode ser entendida como um processo discursivo, cultural e social.

⁵² A recente discussão sobre a inclusão ou não de uma amostra referente ao interior de São Paulo deve-se ao alto potencial de consumo desta população.

consumo” promove uma disputa entre as emissoras pela audiência das camadas A e B da população; desde o *Plano Real*, em 1994, muito se fala na inclusão da classe C na agenda de *marketing* dos anunciantes, contudo, ainda hoje apenas presenciamos poucos investimentos que visem, mesmo que indiretamente, tal camada social – o principal exemplo, talvez, sejam os investimentos feitos pelas *Casas Bahia*. Trata-se, nesse sentido, de uma “audiência qualificada”⁵³; de um segmento do Brasil que interessa (comercialmente) ao mercado e aos anunciantes. Ora, diante deste quadro geral não é de se estranhar que os índices nacionais se aproximem tanto dos da Grande São Paulo – como já foi dito anteriormente, a aparência de que a televisão apenas vende seus programas para o público encobre o fato de que ela vende principalmente seus públicos para os anunciantes⁵⁴.

Neste duplo sentido da “venda”, que caminha na direção de “qualificar as audiências” para atender tanto aos interesses dos programas televisivos, como também dos anunciantes, é possível observar a transformação (segmentação) dos espectadores em consumidores; evidentemente, este não é um movimento tão transparente na televisão. Aliás, não se trata de uma lógica explicitada no cotidiano de trabalho de todos os profissionais ligados à televisão; refere-se antes à organização da própria estrutura da televisão. Afinal, como me disse uma editora chefe do *Globo Rural* em São Paulo: “nós [profissionais ligados à produção do programa] não temos relação com os anunciantes, quase nem ficamos sabendo quem são os anunciantes; isto fica ao encargo do setor comercial da *Globo*” que os vende aos anunciantes – fato que todos os jornalistas com que conversei fizeram questão de frisar. Contudo, trata-se de uma lógica que, mesmo quando não é explicitada por estes profissionais encarregados de produzir os programas, está presente na organização do programa e na definição das pautas. Uma presença que se faz sentir desde as referências e orientações acerca das “audiências a se alcançar” com os programas (medidas pelos índices de audiência), organizadas para atender as “recomendações” da equipe comercial; passando pelos hábitos e rotinas profissionais, que frequentemente respeitam a pauta e estrutura previamente definidas para atender aos “interesses” de um público definido; chegando à própria configuração de seus saberes profissionais, que muitas vezes apenas reproduzem estruturas simbólicas de poder internas ao

⁵³ O termo “audiência qualificada” é frequentemente utilizado por profissionais da área para designar uma audiência que detém alto potencial de consumo. Nesse sentido, a expressão “qualificada” refere-se a um modo de segmentar as audiências por seus hábitos de consumo.

⁵⁴ Inclusive quando o Ibope procura ampliar suas pesquisas no sentido de compreender mais profundamente os hábitos dos telespectadores, como ocorreu em 1996, é incorporada apenas uma “amostra desproporcional” que privilegia os hábitos de consumo das classes A e B. (MERCADO GLOBAL, 1995: n°98).

seu campo de trabalho. Tudo isso constitui aquilo que Bourdieu já identificou como uma “censura invisível” que a economia e a política exercem sobre a televisão (1994).

Neste processo, em que o público passa a ser tomado pela televisão como espectador ao mesmo tempo em que é vendido aos anunciantes como potencial consumidor, pode-se compreender quais são as audiências que efetivamente interessam aos meios – portanto, quais espectadores interessam à programação da televisão. Os *Estudos Marplan*, realizados nas dez praças tradicionalmente pesquisadas pelos institutos e divulgadas pelos principais meios de informação da área, anualmente trazem o perfil dos telespectadores, ou melhor, dos “consumidores do meio”, e a evolução da penetração da televisão entre eles. Desde 1996 essa segmentação das audiências leva em conta três critérios para elaborar suas estimativas: sexo, idade e classe econômica. Em 2004 os índices absolutos do instituto demonstram um maior número de mulheres que assistem ao meio, bem como uma concentração de telespectadores no grupo de idade entre 20 até 39 anos⁵⁵ – o que não soa de todo estranho, uma vez que este grupo etário é o mais numeroso no Brasil e a representação habitual de que as mulheres assistem mais televisão que os homens continua vigorando com força nos mais diversos espaços sociais. Contudo, me parece relevante observar a segmentação dos espectadores por classes de renda: enquanto 37% pertencem a C, 24% a D e 2% a E, apenas 29% pertencem a B e 8% a A; ou seja, 63% dos telespectadores não fazem parte do que os profissionais da comunicação definem como uma “audiência qualificada”, isto é, não são enquadrados como pessoas com “alto potencial de consumo”. No entanto, é a este consumidor em potencial que a televisão dirige seu discurso e seus principais produtos (programas); é também a partir dessa representação da audiência que os anunciantes desenvolvem suas estratégias e planos de “venda”. Por isso, não seria nenhum exagero afirmar que a televisão produz/reproduz padrões de consumo que circulam por segmentos específicos da sociedade brasileira⁵⁶.

Paralelamente ao processo de adequação da programação televisiva ao mercado, que ocorre com a segmentação das audiências, também é perceptível a construção diferenciada de

⁵⁵ Conforme o *XLVI Estudos Marplan* consolidado em 2004, o perfil dos consumidores do meio (televisão) revela que 53% são mulheres, em relação a 47% de homens, sendo que eles estão distribuídos nas faixas etárias de 10/14 anos (10%), 15/19 anos (12%), 20/29 anos (22%), 30/39 anos (19%), 40/49 anos (16%), 50/64 anos (13%) e 65 ou mais anos (8%) (MÍDIA DADOS, 2005).

⁵⁶ Este tipo de classificação econômica no Brasil, de acordo com o *Mídia Dados 2005*, é realizada a partir de um critério de pontuação, que, dependendo de seu resultado, enquadra a pessoa ou família na classe correspondente. Os pontos são contabilizados a partir de três categorias: “grau de instrução do chefe da família”, “pontos por quantidade (de bens de consumo)” e “posse (de bens de consumo)”, sendo que os pontos de cada categoria devem ser somados para se chegar ao resultado (ver Anexo IV). Uma projeção realizada pelo *Ipsos Marplan* estima ainda a renda média dos pertencentes a cada classe (ver Anexo V); estudos do *Marplan* mostram também a distribuição da população por classe econômica (ver Anexo VI).

estratégias por parte das emissoras na manutenção (ou ampliação) de seus públicos. Tal construção remete à constituição de identidades distintas para as emissoras em sua concorrência por maiores (e mais “qualificados”) índices de audiência – o que reflete também em sua posição estratégica diante dos interesses dos anunciantes.

Se até aqui vim trabalhando com o discurso televisivo de modo homogêneo, agora se faz necessário complexificar este meio explicitando a multiplicidade de posicionamentos e narrativas que configuram sua relação com as audiências. Com efeito, apesar de a televisão manter sua relação estreita com os anunciantes ao direcionar sua programação para um espectador (idealizado como potencial consumidor) determinado, é importante que se diga que a marca constitutiva de seu discurso também é forjada na disputa entre as próprias emissoras pela construção de imagens de liderança e sucesso frente ao grande público.

Quando se considera a concorrência entre as emissoras, é possível “abrir” a televisão brasileira a um número infinito de lógicas comunicativas e interesses estratégicos. Nesse sentido, tem-se, em um primeiro plano, uma concorrência direta entre as principais emissoras de televisão, que dividem 92% da audiência nacional e produzem uma narrativa “nacional” limitada a seus públicos de interesse⁵⁷. Mas também, em segundo plano, uma oposição indireta entre estas principais redes – que configuram o que até aqui chamei de “televisão generalista” – e as emissoras secundárias – “televisões segmentadas”, conforme os profissionais da área⁵⁸. Evidentemente esta oposição não se reflete em divisões nas audiências; trata-se antes de uma distinção simbólica, uma vez que a ampla maioria da população assiste somente às principais redes de televisão. Contudo, é justamente a existência da “televisão segmentada” – da qual também fazem parte os canais de televisão por assinatura no Brasil –, enquanto elemento simbólico, que legitimam “pequenas” (sic.) exclusões nas narrativas das televisões generalistas. Tais “lapsos” ou “esquecimentos” nos discursos da *Rede Globo*, por exemplo, muitas vezes são justificados por se tratarem de assuntos “menores” e, assim, destinados a “outros espaços” na televisão. Conforme fui informado por um funcionário da *Rede Paranaense de Comunicação (RPC)*, retransmissora da *Rede Globo*

⁵⁷ Conforme estimativas do *Ibope-Teleport*, o *share* de audiência nacional das redes em 2003 indica a liderança da *Rede Globo*, com 55% da audiência; seguida pelo *Sistema Brasileiro de Telecomunicações (SBT)*, com 20% da audiência; a *Rede Record de Televisão*, com 8% da audiência; a *Rede Bandeirantes de Televisão*, com 5% da audiência; e a *Rede Vida!*, com 3%.

⁵⁸ Conforme divulgado pelo *Mídia Dados* em 2004, os principais canais que constituem a chamada “televisão segmentada” são: *MTV (Music Television)*; *Rede 21* (que pertence ao *Grupo Bandeirantes de Comunicação*); *Rede Vida*; *Rede Mulher*; *Rede Família* (distribuído pela *Dirctv*); *Rede SescSenac* (distribuído pela operadoras de televisão à cabo); *Futura* (que pertence à *Fundação Roberto Marinho*); *Shoptime* (distribuído pela operadoras de televisão à cabo); e o *ShopTour* (em UHF).

com sede em Curitiba, ao questionar a “ausência” de programas voltados para os movimentos sociais na programação desta emissora: “o *Canal Futura* tem uns programas assim, lá tem espaço para esses temas”; a *Rede Globo*, na opinião do funcionário, apenas comporta programas que tratem de temáticas “mais abrangentes”, segundo ele, “na *Globo* passa o que interessa para a maioria das pessoas; se alguém quiser mais cultura pode assistir a Cultura [*Rede TV Educativa*]; se quiser um programa mais religioso, pode assistir a *Rede Vida*; mas se alguém quiser muito mais do que isso a solução é televisão a cabo”.

Mesmo que o otimismo em relação à capacidade da televisão aberta de “falar” sobre o que interessa a todos não seja mais hegemônico entre os profissionais da televisão, este meio ainda conserva seu *status* como um “símbolo” da nacionalidade brasileira – seus interesses privados são constantemente obscurecidos por sua intervenção no espaço público. A imagem de que as principais redes de televisão aberta no Brasil produzem programas que se destinam ao “grande público”, sem distinção de classe, gênero ou faixa etária, parece ainda ter grande força entre profissionais e espectadores. Este imaginário, entretanto, não é reforçado apenas no Brasil – recentemente, Wolton reafirmou a máxima de que a televisão (de modo geral) “é a única atividade que faz uma ligação igualitária entre os ricos e os pobres, os jovens e os mais velhos, os moradores rurais e urbanos, os cultivados e os nem tanto” (WOLTON, 2003: 72). Contudo, como venho procurando demonstrar, este caráter nacional da televisão aberta, ao qual muitos atribuem um sentido “igualitário” em seu conteúdo, pelo menos no Brasil, encobre processos de segmentação das audiências que operam a exclusão de demandas por representação de grupos e temáticas que não possam ser enquadradas na categoria “alto potencial de consumo”. Trata-se da construção televisiva de uma representação do Brasil que efetivamente interessa comercialmente às principais emissoras e é disputado por elas.

Embora apenas as três principais emissoras de televisão (*Globo*, SBT e *Record*) assumam um discurso efetivamente “nacional” no Brasil, assumindo a pretensão de penetrar nos mais diversos estratos da sociedade e falar para eles (ou por eles), dividindo 83% da audiência nacional, é visível a hegemonia assumida pela *Rede Globo* na liderança deste mercado⁵⁹.

Mesmo tendo perdido o status de “quase monopólio” que conquistou durante o regime militar e os primeiros anos da reabertura democrática, a *Rede Globo* mantém, ainda hoje, uma grande distância (em termos de índices de audiência) frente às outras emissoras. Em 2003,

⁵⁹ Sobre este assunto ver os artigos de Renato Janine Ribeiro, reunidos em: *O Afeto autoritário: televisão, ética e democracia* (2004).

esta emissora figurou nos índices do Ibope com 55% do *share* nacional da audiência aberta da televisão, enquanto o *SBT* e a *Record* somaram juntas apenas 28% dessa audiência. Quando concentramos as estatísticas no período da noite, que certamente é o mais prestigiado, sua liderança torna-se ainda maior: das 18h. às 24h. a *Rede Globo* surge com 58% da audiência nacional, o *SBT* com 19% e a *Record* com 7%. Esta distância certamente é medida por índices de audiência, mas também, desde muito, traz reflexos decisivos para a conformação da esfera pública nacional; os exemplos mais propagados da força (política e econômica) da emissora foram “a nomeação do último ministro da Fazenda do governo Sarney, 1988, pela rede Globo, e a célebre edição do debate final entre Lula e Collor, favorecendo o segundo, na véspera do segundo turno das eleições presidenciais de 1989”, como já destacou Renato Janine Ribeiro (2004: 151). Ainda hoje, contudo, a emissora triunfa como uma das principais forças políticas e econômicas no Brasil.

A imagem de “maior emissora do país”, também uma das maiores do mundo como afirmam inúmeros profissionais da área, foi e ainda é construída pela *Rede Globo* com a junção de dois discursos: maior qualidade técnica e liderança de opinião. É através da representação de que, ao colocar no canal 12, o espectador pode ter uma melhor imagem que a *Globo* começa a construir seu contraste com as demais emissoras; mas a construção de uma representação de maior qualidade técnica também passa pela sua capacidade de estabelecer os próprios critérios que a definem. Nesse sentido, são inúmeras as estratégias da emissora em promover (definir) sua própria liderança de “qualidade técnica”, reafirmando sua posição de vanguarda, tanto em qualidade de imagem e som, quanto em equipe profissional – não por acaso a *Rede Record*, no último ano, passou a contratar ex-artistas “globais” para atuar em suas novelas e a *SBT* contratou a ex-estrela do telejornalismo da *Globo* para apresentar seu “novo” jornal. Contudo, há também um fator “mais concreto” que, desde o regime militar, contribui para construção desse imaginário: a qualidade técnica também passa pela maior cobertura geográfica – o sinal da *Rede Globo* cobre uma área que equivale a 97,86% do território nacional, enquanto suas concorrentes diretas (*SBT* e *Record*) cobrem uma área de 87,41% e 70,57%, respectivamente.

Por outro lado, esta imagem de maior emissora da televisão nacional também surge como resultado de sua liderança de opinião frente ao grande público – o que reverte inclusive em maiores investimentos financeiros para a emissora. Seus programas reúnem uma idéia de qualidade e estabilidade que conferem tal *status* de compromisso e respeitabilidade à própria

emissora. É a fabricação de uma impressão de respeito frente às audiências que confere solidez tanto aos seus programas quanto aos seus anunciantes – afinal, anunciar na *Globo* significa partilhar de uma imagem de sucesso comercial que nenhuma outra emissora pode fornecer. Uma liderança de opinião, frequentemente atribuída aos seus telejornais, mas que também pode ser observada em programas de auditório e novelas, pela promoção de valores morais a serem debatidos pela sociedade. Um respeito construído pela veiculação de programas cuja marca distintiva é a promessa de se dirigir para todos, sem distinção, criando uma idéia de inclusão total. É este discurso que se pretende nacional, carregado de uma pretensa imparcialidade, que afasta a Globo, mais do que as outras emissoras, de “rótulos” negativos, construindo estrategicamente uma imagem de “grande televisão”. Assim, rompendo com a narrativa “popularesca” – marca característica dos principais programas de auditório da SBT e *Record* –, da narrativa religiosa – fortemente marcada pelo discurso católico ou evangélico – e das narrativas estatais, como na programação da *TV Educativa* – embora isso não signifique que a Globo abdique de sua posição privilegiada para “interpretar” a política nacional⁶⁰.

Desse modo, a qualidade técnica soma-se à liderança de opinião produzindo uma imagem de eficiência e solidez que garante a *Rede Globo* muito mais do que a simples liderança de seus programas na audiência. Trata-se de uma ação estratégica que confere, sobretudo, uma marca diferencial (um padrão de qualidade) à própria emissora. É o “padrão Globo” de televisão que se impõe aos programas da emissora, e não o contrário. Portanto, mesmo que “novos” programas surjam com “sucesso” em outra emissora, circula entre espectadores e anunciantes a representação de que “a emissora que os revelou para o mercado não terá densidade para mantê-los em seus quadros” (RIBEIRO, 2004: 152). É construída, assim, uma representação de liderança que confere “intocabilidade” à *Rede Globo*. Evidentemente, tal imagem decorre também da constância de seus principais programas – *Domingão do Faustão* (1989); *Fantástico* (1973); *Jornal Nacional* (1969); transmissão de novelas (1965); também o *Globo Rural* (1982) –, conferindo à emissora um *status* de “desde sempre”; um histórico que possibilita que a *Rede Globo* desfrute de uma posição privilegiada na articulação de seus interesses públicos (nacionais) e privados (político-comerciais).

⁶⁰ Como já observou o professor César Ricardo Siqueira Bolaño, “a estrutura fortemente concentrada dos mercados de televisão obriga as empresas menos poderosas a uma estratégia de segmentação que tem por objetivo a conquista de uma posição mais ou menos confortável que permita, a médio ou longo prazo, um ataque mais direto à líder com base em um sucesso eventual” (BOLAÑO, 1995: 18).

É esta construção de uma imagem de “gigante” frente às demais emissoras que confere ao “padrão Globo” de televisão a “capacidade” de falar para o Brasil, construindo uma representação estereotipada do país e do “público nacional” através de seus principais programas. Um discurso que se dirige aos principais centros consumidores (urbanos), forjando representações das identidades nacionais que interessam comercialmente à emissora e seus patrocinadores – um movimento reforçado pelos próprios instrumentos de controle e medição das audiências. Na articulação entre programação, audiências e disputas por mercado, esta emissora consolida sua liderança e legitima um processo de paulatina exclusão do mero espectador e inclusão do consumidor (idealizado a partir dos principais aglomerados urbanos do país) como produto final de suas narrativas “nacionais”.

Como já observou Homi Bhabha, “a nação é um problema de narração” (1998). As identidades nacionais são discursos que prometem uma inclusão “total”, mas que excluem mais do que incluem. De maneira análoga, quando os programas televisivos, pensando particularmente na programação da *Rede Globo*, se dirigem à localidade da cultura nacional, não trabalham nem no sentido de promover sua inclusão às grandes narrativas da televisão, nem na abertura de seu discurso ao hibridismo de “outras” experiências culturais. Trata-se antes da exclusão ou exotização do “outro” de seus discursos – uma alteridade que é dissolvida no interior de um pretense discurso homogêneo. Este “outro” que fica de fora da linguagem da *Rede Globo* é aquele mesmo que não é contemplado/absorvido pelo mercado e, portanto, perde espaço na televisão; é nesse contexto de “esquecimentos” e exclusões que o mundo rural foi, durante décadas, progressivamente sendo deixado de lado pela televisão, pelo menos aquele rural das “tradições” sem “valor” econômico, frequentemente suplantadas pelo discurso homogenizador da modernização e do agronegócio.

Interrogar as identidades rurais, nesse contexto da televisão, significa questionar as próprias possibilidades de articulação das diferenças culturais no campo e do hibridismo que emerge dos processos de resistência e transformação histórica destes atores sociais. As grandes narrativas da *Rede Globo*, na medida em que reforçam uma idéia de “comunidade imaginada” com fins no mercado⁶¹, com raízes em um tempo vazio e homogêneo de modernidade e progresso, dificultam a emergência de novos mecanismos de representação e reprodução social para estas “minorias nacionais”. Trata-se daquilo que Habermas já definiu como uma “hegemonia comunicacional” do mercado na sociedade (HABERMAS, 1999). Ou

⁶¹ O conceito de comunidade imaginada, utilizado por Benedict Anderson (2005) para designar os modernos Estados nacionais, é emprestado por Zygmunt Bauman ao enfatizar os contemporâneos processos liquefeitos do consumo na reconstrução das nacionalidades como comunidades imaginadas para o mercado (2005).

seja, a comunicação se converteu no mais apurado instrumento de desarticulação das culturas locais e sua rearticulação no espaço do mercado e nas tecnologias globais. Nesse sentido, é importante notar que qualquer investigação sobre o meio rural brasileiro a partir da presença dos meios de comunicação em seu cotidiano deve admitir que o objeto de análise esteja inserido dentro de um amplo processo de modernização, ainda que pela via do consumo eletrônico ou visual – afinal, nossa “cultura do olhar” não é independente das revoluções técnicas da modernidade (DEBRAY, 1994).

4. GLOBO RURAL: ENTRETENIMENTO E INFORMAÇÃO

*La televisión, ¿muestra lo que ocurre?
En nuestros países, la televisión muestra
lo que ella quiere que ocurra; y nada
ocurre si la televisión no lo muestra.
(...) fuera de la pantalla, el mundo es
una sombra indigna de confianza.
Eduardo Galeano, La televisión/2,
El Libro de los abrazos (1989)*

Quando Eduardo Galeano dedica uma série de seus poemas para discussão da indústria cultural e outros temas afins, em 1989, Montevideu ainda não havia passado por sua profunda crise econômica e seu sistema político encontrava-se relativamente estável. É nesse contexto que devemos compreender a posição, um tanto “apocalíptica”, do escritor em denunciar certa “apatia” e falta de capacidade crítica que a televisão “impõe” aos seus telespectadores – veiculando produtos culturais importados e valores americanizados para o grande público. Os versos acima, retirados de *La televisión/2*, expressam sua tentativa de interpretar o fenômeno dos meios de comunicação de “massa” na América Latina e seus efeitos, particularmente, sobre a televisão uruguaia. Como sugere o poema, enquanto a televisão mostra o que “quer” que seja visto, fora dela “o mundo é uma sombra indigna de confiança”. Contudo, o sucesso destas interpretações denota, talvez, o reconhecimento de seu valor estético e literário, mais do que sua originalidade intelectual. Afinal, no final dos anos 80 “a cultura do espetáculo” não era um tema exatamente “novo” em nossas paragens e já naquela época despertava controvérsias.

Após 1969, quando o ativista francês Guy Debord escreve *A Sociedade do Espetáculo*, o conceito de “espetáculo” passou a circular entre a intelectualidade latino-americana – sobretudo a de esquerda mais vinculada ao marxismo – como uma noção carregada de forte sentido de denúncia às “novas” estruturas de poder que se organizam com e a partir dos meios de comunicação. Tratou-se de um momento em que o capitalismo consolidava suas relações com o mercado da produção cultural por quase toda a América Latina e as sociedades observavam com desconfiança ou frustração o poder crescente da televisão sobre suas recentes democracias; um movimento sensivelmente descrito em outra passagem de Galeano, onde afirma que “a tela dispara imagens que reproduzem o sistema e vozes que lhe fazem eco” (1989: 140). Ao menos nas sociedades latino americanas, sempre houve uma identificação quase imediata entre indústrias da comunicação e televisão; isto porque foi ela

quem desempenhou, desde cedo, seu papel de protagonista deste processo de assimilação (ou mesmo importação) da produção cultural pelo mercado.

Neste contexto, afirmar que “nada ocorre se a televisão não o mostre”, significa explicitar todo o “poder” da televisão em nosso continente ao “fabricar o real”, ou pelo menos uma “impressão” de realidade, ao mesmo tempo em que introduz linguagens através das quais nossas sociedades se comunicam e se reconhecem – esta é uma tese com a qual podemos concordar. Contudo, aceitar que “a televisão mostra o que ela quer que ocorra” pode ser duplamente problemático. Em primeiro lugar, porque acreditar que a televisão tem “intenções” claras, coerentes e bem definidas significa fechar os olhos para a multiplicidade e complexidade de interesses que a compõe – muitos deles contraditórios entre si. Em segundo lugar, ao enfatizar a dimensão visual da televisão, legitimando-se inclusive na noção de espetáculo e seus excessos⁶² como faz o poeta, corremos o risco de esquecer que a televisão é composta tanto por imagens quanto por discursos (falas). Conforme Arlindo Machado, “sempre que se fala em ‘civilização das imagens’, pensa-se evidentemente na atual hegemonia da televisão, mas ela, na verdade, é um meio bem pouco imagético” (MACHADO, 2002). Isto me parece correto, ao menos quando nos deparamos com o fenômeno dos telejornais, como é o caso deste estudo, onde as imagens são em grande maioria alegorias que sustentam os discursos.

De qualquer modo, ao transpor os versos de Galeano para o contexto aqui estudado, por maiores as ressalvas que possamos fazer, parece-me inevitável encarar a simples questão apresentada pelo poeta: “a televisão mostra o que ocorre?”. Quando iniciei esta pesquisa, o exercício mais difícil que enfrentei certamente foi o de “reaprender” a ver televisão. O estranhamento inicial ao me deparar com um universo de relações que são tecidas com e a partir da televisão, envolvendo-se, sensibilizando-se e debatendo sobre seus programas, foi enorme. Salvo um filme ou outro, uma partida de futebol ou uma notícia na hora do almoço, eu realmente não tinha o hábito de assistir à televisão antes desta pesquisa. Nesse sentido, ao investigar a presença da televisão no cotidiano rural de Dois Vizinhos, logo percebi uma distância entre os modos como eu assisto à programação e como os agricultores familiares o fazem. Se para mim a televisão apenas “fabricava” um real ao qual não conseguia projetar minha vida, em Dois Vizinhos as preocupações das pessoas pareciam estar em sintonia com o conteúdo televisivo, servindo inclusive de “meio” para muitas conversas que naquele universo

⁶² Muitos conceitos como “civilização das imagens”, “superabundância de imagens”, “hiper-real”, “simulacro”, entre outros, remetem a este movimento incessante da produção e reprodução de variadas imagens; estas são concepções segundo as quais a televisão sempre promoveria certa “inflação das imagens”.

seriam inimagináveis de outro modo⁶³. Por isso, apenas quando pude compreender minimamente o universo da recepção em Dois Vizinhos – suas lógicas e sistemas de representação –, comecei a (re)aprender a “enxergar” na televisão o que efetivamente estava sendo mostrado para aquelas pessoas – este foi um processo lento.

Neste capítulo irei discutir o telejornalismo e sua programação rural, e mais pormenorizadamente a do *Globo Rural*, para assim introduzir alguns elementos essenciais do programa que incidem nas dinâmicas sociais da agricultura familiar duovizinhense – também nos processos de negociação das identidades e estratégias identitárias. Desse modo, não pretendo esgotar a multiplicidade de elementos que compõe o programa (*Globo Rural*), nem mesmo construir uma narrativa que busque apreender o “essencial” de sua programação; trata-se antes de uma leitura do *Globo Rural* que prioriza os modos de recepção/decodificação do programa em Dois Vizinhos. Portanto, mais do que perguntar sobre que imagens do país o telejornalismo nos mostra, ou se o *Globo Rural* mostra o que ocorre no campo, este capítulo se dedicará em questionar sobre o que mostra o *Globo Rural* quando mostra o que ocorre no campo.

4.1. O TELEJORNALISMO “RURAL”

O jornalismo por si só já é um tema abrangente, dentro e fora da televisão. Como já foi identificado por Arlindo Machado, trata-se de uma “instituição” narrativa que opera por mediações simbólicas entre eventos “significantes” e audiências “re-significantes” (2000). Em Dois Vizinhos, e especialmente no que tange a agricultura local, as audiências consomem, como pude observar, uma ampla variedade dessas narrativas. São jornais, telejornais, gazetas, cadernos, periódicos, até mesmo a internet serve de suporte para alguns espectadores, sobretudo aqueles mais “conectados” às contemporâneas tecnologias da comunicação. Mas abrigar uma investigação sob este “guarda-chuva” que denominamos jornalismo, implicaria

⁶³ A título de exemplo, lembro-me de ter presenciado uma conversa entre mãe e filha sobre uma personagem de uma novela da *Record* (“muito nova”, nos dizeres da mãe) que havia engravidado e “levado um fora” do parceiro sexual. Enquanto as duas discutiram sobre as melhores estratégias que a menina deveria adotar, foi surpreendente perceber que, mesmo sem qualquer relação explícita, elas co-relacionavam tal fato (ficcional) com suas vidas cotidianas.

em correr o risco de inviabilizar a delimitação da pesquisa (tanto do objeto como do tema), “naufregado” em meio à tamanha variedade e diversidade de conteúdos e formatos audiovisuais; mais ainda, significaria estar desatento para os modos de consumo destes conteúdos, visto que por generalização lingüística, ou conceitual, quando fundimos os (tele)jornais em uma só categoria, deixamos de lado muitas das possibilidades de leituras e interpretações que o consumo de tais programas suscita.

Diante deste cenário complexo, procurei concentrar a investigação sobre os telejornais rurais, não por serem os mais assistidos, mas por colocarem diretamente em ação o tema das identidades sociais rurais e ativarem um imaginário sobre o rural que produz/reproduz representações sobre a(s) agricultura(s) e seus modos de vida em Dois Vizinhos⁶⁴. Quando se trata especificamente da programação pautada sobre questões rurais, a atenção do telespectador certamente passeia por interesses diversos – das técnicas de plantio às receitas de comidas típicas, da biotecnologia à música sertaneja, da criação de animais ao turismo rural e a preservação do ambiente –, todavia estes noticiários encerram uma agenda de temas que remetem à multiplicidade de identidades culturais e sujeitos sociais. Permitindo, portanto, que se alcance a questão que atravessa este trabalho: em que medida a “presença” da televisão pode modifica os saberes e práticas locais.

Para dar conta deste intento optei por realizar uma investigação que conjugasse a pesquisa de campo como outras técnicas, próprias dos estudos de recepção, para construir uma metodologia que permitisse acessar simultaneamente o universo das práticas cotidianas e o imaginário social, através dos quais estas pessoas ressignificam suas ações a partir do contato com a televisão. Esta escolha decididamente me afastou de concepções mais tradicionais da cultura e me fez a encará-la como um “sistema de significados”, ou seja, deslocando a problemática da produção cultural para a do consumo ou interpretação daquilo que é produzido pelos meios de comunicação⁶⁵. Desse modo, ao privilegiar os processos de leitura do *Globo Rural*, deparei-me com uma concepção de cultura que privilegia a negociação e a estruturação do significado; entendendo que a mensagem em si não carrega todo o conteúdo do enunciado, pois os símbolos só existem enquanto significados no

⁶⁴ Estação Rural (Canal Futura), GPP Rural (SBT Paraná) e Caminhos do Campo (RPC TV) podem ser tomados como exemplos de outros programas que atualmente abordam a temática rural. O último surgiu inicialmente como um suplemento mensal da Gazeta do Povo – suplemento este que hoje é semanal – e posteriormente ganhou versão eletrônica.

⁶⁵ Segundo Hall (2003:213), o que define os estudos culturais é a tensão permanente (e não resolvida) entre questões políticas e teóricas, tornando secundária a legitimidade do produto cultural: “os estudos culturais permitem que essas questões se irrem, se perturbem e se incomodem reciprocamente, sem insistir em uma clausura teórica final”.

momento em que são “codificados” e “decodificados” pelas pessoas, isto é, “comunicados” (HALL, 2004). Em *Dois Vizinhos*, foi Baltazar quem primeiro me explicitou toda a complexidade deste processo comunicativo afirmando que sempre quando não entendia alguma coisa ou tinha dúvida, logo procurava a opinião de alguém “mais informado”; e que o “complicado mesmo” era quando ele julgava ter entendido “e o técnico chegava e dizia tudo ao contrário” – em referência ao programa *Globo Rural* e aos técnicos da *Secretaria da Agricultura* do município. Quando passei a me deparar com comentários como este ficou ainda mais evidente a necessidade de romper com um modelo linear da comunicação (emissor/mensagem/receptor)⁶⁶, portanto, também da produção cultural (produção/distribuição/consumo).

Conforme já apontou Stuart Hall, “produzir uma mensagem não é uma atividade tão transparente quanto parece” (2004: 354). Sua dinâmica sempre está estruturada dentro de um processo dialético de produção, circulação, distribuição, consumo e reprodução cultural – é desse modo que o telejornalismo está sendo entendido. Ao dialogar com o modelo marxista de “produção de mercadorias”, Hall observa que quando deixamos de perceber os processos comunicativos como “circuitos integrados” e passamos a encará-los como “a articulação de momentos distintos”, mas interligados da comunicação, ultrapassamos a compreensão unilinear destes processos. Compreendendo, desse modo, a comunicação como uma “complexa estrutura” que é sustentada por práticas específicas (de produção, circulação, tradução e consumo), cada qual configurando um universo específico de “formas e condições de existência”, que estão articuladas em torno de uma cadeia produtiva⁶⁷. Como me informou um editor da RPC, “o processo de construção das reportagens [dos telejornais] sempre procura levar em conta o que os repórteres estão sentindo; qual a reação das fontes às suas notícias”, isto porque ele entende que são “os repórteres que estão mais em contato com o

⁶⁶ Corroborando com este modelo linear, Marshall McLuhan, ao afirmar que “o meio é a mensagem” (McLUHAN, 1996), procurou apontar para a equivalência entre forma e conteúdo na transmissão da informação, presupondo que o processo comunicativo se desenvolveria numa direção determinada onde o emissor controlaria os limites da interpretação a partir da formatação do conteúdo dos enunciados pelos meios, constituindo uma mensagem. O que significa que “é o meio que modela e controla a escala e forma das associações e trabalho humanos” (1996:30).

⁶⁷ Por processo (cadeia) produtivo, Hall entende um duplo movimento: de um lado, significa o momento da produção/circulação (“codificação”) de mensagens (audiovisuais para o caso deste estudo), em que os aparatos, relações e práticas comunicativas convergem para a produção de significados dentro de determinados formatos técnicos e discursivos que os próprios profissionais do meio acabam circunscritos; de outro, refere-se ao movimento de distribuição/consumo (“decodificação”) destas mensagens, que são traduzidas (transformadas) pelas audiências na produção/reprodução de práticas e discursos sociais, encerrando um conteúdo que passa a ser comunicado pelas mensagens. “O valor dessa abordagem é que, enquanto cada um dos momentos, em articulação, é necessário ao circuito como um todo, nenhum momento consegue garantir inteiramente o próximo, com o qual está articulado” (HALL, 1980: pg. 388).

público e recebem o *feedback* necessário para saber o que interessa as pessoas” – embora este sujeito também reconheça que “sempre há uma pauta” prévia.

A produção das mensagens, portanto, continua sendo um momento particular do telejornalismo, que encerra regras próprias, mas que se articula com todos os outros momentos da cadeia comunicativa. A recepção, embora reserve suas especificidades, também passa a compor um momento deste processo de produção na medida em que o consumo e a distribuição promovem a reconstrução das mensagens, operando a transformação dos conteúdos e significados em práticas sociais. Dessa perspectiva geral, é possível recolocar o momento da produção da mensagem como um processo também de diálogo com as audiências, pois o receptor passa a ser encarado como “fonte” e “destinatário” dos conteúdos e significados transmitidos pelos meios.

Produção e recepção da mensagem televisiva não são, portanto, idênticas, mas estão relacionadas: são momentos diferenciados dentro da totalidade formada pelas relações sociais do processo comunicativo como um todo. (HALL, 1980: 390).

Marcelo, filho de Seu João, expressou sua percepção desse processo em uma conversa que tivemos, afirmando que os noticiários “sempre escolhem o que é mais interessante mostrar”, mas a decisão do que vira ou não notícia “depende um pouco deles, mas também do que acontece no país”. Isto me colocou diante da necessidade de uma compreensão ampla dos processos de emissão e recepção das mensagens produzidas pelos meios de comunicação. Na medida em que os processos comunicativos são estabelecidos por uma relação entre telejornal (nacional) e agricultores familiares da região de Dois Vizinhos (local), foram justamente as “articulações”, desse processo que começaram a me interessar. Para isso foi necessário penetrar na esfera das práticas sociais cotidianas, aquilo que, segundo Jesús Martin-Barbero (1995), de fato pode carregar o estudo das comunicações para um “outro lugar”. Assim, deslocando o foco tradicional de análise dos meios e passando a encarar a comunicação como um processo múltiplo e interdependente, em que as “culturas populares” não são anuladas pela “cultura de massa” – como já propôs o modelo frankfutiano –, mas subsistem em meio aos “formatos industriais” como “matrizes culturais” (MARTIN-BARBERO, 2001a).

Ao considerar as articulações entre telejornais e agricultores como “lugares” que estruturam a produção do sentido, se torna possível mapear processos identitários a partir de saberes, práticas e concepções de mundo. Compreendendo, desse modo, a construção local

das identidades como uma experiência “híbrida”⁶⁸, de onde é possível perceber a recepção não apenas como um processo de reprodução, mas de co-participação – contribuindo na produção de sentido para saberes, práticas e representações sobre seu cotidiano rural. Sem desconsiderar o fato de que os telejornais não são ferramentas transparentes, mas antes a materialização de um modelo global de “organização do poder” (CASTELLS, 1997 e 2001), a questão que precisa ser posta em discussão é a de quais são as possibilidades concretas de apropriação social e cultural destas tecnologias da comunicação – percebendo aqui a multiplicidade de usos dos saberes e informações, por eles veiculados. O que interessa, portanto, é compreender o processo comunicativo (dos meios às mediações) como um âmbito onde conhecimentos são produzidos e como um espaço de produção e de troca de sensibilidades – seria aquilo que vem sendo buscado pela literatura recente sobre os meios na América Latina: os modos de reabilitar a dimensão criativa, inventiva, o caráter lúdico e libidinal da relação entre receptor e meio.

Tendo em vista esta “circularidade”⁶⁹ da produção cultural dos telejornais, e particularmente os telejornais rurais, optei por concentrar minhas investigações sobre as audiências do *Globo Rural*, e sua repercussão em Dois Vizinhos, por ser este um programa já consolidado dentro da televisão brasileira e marcado pelo “padrão Globo” de televisão (também de telejornalismo). O *Globo Rural* detêm uma história dentro da *Rede Globo* – um telejornal de “longa duração” dentro da própria configuração da televisão, para utilizar um termo da sociologia configuracional de Norbert Elias – que lhe confere certa credibilidade na ativação de saberes e veiculação de informações/notícias diante de suas audiências. Este movimento me foi confirmado por um técnico do *Instituto paranaense de assistência técnica e extensão rural (EMATER)* ainda no início desta pesquisa; segundo ele, quando qualquer outro programa na televisão, ou mesmo no rádio, que “falava alguma bobagem sobre o jeito certo de trabalhar no cultivo ou na criação”, era relativamente fácil “endireitar as coisas” (contornar a situação), bastava apenas uma conversa e “o sujeito já se convence de que deve fazer do jeito certo” (em referência às orientações técnicas da *EMATER*), mas “quando aparece uma bobagem no *Globo Rural*, aí não tem o que faça ele se convencer”, e a única saída é fazer um acompanhamento mais freqüente. Desse modo, ao investigar o *Globo Rural*,

⁶⁸ Nestor Garcia-Canclini utiliza o termo híbrido para referir-se a cultura como um conceito relacional. Desse modo, ela não é definida por objetos culturais, mas pelo que as pessoas fazem com tais objetos. Sobre isso ver: *Cultura Híbridas* (CANCLINI, 2006).

⁶⁹ A noção de “circularidade” pode auxiliar a compreender como estes discursos midiáticos circulam entre os meios e os agricultores. Trata-se daquilo que Eliseo Verón (1997) tem chamado de uma “história social dos textos”, ou melhor, a percepção de que o processo comunicativo encerra diversos tempos: o tempo da produção do discurso e o tempo da recepção do discurso.

mergulhamos em um repertório de construções narrativas que efetivamente alcançam o cotidiano rural da região, modificando experiências sociais e promovendo “transformações na discursividade” – com efeito, a “visualidade eletrônica” do *Globo Rural* passou a ser parte constitutiva da “visualidade cultural” de Dois Vizinhos⁷⁰.

4.2. “DIARIAMENTE O AGRONEGÓCIO NA TV”

Para quem não tem o hábito de assistir ao *Globo Rural*, pode parecer estranho apresentar este programa em dois tópicos separados (“*Diariamente o agronegócio na TV*” e “*O Mais importante programa ligado ao homem do campo*”). Contudo, com eles pretendo introduzir o leitor no universo complexo que compõe este telejornal através de uma dupla oposição: de um lado, o *Globo Rural* diário, que marcadamente tem sua estrutura voltada para a informação (notícia); de outro, o *Globo Rural* de domingo, que procura romper com o modelo “clássico” do jornalismo e introduz o entretenimento como sua marca diferencial. Optei por esta oposição porque são reconhecidas pelos próprios espectadores em Dois Vizinhos, que corriqueiramente opõe o “jornal diário” ao “programa de domingo”; foi Seu João quem primeiro me atentou para este fato ao acreditar que se tratava de programas diferentes – para ele “na *Globo*, tem o *Globo Rural*, que passa no domingo, e tem o jornal de dia de semana com a previsão do tempo e algumas notícias bem rápidas”, referindo-se ao espaço que a emissora destina aos programas rurais. Ademais, esta é uma oposição “fabricada”, ao que tudo indica, pela própria produção do programa e reproduzida tanto em seu *site*, como em seus informes comerciais, ou mesmo durante os programas que vão “ao ar”, que frequentemente opõe o *Globo Rural* diário ao *Globo Rural* propriamente dito.

Criado em seis de janeiro de 1980, o *Globo Rural* foi planejado desde fins dos anos de 1970 – quando as fronteiras agrícolas e a própria eletrificação rural se expandem – e é desenvolvido como estratégia de segmentação de mercado pela *Rede Globo* para “abocanhar”

⁷⁰ Ao discutir a televisão no contexto latino americano, Martin-Barbero observou nas atuais “hibridizações entre visualidade e tecnicidade” o resgate das “imagísticas como lugar de uma estratégia batalha cultural” (2001b: 16).

uma parcela significativa da audiência nacional da televisão aberta⁷¹. Conforme o professor Valério Cruz Brittos (2000), é conhecido o processo de adequação das Organizações Globo ao capitalismo contemporâneo através da segmentação de mercado e da abertura de outras frentes de negócio, que desde os anos oitenta têm procurado diversificar sua programação para atender aos interesses do grande público e se tornar uma televisão generalista – como já sugerido por Dominique Wolton (1990). Muitos programas surgiram com este intuito de expandir públicos e mercados consumidores, contudo, poucos perduraram; o *Globo Rural* é um caso exemplar de “sucesso” – um dos primeiros programas voltados especificamente à temática rural que surge com um espaço de meia hora da programação e em pouco mais de seis meses (três de agosto de 1980) dobra de tamanho. Com uma programação direcionada para o espectador interessado em questões rurais, o intuito deste programa sempre foi e ainda parece ser o de difundir e “modernizar” a agricultura (suas histórias, saberes e tradições) a partir da exibição jornalística de novas técnicas de cultivo, agro-pecuária, maquinário, sementes, pesticidas, entre outros.

Há mais de duas décadas o *Globo Rural* escreve sua história de “sucesso” na televisão brasileira. Um sucesso sempre vinculado a “êxitos de audiência” e elevada demanda por “espaços comerciais”, conforme informa sua equipe comercial. Ora, não seria novidade nenhuma afirmar que a descoberta do “público rural” coincide com a descoberta de um mercado de consumidores rurais; mas é no mínimo curioso perceber como estas demandas gradativamente “aumentam” com os anos, ao passo que o discurso comum de jornalistas e técnicos reproduz o senso comum que enfatiza a “diminuição” dos rurais. É possível observar os desdobramentos desta “descoberta” do público do campo e a intensificação dos esforços da *Rede Globo* em atender este mercado “emergente” na própria história de transformações e consolidação do *Globo Rural*. O exemplo talvez mais marcante deste processo seja a criação da *Revista Globo Rural*, em 1985, pela *Rio Gráfica Editora*, atual *Editora Globo*, que foi dirigida pela equipe do *Globo Rural* até 1990. Durante este período, que se estende pela década de noventa, o programa seguiu a tendência geral da *Rede Globo* e passou a internacionalizar parte de sua produção.

Em nove de outubro de 2000, a direção comercial da *Rede Globo* e a equipe do *Globo Rural* consolidam o espaço destinado ao rural e a “valorização” deste formato de telejornal ao criar o *Globo Rural diário* – reconhecendo a ampla demanda por programas (produtos) rurais

⁷¹ Conforme divulgado pelo site oficial da *Rede Globo*, “o programa foi criado para atender a um novo telespectador que surgia com a expansão do sinal de televisão: o homem do campo”.

e ampliando novamente seu espaço de programação. Seis anos depois, em 2006, quando já estava quase finalizando minha pesquisa de campo em Dois Vizinhos, o programa “festejava” sua consolidação com a exibição de séries diárias, como *Os Tropeiros* (série destinada a resgatar a história do tropeirismo no Brasil) e *Grãos* (série destinada a difundir e informar sobre as principais culturas de grãos no país). Exibido de segunda a sexta, quinze minutos diários configuram seu espaço na programação matinal da emissora (das 6:15h às 6:30h), atingindo 4,0 pontos de audiência e 54% do *share* nacional⁷², ou seja, conforme as estimativas são quase 2,2 milhões de telespectadores que acompanham a edição diária – um número elevado considerando os índices absolutos da audiência no horário⁷³.

Seguindo um percurso relativamente estável dentro da *Rede Globo*, o *Globo Rural diário* parece estar se consolidando como um “novo” telejornal rural da emissora, ou melhor, como um programa diverso do já “conhecido” *Globo Rural* de domingo. Uma novidade que marca não apenas um movimento crescente de espectadores rurais que reclamam por espaços diários de representação na televisão brasileira, mas também os esforços da *Rede Globo* em atender um “novo” estrato em suas audiências: os consumidores rurais. Conforme me informou uma editora em São Paulo, a proposta de criar o *Globo Rural diário* surgiu como um “desdobramento dos temas de mercado” tradicionalmente abordados pela edição de domingo. Nesse sentido, o programa é concebido com uma proposta clara de trabalho (e já experimentada pela emissora) e com o objetivo de atingir um segmento específico das audiências: o espectador interessado nos “temas rurais de mercado”.

Em seu informe comercial, o *Globo Rural diário* é apresentado aos seus possíveis anunciantes como um telejornal que retrata “diariamente o agronegócio na Tv”. Ao concentrar sua programação sobre esta temática do agronegócio, o *Globo Rural diário* surge como uma proposta de “qualificar” (segmentar) ainda mais as audiências “rurais” da emissora – ao menos interessadas em notícias e informações sobre o campo. Como destaca a equipe

⁷² A diferença entre “audiência” e “*share*” é que enquanto a audiência mensura a quantidade de pessoas ou domicílios conectados ao programa em determinado momento, levando em consideração ao total da população potencialmente espectadora, o *share* se refere à participação nesta audiência, ou seja, quantas pessoas ou domicílios do total da audiência em determinado horário estão “assistindo” determinado programa. Portanto, enquanto o dado básico para se calcular a audiência é o total de espectadores em potencial, o dado básico para se calcular o *share* é a audiência.

⁷³ Tentei descobrir por que o programa não é transmitido aos sábados, afinal, as notícias não cessam às sextas-feiras para recomeçarem no domingo, mas obtive pouco sucesso. Além de não ser um tema debatido entre os jornalistas, muitos deles confessaram nunca ter nem refletido sobre o assunto; além do que, “isto é de responsabilidade da equipe comercial”, muitos me informaram. Apenas uma repórter de Foz do Iguaçu me confessou “acreditar” que o *Globo Rural* “não tem força” para concorrer com outros programas da manhã de sábado. Todas as minhas tentativas de contato com a equipe comercial esbarraram em secretárias, caixas de e-mail ou promessas de entrevistas que nunca foram cumpridas.

comercial da *Rede Globo*, “o *Globo Rural* sempre se destacou como um canal de informação, mostrando para os brasileiros a importância do agronegócio na economia e na sociedade”, destacando ainda que:

O agronegócio no Brasil emprega mais de 30 milhões de pessoas (...) e representa cerca de 30% de nosso PIB. São números que impressionam e que merecem um canal de comunicação que mantenha milhões de brasileiros informados sobre as notícias do agronegócio. Este canal existe na Globo: é o *Globo Rural* diário, que há quase cinco anos mantém o compromisso de mostrar, para milhões de brasileiros, as principais notícias sobre o agronegócio.

Com efeito, esta representação do rural e da agricultura atende tanto aos interesses públicos quanto às demandas comerciais da emissora – embora não seja difícil observar como esta demanda, por vezes, orienta os próprios critérios de seleção do que interessa ou não ao “grande público”⁷⁴. Contudo, é curioso observar que o telejornalismo acaba definindo quem pode ou não ser incluído – quem efetivamente está sendo representado – em seu discurso na própria formatação de seu programa. Ao construir uma estratégia narrativa que prioriza o agronegócio, este telejornal acaba conferindo um *status* bem definido à sua programação: trata-se de um programa que informa o consumidor agrícola – aquele que atende as demandas dos anunciantes e, portanto, aos interesses da equipe comercial do programa. Desse modo, a construção (representação) de uma imagem do campo e das pessoas que ali habitam está sempre (ou quase sempre) vinculada a uma representação de sucesso (ou fracasso) comercial da vida (atividade) rural em suas relações com o mercado. Ora, ao enfatizar o mercado, este telejornal opta por representar (também informar) as audiências que efetivamente consomem e, portanto, que interessam aos anunciantes enquanto “potenciais consumidores” de seus produtos. Nesse sentido, o programa diário é mais um informe sobre a(s) “moderna(s)” cultura(s) do campo que produzem e consomem dentro de uma racionalidade de mercado do que um telejornal propriamente rural, isto é, que procura dar conta das distintas ruralidades.

⁷⁴ Conforme o *Boletim de Informação para Publicitários* (BIP) – publicação própria da *Rede Globo* para informar o mercado publicitário sobre questões comerciais – de fevereiro de 2007, “a Basf investe no *Globo Rural* para divulgar os diferenciais do Opera [fungicida para cultura de soja destinado ao controle da ferrugem asiática] e torná-lo *top of mind*” – mesma época em que o *Globo Rural* diário apresentou uma série de reportagens sobre grãos. No Estado do Paraná a cultura da soja foi privilegiada e o “Opera atingiu *recall* espontâneo de 76%”. De fato, estes números nos fazem crer, conforme divulga a equipe comercial da *Rede Globo*, que para o anunciante “o programa é uma opção de investimento segura e eficiente, garantindo ótima visibilidade para marcas, produtos e serviços” (BIP, 2007: 10).

O *Globo Rural diário* tem uma estrutura bem definida, como é o caso de quase todos os programas transmitidos pela *Rede Globo*. Diariamente ele é veiculado pelo canal 12 no Paraná e traz logo na abertura a chamada para as reportagens do dia. Após as chamadas, o programa inicia em um cenário (em segundo plano) que retrata o nascer do sol sobre diferentes campos de cultivo, uma simulação tipificada do rural que procura ambientar o telespectador, ao que tudo indica, para os temas noticiados durante a edição. A câmera desloca-se pelo cenário, predominantemente verde, azul e amarelo, com um cilindro de grãos ao centro, até encontrar Priscila Brandão (apresentadora) sentada detrás de uma mesa azul, em primeiro plano, que abre o programa dizendo: “Olá, bom dia! São seis horas e quinze minutos” – compondo um quadro que remete à terra e à atividade agrícola. Da abertura o programa segue diretamente para as reportagens sobre os “principais” acontecimentos do agronegócio diário (uma ocupando cinco minutos ou duas ocupando três, dependendo da duração das notícias). Após as reportagens o telespectador retorna ao estúdio do programa onde Michelle Loreto, sempre formalmente vestida e com uma postura séria, apresenta a previsão do tempo e encerra-se o primeiro bloco. Após um minuto e meio de comerciais, o programa retorna em seu segundo bloco com a apresentação do volume de chuvas e outros informes – tais como balanços comerciais, informações sobre feiras e eventos ligados ao agronegócio, entre outros. Por fim, o programa segue para novas reportagens (uma ou duas, dependendo de sua duração) até ao final de seus quinze minutos a câmera voltar à Priscila Brandão que dá alguma informação adicional ou apenas encerra dizendo que “o *Globo Rural* termina aqui, um bom dia pra você e até amanhã!” – surgem os créditos e o cenário escurece.

Aqueles que costumam acompanhar os “principais” telejornais “globais” (*Jornal Nacional*, *Bom dia Brasil*, ou mesmo os jornais estaduais da emissora) certamente poderão verificar como o “padrão Globo” de telejornalismo se impõe sobre o *Globo Rural diário*, padronizando imagens, formatos, reportagens e mesmo alguns trejeitos de seus apresentadores. Desde a produção do estúdio, mesclando a tipicidade atribuída ao rural com a formalidade esperada (e exigida) de um telejornal informativo; passando pelas falas da apresentadora, reproduzindo um padrão de serenidade, confiabilidade e imparcialidade esperado de um apresentador “global”; até a composição de seu cenário e a seleção dos temas abordados, que forjam uma idéia de nação a partir do campo; o *Globo Rural diário* sustenta e reproduz a imagem de um telejornal nacional da *Rede Globo*, com a especificidade de tematizar “o homem do campo”. Neste sentido, são inúmeros os elementos simbólicos envolvidos na construção do programa e das próprias reportagens que conferem ao

telejornalismo rural da emissora um “estilo” muito próximo de outros telejornais (supostamente “mais” nacionais); isto é verdadeiro ao menos no que se refere à sua edição diária e explica o fato de inúmeras reportagens inicialmente destinadas ao *Globo Rural* transitarem por outros telejornais – sempre de acordo com o grau de importância da notícia para a emissora⁷⁵.

O *Globo Rural diário* surge, portanto, como um “típico telejornal da *Globo*” (como me informaram diversos repórteres vinculados ao telejornalismo da emissora), com a ressalva, é claro, de ser um programa destinado ao agronegócio. Este “típico” refere-se a certas estratégias de posicionamento e mecanismos enunciativos que permeiam a atividade jornalística da rede, mas permitem, ao mesmo tempo, que seus profissionais se posicionem sobre o que estão informando sem perder sua “aura” de veracidade e imparcialidade – base de toda sua credibilidade. Trata-se de uma concepção de que a reportagem representa o “real” e de que a notícia é o retrato do fato como ele “realmente” aconteceu – interpretações que conferem poder ao discurso jornalístico e são muito utilizadas em jargões como “a verdade dos fatos”, “testemunha ocular”, “jornalismo objetivo”, entre outros⁷⁶. Ora, não é necessário retomar as teses weberianas para rejeitar a idéia de uma suposta “neutralidade” que muitos jornalistas conferem ao seu discurso, basta identificar na ordem de seu discurso alguns mecanismos enunciativos que configuram suas reportagens e as fazem mais parciais do que sua prática profissional poderia admitir – ao menos nos formatos do telejornalismo da *Rede Globo*. Lembro-me, por exemplo, de uma reportagem veiculada pelo *Globo Rural diário* que teve uma significativa repercussão entre os agricultores com que convivi em Dois Vizinhos por apresentar de modo “estranho” – como me disseram – o “tão conhecido” tema milho.

⁷⁵ Grosseiramente poderíamos dizer que é apenas quando o “rural” interessa à “cidade” que o campo vira notícia, ou melhor, é apenas quando a representação estereotipada do campo e da atividade agrícola adquire relevância “estadual”, ou mesmo “nacional” (geralmente vinculado à sua relevância econômica, ou a “graves crises” sociais) que as notícias rurais são absorvidas pelos outros telejornais da emissora. Nesta relação de hierarquias, como vimos anteriormente, o *Globo Rural* (seja em sua edição diária ou semanal) ocupa o patamar mais baixo do telejornalismo na emissora, enquanto o *Jornal Nacional*, diversamente, goza de um *status* diferenciado entre profissionais da área – um prestígio vinculado a uma idéia de representar o público nacional com “credibilidade” e seus “elevados” índices de audiência.

⁷⁶ Alceu Amoroso Lima, em *O Jornalismo como gênero literário*, ilustra exemplarmente estas perspectivas que conferem um caráter de “neutralidade” ao discurso jornalístico afirmando que “a objetividade é o outro traço natural do jornalismo, como gênero literário. O importante é manter o contato com o fato. Tudo mais deriva daí: a informação do fato; a formação do fato; a formação pelo fato; a atualidade do fato; o estilo determinado pelo fato (...). Esse sentimento profundo do objeto é o que aproxima o jornalista dos artistas plásticos, dos que lidam com as coisas, ou dos arquitetos, que sempre estão em relação com exigências funcionais. O jornalismo é uma arte pragmatista. Não se pode desprender nunca do seu resultado, nem se desligar do seu objeto. A veracidade, o realismo é a sua grande força” (LIMA, 1990:65).

Veiculada em abril de 2006, esta notícia informava sobre a redução do preço do milho no Paraná; “mostrando” uma extensa plantação de milho com uma colheitadeira ao fundo, a reportagem tem início com constatação de que “está começando o plantio de milho no Paraná”, seguida da fala do apresentador divulgando a redução da área de plantio desta cultura, que deveria chegar a 44% na região Oeste do Estado – a previsão poderia ser válida também para o Sudoeste, embora em menor escala. Merece destacar, porém, as duas entrevistas seguidas que aparentemente sustentam e legitimam a construção desta notícia. A primeira é do agricultor Plínio Destro, que afirma “corremos o risco de chuva, de pedra, de seca, de tudo e não temos nem garantia de preço (...) então nós estamos desestimulados para plantar milho”, seguida de uma voz em *off* que explica a situação afirmando que o entrevistado irá reduzir sua área de plantio de 550 hectares para 120. A segunda é do agricultor Eudes Capeletto, que afirma: “a gente não tem vontade nem lugar para plantar milho, já que não teremos retorno”, seguida de outra voz em *off* que sugere que este agricultor irá “torcer para que o clima colabore com uma boa produção”; por fim, a reportagem conclui: “aos poucos, o agricultor está desistindo do milho”. Para cada fala dos entrevistados há um locutor que narra uma explicação e as costura com as imagens mostradas. Todavia, a explicação das entrevistas, que deveria fundamentar a própria notícia, parece subverter o sentido das falas dos agricultores – ao menos essa foi uma opinião de dois agricultores em Dois Vizinhos. Claudedir, agricultor familiar com propriedade em *Santa Bárbara*, disse-me neste mesmo dia em que o programa foi veiculado que “o *Globo Rural* não pode ficar falando qualquer coisa assim sobre a agricultura, porque o pessoal acredita e começa a desistir mesmo do milho”, segundo ele, “não é porque o preço está ruim que vamos desistir de plantar, nem os entrevistados falaram isso”; e não falaram mesmo, ao menos não na reportagem, o que denota o caráter meramente figurativo da presença das entrevistas.

No dia seguinte, quando me dirigi à propriedade de Seu João, a poucos quilômetros dali, também conversamos sobre o programa e ele me surpreendeu ao se referir à mesma reportagem (a única endereçada diretamente ao Paraná naquela semana). Seu João realizou uma leitura muito próxima de Claudedir, acrescentando, contudo, que considerava “muito ruim eles [o *Globo Rural* diário] ficarem falando das coisas que dão certo e das que não dão certo assim, como se os agricultores não soubessem”, para ele o preço do milho “já está ruim há bastante tempo, o tempo não ajuda, o governo não ajuda, mas o agricultor continua plantando”, e acrescenta ainda: “afinal, eles mostram gente plantando milho para dizer que o agricultor está parando de produzir, por quê?”.

A pretensão de documentar (representar) o real, de noticiar verdades indiscutíveis, sem dúvida não é uma ambição exclusiva do *Globo Rural*, nem mesmo é um processo por ele encabeçado; antes, é o reflexo de um padrão de telejornalismo que permeia quase toda a televisão brasileira⁷⁷. Contudo, ao buscar certa “credibilidade” frente às audiências (inúmeras vezes alcançada) este telejornal radicaliza a construção de discursos pretensiosamente “neutros” ou “imparciais” sobre a “realidade rural”. Tal processo é construído, sobretudo, nas reportagens que vão “ao ar” através de uma relação específica entre imagens e discursos; trata-se da construção de uma ilusão de que o espectador está diante da própria “realidade” e de que o jornalista apenas narra o que as entrevistas e imagens efetivamente mostram – são discursos sobre a visibilidade⁷⁸. Como se as imagens falassem por si mesmas, as reportagens veiculadas cotidianamente sustentam a ilusão de que é possível ver tudo, de que a visibilidade não é mediada por câmeras, cortes, edições, sonoras e aí por diante, atribuindo ao espectador o papel de interpretar “livremente” o que a reportagem “mostra”. Ora, o mito da imparcialidade da imagem encobre todo o processo complexo de seleção e definição do que interessa e do que não interessa ao telejornalismo.

Esta estrutura narrativa confere ao programa um *status* bem definido de “noticiário rural”, o que o difere inclusive do *Globo Rural* de domingo. Como informa o próprio *site* da Rede Globo, “o *Globo Rural* diário é resultado do sucesso da edição semanal do programa aos domingos”, contudo, sua realização investe muito mais em “informar” do que em “entreter”: “o objetivo do programa, [portanto,] é informar diariamente a situação das principais safras do país, a meteorologia com as chuvas do dia anterior e a previsão do tempo e abrir um espaço onde o agricultor possa falar de seus problemas e sucessos”. Aqui reside a diferença fundamental entre as duas edições: mesmo que seu público não se modifique muito aos domingos, o *Globo Rural* diário assume uma postura séria, como quem quer conferir credibilidade e imparcialidade às suas notícias (programação), enquanto o *Globo Rural* semanal mescla informação e entretenimento produzindo uma variedade maior de notícias. Desse modo, quem assiste ao telejornal durante toda a semana sempre tem a impressão de estar acompanhando um programa diferente no final de semana. Como me informou Airton, um agricultor de Dois Vizinhos com quem muito conversei sobre o *Globo Rural*, “no final de semana a gente se diverte, dá risada, descobre umas coisas novas; durante a semana não dá

⁷⁷ Aqui talvez seja importante registrar que outros telejornais, de outras emissoras, sobretudo aqueles vinculados à televisão pública no Brasil (TV Cultura), já procuraram romper com esse formato de telejornalismo experimentando outros formatos narrativos e construindo “os fatos” a partir de múltiplas interpretações.

⁷⁸ A concepção básica que sustenta esta pesquisa é de que as reportagens não são neutras, sua linguagem não é o espelho da realidade, apenas sua interpretação.

nem pra entender direito as notícias (...) tem a previsão do tempo e uma ou outra coisa solta que a gente mal consegue ver”. Esta oposição, entretanto, revela uma estratégia diferenciada na abordagem do rural por parte da emissora – que também significa uma construção distinta de uma imagem (discurso) sobre o “homem do campo”.

Enquanto a edição de domingo abriga matérias “mais elaboradas”, nos dizeres dos profissionais da área, porque os repórteres têm “mais tempo” para planejá-las, na edição diária há exigência de maior velocidade na produção das notícias sobre os principais acontecimentos ligados ao agronegócio no Brasil e no mundo. Esta “maior velocidade” na produção, que é uma tônica em quase todos os ramos do telejornalismo, confere ao *Globo Rural diário* uma dinâmica mais “superficial” e a suas reportagens uma estética menos “fabricada” ao noticiar o que de mais “importante” ocorre no mundo rural.

Ao enfatizar os fatos “como eles realmente estão acontecendo”, abrindo mão, portanto, de “elaborar as notícias”⁷⁹, e conferindo certo “distanciamento”⁸⁰ entre os profissionais do programa e as temáticas noticiadas, o *Globo Rural diário* traz uma representação do ambiente rural e das pessoas que vivem no campo a partir da ótica do agronegócio. Portanto, produz imagens e interpretações de um universo rural vinculado ao mercado e as lógicas de modernização, que tendem a ficar arraigadas socialmente. Desse ponto de vista da comunicação, trata-se de um universo rural em “franco” processo de modernização que “precisa” ser noticiado e “vendido”; tal modernização não se faz sentir unicamente na escolha das reportagens, que certamente privilegiam os “rentáveis” índices de produção, mas também é trazida pelo *Globo Rural diário* na figura de seus entrevistados. Afinal, como me disse um repórter da *TV Paranaense* em Curitiba, “quando temos uma notícia, damos uns telefonemas, falamos com umas cooperativas, até chegarmos ao que há de mais desenvolvido ou inovador sobre o assunto”, em referência à pauta de propostas diariamente realizada pela direção do programa; no momento da reportagem, “sempre se procura alguém que possa falar bem sobre o assunto, esclarecer os procedimentos, dar umas dicas; agora, se não acharmos, aí tentamos intercalar as falas [dos produtores rurais] com as de especialistas na área”. Neste processo,

⁷⁹ Em entrevista, uma repórter da *TV Cultura*, afiliada da *Rede Globo* em Maringá, que frequentemente trabalha para o *Globo Rural* me informou que há dois tipos de reportagens: “as que buscam factuais e as que produzem a reportagem”. Factual conforme a entrevistada “é aquilo que está acontecendo (a notícia em si), como um acidente ou um fato inesperado”, mas “como Maringá é uma cidade fraca em factuais” ela trabalha mais nas “reportagens mais produzidas”. Segundo ela, “reportagem produzida é o assunto que não perde atualidade, como *videotapes* de comportamentos ou assuntos como cavalos”.

⁸⁰ Como me informou um repórter da *TV Paranaense*, afiliada da *Rede Globo* em Curitiba, “não é assim tão fácil de produzir uma reportagem boa em um dia para o *Globo Rural*, primeiro você tem de conhecer um pouco sobre a notícia, depois você tem de já ter uma relação com o rural, para depois conseguir dar mais naturalidade à reportagem”.

frequentemente observa-se uma oposição entre o rural que “deu certo” (economicamente) e outro que “não deu certo” na própria seleção e apresentação dos temas e das pessoas entrevistadas.

Do ponto de vista dos agricultores familiares com quem conversei em Dois Vizinhos, ao procurar narrar fatos “relevantes” sobre o campo e a agricultura brasileira, o *Globo Rural diário* expõe muito do modo como o rural chega até a tela da maioria das pessoas no país. Em primeiro lugar, ele certamente é tido e percebido como um tema menor dentro da televisão brasileira; isto é verdadeiro não apenas para o caso da *Rede Globo*, mas para todas as redes públicas – para perceber isto, basta observar o número reduzido de programas rurais e a pouca penetração desta temática no “horário nobre” da televisão brasileira⁸¹. Em segundo lugar, a tônica do *Globo Rural*, sobretudo em seus informes diários, ao enfatizar a diversidade do mundo rural, acaba exotizando muito do estilo de vida destes agricultores, produzindo um sentimento de não pertencimento (de “outros”) ao mundo do agronegócio. Portanto, se for possível responder tão rapidamente à questão proposta na abertura deste capítulo a partir do poema de Eduardo Galeano, o *Globo Rural diário* parece “mostrar” (ao menos para seus espectadores de Dois Vizinhos) a “moderna” cultura do campo a muitos daqueles que não se sentem parte dela.

4.2. “O MAIS IMPORTANTE PROGRAMA LIGADO AO HOMEM DO CAMPO”

Aos domingos o *Globo Rural* é exibido com uma hora de duração, das 8h às 9h da manhã. Em sua abertura o telejornal inicia com a apresentação de variadas imagens do campo que são atravessadas por cinco linhas verdes que as percorrem até terminarem formando a letra “R” que acompanha a logomarca do *Globo Rural*. Como quem desenha um “retrato” do campo é a própria logomarca do programa que vem trazendo tais imagens numa seqüência que sugerem a passagem do trabalho manual na lavoura (na enxada do agricultor ou na foíce

⁸¹ O horário em que o *Globo Rural* é transmitido (início da manhã) certamente interessa menos aos anunciantes e por conseqüência à própria televisão. Como fui informado por uma agência de publicidade em Curitiba, esta é uma faixa de horário que dificilmente é contratada pelos anunciantes, a não ser que se tenha um interesse muito específico em algum programa (como parece ser o caso das empresas Bayer e Monsanto); o que geralmente se faz é reaplicar descontos oferecidos pela emissora em espaços com menor custo.

de bóias frias) para as modernas tecnologias da agricultura (nos tratores ou na irrigação). Uma interpretação que retrata as “belezas naturais” de um rural “selvagem” (na imagem do cavalo ou dos campos verdes), passando por cenas da produtividade da agricultura (nos silos, caminhões e fábricas) e encerrando esta breve seqüência num quadro tingido pela cor da terra e repleto de pessoas que trabalham e se relacionam – denotando também o estabelecimento de uma sociedade rural, logo abaixo de sua logomarca⁸². Um movimento que apresenta alguns elementos significativos na construção de uma leitura (interpretação) dos “principais” acontecimentos no campo e na própria agricultura pelo *Globo Rural* – afinal, é na transição de um universo rural repleto de “tradições brasileiras” que se “aperfeiçoam”, “melhoram” e “progridem” à medida que entram em contato com a modernidade tecnológica e científica que parece fixar-se a tônica deste telejornal⁸³.

Da abertura o programa segue diretamente para o cenário que muitos de seus telespectadores se acostumaram a acompanhar diariamente (em sua edição diária). Sem maiores rodeios a câmera abre o foco de atenção sobre os apresentadores (e jornalistas) Helen Martins e Nelson Araújo; a fala inicial sempre recai sobre Nelson Araújo, que comenta algum fato “relevante” ou realiza uma análise de conjuntura da realidade rural que será apresentada pelo programa – os comentários adicionais ficam por conta de Helen Martins. A fala é seguida de uma apresentação dos principais assuntos que serão tratados e novos comentários acerca destes; trata-se de intervenções não têm apenas o caráter de “traduzir” o conjunto das imagens e informações que serão veiculadas em determinado dia, mas também direcionar o olhar dos espectadores para certa interpretação destas notícias. Para que a comunicação com o espectador seja eficiente, o telejornal busca utilizar um linguajar simples, evitando o uso de adjetivos (embora também os exponha a partir da fala dos entrevistados) e construindo narrativas lineares (com o texto lido em ordem direta e com palavras bem pronunciadas)⁸⁴.

⁸² A logomarca do *Globo Rural* compreende, para representar a palavra “Globo”, a logo da própria *Rede Globo* (representada por uma esfera vazada, que contém uma outra esfera dentro, localizada num espaço quadrado e colorido com tons de azul, verde, amarelo e vermelho). Na palavra “Rural” quatro das letras finais (o “U”, o “R”, o “A” e o “L”) são desenhados em caixa alta, na cor cinza e sombreada, com uma tipologia sem serifa, retilínea e *bold*. Já o “R” central é constituído por cinco linhas verdes, as quais formam um caminho, que remete a uma estrada. A logo é disposta com o Globo localizado na parte de cima, encontrando-se com a “estrada” formada pelo “R” central da Palavra “rural”, como se a percorresse, enquanto as outras quatro letras da palavra rural encontram-se na parte inferior.

⁸³ A melodia de fundo na abertura do *Globo Rural* também parece introduzir uma paisagem em “aceleração”. As demais músicas do programa, bem como os cenários arranjados para algumas falas ou entrevistas, quando projetados, remetem apenas a uma reconstrução estereotipada de um rural bucólico.

⁸⁴ Cabe ressaltar que o espectador imaginado e trabalhado pelos profissionais que confeccionam o *Globo Rural* é constituído por um híbrido de rural e urbano. Por um lado, sabe-se que as audiências do programa são “medidas” por regiões onde predomina a audiência tida como “urbana”, o que obriga seus profissionais a adaptarem seu discurso para o público urbano. Por outro, muitos dos anunciantes estão interessados em “vender” seus produtos para públicos rurais, o que também exige do programa penetrar nestes espaços. Conforme fui informado por uma

Dividido em quatro ou cinco blocos, o *Globo Rural* de domingo mantém um eixo narrativo bastante definido, embora o conteúdo de seu programa se altere constantemente. Tais alterações resultam da natureza de suas reportagens (que podem chegar até vinte minutos), mas também das demandas de seus anunciantes pelos cortes comerciais – como me informou um repórter da RPC em Foz do Iguaçu. O eixo narrativo a partir do qual as reportagens são pensadas inicia-se em um bloco destinado às “cartas” dos telespectadores e a apresentação de matérias sugeridas por eles⁸⁵. Esta parte do programa consiste em uma estratégia de “atrair” a atenção de suas audiências através de matérias que exploram dúvidas e sugestões em reportagens que visam “instruir” (educar) o espectador – sempre visando a “resolução” de seus problemas em uma espécie de “diálogo”⁸⁶. Em geral são notícias sobre problemas que exigem a busca por soluções – encontradas, em grande medida, em pesquisas desenvolvidas pelas universidades ou institutos de pesquisa. Tal formato exclusivamente instrucional impõe certo diálogo entre uma “tradição” localizada, geralmente “incapaz” de adaptar-se às transformações econômicas e tecnológicas da agricultura e vista como um “problema”, e uma prática “moderna” generalizada, sempre orientada pelo e para o mercado e legitimada por certo discurso tecno-científico. O que “não é um bom negócio”, na intrusão do *Globo Rural* pode se tornar “uma nova perspectiva” (“nova frente de negócio”). Uma prática discursiva gerada pela modernização agrícola, cuja preocupação parece ser promover mudanças práticas nos hábitos de produção ou mesmo nos modos de se conceber a agricultura – capacitando suas audiências a uma leitura do campo mais condizente com as modernas tecnologias e exigências do agronegócio⁸⁷.

Logo após este bloco das “cartas” há uma seção destinada às “notícias da semana”, onde são veiculados os principais acontecimentos da última semana e suas devidas interpretações. Estas reportagens remontam notícias ligadas ao agronegócio veiculadas pelo

repórter da RPC em Maringá, “grande parte [do público do *Globo Rural*] é de agricultores, mas a audiência (...) de gente que não tem nada a ver com a roça é muito grande também (só não saberia te dizer índices). Mas sabemos [na edição do programa] que nas cidades, o interesse é altíssimo. Te dou um exemplo: meu cabeleireiro. Por incrível que pareça, ele é total urbano, é dono de um salão, ou seja, empresário, e não perde um *Globo Rural* de domingo. Ele diz que é o programa preferido dele. E isso é muito comum. Então, nas reportagens me dirijo também para o público urbano. Coisas específicas do campo, procuramos explicar. Exemplo: se digo *PRONAF*, explico: o programa nacional de agricultura familiar... e por aí vai. A distinção entre os dois públicos é só em relação a termos ou assuntos técnicos que o povo do campo entende, mas o da cidade não tem obrigação de saber; então, explicamos”.

⁸⁵ Como fui informado, este é o único telejornal que dispõe de um espaço exclusivo para “dialogar” com os espectadores (receber e responder dúvidas ou pedidos); a produção do programa recebe certa de 70 cartas ao dia.

⁸⁶ Embora esta não seja a prática “normal” no telejornalismo, os processos pelos quais as “indústrias da comunicação” alimentam seus repertórios e renovam seus formatos a partir das “matrizes populares” que a consomem não é em nada estranho ao universo da televisão (MARTIN-BARBERO, 2001a).

⁸⁷ Exigências que se coadunam com os interesses de seus anunciantes – empresas ligadas ao setor industrial, comercial e financeiro agropecuário (OLIVEIRA, 1989).

Globo Rural diário. No *Globo Rural*, diferentemente de outros telejornais desta emissora, o ritmo das mensagens é mais lento e sem maiores sofisticções na linguagem – conforme afirma Valdir de Castro Oliveira (1989), cada linha de texto do *Globo Rural* é lida em 2 segundos e meio, enquanto a leitura de outros programas é de apenas 2 segundos. Esta estrutura mantém-se em todos os informes apresentados no estúdio e fora dele. Nas reportagens utiliza-se com freqüência microfones de lapela que permitem a captação de sons ambientes durante as entrevistas, atribuindo certa sensação de desinibição e informalidade para o telejornal.

Um outro eixo narrativo que figura nos primeiros blocos do programa é o das informações sobre eventos e feiras realizadas no país, assim como alguns dados ligados ao preço dos produtos agropecuários e novidades na configuração econômica e social do rural no Brasil. São informações que ocupam um espaço fixo e geralmente são acompanhadas de comentários “especializados”. Em 2007 assisti a explanação de Fernando de Melo (economista e professor da Universidade de São Paulo) sobre a “super safra” no Brasil. Tratava-se de um breve quadro, logo após a apresentação dos preços da arroba do boi e dos demais índices de mercado, que abordava o levantamento do *IBGE* sobre o “recorde” na produção de grãos – que ultrapassaria os 130 milhões de toneladas. O comentário especializado deste economista se dava na intermediação da repórter que a todo instante lhe pedia para explicar o que tais números significariam para o agricultor comum; segundo o economista, tais dados indicavam que “o agricultor está de parabéns!”, pois “se comportou de modo mais racional”. A mudança no comportamento seria o resultado de vários fatores, entre eles o fato de que estes agricultores “perderam o medo dos créditos agrícolas” e “não diminuíram a demanda de fertilizantes mesmo com uma área [de produção de grãos] menor do que em 2007”. Este é apenas um dos muitos exemplos em que a tônica do *Globo Rural*, mesmo quando sua atenção recai sobre os “pequenos produtores”, está na ênfase da “maior” produtividade e sua inserção no mercado – muitas vezes tratada como uma agricultura (e um estilo de vida) “mais racional”.

Seja através do estímulo ao empreendedorismo ou na promoção e difusão das tecnologias da agricultura (difundidas, sobretudo, como implementos agrícolas)⁸⁸, o olhar do *Globo Rural* parece contemplar quase exclusivamente a modernização cultural do campo. Isto é visível na construção dicotômica de um “rural tradicional” em oposição a um rural em

⁸⁸ Patrícia Kolling (2006), em dissertação de mestrado do programa de Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalha com a idéia de que o *Globo Rural* incentiva e, em certa medida, legitima a utilização de fungicidas e fertilizantes.

franco processo de modernização. Um processo que envolve todos os elementos que constituem programa, presente inclusive no “ingênuo” quadro dedicado à culinária. O quadro das “receitas” certamente é uma das seções mais importantes deste programa uma vez que garante parte significativa de sua audiência – “é um dos atrativos do jornal”, como afirmou um editor da RPC em Curitiba. Planejado para ser consumido tanto por audiências urbanas como rurais, a “seção de receitas” do *Globo Rural* mescla elementos folclóricos de uma “culinária camponesa” com as modernas técnicas da publicidade televisiva em uma tentativa de diferenciar-se dos demais programas de culinária da televisão (GONÇALVES, 2005). Através de imperativos como “saiba”, “anote” ou “aprenda”, o telejornal traz pratos das mais diversas regiões do interior do país que são exotizados em nomes de ingredientes ou receitas (“maracujá do mato”, “lingüiça de bode”, “mipeva”). Em cenários rústicos o apelo às “tradições” gastronômicas do campo reúne elementos excêntricos e não convencionais de um rural tipificado e “bem apresentado” – “daqueles que a gente nunca vai conseguir fazer”, como disse uma agricultora entrevistada. O fogão à lenha, o “velho caderno de receitas” e a “gente simples do interior” adquirem uma apresentação visualmente adequada aos formatos do telejornal, promovendo representações do campo e suas “tradições” culinárias que se tornam “atrativas” dentro dos modernos formatos (imagens) do *Globo Rural*.

Partindo deste eixo narrativo – que se inicia nos comentários e análises sobre os “principais” acontecimentos noticiados, passando pelo bloco das “cartas” e “notícias da semana”, chegando à seção das “receitas” típicas – o restante do programa de domingo é dedicado a reportagens que abordam variadas temáticas relacionadas com o meio rural no Brasil e no mundo. Além de sua “longa duração” no interior da *Rede Globo*, a principal diferença do *Globo Rural* semanal para com o *Globo Rural diário* é sua pretensão em abordar a realidade rural como um todo. Como me informou uma editora chefe do *Globo Rural*, o programa de domingo tem “matérias de fôlego que tratam de assuntos variados com um tempo que vai de cinco minutos até o programa inteiro, dependendo do assunto e da importância dele”. Em algumas edições são veiculadas matérias especiais que podem durar até vinte minutos da programação e chegam a ocupar dois blocos. Trata-se de um gênero televisivo, o telejornalismo⁸⁹, que é hibridado em distintas estratégias de interação com o público, forjando um modelo “misto” de telejornalismo, que agrega certo grau de entretenimento e descontração aos formatos “sérios” dos demais telejornais da emissora.

⁸⁹ O telejornalismo é tratado como um “gênero” televisivo em Arlindo Machado (2000) justamente por reservar especificidades discursivas que o distanciam de outros formatos de jornalismo e ainda sim conferem certa unidade que permitem seu reconhecimento no interior do universo televisivo.

Desse modo, o *Globo Rural* em sua edição semanal é uma tentativa de abordar o universo rural em sua complexidade (talvez “a mais bem sucedida” do ponto de vista dos índices de audiência) – como me informou um editor do *Globo Rural* no Rio de Janeiro, este “é um jornal que fala da diversidade do campo em todos os seus elementos: a cultura, a política, a economia e a sociedade”.

As estratégias de domingo impõe certo caráter às matérias do *Globo Rural*: de um lado, são notícias que apresentam uma paisagem rural (“um retrato do Brasil”) cindida entre o “bucólico” e o “tecnológico”; de outro, caracterizam seus principais sujeitos sociais (“homens do campo”) a partir de perspectivas que os posicionam entre a “tradição” e a “modernização” da cultura nacional. Presença constante em grande número das reportagens de domingo, a figura do agricultor serviu para retratar este homem do campo nas inúmeras reportagens que acompanhei durante esta pesquisa; apresentada quase sempre de forma genérica, a identidade agrícola é caracterizada a partir da desproporção econômica de uma agricultura de subsistência e uma agricultura voltada para o agronegócio. Embora esta oposição possa não estar (sempre) colocada diretamente no curso de uma reportagem qualquer, é o modo pelo qual se noticia as diferentes “faces” do rural brasileiro que marca tal tônica nas reportagens. Por um lado, é a ampla exposição de agricultores “bem trajados” (quase num estilo country), “falando com propriedade” sobre sua visão comercial e seu empreendedorismo, que configura o cenário de inovações e modernas tecnologias de um rural modernizado. Por outro, é o agricultor simples (geralmente vestindo chinelo de dedo, camiseta e boné) e seu linguajar “acrático” que constroem certa imagem de submissão do rural “tradicional” em relação ao repórter ou especialista presente na cena, que tem inclusive liberdade para “manobrar” a reportagem a partir das perspectivas do programa⁹⁰. Enquanto o predomínio de “médios” e “grandes” produtores ajuda a caracterizar um rural inserido no agronegócio e na modernização do campo, o resgate do “pequeno” camponês (colono ou caipira) retrata uma paisagem bucólica e provinciana⁹¹.

No dia primeiro de janeiro de 2006 acompanhei em Dois Vizinhos uma retrospectiva dos “principais” acontecimentos noticiados pelo *Globo Rural* em 2005. Tratou-se de um balanço, aparentemente difuso e superficial, que teve o objetivo de traçar um panorama do

⁹⁰ Segundo Barthes (1998:91), a linguagem popular, tida como “errada”, frequentemente assume o papel de um discurso “acrático”, ou seja, retirada de um determinado campo de poder e convencimento – no caso o campo do telejornalismo.

⁹¹ Estas noções de “pequeno”, “médio” e “grande” produtor são amplamente utilizadas pelos profissionais do *Globo Rural*, “dentro” e “fora” das reportagens, e refletem uma leitura da agricultura que enfatiza a quantidade (extensão) e lucratividade da produção agrícola.

rural brasileiro retratando os acontecimentos que marcaram 2005 do ponto de vista deste telejornal. A reportagem foi narrada sob dois eixos que, aliás, retratam o próprio olhar do *Globo Rural* de domingo sobre a paisagem dos interiores do país: a procura pelo espetacular (sensacional ou exótico) e a ênfase no mercado e na produtividade. Iniciando com a seca no Sul do Brasil, o realce foi dado à queda da safra e os baixos preços que a soja, o milho, o arroz e o algodão registraram (“a pior safra de soja dos últimos 30 anos”), gerando um descontentamento “generalizado” com as políticas agrícolas do governo que culminaram no “tratoração de Brasília”. No nordeste “os problemas com o clima irregular” também mereceram atenção (“o sertanejo viu o gado morrer de sede e de fome”), bem como o lançamento oficial do plano de safra da agricultura familiar (com a “liberação de 9 bilhões para o *PRONAF*”). No Norte a ênfase esteve no desmatamento na Amazônia, que provocou “a maior seca dos últimos 100 anos”, e no assassinato da missionária Dorothy Stang no Pará, “um conflito que virou tragédia”. Na região central do país foi lembrado o caso do ambientalista que ateou “fogo no próprio corpo durante um protesto contra a instalação de usinas de cana-de-açúcar e álcool perto do Pantanal”. O rio São Francisco “também gerou debates” que culminaram na greve de fome do bispo Luiz Cappio contra o projeto federal de transposição – “o projeto foi suspenso para reavaliação, mas o ministro Ciro Gomes reafirmou a disposição do governo de tocar a obra e prometeu revitalizar o rio”.

Os acontecimentos animadores ficaram por conta do agronegócio, com os combustíveis ecológicos que “ganharam terreno” com o biodiesel (que “finalmente saiu do papel e a previsão para 2006 é animadora”) e a cana-de-açúcar, “que apresentou os melhores resultados em 2005” (“o governo promete investir 6 bilhões nos próximos cinco anos”). Para fechar o balanço de 2005, o *Globo Rural* entrevistou o então ministro da Agricultura Roberto Rodrigues em sua fazenda. O ministro se mostrou “preocupado com a perda de renda dos agricultores e admitiu problemas na comercialização” e “admitiu a falta de recursos” para combater a aftosa, mas afirmou que “mesmo com todas as dificuldades as previsões para 2006 são boas”.

Essa retrospectiva do ano de 2005 certamente remonta um “olhar” sobre o rural que está voltado para o agronegócio. Paralelamente a construção caricata do rural “tradicional”, que sofre com a seca, com o clima irregular e com os conflitos no campo, há um país que se “transforma” e “prospera”; por isso mesmo, apesar de dirigir-se também aos “pequenos”, o *Globo Rural* de domingo opera por meio de uma representação do meio rural em vias de

modernização. Um movimento que caminha do bucólico ao agronegócio, do atraso ao tecnológico, do tradicional ao moderno, do rural ao urbano, da subsistência à exportação – e não o contrário. É nesta direção que o *Globo Rural* parece estar ajudando “a formar, a cada domingo, um retrato do Brasil”.

5. O MUNDO “IRREAL” DO RURAL TELEVISIVO

Não passa de um preconceito moral que a verdade tenha mais valor do que a aparência (...) não existiria nenhuma vida, senão com base em avaliações e aparências perspectivas;
Friedrich Nietzsche, aforismo 41,
Além do bem e do Mal, 1886.

Os modos pelos quais as pessoas constituem sua realidade não são problemas usualmente enfrentados pelos textos e narrativas que abordam o rural e a agricultura familiar

– exceto, é claro, quando escorregamos para o campo da literatura. O tema da recepção e das transformações nas identidades sociais, contudo, impõe ao trabalho de pesquisa a questão das representações sociais, ou melhor, das possibilidades dos indivíduos ou grupos sociais se representarem e serem representados. O trabalho no roçado, o cultivo de soja, fumo ou milho, o manejo com os animais, a granja, o chiqueirão e o estábulo, o chimarrão do final do dia, o café com leite da manhã, o céu estrelado do “interior”; quem nunca viu imagem semelhante? Diante destas cenas, frequentemente se acusa aos olhos, ouvidos e narizes a difícil tarefa de separar o verdadeiro do falso, o real do imaginário, a essência das aparências, as luzes do que é só sombra – e há quem diga que se acusa mais aos olhos do que qualquer outro sentido! Há mais de um século, entretanto, o perspectivismo nietzscheano tem alertado para a necessidade de se realizar uma crítica radical nesta construção moderna da representação do conhecimento e da própria realidade enquanto valor moral de uma verdade fixa (imóvel). Para Nietzsche, o valor que o ocidente teria atribuído à verdade sustentou e ainda sustenta concepções de mundo vinculadas a “certezas imediatas” (o “eu penso”, “eu quero”) que produzem uma “absurda” impressão de que o conhecimento pode apreender o objeto puro (o “conhecimento absoluto”, “coisa-em-si”), ou pelo menos pressupô-lo como uma crença racional. Portanto, descobrimos com este autor que não existem essências por detrás das coisas, apenas interpretações de valores (verdades) que nunca apresentam uma forma fixa, pois estão sempre se constituindo no jogo de forças das perspectivas.

A questão (moderna) da representação encerra, conforme Nietzsche, um problema de interpretação, uma perspectiva falha, pois “representar” pressuporia reproduzir uma presença, ou seja, tornar presente algo que já se encontra ausente – algo em si contraditório para o autor. Por isso, ao figurar como símbolo de uma presença (como substituto, simulação), a representação representa o que ela não é – já que não representamos aquilo que está presente, mas apenas o ausente; isto remete a uma concepção de que a coisa representada guarda características (absolutas e essências) que não podem ser reproduzidas (sua unicidade). Contudo, como observa este autor, antes mesmo de se tornar um pressuposto racional (científico), “não passa de um preconceito moral que a verdade tenha mais valor do que a aparência” (NIETZSCHE, 2003: 41). Para ele seria fundamental perceber como este mundo “dicotômico” das verdades e aparências é constituído por valores morais que operam por avaliações (interpretações), ou melhor, por “vontades de poder”. Estas avaliações perspectivas, que são desdobramentos dos valores, também produzem novos valores, configurando um cenário de interpretações como aparências. Nesta “genealogia da moral”,

como já observou Gilles Deleuze, onde as interpretações são geradas a partir de valores, mas os próprios valores são gerados também a partir das interpretações, as aparências surgem como condição e possibilidade do conhecimento, pois ao fazer-se, o valor (a verdade ou o parâmetro de verdade que se busca) está gerando novas concepções (perspectivas) sobre si mesmo⁹². Portanto, ao configurar as interpretações como aparências, Nietzsche sugere que a realidade se constitui em “graus de aparência, como que sombras e tonalidades do aparente” (2003: 41). É a partir desta desconstrução de uma concepção fixa ou absoluta da realidade que pretendo introduzir a questão da televisão e das transformações na identidade.

Os modos pelo quais as pessoas assimilam as mensagens da televisão, isto é, o papel e o lugar da televisão na maneira como interpretamos nossa realidade, é a questão que tem percorrido este trabalho e orientado minhas reflexões. Nos capítulos anteriores trabalhei com os formatos (discursos) do telejornalismo rural, em particular o *Globo Rural*, para apresentar um conjunto de representações que ali circulam – valores morais como aprendemos com Nietzsche – sobre a agricultura, o campo e dos próprios homens e mulheres que o habitam. Neste capítulo, todavia, percorro o caminho inverso – dos meios às mediações – para discutir os modos de apropriação destas mensagens em Dois Vizinhos, privilegiando a dimensão da identidade como articuladora de saberes, práticas e sociabilidades locais. Compreender tais articulações entre a produção das notícias (mensagens) e a recepção delas significa atentar para a existência de distintas interpretações sobre a vida rural e, portanto, distintas ruralidades. A existência de tais “realidades rurais” – realidades que não são suplantadas ou substituídas por completo, mas que disputam sua coexistência enquanto “tonalidades do aparente” – reflete o jogo de forças de múltiplos valores e reforça a pluralidade das identidades (aparências perspectivas), que se sobrepõem umas às outras, superando-se e assim se realizando.

Com efeito, as identidades sociais (também valores) não constituem formas fixas de representação, não identificam diretamente o real, elas nem mesmo se pretendem reais; tratam-se antes de interpretações (valores) em constante disputa e em transformação – nesse sentido, também constituem “graus de aparência”. O discurso do telejornalismo, que frequentemente reproduz uma concepção estereotipada do campo e do camponês como o

⁹² Conforme Gilles Deleuze, “a noção de valor implica em uma inversão crítica. Por um lado os valores aparecem, ou se dão, como princípios: uma avaliação supõe valores a partir dos quais aprecia os fenômenos. Porém, por outro lado e mais profundamente, são os valores que supõem avaliações, ‘pontos de vista de apreciação’ dos quais deriva seu próprio valor. O problema crítico é o valor dos valores, a avaliação da qual procede o valor deles, portanto, o problema de sua criação. (...) As avaliações (...), não são valores, mas maneiras de ser, modos de existência daqueles que julgam e avaliam, servindo precisamente de princípios para os valores em relação aos quais eles julgam.” (DELEUZE, 1976: 01).

“outro” (bucólico ou atrasado) da cidade e do urbano, muitas vezes acaba deslocando as diferenças, especificidades e complexidades do rural, procurando “impor” uma representação fixa das pessoas e relações que o constituem. Como veremos a seguir, a vida rural, por outro lado, revela uma dinâmica societária que produz novas escalas de representação, servindo inclusive de reação às tentativas de homogeneização – isto já ocorre mesmo dentro da televisão. Trata-se de núcleos identitários que resistem estrategicamente às leituras radicais e simplistas do mundo promovendo a reinvenção de suas tradições, ampliando, desse modo, o potencial semântico do campo e da vida rural e suscitando concepções mais dinâmicas da agricultura e da família⁹³.

5.1. DOIS VIZINHOS E A REINVENÇÃO DO ESPAÇO RURAL

Em meados de 2005, quando iniciei esta pesquisa, Dois Vizinhos figurava nos índices do *IBGE* como um município com 32.492 habitantes, diferentemente da década de oitenta, quando atingiu seu ápice populacional com 42.536 pessoas. Paradoxalmente, para quem traz gravado na memória essa época, tudo parece hoje bem “maior” do que antigamente. Lembrome, inclusive, de uma senhora que sempre me dizia se sentir em uma “cidade grande” porque seus vizinhos mudavam tanto que já não tinha nem tempo de chegar a conhecê-los como gostaria. É claro que este “maior” remete a um imaginário que enaltece o desenvolvimento, a novidade e o moderno, e tende a “diminuir” o costume, o cotidiano e o popular, mas quer dizer outras coisas também. Enquanto a população se espalhava pelo território nos anos oitenta – 30.234 pessoas residindo na chamada “área rural” e 12.302 na “área urbana” –, nesta última década a situação se inverte, é a “cidade” que passa a abrigar a grande maioria da população do município – 22.382 pessoas, enquanto apenas 9.604 vivem no “campo”⁹⁴. Este

⁹³ Entendendo que tal reinvenção das tradições remete a uma busca de “essências”, e esta também é uma forma de fixação da verdade, portanto, também um modo de fundamentalismo. Cabe lembrar que é na articulação destas resistências (identitárias) locais como modelos mais universais de identificação que reside o ponto nodal da contemporânea questão das identidades sociais.

⁹⁴ Evidentemente é importante salientar que as pesquisas do *IBGE* são orientadas por lógicas que tendem a dicotomizar rural e urbano, campo e cidade, não podendo ser consideradas balizas acabadas para investigação dos diferentes espaços sociais que configuram nosso território nacional. Discutir estes espaços a partir de representações dicotômicas tende a simplificar contextos e processos complexos em curso na maioria das “pequenas cidades” do país. Dois vizinhos não foge a essa regra. Mesmo sendo considerada um município com sede “urbana” no Estado do Paraná, com seus 32.492 habitantes, é perceptível que a simples oposição entre uma área urbana e outra rural encobre processos econômicos, sociais e políticos mais complexos que constituem as relações sociais na região.

cenário quantitativo nos coloca diante de processos sociais que durante cerca de duas décadas marcam tanto os fluxos migratórios na região, assim como o estabelecimento das próprias representações locais sobre o que é percebido como campo ou cidade.

À primeira vista, estes índices do *IBGE* apenas indicam um processo de intenso esvaziamento do rural, o que de fato ocorreu em quase toda a região do Sudoeste do Paraná. Contudo, com um olhar mais atento é possível perceber que, ao lado da migração de inúmeros colonos para “fora” deste território (cerca de dez mil somente em Dois Vizinhos), o município tem convivido, há mais de duas décadas, com um concomitante movimento de “urbanização” de todo um território que antes era visto e percebido apenas como “rural”. Embora esta oposição rural/urbano simplifique demasiadamente a realidade duovizinhense e encubra relações simbólicas de poder que desde muito configuram um imaginário mitificado das pessoas e dos espaços em nosso país, é interessante retomá-la na medida em que é constantemente reproduzida pelos atores locais e constitui aspecto relevante na construção social da noção de agricultura na região. Ao passo que o discurso da urbanização do campo desconsidera a complexidade das relações sociais e o alcance dessas sociabilidades, também é importante reconhecer nele e em seus interlocutores todo um universo de práticas e representações sociais que permitem identificar estruturas de poder alojadas em muitos discursos acerca do campo e da cidade. Em Dois Vizinhos a idéia de urbanizar coincide com a de modernizar; e modernizar no “interior” significa levar tecnologia ao agricultor. Foi isso que a *Sadia* (ainda considerada a “maior” empresa da região) fez na década de oitenta, ou pelo menos é assim que pensam muitos dos técnicos agrícolas e agricultores da região. De qualquer modo, é curioso notar como esta urbanização parece mais com um movimento que vai da roça à cidade do que o contrário. Como me disse um comerciante local: “quando a cidade está bem é porque o campo também vai bem”. Muito a contragosto dos técnicos e gestores públicos de Dois Vizinhos, é claro, hoje já se admite que todo o processo de urbanização planejada, realizado durante a década de noventa, significou menos a transformação (modernização, como se costuma chamar) de práticas, valores, representações e modos de vida, do que o simples planejamento e redemarcação das propriedades. Nesse sentido, trata-se antes de um processo técnico do que uma modificação no modo como as pessoas produzem sua existência e percebem o espaço em que vivem. Aliás, já é por demais conhecido o esforço do economista José Eli da Veiga em demonstrar como “o Brasil é menos urbano do que se imagina”. As ditas “cidades” seriam antes um recorte arbitrário pelo qual analistas e gestores públicos constroem representações (valores) do campo e da cidade a partir

de lógicas técnicas e interesses políticos e econômicos. Desse modo, o autor procura alertar para a importância de um “mundo” rural que não aparece nos dados oficiais elaborados pelas políticas públicas do país. Um rural que surge a partir das relações e identidades sociais (perspectivas) centradas na família e no trabalho familiar como meio de reprodução da vida no campo (WANDERLEY, 1997, 1999, 2001; VEIGA, 2002).

Romper com estas tradicionais oposições e idealizar um projeto de desenvolvimento comum para o campo e para a cidade não é um intento exatamente novo no Brasil. Na verdade, está proposta fora esboçada inclusive por Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala* (1931), como um modo de reabilitação dos valores rurais em nossa modernização⁹⁵. Tal noção de desenvolvimento “rurbano”, que legitimou a formulação de certas concepções de “reforma agrária ampliada” de Caio Prado a Ignácio Rangel, têm inspirado pesquisas sobre o que há algum tempo vêm sendo chamado de “novo mundo rural”⁹⁶. Uma proposta que reúne tentativas de redimensionar o mundo rural, percebido como cada vez “menos” agrícola, valorizando as potencialidades da agricultura familiar como estratégia de desenvolvimento regional orientada à desconcentração da base produtiva e à dinamização da vida econômica, social, política e cultural dos “espaços rurais”⁹⁷. Contudo, a idéia de um “novo rural”, ao modelo de outros países “mais desenvolvidos”, na medida em que sugere certa rurbanização dos espaços rurais do país a partir da redução da atividade propriamente agrícola, acaba por atribuir um sentido determinado ao processo de desenvolvimento: o de que o rural (seja ele tradicional ou não) está acabando e que a modernização dos espaços rurais deve caminhar na “máxima” diminuição da atividade agrícola.

⁹⁵ A este respeito ver o artigo de Raimundo SANTOS (2006), ou mesmo os trabalhos mais recentes do próprio Gilberto FREYRE (1982) que enfatizam a necessidade de se construir “políticas sociais rurbanas” que dêem conta das relações “intraculturais” entre campo e cidade.

⁹⁶ Vale mencionar uma conhecida passagem de HOBBSAWN a propósito das transformações ocorridas no mundo rural na segunda metade do século XX: “a mudança social mais impressionante e de mais longo alcance da segunda metade deste século, e que nos isola para sempre do mundo do passado é a morte do campesinato” (1995:284). Uma outra referência importante sobre o “novo rural brasileiro”, de José Graziano da Silva, autor que lidera uma pesquisa chamada “Projeto Rurbano”, passagem na qual ele afirma: “mas o nosso mundo rural já não é mais só agricultura e pecuária, à semelhança do que ocorre em outras partes do mundo desenvolvido, em especial na Europa. Segundo o PNAD de 1990, de cada três pessoas que residiam no meio rural brasileiro duas estavam ocupadas com atividades agrícolas e uma outra em outras atividades, com destaque para prestação de serviços não-agrícolas, indústria de transformação, comércio e construção civil, evidenciando o que chamei de urbanização do meio rural brasileiro no início dos anos 80” (SILVA, 1998: 82-83). E mais, “vale a destacar ainda que, de acordo com as PNADs de 1981 e 1990, a taxa de crescimento das pessoas residentes no meio rural ocupadas em atividades agropecuárias cresceu a 0,7% a.a., enquanto a das pessoas residentes no meio rural ocupadas em atividades não-agrícolas cresceu a 5,9%” (1998:83).

⁹⁷ Durante o Governo Fernando Henrique Cardoso e mesmo hoje no Governo Lula o projeto rurbano tem servido de baliza para sustentar discursos políticos de esquerda numa tentativa de redimensionar a reforma agrária numa combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas. A esse respeito vale a pena consultar um texto oficial do INCRA (1999), intitulado: “Agricultura familiar, reforma agrária e desenvolvimento rural para um novo rural”.

Ora, o município de Dois Vizinhos abriga espaços sociais, muitas vezes entendidos como “rurais” ou “de interior”, que certamente tem se transformado no decorrer das últimas duas décadas; contudo, tais transformações indicam antes um processo de ressignificação do espaço social local do que propriamente uma rurbanização. Embora a atividade agrícola local tenha reduzido em quantidade de mão-de-obra e no número de pessoas a ela ligadas, parece problemático definir o “mundo rural” a partir de noções exclusivamente econômicas que enfatizem unicamente as atividades produtivas destes agricultores. O rural em Dois Vizinhos não se define unicamente pela produção, antes se trata de um mundo de valores (representações), práticas e saberes que constituem a vida local e estão enraizados no cotidiano destas pessoas. São construções simbólicas, produzidas e reproduzidas aos olhos destes agricultores, que configuram certa identidade (perspectiva) “rural”, ou “de interior”, que extrapola a identidade produtiva. Portanto, mesmo em meio a pluriatividade e a multifuncionalidade, a agricultura ainda existe enquanto ideal na região, ou melhor, pode ser compreendida como parte daquilo que Maria de Nazareth Wanderley identifica como um processo de resgate das relações e valores sociais que ajudam a (re)construir o rural a partir de suas especificidades⁹⁸. Trata-se de projetos de vida cuja identidade e a sociabilidade configuram lógicas que convivem e são constantemente ressignificadas à luz de novas práticas e contextos sociais.

A literatura recente das ruralidades no Brasil tem apontado para a reconstrução e ressignificação do rural a partir dos seus múltiplos espaços locais de vida e trabalho⁹⁹. Verdadeiros “locais da cultura” (para utilizar a feliz expressão de Homin BhaBha) que configuram perspectivas específicas de pertencimento e reconhecimento (identidade) a partir de seus principais protagonistas: os agricultores. São eles que movimentam estratégias de sobrevivência e permanência no campo, significando saberes, práticas, representações e sociabilidades, que fazem do campo um espaço de trocas e vivências culturais extremamente dinâmico¹⁰⁰. Isto me parece evidente, ao menos em Dois Vizinhos, onde o espaço local abriga famílias de agricultores crescentemente pluriativos, que trabalham em uma agricultura cada vez mais multifuncional, mas que mesmo assim não abdicam de seus vínculos (identidades) com a agricultura e com o próprio rural – afinal, como me disse Seu Cleison: “a gente [agricultores da região] não quer trabalhar em outra coisa, é isso que sabemos fazer”. Desse

⁹⁸ Conforme Wanderley (1996:3), a agricultura familiar “é um conceito genérico que busca compreender as distintas formas de organização assumidas na produção rural que tem a família como proprietária dos meios de produção e ao mesmo tempo assume o trabalho no estabelecimento produtivo” (1996:3).

⁹⁹ Para mencionar apenas algumas referências relevantes para este trabalho, ver: (BRANDEMBURG, 1999; FERREIRA, 2002; LAMARCHE, 1993; WANDERLEY, 1997, 2000).

¹⁰⁰ Sobre tais estratégias, ver: (FERREIRA 2001; FERREIRA, SILVA e ANTUNIASI, 1999).

modo, parece necessário ressaltar que apesar da definição administrativa do rural como tudo aquilo que não é uma aglomeração dotada de alguns serviços, como já observou Eli da Veiga (2002), e dos próprios critérios que definem os dados censitários e informam a diminuição dos rurais brasileiros, os contextos locais de vida em Dois Vizinhos apresentam ruralidades reconstruídas à luz de práticas, saberes e identidades sociais que configuram estratégias culturais híbridas (ressignificadas) de produção e reprodução da vida no campo. Portanto, trata-se de um rural que se define não apenas pela agricultura, mas também pelos agricultores.

Pude observar claramente este processo conversando com Emanuel, antigo morador do novo bairro *Extensão Urbana*. Fui informado que toda a extensão da área hoje demarcada como urbana antes pertencera a quatro ou cinco famílias que trabalhavam como “colonos”. Com a valorização das terras nos últimos dez anos todas as outras famílias foram vendendo suas propriedades e migrando para o “interior”. A família de Emanuel vendeu apenas parte da propriedade, o restante ele herdou e dividiu com o irmão – hoje falecido. No entanto, foi curioso perceber que Seu Emanuel continua morando no bairro, em um terreno considerável em comparação com os outros ao seu redor, e permanece cultivando uma parte considerável daquilo que consome em uma área atrás de sua casa. Conversando com ele percebi que todas as verduras e frutas consumidas, bem como seus derivados, como sucos, doces e bolos, são produzidos no terreno. Lá ele tem uma grande horta com um pomar e um parreiral ao fundo onde passa a maior parte do dia. O “pouco” que sobra de sua produção ainda vende a “mercadinhos” locais e compra principalmente salame e queijo, “sempre da região”. Tirando o imposto (IPTU), que leva quase toda sua aposentadoria, Emanuel diz ter uma vida “típica de interior”.

Embora a experiência de Seu Emanuel – em sua propriedade rurbana (sic.) – possa ser tomada como exceção em Dois Vizinhos, ou pelo menos como estilo de vida que está sendo suplantado pelo desenvolvimento ou pela carência dos “novos” moradores da região, vale a pena resgatar alguns elementos “pouco” visíveis sob a ótica da produção, mas decisivos na configuração deste estilo de vida. Se pensarmos exclusivamente a partir das “unidades de produção”¹⁰¹, dificilmente seria possível admitir que este aposentado que hoje se dedica à terra leve uma vida “típica” de um agricultor familiar. Por outro lado, quando partimos dos dispositivos simbólicos, que conformam sua sociabilidade e as próprias relações de saber e poder em que está inserido, desvela-se um estilo de vida repleto de lógicas e práticas que

¹⁰¹ A noção de unidades de produção foi inicialmente formulada por Alexander Chayanov, ao estudar as unidades camponesas na antiga União Soviética, como tentativa de trabalhar com lógicas de produção diversas da capitalista (que visaria exclusivamente o lucro), onde o grau de auto-exploração é determinado por “um peculiar equilíbrio entre a satisfação da demanda familiar e própria penosidade do trabalho” (1981:138).

constituem algumas das próprias representações sociais acerca da agricultura familiar na região¹⁰².

Para isto basta retomar o exemplo das “negociatas” de Seu Emanuel com os mercados locais; aqui é interessante notar como elas são orientadas por lógicas de vizinhança e amizade. Trata-se de uma venda consignada, em que os donos de “mercadinhos” locais forneciam um espaço para que ele oferecesse seus produtos (frutas e verduras em geral) e os vendiam “quase sem lucro”. Mas segundo ele, isso não ocorre com outros moradores, negociavam desse modo por que já conheciam Seu Emanuel e sabiam da “qualidade do produto”. Quando conversei com o proprietário de um mercado, que se localizava no mesmo bairro a duas quadras do terreno de Emanuel, não foi o mesmo que ouvi: “na verdade sempre recebemos os produtos de pequenos porque os fregueses gostam”, me informou o sujeito. De qualquer forma, tal relação denota uma sociabilidade de bairro, nada, ou quase nada impessoal, que orienta as lógicas comerciais por relações de vizinhança. Tais lógicas são regidas por racionalidades que divergem da racionalidade capitalista, pelo menos da que eu estava acostumado na capital, e compõem o projeto comercial tanto do produtor quanto do grupo social envolvido. Afinal, a produção de Seu Emanuel não é feita com base em cálculo de lucratividade, não há um projeto de crescimento, ele não quer e nem pensa em expandir.

No caso de Emanuel e inúmeros outros moradores dos bairros de Dois Vizinhos, a sede central do município, considerada urbana, parece continuar abrigando famílias que vivem e se reproduzem a partir de atividades ligadas essencialmente à terra¹⁰³. Mais do que isso, para onde quer que se vá, a “cidade” transpira “roça”. Um imaginário que constrói uma representação da vida local como uma vida “típica de interior”, tradicional ou atrasada, em oposição a outros centros do Estado – como Pato Branco, Cascavel ou mesmo Curitiba – considerados modernos. Esse é o discurso comum que se escuta da boca não apenas de agricultores, mas é também reproduzido por outros agentes locais. O que pode explicar a admiração de alguns médicos com as unidades de saúde “mais desenvolvidas”; da fala de alguns políticos ao se referirem ao município como seu “curral eleitoral”; dos comerciantes locais entusiasmados com os “grandes” centros comerciais; ou mesmo de muitos adolescentes que idealizam uma vida “mais cheia de oportunidades” fora do interior. Tais construções

¹⁰² Desde as formulações de Kroeber (1948) e Readfield (1941) as relações entre as sociedades camponesas com o meio exterior que as envolve têm constituído o próprio conceito de campesinato. Trata-se do entendimento de que o campesinato só pode ser compreendido em um contexto de *part-culture* (para empregar uma expressão de Kroeber), ou seja, que não pode ser estudado unicamente a partir das relações internas que compõem estas comunidades, justamente porque elas possuem relações estruturais com a totalidade integrante.

¹⁰³ Como já formulou Maria de Nazareth B. Wanderley, são personagens sociais que “nunca entraram nas cidades apesar de terem saído do campo” (apud. FERREIRA, 2002: 39).

discursivas denotam que a vida local, apesar da urbanização, ou por conta mesmo dela, permanece reproduzindo certas identidades “rurais”, de “interior”, ou ainda de “cidade pequena”, à vida social do município. São representações sociais (valores) que, ao mesmo tempo, (re)configuram as construções simbólicas internas acerca do que é moderno (urbano) e tradicional (de interior) e, diversamente, conferem certa unidade exterior ao município, que se afigura, muitas vezes, na forma de “interior”. Trata-se de percepções ambivalentes do espaço social local que, além de dificultar a delimitação do campo (espaço) de investigação, acabam complexificando o próprio objeto desta pesquisa, ou seja, a percepção do que pode ser entendido como agricultura familiar.

Ao “aproximar” o olhar dos contextos locais em Dois Vizinhos, descobrindo continuidades e descontinuidades na configuração do rural e nos modos como as pessoas concebem seu espaço de vida, é possível perceber as ambigüidades inerentes à própria representação (interpretação) do campo como algo distanciado da cidade. Por um lado, são estereótipos (ora puro, ora ultrapassado) que reforçam o jogo simbólico dos poderes locais e colocam a cidade em toda uma série de possíveis relações com o campo sem jamais lhe tirar o relativo domínio; assim, descrevendo a “vida típica de interior” a partir de perspectivas de superioridade flexível do “urbano” sobre o “rural”. Por outro, são modos de produzir a vida que contradizem os saberes técnicos e administrativos que procuram representá-la, configurando o rural e a própria agricultura familiar a partir de relações que extrapolam os limites da propriedade rural ou mesmo a atividade agrícola – produzindo saberes, práticas e identidades híbridas. Portanto, se já não é mais possível estabelecer rigidamente a distância entre rural e urbano, também não se pode compreender a agricultura a partir de identidades fixas ou bem delineadas; antes se trata de perceber como os modos locais de produção da vida ativam estratégias identitárias na produção de sentido para a vida (projetos de vida).

5.2. TRADIÇÃO E MODERNIZAÇÃO: O LUGAR DO INTERIOR

Aqueles que nunca visitaram o Sudoeste do Paraná devem estranhar a freqüente referência ao “interior” como um modo de caracterizar a “vida tradicional” em oposição a uma idéia de “modernização”. É realmente curioso perceber a constante utilização local daquele termo para designar um espaço social de vida e a ampla variedade de sentidos e

significados que a ele podem ser atribuídos – ao menos essa foi a impressão que tive todas as vezes que estive nesta região. Evidentemente a idéia de interior é uma noção (valor) local e reforça um pensamento dualista que tende a opor campo e cidade do mesmo modo que separa o tradicional do moderno. Todavia, é importante frisar que esta idéia é cotidianamente alimentada por discursos técnicos e políticos, ou seja, por posições ideológicas, que remetem a outras escalas de valores acerca do que pode ou não ser entendido como rural e encontram na televisão (particularmente no telejornalismo rural) um “poderoso” instrumento para sua legitimação. Mesmo sabendo que não é possível supor uma idéia de tradição “fora” da modernidade – afinal, é a própria modernidade que a descreve – e que as oposições simbólicas entre campo e cidade são sempre construções perspectivas, reproduzindo relações de saberes e poderes já arraigadas em nosso imaginário social, a noção de interior ativa posições e posicionamentos acerca da vida local, configurando um espaço simbólico de disputas por interesses sociais, econômicos e políticos. Portanto, o resgate destas interpretações locais acerca do rural e do urbano não tem a pretensão de reafirmá-las; antes, trata-se de compreender a partir delas as complexas relações de saberes e poderes que constituem este espaço de vida e, em certa medida, conformam o universo da agricultura familiar de Dois Vizinhos.

Um emprego muito bem acabado para o termo interior ouvi durante uma missa realizada na sede da Santa Bárbara em 2006. Após o pronunciamento de algumas passagens bíblicas para enfatizar ressurreição de Cristo e a passagem para uma “nova vida” na celebração da Páscoa, o padre iniciou nova fala afirmando que “todos devemos seguir o exemplo da vida no interior e reaprender a viver em comunidade, respeitar a família, ser solidário com os outros. (...) devemos aproveitar a ocasião para relevar as brigas, deixar de lado a inveja, as intrigas, e lembrar que somos todos irmãos”. No mesmo dia, quando retornei para a cidade, a primeira coisa que me perguntaram foi: “então, como foi no interior?”; respondi dizendo que voltei pensando que “o interior” era mais adiante. A concepção fixa de interior de fato eclodiu durante a pesquisa em diversas tonalidades de interiores que remetiam a distintas percepções (valorações) sobre a vida local deste território. Durante esta missa me dei conta de que tais concepções de interiores frequentemente remetiam à compreensão tipificada da vida rural como uma vida “pacata”, abrigando um universo de relações pacíficas. Ora, o que diz o *Globo Rural* quando fala da vida no campo (interior), senão de harmonia e unidade, ao menos familiar; o que movimenta o turismo rural, senão uma representação estereotipada de tranquilidade? Conflitos e violências no campo são temas frequentes sim na

agenda da mídia, mas apenas conflitos por terra – este não é o caso de Dois Vizinhos. Por isso, ao se deparar com um universo violento de disputas e conflitos (muitos dos quais não declarados¹⁰⁴), não é estranho, como poderia supor um morador da “cidade”, que muitos dos agricultores das comunidades da região não se sintam “tão no interior”; diversamente que se reconheçam como parte de um “outro” rural, mais dinâmico, mais próximo do “moderno”, e por isso mesmo menos “tradicional”. A idéia de comunidade, reforçada pela própria estrutura administrativa do município que separa a sede urbana das diversas “comunidades rurais” (mesmo que algumas delas quase “invadam” a cidade), se desfaz assim que aproximamos mais das relações sociais locais; emergindo, desse modo, o interior como uma categoria relacional que descreve “o outro” da modernização local (também urbanização).

De fato, embora isso não excluísse o fato de que todos com quem conversei (nas comunidades ou na sede urbana) inicialmente se apresentassem como “pessoas do interior”, em referência direta a minha posição de “pesquisador da capital”, quando adquiri certa familiaridade como os moradores da região o “interior” foi sempre “jogado” para adiante – ou para trás, como talvez prefiram alguns. Portanto, a concepção relacional de interior passou a refletir mais do que uma simples oposição entre campo e cidade. Tratava-se de uma perspectiva sobre aquele território que opunha valores, hábitos, lógicas, saberes; quanto mais ao “interior” eu ia, mais ao “interior” me mandavam – mesmo que o interior, em boa parte dos casos, ficasse apenas na memória daquelas pessoas. Seu Airton e Dona Lurdes, um casal de agricultores familiares da região, disseram-me certa vez que sua família veio direto do “interior” de Santa Catarina há mais de vinte anos para se instalar na comunidade de Santa Bárbara, em Dois Vizinhos. Na perspectiva de Seu Airton, “naquele tempo o interior era bem diferente”, eles não tinham acesso à sede urbana e “tudo era mais longe, para chegar até cidade levava um dia inteiro, se chovia não dava nem para ir; a gente ficava isolado”. Hoje ele não se sente morando “tão no interior” porque tem mais acesso “às coisas da cidade”, embora, “quando chove ainda é difícil até sair de casa”, por isso ele pretende colocar cascalho na estrada que leva até seu vizinho. Dona Lurdes possui uma opinião diversa da de seu marido, embora enfatize coisas diferentes; como me disse, antes “era difícil educar as crianças”, mas mesmo assim quando moravam “mais no interior” (há mais de vinte anos) seus filhos tinham

¹⁰⁴ Poderia ser igualmente interessante examinar mais cuidadosamente a configuração dos conflitos cotidianos em Dois Vizinhos (familiares ou não) como uma dimensão que estrutura as próprias sociabilidades locais. Embora este seja um contexto muito diverso do estudado por Jhon Comerford (2003), a “socibilidade agonística” poderia servir de ferramenta privilegiada para a discussão das dinâmicas sociais neste território a partir da dimensão agonística.

uma “educação de respeito”; hoje, seus netos “nem sentam à mesa e não dão mais valor para família”, afirma ela, furiosa porque os adolescentes “só querem saber de ir para a cidade”¹⁰⁵.

Seja na ênfase das práticas ou hábitos cotidianos, como na fala de Seu Airton, ou no resgate de valores e lógicas familiares, como diz Dona Lurdes, a idéia de “viver no interior” comumente remete a uma oposição que extrapola a simples cisão local entre a “vida no interior” e as “coisas da cidade”. De fato, a referência ao interior ativa um sistema de representações bastante dinâmico que não pode ser apreendido por concepções “duras” (fixas) acerca das identidades sociais locais, pois remete a estratégias sociais de representação e legitimação dos saberes e poderes; ambigüidades que envolvem os modos de produção da vida (as técnicas de produção) e os modos de produção de sentido para vida (a identidade cultural) na prática diária no meio rural. Portanto, trata-se de uma perspectiva sobre seus próprios modos de vida (também os de seus vizinhos!) que tende a separar a “tradição” do que é “moderno”, ou seja, o passado do presente – mesmo quando o presente é ainda apenas uma promessa de futuro.

Seja como for, quero destacar que o termo “interior” sempre surgiu durante a pesquisa nas mais diversas falas para designar interpretações distintas acerca do que pode ou não ser compreendido como um “genuíno” modo de vida rural – embora saibamos que tais essências sempre reproduzam (representem) interpretações falseadas do rural. Tal diversidade, entretanto, tem revelado múltiplas tonalidades que compõem um grande mosaico de valores locais onde o interior é vivido e percebido como algo distante do urbano e separado do moderno. Perspectivas que transitam ora pelo desdém de uma idéia de interior isolado, atrasado, ultrapassado e prosaico, ora pela exaltação da imagem campestre (saudosista) de um rural bucólico, harmônico, fraterno e mais justo. Portanto, os diversos níveis de interior configuram mais do que a idealização (positiva ou negativa) de uma vida em comunidade, mais do que uma simples evocação do passado (para afirmá-lo ou rejeitá-lo); trata-se, antes, de uma referência a valores que configuram relações desiguais entre saberes e poderes. Produzindo, desse modo, estratégias identitárias diferenciadas que disputam legitimidade no jogo local das perspectivas em Dois Vizinhos, mas que também são diariamente alimentadas por discursos (também ideológicos) provenientes da sociedade que os envolve.

¹⁰⁵ Já é consenso nas Ciências Humanas que o resgate da memória nunca é uma evocação objetiva do passado, pois a memória sempre retém do passado somente o que está “vivo” ou o que é capaz de “viver na consciência” do grupo (familiar) que a mantém. Ao discutir a memória familiar na relação com as telenovelas, Jiani Bonin destaca as “marcas da memória” como elementos constitutivos dos saberes e sociabilidades familiares, inclusive nos processos de recepção; segundo ela, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e esse ponto de vista muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo e conforme as relações que mantém com outros meios sociais” (BONIN, 2003:3).

Ao longo desta pesquisa foi surpreendente observar como estas construções locais (interior, rural, urbano, tradicional ou moderno) circulavam também pelo universo da televisão. A configuração destas perspectivas acerca dos distintos modos de vida em Dois Vizinhos me foi apresentada cotidianamente na interface com os discursos e narrativas televisivas, que legitimavam inclusive a conformação dos saberes e identidades locais – os exemplos não faltam. Ainda em 2005 conversei longamente com Juliano, um jogador de futebol que retorna a Dois Vizinhos no verão para ajudar os pais, sobre sua carreira e os desafios de sua profissionalização no esporte. Juliano era um jogador de “pouca expressão” que estava em sua terceira temporada no futebol catarinense, como me disse – filho de agricultores familiares, sempre reclamava do salário e de trabalhar muito longe de casa. Naquela época, devido ao bom desempenho do *Dois Vizinhos Esporte Clube* na segunda divisão do campeonato paranaense, o rapaz parecia entusiasmado com uma proposta que havia recebido do clube da cidade; embora, achasse pouco provável que seu agente “acertasse” com o clube, aquela poderia ser uma oportunidade de jogar mais perto de casa. Segundo ele, para seu agente não era uma boa estratégia profissional atuar em um time do “interior” (pequeno) porque “ninguém vê você jogar”. Juliano parecia convencido disso, sobretudo porque constantemente me dizia que “os times do interior não aparecem na televisão, a não ser quando é pra falar mal dos salários ou das condições do clube”; ele mesmo tinha assistido várias reportagens no *Globo Esporte* sobre as péssimas condições do futebol no interior e todas mostravam como “os times menores [do interior] são mais atrasados”, ou seja, “não tem a estrutura moderna dos times grandes [das capitais]” – seu sonho era “jogar no Rio ou em São Paulo”. Por tudo isso Juliano concordava com seu agente em buscar contratos em “times de maior expressão” – mesmo ganhando o mesmo que ganhava quando estava na reserva do *Avai Futebol Clube* (um “clube grande” de Florianópolis).

Assim como Juliano, uma outra jovem de Dois Vizinhos chamada Anna também planejava uma vida “fora do interior”. A moça tinha dezesseis anos e trabalhava na loja do pai, onde semanalmente eu costumava comprar doces, queijos e erva para chimarrão. Ela adorava conversar sobre cinema, televisão e algumas reportagens que lia em revistas dirigidas ao público adolescente feminino (como *Capricho* e *Atrevida*); quando soube que eu estudava a televisão ficou toda curiosa em saber o que eu tinha a dizer sobre o assunto. Nunca disse muita coisa, ficava era escutando atentamente as longas narrativas que a menina me contava sobre os principais acontecimentos das novelas – sua favorita era *Celebridades*, transmitida

pela *Rede Globo* em horário nobre em 2005. Segundo ela, esta era uma novela “muito interessante” porque levava para Dois Vizinhos algo que eles não tinham: uma visão da vida nas “principais” cidades do país – recordo de como ela considerava São Paulo “uma cidade onde se pode fazer de tudo”, mas que se encantava mesmo com o Rio de Janeiro, onde “as praias e aqueles lugares [mostrados pelas novelas] tem um charme especial”. Anna dizia ter aprendido muito com *Celebridades* e costumava usar os enredos da narrativa para refletir sobre alguns assuntos relacionados a seu cotidiano em Dois Vizinhos e suas expectativas profissionais fora do município. Sua personagem predileta era *Maria Clara Diniz* (protagonizada por Malu Mader) por ser uma mulher “chique”, que “se impõe” em suas relações profissionais e amorosas; a garota estava terminando o ensino médio e pretendia continuar seus estudos em Francisco Beltrão, “uma cidade bem maior e com mais oportunidades” do que Dois Vizinhos, mas também pretendia “viver em uma cidade maior” porque os rapazes que conhecia eram “todos uns machistas” e ela sonhava com uma vida “diferente”. Anna é como outras e outros adolescentes de sua idade que vivem na sede urbana de Dois Vizinhos, as novelas cotidianamente os colocam em contato com uma gama de valores (como o de indivíduo moderno e autônomo, sujeito de suas próprias escolhas) e formas de viver, familiarizando-os com variadas atitudes da vida amorosa, familiar e profissional, diante das quais eles se identificam, discutem as atitudes dos personagens e revêem suas próprias vidas e escolhas (passadas e atuais)¹⁰⁶.

Tanto na fala de Anna quanto na de Juliano, o discurso “normal” da televisão que opõem campo e cidade (rural e urbano) é reproduzido para legitimar, em certa medida, seus próprios sistemas de valores acerca do que consideram moderno ou tradicional. Portanto, ambas as falas nos dizem muito sobre a reprodução de interpretações da “vida no interior” que diariamente circulam na mídia televisiva como um valor separado e por vezes oposto à “vida moderna” – como se Dois Vizinhos não oferecesse as “escolhas” necessárias para a realização de seus projetos de vida. A televisão, neste sentido, parece reforçar um saber que aglutina diferentes concepções de modernidade e tradição em certa “linearidade temporal” (o tempo da modernidade e o tempo das tradições), como se uma pudesse suplantar a outra, dando a impressão de que quanto mais nos dirigimos ao “interior”, mais nos afastamos dos modernos valores de consumo, liberdade e escolhas pessoais.

¹⁰⁶ Neste processo de (re)educação sentimental, como já observou Heloísa Buarque de Almeida, “a novela expõe vários estilos de vida associados a formas de consumo” (2003: 292), formas pelas quais as pessoas sentem-se como indivíduos modernos, “que mudam suas posturas, buscam formas mais atualizadas de viver em família e no casamento”; desse modo, completa a autora, “a novela permite que os espectadores leiam e interpretem os sinais de uma sociedade de consumo” (2002: 293).

No interior do discurso televisivo a multiplicidade de perspectivas (valores) acerca do que pode ou não ser vivido e percebido como rural, ou melhor, como algo que é “típico de interior”, frequentemente é dissolvida nas hegemônicas narrativas da modernização. São novelas, seriados, *talk shows* ou telejornais, todos reforçando um sistema de oposições que separam o “moderno” do “tradicional”, reforçando ainda mais uma perspectiva que interpreta o campo e os diversos modos de vida rurais como “os outros” do discurso moderno. Esta “redução” do significado do cotidiano rural é notória, sobretudo, nos programas (telejornais) rurais – como discuto no capítulo anterior a partir do *Globo Rural*. Por outro lado, isto não deve supor que ele (o cotidiano rural) não seja retratado pela televisão; trata-se, na verdade, de uma construção (tentativa de representação) estereotipada da vida rural, mas que preserva determinados traços regionais e locais que ativam memórias, saberes e identidade locais em Dois Vizinhos. Ora, pelo menos desde *Os Intelectuais e a organização da cultura* (GRAMSCI, 1985) sabemos que as hegemonias não constituem discursos unívocos (“pura” hegemonia *versus* “pura” contra-hegemonia), antes são perspectivas que se mesclam e disputam espaço e legitimidade no interior das próprias estruturas de poder dominantes em nossas sociedades¹⁰⁷. Por isso mesmo, ao investigar a produção cultural na América Latina, considero legítima a preocupação de Nestor Garcia Canclini ao apontar para produção “híbrida” de saberes, lógicas e identidades¹⁰⁸; até porque não há como negar a indispensável necessidade de compreender a complexa “inserção, interação e transação” (negociação) das diversas culturas populares nas narrativas hegemônicas da modernização¹⁰⁹.

5.3. ALÉM DO FAZER AGRÍCOLA: O COTIDIANO RURAL

O caminho até aqui explorado conduz à interpretação dos jogos de antagonismos entre rural e urbano, tradicional e moderno, a partir da figura do “interior” como um espaço de vida

¹⁰⁷ Um debate interessante sobre esta temática pode ser encontrado em: *Gramsci e as culturas populares na América Latina* (CANCLINI, 1988).

¹⁰⁸ O termo híbrido refere-se aquilo que Nestor García Canclini define como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinem para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (2006: XXII).

¹⁰⁹ Em abordagem semelhante, Jesús Martín-Barbero também advoga na direção de ir além das simples posições maniqueístas a respeito do lugar das “indústrias culturais” (apocalípticas e integradas), abrindo espaço às possibilidades de “novas leituras” sobre a relação (imbricação) entre o “popular” e o “massivo”, destacando a presença do “povo na massa” e observando que “no interior da cultura massiva coexistem produtos heterogêneos, alguns que correspondem à lógica do expediente cultural dominante, outros que correspondem a demandas simbólicas do espaço cultural dominado” (2001a: p.323).

que permite “abrir” (eclozir) o universo rural às múltiplas percepções (valores) cotidianamente (re)construídas pelas pessoas em Dois Vizinhos. Agora é necessário percorrer da representação do “interior” à concepção de atividade agrícola como um projeto de vida, explorando a polissemia de perspectivas e saberes que estruturam, em grande medida, os modos como as pessoas produzem sentidos e significados para a vida rural local. Para isto, o telejornalismo rural representou durante a pesquisa uma fonte direta de acesso e diálogo com o imaginário local acerca destas distintas concepções que circunscrevem os saberes, práticas e identidades e que compõem distintos modos de vida ligados à agricultura na região. Em particular na figura do *Globo Rural*, a “circularidade” dos discursos que atravessam os variados espaços sociais em Dois Vizinhos cotidianamente me foi apresentada na interpretação de imagens e saberes veiculados pelo programa.

Desse modo, tratei de perceber os tempos diversos que este processo comunicativo encerra (o tempo da produção/veiculação do discurso na televisão e o tempo do consumo deste discurso) – aquilo que Eliseo Verón chama de uma “história social dos textos” (1997). Portanto, ao considerar o consumo das mensagens televisivas como “lugares” que estruturam a produção do sentido, foi possível mapear processos identitários a partir dos modos pelos quais as pessoas decodificam o conteúdo de tais mensagens, compreendendo a identidade local destes agricultores como uma experiência híbrida, de onde é possível perceber a recepção não apenas como um processo de reprodução, mas também de co-participação na produção de sentido para as mensagens veiculadas. Tais matrizes (híbridas) de sentido, assim, passam a recompor os hábitos e interpretações locais sobre seu próprio cotidiano rural através de movimentos da própria comunicação, na configuração de pactos, recusas, negociações, e, por vezes, diálogos entre os formatos industriais dos meios e as apropriações locais deste processo comunicativo¹¹⁰.

No bojo deste processo de construção de sentido e significado para os elementos que caracterizam ou não a vida “típica no(s) interior(es)”, a atividade agrícola, como pretendo argumentar, também passa a ser interpretada a partir deste conjunto de valores que circulam “dentro” e “fora” da televisão¹¹¹. Sobretudo nos telejornais, a atualização freqüente dos discursos maniqueístas opõe uma agricultura inserida no mercado (mitificada como “padrão”

¹¹⁰ Conforme Maria Cristina Mata, estas relações entre a veiculação de discursos pelos meios de comunicação e a (re)apropriação local de suas mensagens são configuradas pelas “marcas culturais predominantes em cada momento e sociedade, em virtude das quais os indivíduos se reconhecem e posicionam entre si” (2001: 194).

¹¹¹ A mídia, deste modo, está sendo compreendida como um campo social e também como uma instância (mediação) que participa da “textura geral da experiência” social local; entendendo, portanto, que os meios de comunicação estão inseridos nas práticas sociais de informar, entreter, conhecer, reconhecer e até mesmo aprender (SILVERSTONE, 2002).

de desenvolvimento e racionalidade técnica) de outras práticas que estão ausentes e são recolocadas no resgate das tradições (no tempo do folclore) – estas são construções amplamente propagadas pelo telejornalismo rural. Tais oposições são visíveis no *Globo Rural* e estruturam concepções de mundo que promovem certa (re)educação das práticas, saberes e identidades rurais; atuando, portanto, na (re)configuração de perspectivas locais sobre campo e cidade e na ativação de novas escalas de valores para o moderno e o tradicional na agricultura.

Conversando com Dona Zilda e Seu Mariano, um simpático casal de ex-agricultores familiares que vivem na casa do filho, descobri que muitos dos moradores de Dois Vizinhos reconhecem a ampla presença da temática rural na televisão e se identificam com muitos dos programas rurais que por ela são veiculados – afinal, “as coisas do interior também passam na televisão”. Por outro lado, ao mesmo tempo em que destacam o espaço cada vez maior de notícias e programas rurais hoje existentes, o casal também lastima o fato de que tais programas falam pouco sobre o que efetivamente faz quem vive no campo. Mariano, em referência ao *Globo Rural*, disse-me certa vez que, mesmo reconhecendo a utilidade das instruções sobre novas técnicas de cultivo ou criação (“é bom quando eles ensinam como trabalhar no sítio”), sente falta de reportagens que abordem assuntos diversos das tradicionais temáticas de mercado e produção; segundo ele, “as pessoas podem achar que a gente só trabalha, a gente trabalha, mas faz várias outras coisas também”. Seu Mariano entende que o noticiário (seja no *Globo Rural* ou nos demais telejornais) mostra “um mundo [rural] que muitas vezes é diferente do que a gente vive e eles tratam tudo como se fosse igual”. Dona Zilda costumava dizer o mesmo de outro modo: “a gente não gosta muito de jornal porque é só desgraça, só barbaridade que aparece, e quando tem uma notícia sobre o campo é sempre umas coisas que a gente já sabe; nas novelas tem outras coisas para se distrair”. Para ela, assim como para seu marido, a questão nunca foi a de mais espaços para as temáticas rurais na televisão, mas a do modo como estas ruralidades são apresentadas.

Quando começamos a conversar sobre o *Globo Rural*, pouco tempo depois de conhecê-los, lembro-me de ter perguntado ao casal sobre qual era o interesse deles no programa – perguntei se eles gostavam de assisti-lo. Mariano me disse que “sempre é muito bom se informar do que acontece no campo”; Zilda foi mais direta e confessou que a partir do momento em que deixaram de trabalhar com leite (que os obrigava a ordenhar suas “vaquinhas” justo naquele horário) passaram a assistir ao programa porque “não tem nada melhor na televisão” – a honestidade da resposta chegou mesmo a me surpreender naquela

época. Embora estas declarações não digam tudo acerca dos modos como estes agricultores familiares decodificam as mensagens do *Globo Rural*, explicam ao menos o porquê de Seu Mariano sempre lembrar mais das reportagens temáticas (que resgatam valores rurais “estereotipados”) do que das reportagens informativas ou instrucionais (que enfatizam primordialmente a dimensão produtiva da vida no campo). Mariano sempre se recordava das reportagens especiais que eram transmitidas aos domingos e fixava pouco em sua memória os informes diários sobre o agronegócio – algumas das quais me narrou como “histórias de tropeadas”, “a festa dos Reis lá no nordeste”, em referência a comemoração do Natal em Muqui, no Espírito Santo, ou mesmo curiosidades como “as músicas do Almir Sater no Pantanal”. Sua mulher também preferia a edição semanal, onde assistia “algumas coisas diferentes”. Estas “outras coisas” de que fala Dona Zilda são aquelas que permeiam seu cotidiano, também o de sua família, e extrapolam os limites da atividade estritamente agrícola.

De qualquer modo, se a identidade profissional é pouco para distrair este casal em frente à televisão, cabe lembrar que uma grande parcela destes programas aposta no entretenimento justamente como uma estratégia de atrair estes públicos; como discuto no capítulo anterior, a estratégia comercial do *Globo Rural* também caminha nesta mesma direção (separando entretenimento e informação). No telejornalismo rural, o “compromisso” e a “seriedade” diante dos “fatos” configuram leituras e interpretações de um universo de atividades e relações rurais que frequentemente estão distanciadas do cotidiano rural de muitas das famílias ligadas à terra, ao menos em Dois Vizinhos. Por isso mesmo o *Globo Rural* (em sua edição semanal) “conscientemente” procura romper, ao menos em parte, com este rígido modelo de telejornalismo “global”, mostrando mais do que consumo, produção e circulação de produtos e implementos agrícolas – mesmo que, em última análise, os espectadores sejam tratados como “potenciais consumidores” pela emissora. É no resgate de “histórias” e “tradições” campestres (para não dizer bucólicas), que este casal, assim como inúmeros outros espectadores, não necessariamente ligados à terra, se entretém com práticas diversas das “corriqueiras” técnicas de cultivo e trato com os animais.

Evidentemente Dona Zilda e Seu Mariano detêm uma interpretação bastante particular dos conteúdos televisivos; trata-se de uma percepção (recepção) que dificilmente pode ser estendida à maioria das audiências em Dois Vizinhos. Contudo, ela denota mais do que uma leitura “peculiar” sobre o lugar simbólico que o rural ocupa na televisão, pois revela também uma gama de comportamentos, hábitos, técnicas e realizações vinculados à atividade agrícola

que cotidianamente são imputadas ao domínio rural. Um conjunto de fazeres que parecem interessar menos a este casal de ex-agricultores justamente por descrever cotidianos rurais (mediatizados pelo telejornalismo) a partir de elementos que nem sempre são percebidos como relevantes ou mesmo centrais na articulação das relações de proximidade e distanciamento em Dois Vizinhos; são concepções veiculadas por reportagens (muitas das quais estereotipadas) acerca da “economia familiar doméstica”¹¹² de famílias e comunidades que se reproduzem a partir da agricultura como elemento definidor de seus modos de vida. Portanto, a construção de uma identidade comum entre o “homem do campo” e o universo de práticas de cultivo e pecuária, que configura o discurso normal do telejornalismo rural, como pude observar, descreve apenas um momento desta “vida no interior” que muitas vezes não é percebido nem vivido como prioritário.

Não estou querendo propor aqui que a atividade agrícola não possa ser considerada como um elemento estruturante da vida no campo, sobretudo quando são ativadas categorias identitárias como as de agricultores familiares; mas atentar para o fato de que ao “reduzir” estes modos de vida locais à esfera da produção corre-se o risco de desconsiderar “outra” gama de lógicas, saberes e práticas cotidianas que também constituem este universo e estão impressas no discurso e na identidade destas pessoas. Em outros termos, não me parece mais ser possível (nem politicamente desejável) esgotar o familiar agrícola em categorias familiares de produção, pois a vida “no interior” é constantemente atravessada por distintas tonalidades de valores que circulam internamente pela família, mas também externamente pela sociedade envolvente – configurando, desse modo, gradações do aparente (ao menos em Dois Vizinhos) que não pode mais, se é que algum dia pôde, ser descrito apenas por categorias de produtivas. Assim, cada vez mais é preciso percorrer o caminho inverso, transitando também do familiar para a agricultura, e descobrir “outras” lógicas que não as estritamente vinculadas à prática produtiva, procurando ampliar significativamente a noção de agricultura familiar.

5.4. OS “SENTIDOS” DA AGRICULTURA FAMILIAR

¹¹² O termo economia, que deriva do grego *oikonomia* e significa ao mesmo tempo *oikos* (casa, moradia) e *nomos* (administração, organização), pode adquirir na abordagem microeconômica uma caracterização familiar, justamente por referir-se, dentro da teoria do consumidor, a uma “restrição orçamentária” familiar, que significa que a orientação tanto nos ganhos quanto nos gastos domésticos é orientada pelas relações familiares.

No bojo deste processo de criação e recriação de sentidos para a vida no interior e para a própria atividade agrícola, o *Globo Rural* serviu de instrumento privilegiado para investigação dos projetos identitários no meio rural duovizinhense. Não foi exatamente a análise dos conteúdos das mensagens veiculadas pelo programa, mas sua apropriação (decodificação) local na produção de (auto)representações que permitiu acessar as continuidades e descontinuidades inerentes à constituição da agricultura familiar como uma categoria (identidade) decisiva tanto na (re)produção como na representação da vida no “interior”. Decisiva porque trouxe à tona uma polissemia de perspectivas e interpretações acerca dos espaços, saberes e práticas locais que abrigam sentidos distintos para a vida, compondo diferentes estratégias identitárias que disputam espaço e legitimidade nos contextos locais de Dois Vizinhos. Como me informou um técnico agrícola e professor da *Casa do Agricultor Familiar* (colégio profissionalizante para filhos de agricultores familiares): “agricultor familiar aqui todo mundo diz que é, mas tem tantas diferenças que fica difícil de separar um do outro”. São essas “diferenças”, que não dizem respeito apenas às técnicas produtivas, mas aos próprios modos de conceber, planejar e atribuir sentido à agricultura e à vida no interior de Dois Vizinhos, que marcam a própria diversidade do rural e da agricultura na região.

De fato, a agricultura familiar frequentemente foi ativada por diferentes atores e agentes durante o curso desta pesquisa para expressar a própria paisagem rural da região. Em conversas com agricultores de Dois Vizinhos, muitas vezes fui informado de que “tudo é muito pequeno” no município, “as terras são muito caras” e as localidades estão “longe de tudo”, o que não favoreceria uma agricultura extensiva. Embora possamos duvidar da veracidade de tais informações – que ignoram, por exemplo, o fato de que a agricultura local, mesmo podendo estar concentrada em “pequenas propriedades”, não deixa de sofrer a colonização do agronegócio via cooperativas ou mesmo na figura de agroindústrias (a *Sadia* talvez seja o caso mais exemplar deste movimento) –, parece relevante observar a representação da agricultura familiar na conformação do espaço rural local. Afinal, como me disse outro técnico agrícola de Dois Vizinhos: “aqui [na região] a própria geografia acidentada inviabiliza o desenvolvimento de qualquer outro tipo de agricultura”. Opiniões locais que se coadunam a outras de “fora”, como as dos próprios profissionais da comunicação com os quais conversei em Curitiba e em Foz do Iguaçu, e parecem explicar, ao

menos em parte, a reprodução de uma representação estereotipada da agricultura familiar ligada aos “pequenos” municípios do Estado¹¹³.

Paradoxalmente, estas referências à agricultura familiar como um elemento definidor da “realidade rural” de Dois Vizinhos – associadas às representações de “pequenas propriedades rurais” amplamente veiculadas pelo *Globo Rural*, por exemplo –, estão em desajuste com as próprias representações locais sobre a agricultura e da vida no “interior”, uma vez que seu uso transitou indistintamente durante a pesquisa pelos diversos contextos rurais de Dois Vizinhos. Enquanto a representação do “interior”, como discutido anteriormente, está relacionada à idéia de um espaço social vinculado a um modo de vida distinto das idealizações sobre a vida urbana e moderna, a agricultura familiar sempre esteve associada a uma perspectiva sobre saberes e fazeres agrícolas que transitam entre o moderno e o tradicional. Seu uso cotidiano, neste sentido, foi empreendido para designar mais um movimento identitário em direção à modernização agrícola (nos modos de fazer e viver) do que de resgate de tradições “de antigamente”, conferindo certo “dinamismo” e “fluidez” a esta categoria que a contrapõe, em certa medida, às noções locais de “interior” e “tradição”. Portanto, a agricultura familiar, entendida como uma categoria identitária amplamente utilizada na região, parece estar configurando lógicas, práticas e conhecimentos sobre a agricultura e a própria vida no interior que complexificam seus sentidos a partir da “ampliação” do potencial semântico (de significar) da própria vida local.

Duas falas que sintetizam esta pluralidade de sentidos atribuídos à agricultura familiar local obtive em março de 2006, quando estive na comunidade *Santa Lúcia* para visitar as propriedades de Seu Airton e Seu Tales. Seu Tales, que me recebeu pela manhã, disse gostar “muito de trabalhar na roça, mesmo sabendo das dificuldades dos pequenos”, por isso mesmo espera que seus filhos sigam o mesmo caminho do pai porque imagina que terão uma vida melhor no campo; em sua opinião, “apesar de tudo, [viver no campo] é melhor que na

¹¹³ Em Curitiba fui informado que a reduzida quantidade de notícias e informações sobre o sudoeste do Paraná no *Globo Rural* seria resultado da própria ênfase do programa no tema do agronegócio; segundo um editor regional da *TV Paranaense* “as reportagens sobre o sudoeste interessam menos ao programa porque não contribuem para mostrar os avanços mais importantes da agricultura no Estado”, estes “avanços” em sua opinião estão relacionados ao agronegócio e “se concentram mais no norte e no oeste do Estado, tanto é que as principais reportagens são veiculadas pela *TV Cultura* [em Maringá] e da *TV Oeste* [em Cascavel]”. Esta representação estereotipada dos espaços rurais no Paraná foi reforçada, ainda que com perspectiva diversa, por uma repórter ligada à *TV Cataratas* (em Foz do Iguaçu) que realiza eventuais trabalhos para a equipe do *Globo Rural* e cobre a região do sudoeste que inclui Dois Vizinhos. Contrariamente ao que escutei em Curitiba, ela disse-me que “tem um público para essas notícias [referindo-se à agricultura familiar] e também temos a preocupação de trazer essas informações”; embora o espaço de tais reportagens seja reduzido no interior do programa, sempre que “pedem” procura “trazer um pouco da realidade dos pequenos, que são maioria na região”.

cidade”. Para ele “a agricultura se desenvolveu muito na região, hoje não tem mais tanta gente passando necessidade” como na época em que vivia com seu pai no Rio Grande do Sul, mas isso se deve a um fato: “progredi muito nestes anos, agora já acho que sou um verdadeiro agricultor familiar”; conforme Tales, a identidade de agricultor familiar descreve um “jeito certo de produzir” – como viu certa vez “na televisão” (não soube informar o programa), “agricultor familiar é aquele que aprende a fazer muito com pouco”. Com Seu Tales aprendi a observar mais cuidadosamente como a agricultura familiar também poderia estar sendo ativada por muitos agricultores para representar lógicas profissionalizantes (também burocratizante), que os afastariam de esteriótipos de atraso e imobilidade – na experiência deste agricultor “antes não tinha agricultura familiar; hoje tem crédito para os pequenos também, a gente conseguiu até comprar um tratorzinho”.

Neste mesmo dia, mas pela parte da tarde, conversei com a família de Seu Airton, com a inquietação de qual a interpretação que estes agricultores estariam dando para a noção de agricultura familiar. Embora vizinhos, as opiniões de Airton eram um tanto diversas das de Tales. Para Seu Airton, como o próprio nome o informa, a agricultura familiar está associada aos “pequenos produtores do interior” que organizam o trabalho a partir de lógicas familiares, e não a partir de lógicas mais racionalizadas que criam expectativas de crescimento e planejamento para a produção. Segundo ele, “aqui na comunidade muitos que conheço trabalham como agricultores familiares”, o que significa trabalhar “com a família e para a família”. Na opinião de Seu Airton, na agricultura familiar “não tem essa coisa de contratar gente de fora, a gente ensina os filhos e os parentes e todo mundo ajuda quando precisa”, dando a entender que esta categoria identitária não está ligada apenas a um modo de produzir, mas também, ou principalmente, a um conjunto de valores que constituem os modos de planejar e (re)produzir a existência familiar; perspectiva reforçada por sua mulher, Dona Bia: “é bom levar as crianças para a lida porque elas dão mais valor para o trabalho e para as coisas importantes da vida”. Mais interessante, contudo, foi descobrir que Seu Airton considera Seu Tales igualmente um agricultor familiar, enquanto Tales, por outro lado, mostrou-se relutante em identificar Airton do mesmo modo (“ele até pode ser, mas parece que não consegue produzir direito, acho que não dá pra dizer isso não”) – nesta ocasião fiquei me perguntando como os profissionais do *Globo Rural*, com quem conversei, teriam identificado estes agricultores.

Estes discursos locais são exemplos da pluralidade das interpretações possíveis que os agricultores de Dois Vizinhos realizam de sua atividade, ou seja, dos modos como a agricultura familiar pode ser percebida e vivida na região. Trata-se de falas “leigas”¹¹⁴ sobre uma categoria identitária que certamente teve uma origem “fora” das comunidades, mas que corriqueiramente é reinterpretada no contato com discursos especializados – como os dos técnicos agrícolas ou dos agentes privados (como da *Sadia* ou *Monsanto*) – que perpassam as políticas públicas (nacionais ou locais) e são, em grande medida, reforçados pelas narrativas dos telejornais rurais. Uma roupagem (representação) que lhes é cotidianamente atribuída e obriga certo (re)posicionamento dos agricultores sobre seus próprios saberes e práticas. Ocorre que tais discursos não são isentos de interesses, antes são interpretações que conjugam juízos e valores a partir de perspectivas sobre a própria dinâmica social, econômica e política da região – ou seja, não estão destituídos dos jogos locais e regionais de poder.

Duas experiências foram exemplares nesse sentido. A primeira se deu em setembro de 2005, quando assisti ao *Globo Rural* com Ney, um morador bastante politizado da sede urbana de Dois Vizinhos que divide seus esforços entre o trabalho de eletricitista na cidade e o de agricultor em uma propriedade na comunidade *Mazurana*. Uma das reportagens daquele programa trazia a trajetória de agricultores familiares do Rio Grande do Sul que migraram para o estado de Sergipe fundando uma cooperativa agrícola e levando suas técnicas de produção de uvas para fabricação de vinhos. Nessa reportagem a ênfase era atribuída ao “empreendedorismo” e “originalidade” daqueles agricultores familiares que apostaram em uma estratégia de “sucesso” para sobreviver e garantir a permanência de sua produção, “diversificando a própria vinicultura no Brasil!”, conforme veiculou o programa. Naquela ocasião Ney chamou minha atenção para o fato de que tais cooperativas, inclusive as de Dois Vizinhos, majoritariamente eram compostas por agricultores familiares – interpretação que, como sugeria o próprio programa, associava a agricultura familiar a um modelo empresarial de cooperativismo. Segundo ele, “você tem que ser agricultor familiar para ter facilidades e conseguir fazer esse tipo de trabalho” – facilidades que Ney aproveitava, por exemplo, com o

¹¹⁴ A ideia de “saberes especializados” que se contrapõe a “saberes leigos” é (re)trabalhada de modo interessante por Anthony Giddens a partir da noção de “sistemas peritos” que se opõe ao comportamento “leigo”, tanto no nível do discurso, quanto das práticas ou dos saberes. Conforme o autor, os sistemas peritos se referem à questão da divisão do trabalho e da especialização; são relativos a sistemas de excelência técnica, ou competência profissional, cujas pessoas “leigas” assumem um “compromisso sem rosto”. Desse modo, tais mecanismos (também denominados de “mecanismos de desencaixe”) removem as relações sociais das imediações do contexto com a promessa de “reencaixá-las” a partir da garantia de maior segurança para a vida cotidiana. Reconstruindo, portanto, saberes locais (ou mesmo tradicionais) a partir da reedição de práticas sociais e identidades culturais “deslocadas” no espaço e “recolocadas” no tempo, ou seja, a reconstrução do cotidiano enquanto espaço-tempo da vida (GIDDENS, 1991).

financiamento que obteve para comprar um carro, negociado entre a concessionária e a cooperativa da qual é membro. Entretanto, da perspectiva destes agricultores não bastava identificar-se como agricultor familiar, “você tem de ser de verdade”, e para isso “é preciso ter certa produtividade”. Como me contou um cooperado da região: “antes eu tinha só umas oito vaquinhas que não davam pra nada, agora tenho mais de trinta, foi por isso que me aceitaram”. Nesta ocasião deparei-me com um determinado uso da identidade de agricultor familiar que estava sendo ativado a partir de lógicas produtivas muito distantes das utilizadas por Seu Airton e Seu Tales, ou mesmo outros agricultores com que conversei. Cheguei a imaginar como poderia ser difícil para muitas das famílias que conheci (e que “sobreviviam” do leite e seus derivados) tornarem-se agricultores familiares “de verdade”.

A outra experiência ocorreu em janeiro de 2006, quando estive em uma reunião realizada pela prefeitura municipal e uma associação de moradores do *Bairro da Luz* para registrar “a historia da formação da cidade de Dois Vizinhos”, ou melhor, de sua sede urbana¹¹⁵. Para além da interessante negociação da memória coletiva local que fora empreendida em um caloroso debate acerca de datas, nomes e escalas de importância para momentos que deveriam ser registrados, naquela reunião conheci uma interessante utilização local para os termos interior, cidade, colono e agricultor familiar. Para os moradores presentes naquela reunião a década de oitenta marcou um divisor de águas entre o passado e o presente, entre o “interior” e “desenvolvimento”. Foi na passagem da década de oitenta para os dias de hoje que, conforme um morador do bairro, “tudo foi se urbanizando, chegou luz, saneamento, coleta de lixo, depois [a prefeitura] fez calçamento e o bairro foi ficando mais com a cara da cidade”. Conforme sintetizou uma senhora, “antigamente [antes dos anos 70] era tudo mato”, e prosseguiu: “tinha três colonos: o Ezequiel, o Ermínio e o Nelson; mas quase tudo aqui era do Ermínio, ele foi loteando o terreno e vendendo até que não ficou com quase nada, só sobrou aquele terreninho onde o filho dele [Lucas] trabalhou até 86 ou 87”. Adiante outro senhor completou a história: “antes de ir para o município de Pato Branco”, Lucas “ajudou a construir a Igreja e a fundar a associação”, justificando que “ele era devoto do padre e comprometido com a comunidade”; na opinião do senhor Lucas foi “um bom homem” porque “tinha bastante dinheiro e saiu financiando todo o material que a gente usou” para construir a

¹¹⁵ Durante o final de 2006 e meados de 2007 a prefeitura municipal de Dois Vizinhos realizou um projeto de cadastramento de depoimentos e relatórios dos “pioneiros” que ajudaram a “erguer a cidade” e “fazer a história do município”. Tal projeto municipal consiste em uma reunião das associações de moradores de todos os bairros da “sede urbana” de Dois Vizinhos com um funcionário da prefeitura que registrava a memória da cidade. Este material deveria ser compilado em um livro e exposto no *Centro de Exposições* local até maio de 2007. Contudo, ainda não tenho informações sobre o resultado destes registros.

Igreja e a sede da associação, “até hoje ele deixa saudades, ajudava todos os agricultores da região”. Quando perguntei o que ele fazia atualmente me informaram que tinha comprado umas terras para os filhos em Pato Branco-PR e “se tornou agricultor familiar por lá”. O que me chamou a atenção nesta reunião, mais do que a referência ao interior como um tempo antigo e à cidade como o tempo presente, foi a identidade estabelecida por aqueles moradores entre o “interior” e os “colonos” como um tempo de antigamente e a cidade e a agricultura como um tempo presente. Este fato muito provavelmente passou despercebido pelo registro oficial da prefeitura, mas a transposição linear entre colonos, agricultores e agricultores familiares denota traço relevante do imaginário local e informa muito sobre os modos como estes moradores atribuem sentidos ao rural, à agricultura e ao seu próprio bairro.

Quando iniciei esta investigação parti da suposição de que a agricultura familiar não é um fato inerte da natureza; ela não está meramente ali, assim como o próprio rural tampouco está logo “além” do que se convencionou chamar de urbano. Nesse sentido, a valorização da agricultura familiar como uma atividade (modo de fazer e viver) “presente” e vinculada a algum tipo de desenvolvimento ou progresso local se refere a interpretações (não constatações) que nunca apareceram de modo homogêneo, nem único no curso desta pesquisa – não foram nos discursos técnicos ou administrativos locais, nem mesmo nas narrativas mediatizadas do *Globo Rural* –, mas fazem parte do discurso “normal” (hegemônico) da modernização (urbanização) de Dois Vizinhos. Trata-se de uma categoria identitária que se sobrepõe (na ordem do discurso) às próprias identidades culturais ou étnicas no interior de Dois Vizinhos – como a de colono, que está vinculada à imigração de descendentes de italianos na região, por exemplo –, compondo um cenário em que a agricultura passa a ser definida e estruturada a partir da identidade profissional, ou melhor, de certo “grau de profissionalização” dos agricultores da região.

Esta identidade estabelecida entre agricultura familiar e “profissionalização” dos agricultores perpassou também a fala “especializada” de técnicos e professores agrícolas locais, mesmo em suas versões mais concorrentes. Na fala comum dos técnicos da Secretaria da Agricultura municipal – com os quais circulei por grande parte das comunidades de Dois Vizinhos, acompanhando suas “visitas” (seu trabalho de assistência técnica aos “pequenos agricultores”) – a agricultura familiar sempre foi utilizada para designar exatamente isto: “um tipo de agricultor mais racional, diferente daquele colono que ainda está por aí e usa técnicas já ultrapassadas” (como me disse um deles em visita que fizemos à comunidade *São Pedro*

dos Poloneses). Este agricultor “mais racional”, na opinião destes técnicos, parece ser aquele que emprega um “saber técnico mais adequado” à sua realidade, que aprende a planejar e otimizar sua produção a partir “dos mais modernos conhecimentos” (saberes), entretanto, acima de tudo, é aquele que “faz o que a gente pede para ser feito”. Ora, uma vez que o ideal da modernização agrícola orienta os saberes “especializados” destes técnicos, o próprio serviço de “extensão agrícola” (“o que a gente pede para ser feito”) não poderia configurar outra coisa senão um ideal de produção e produtividade que visa a inserção deste agricultor no mercado (agronegócio) via profissionalização de sua atividade¹¹⁶.

Esta ênfase no incremento da produção e da produtividade na agricultura familiar encontra, talvez, sua maior reação local na experiência de ensino agrícola como uma atividade voltada à garantia da reprodução das lógicas familiares (tradições, hábitos, práticas e saberes que não necessariamente estão voltados para o mercado) e à valorização da (auto)estima do agricultor. Conheci o trabalho realizado na *Casa do Agricultor Familiar* ainda em meados de 2005, no início desta pesquisa; trata-se de uma proposta metodológica “para levar a escola até o cotidiano do agricultor”, conforme me informou o responsável pela escola¹¹⁷. Segundo este técnico e professor, a *Casa* é um projeto de educação profissionalizante para filhos de agricultores familiares que tem como objetivo “desenvolver a agricultura familiar na região a partir da valorização das famílias rurais”; como argumenta ele, “para a gente a agricultura familiar é um modo de garantir que estes agricultores permaneçam no campo, que consigam continuar produzindo para sobreviver e para ajudar a manter o município”. Estas falas, não menos especializadas, constroem uma perspectiva diferente, ao menos da que obtive junto à Secretaria da Agricultura local, sobre a agricultura familiar, seu espaço e função na configuração da agricultura e da própria paisagem rural local; uma representação da agricultura familiar que é dissociada do modelo empresarial de agronegócio através da revalorização de “tradições” locais que são conformadas dentro de saberes e técnicas que as

¹¹⁶ Um contraponto necessário a esta fala foi realizado por Paulo Freire ainda em 1977 quando pontua: “na medida em que os camponeses substituem formas empíricas de tratar a terra por outras (as da ciência aplicada, que são as formas técnicas) necessariamente esta mudança de qualidade no processo de enfrentamento com a realidade provocará a mudança, igualmente, de seus resultados (...) a extensão agrícola aparece, então, como um campo especializado de cujo que fazer se espera o sucesso destas mudanças”. Por isso, como alerta o autor, “a expressão ‘extensão educativa’ só tem sentido se se toma a educação como prática de ‘domesticação’” (FREIRE, 1977:24-25).

¹¹⁷ A *Casa do Agricultor Familiar* é uma experiência de educação rural em teste na região; atualmente ela conta com apenas quatro profissionais (três professores e uma secretária). Segundo o diretor da *Casa*: “é uma proposta político-pedagógica diferente, que se opõe ao modelo radical de politização da agricultura, mas também se afasta da idéia de modernização agrícola”. Sua organização consiste em “unir o ensino da técnica com a prática agrícola”, para isso “os alunos ficam uma semana na escola e outra em casa, aplicando seus conhecimentos” – o que, de fato, parece favorecer o próprio contexto de trabalhos domésticos e agrícolas em que estas crianças estão inseridas.

“modernizam sem anular a história do agricultor” (como pontuou um outro professor da escola). Contudo, mesmo enfatizando aspectos distintos na educação rural (ainda em fase de experiência), a identidade entre agricultura e profissão na definição da agricultura familiar permanece como tônica tanto nos discursos destes professores como nos dos técnicos agrícolas da Secretaria da Agricultura – por um lado, uma identidade familiar que deve ser “profissionalizada” a partir de saberes e técnicas “modernas”; por outro, uma identidade profissional que deve ser “aperfeiçoada”, aproximando-se de um modelo de agronegócio.

Nestas experiências, acima mencionadas, a atividade agrícola é apresentada aos agricultores a partir de modelos de “extensão rural” que sugerem (entre o abandono e o reinventar de suas tradições) uma posição intermediária entre práticas “tradicionais” e “modernas”, posicionando-os igualmente em relação a seus saberes e modos de planejar (interpretar) a vida familiar. Tal roupagem (identidade) que os é atribuída de “fora”, sobretudo a partir da representação da agricultura familiar como uma categoria técnica e profissional, impõe estratégias discursivas e posicionamentos práticos (em seu fazer profissional) que, muitas vezes, colocam o agricultor em relações complexas de descontinuidade em relação a suas identidades étnicas ou culturais. Um agricultor da região, chamado Hélio, expressou tal descompasso durante “visita” realizada por um técnico da Secretaria da Agricultura que acompanhei: “a gente que está na lida há tanto tempo sempre soube mais ou menos o que tinha de ser feito, era meio que intuição”, referindo-se aos anos 70, quando acabara de migrar para Dois Vizinhos; “mas com esses avanços todos surgiram tantos problemas [pragas e doenças] que não dá mais para controlar direito a lavoura nem os animais, por isso eles [os técnicos] vêm para ajudar nessas coisas mais modernas”. A prática (técnica) profissional, assim, aparece na fala deste agricultor como um elemento definidor dos “modernos” saberes e fazeres no interior de Dois Vizinhos – que se sobrepõe ao que chama de “intuição”, ou melhor, aos saberes agrícolas culturalmente transmitidos pelo convívio familiar. Como me disse Seu Hélio: “como o que a gente sabe adianta muito pouco hoje, tento seguir os conselhos dos técnicos para se manter na agricultura”.

Tais referências à agricultura familiar como uma representação “intermediária”, que transita entre os saberes “tradicionais” do interior e pelas modernas práticas do agronegócio, circulam não apenas pelas bocas de técnicos agrícolas ou professores locais, mas surgiram também nas falas dos moradores de Dois Vizinhos. Nestes jogos de interpretações locais acerca dos rumos da agricultura e das “melhores” perspectivas de vida na região, o

telejornalismo corriqueiramente emergiu em meio às conversas como um conhecimento sobre a agricultura que vem de “fora” – uma instância que “traz muitas informações para os agricultores, mas nenhuma delas é produzida aqui”, conforme um técnico agrícola local –, mas que detêm enorme potencial para legitimar determinadas perspectivas sobre os modos de (re)produzir a vida e produzir sentido para a agricultura; sempre veiculando imagens e mensagens que conformam a agricultura familiar a partir de representações (interpretações), que dialogam (reforçando ou negando) com as perspectivas locais que venho apresentando. Seguidas vezes, particularmente pelo *Globo Rural*, os saberes veiculados pela televisão acionaram a construção local de sentidos e significados ambíguos, por vezes ambivalentes, para a agricultura familiar. Por isso mesmo, não me parece “ousado” afirmar que os discursos e narrativas televisivas sobre a agricultura familiar – do mesmo modo como as representações de rural e urbano, moderno e tradicional – ajudam a conformar uma categoria identitária extremamente fluida e dinâmica a partir de concepções mitificadas desta prática social.

Sabidamente, o *Globo Rural* é um programa que propõe apresentar notícias e informações úteis ao telespectador interessado na temática rural; ele é caracterizado por seu forte apelo ao campo e às questões que o envolvem. Quando comecei a assistir sistematicamente ao programa, muitas vezes acompanhado por espectadores mais experientes (como foi o caso de muitos dos entrevistados), tive clara impressão da “dificuldade” que ele transmite ao dirigir-se às questões da agricultura familiar. Como se a agricultura familiar designasse tudo aquilo que não está alinhado ao agronegócio e que, talvez por isso mesmo, não detêm forma precisa – além, é claro, de ser o “primo pobre” da modernização agrícola. De um lado, o programa apresenta de forma hegemônica o tema do agronegócio, o que reduz em quantidade e importância as notícias sobre a agricultura familiar. De outro, quando noticia um “rural” agrícola e familiar, frequentemente apresentado pelo *Globo Rural* na figura dos “pequenos” ou “tradicionais” agricultores, este diariamente se pluraliza em uma miscelânea interminável de diferentes escalas de sujeitos e atores, que são mesclados em diversas culturas e “tradições”, trazidas em contextos que circulavam indiscriminadamente do familiar ao empresarial. Seguidas vezes fiquei perdido em meio a anotações desconexas sobre agricultores familiares do sertão da Paraíba, Maranhão ou Sergipe, após uma reportagem curta sobre algum movimento sem-terra em algum lugar do Brasil, intercalada por outra entrevista com um representante de uma cooperativa qualquer no interior de São Paulo que, por exemplo, poderia estar afirmando ter desenvolvido um “ovoduto” para facilitar o transporte de ovos pela indústria. Cheguei mesmo a crer que a tônica do *Globo Rural*, pelo menos em seus

informes diários, era unicamente enfatizar a “diversidade” do mundo rural, em que a agricultura familiar surge apenas como um de seus capítulos – não uma simples exaltação da diversidade, mas a exotização destes “outros” da vida urbana, ou melhor, a exploração “espetacular” do rural como o diferente e diverso do urbano¹¹⁸.

Com um pouco mais de tempo, entretanto, acabei percebendo que esta era apenas uma das possíveis leituras, de modo algum absoluta; ela conta mais sobre a minha história enquanto sujeito da cidade que se “dispõe” a observar temas rurais do que propriamente uma leitura majoritária no universo social de Dois Vizinhos. Conforme cotidianamente me informavam as pessoas entrevistadas, as temáticas veiculadas pelo *Globo Rural* estão sim relacionadas ao seu universo agrícola e social. Afinal, como observou Baltazar, “é um programa para as pessoas do campo, então ele acaba falando dos pequenos também”; escutei o mesmo de Seu Airton: “a gente assiste porque é um programa que fala das coisas do campo, que fala da agricultura; aí sempre dá para aproveitar alguma coisa aqui”. São leituras e interpretações (decodificações) locais sobre imagens e mensagens (discursos) que, mesmo quando “não gostam”, quando dizem não falar “para a gente” ou mesmo rejeitam estereótipos de precariedade ou produtividade que exotizam a agricultura familiar, de modo geral identificam traços em comum entre seu cotidiano agrícola em Dois Vizinhos e o que vêm pelo *Globo Rural*; Dona Bia sintetizou isto afirmando que “se sente bem vendo as coisas do campo na televisão”. Estas “coisas do campo”, quando representadas por imagens, sons e falas diariamente construídas (fabricadas) pelo *Globo Rural* a partir das “melhores” (ou “piores”) técnicas de produção e da “maior” (ou “menor”) produtividade, certamente reforçam e valorizam uma agricultura empresarial muito diferente da que estes agricultores duovizinhenses conhecem e convivem; mas também permitem, a partir da construção de identidades profissionais, a construção de certa referência identitária rural ou de “interior” como um lugar de vida, e não apenas de produção.

Como esclarece Ney, o *Globo Rural* “é um telejornal rural; é importante de se ver, mesmo quando não fala nada da agricultura da região, fala de outras coisas importantes também”, ou seja, em maior ou menor grau, os agricultores também se reconhecem no “rural” trazido pelo *Globo Rural*, mesmo quando não concordam ou observam a parcialidade do que está sendo dito. Seu Baltazar é um dos que enfatiza tal parcialidade: “o *Globo Rural* só faz

¹¹⁸ Este processo de “espetacularização” da vida no campo, característico da linguagem da *Rede Globo*, poderia ser interpretado de modo análogo ao que Thales de Andrade definiu como “a estetização do cotidiano” na televisão, investigando os formatos do telejornalismo “ecológico” na televisão – embora este não seja o foco central deste trabalho (ANDRADE, 2003).

reportagens sobre abóbora de dois metros de altura, de tomates gigantes, de galinhas que botam uma quantidade absurda de ovos; aqui a gente não tem isso não! O pessoal que assiste não assiste porque a programação realmente interessa, assiste porque gostam de ver essas coisas”, e completa: “eu não gosto!”. Mesmo ele, entretanto, reconhece a capacidade do *Globo Rural*, e da própria televisão, em atrair a atenção de seus espectadores, em “dizer algo” (colocar temas na agenda de conversas) sobre a vida destes agricultores que lhes interessa. Nesse sentido, por mais que o *Globo Rural* seja um programa relativamente curto e suas notícias sejam demasiado abrangentes, principalmente no que diz respeito à atividade agrícola que está fora dos “grandes centros” do agronegócio, ainda sim é possível operar leituras que aproximem os agricultores a suas notícias – decodificando seus excessos. Evidentemente isto não deve sugerir que muitas das interpretações que entrei em contato em Dois Vizinhos não tenham sido bastante otimistas e, frequentemente, desconsiderado aspectos mais “negativos” do programa – sobretudo aqueles obscurecidos por um simples “não entendi direito”. Contudo, ainda sim parece necessário observar que, mesmo entre aqueles que o percebem com maior desconfiança e certo descrédito, o telejornalismo rural permanece como um espaço (mediação) de debate e diálogo em torno de questões que, direta ou indiretamente, acionam saberes, práticas e identidades sociais presentes em seu cotidiano rural.

6. TELEJORNALISMO E COTIDIANO RURAL: AS DINÂMICAS SOCIAIS DA AGRICULTURA FAMILIAR EM DOIS VIZINHOS

*Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão*

*Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel*

*Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação
E fecundar o chão.
Chico Buarque,
Cio da terra, 1979.*

Em meados de março de 2006 a rádio *Educadora* (AM) tocou “Cio da terra”, escutei-a segurando uma cuia de chimarrão sentado na varanda de Seu Hélio, em Dois Vizinhos. A cadência “lenta” da melodia composta por Chico Buarque utiliza o trigo, a cana e a terra como metáforas da produção e da reprodução da vida fora das “grandes cidades”. Tais construções são muito conhecidas na cultura brasileira e remetem a imaginários que constroem a

agricultura, o campo e o próprio rural a partir de representações de um mundo “imóvel”. Esta também foi interpretação de Seu Hélio, que comentou admirar quem ainda hoje consegue “conhecer os desejos da terra” enquanto apreciávamos a canção. Para este agricultor de quarenta e poucos anos a lentidão das plantações, o trabalho no roçado, o sol, a chuva, a sucessão das colheitas, tudo isso confere ao campo a perspectiva de um tempo cíclico do qual não está acostumado. Ao contrário do que muitos possam imaginar, este sujeito do “interior” me narrou uma vida bastante dinâmica, que também traz embutida uma agenda de transformações e inovações em busca de melhores resultados, do melhor produto, da maior colheita; o que contraria, ao menos em parte, a idéia de imobilidade, lentidão e proximidade com a natureza contida na música¹¹⁹. Hélio pode não ter percebido, mas a representação da proximidade tão necessária para “afagar a terra” constrói também valores que distanciam o campo e as pessoas que ali vivem de todo “dinamismo” frequentemente representado pela figura das cidades – como se o rural sempre estivesse sendo sobredeterminado de “fora”, mesmo quando resgatados alguns dos elementos que o constituem.

Seu Hélio, assim como outros agricultores com que conversei, não se identifica com a lentidão do trabalho na terra, nem mesmo chega a se reconhecer no isolamento da propriedade; se comove é com a “doçura” e a “ternura” de um “rural imaginário”, imaginado apenas como um tempo passado, um tempo romantizado de que até pode ser herdeiro, mas ao qual já não pertence¹²⁰. Diz não ter tempo para “ficar mais na lida” como gostaria e nem saber das “coisas como o pai”, pois não consegue “viver só disso”. Hélio precisa da ajuda dos técnicos agrícolas para produzir, sempre conversa com amigos, vizinhos, liga o rádio ou mesmo a televisão na tentativa de “buscar novas experiências”, de aprender “o que dá certo e o que dá errado”. Necessita trabalhar “fora” da propriedade “quando a produção não ajuda”; frequenta feiras para vender alguns de seus produtos artesanais, ajuda na propriedade de vizinhos e conhecidos em troca de “alguma coisa”, “se vira como pode para garantir que as coisas continuem” do modo como planeja. Sua mulher (Lourdes) também diz sempre ter de rever seus projetos de vida, “não é sempre que dá pra investir no leite” (que é de sua responsabilidade), muitas vezes precisa “de uma renda extra” e para isso costuma costurar

¹¹⁹ Georges Duby, ao analisar o Ocidente medieval, observou que a dificuldade em perceber as transformações camponesas está menos em sua “imobilidade” do que na precariedade das fontes históricas que permitem observá-las (1962:10).

¹²⁰ Idealização de um rural romantizado que, como já observou Raymond Williams, apenas reproduz o já propagado contraste entre campo e cidade a partir da abstração metafórica do campo como um lugar bucólico, oposto à vida na cidade. “Campo e cidade são palavras muito poderosas, e isso não é de estranhar, se aquilatarmos o quanto elas representam na vivência das comunidades humanas” (WILLIAMS, 1990: 11); conforme Williams, determinadas visões sobre o campo e os camponeses foram cristalizadas e, de certa forma, generalizadas tendo como referência as cidades.

para lojas de roupas durante o inverno. Esta “versatilidade” do casal também tem reflexos na economia doméstica e nos projetos cotidianos da família, afinal, “nem sempre compramos [para casa] o que a gente quer”, mas sempre “tentamos dar o melhor para os filhos” – ambos estudam na faculdade, no município de Francisco Beltrão.

O que me chamou atenção na história de Seu Hélio e Dona Lourdes não foi exatamente a descoberta de um universo de trabalho e relações sociais extremamente dinâmico, mas a percepção “aguçada” deste casal acerca de sua condição de vida – percepção também partilhada por muitos outros com que convivi em Dois Vizinhos. De fato não esperava encontrar qualquer “imobilidade” ou “isolamentos” neste cenário rural, ao contrário, a luta para adaptar sementes, animais, para enfrentar a escassez e rever seus projetos familiares de vida, constitui práticas sociais que compõem um mundo repleto de iniciativas e criatividade – experiências “móveis” e dinâmicas que constituem diferentes modos de vida a partir da atividade agrícola. Tais experiências compõem a própria especificidade da vida no campo; não se trata de uma “essência” rural, mas um modo de vida que é construído processual e historicamente¹²¹. Contudo, foi decisivo para esta pesquisa perceber que estes agricultores também se desprendem de perspectivas e (auto)representações que os vinculam a concepções “fixas” da vida em comunidade e atualizam seu saberes e práticas a partir de uma compreensão mais “fluida” e aberta de suas perspectivas e relações sociais no campo.

Decisivo porque trouxe a tona um processo dinâmico de reconhecimento e auto-reconhecimento que está em curso na região e é constantemente atualizado também pelo contato destes agricultores com a televisão. Foi assistindo ao *Globo Rural* com eles que compreendi como a televisão e particularmente o telejornalismo rural, ao informar o agricultor, está transformando a percepção que têm de si mesmos e de sua vida na região. Seu Hélio mesmo me disse certa vez: “muda bastante o jeito de a gente pensar [o rural e a agricultura] quando fica vendo o que outras pessoas fazem”, do mesmo modo se passa a considerar as possibilidades de “fazer tudo isso aqui”. Realmente este “bombardeio” de informações e representações sobre a agricultura e o rural, muitas das quais desconexas e descontextualizadas, modifica o modo como muitos agricultores pensam seu cotidiano e a si mesmos (sua história, hábitos e conhecimentos). Mas foi um outro agricultor, chamado José, que me disse tudo isso com maior clareza. Conforme ele, “tem muita gente que pensa que aqui [no campo] tudo é atrasado, mas isso é porque não se informa”, para ele basta assistir ao

¹²¹ Inclusive, foi Eric Hobsbawm quem viu nestes homens e mulheres comuns a figura de “pessoas extraordinárias”, pois o que realizam e pensam transforma o curso da história e faz a diferença (1999:9-8).

Globo Rural para ver como no campo “tem muitas coisas modernas”. O fluxo de imagens e informações, característico dos telejornais, no *Globo Rural* parece efetivamente estar transformando o modo como suas audiências concebem a atividade agrícola, rompendo com uma percepção de isolamento e imobilidade para sua vida e atualizando seus saberes e práticas, então tidas como “tradicionalistas”.

Estas perspectivas locais sobre a vida e as relações sociais no campo abrem a própria concepção de “comunidade rural” – tradicionalmente encarada como “bairros” ou “agrupamentos” espacial e temporalmente determinados¹²² – para novas sociabilidades, saberes e práticas agrícolas que não podem mais ser entendidas a partir de concepções concretas e estáticas de tempo ou espaço. No capítulo anterior procurei trabalhar com a construção local de sentidos para o rural (espaço de vida) e para a agricultura familiar (identidade profissional) com o objetivo de recompor a própria dinâmica social das ruralidades em Dois Vizinhos e situar o lugar da televisão no cotidiano rural de seus moradores. Partindo das representações fluidas da vida no interior e do cotidiano agrícola – que transitam por distintas noções locais (técnicas, administrativas e leigas) acerca do rural e urbano, campo e cidade, tradição e modernidade, bem como pela construção (fabricação) mitificada de um rural televisivo – a ruralidade duovizinhense foi apresentada a partir de processos dinâmicos de mudança e de deslocamento nos sentidos e significados para a atividade agrícola.

Tais processos não são vivenciados de maneira uniforme pelas pessoas ali envolvidas, como também não são adscritos a uma espacialidade ou temporalidade concreta; mas se reconstróem na produção local da agricultura familiar como uma identidade rural descentrada que articula a atividade produtiva às lógicas locais de vida – recompondo, desse modo, a própria paisagem local por meio de distintas percepções sobre a agricultura familiar. Esta correlação entre os saberes, práticas e identidades locais com as construções narrativas da televisão irá percorrer este capítulo, atribuindo certa centralidade ao discurso televisivo no cotidiano rural de Dois Vizinhos. Cabe ressaltar, entretanto, que esta é uma estratégia textual que visa apresentar os problemas e questões que envolvem a agricultura e as estratégias identitárias na região, sobretudo na transformação da percepção sobre seu cotidiano e sua

¹²² Neste caso, parece-me igualmente necessário atentar para o fato de que estas “pequenas” comunidades rurais não devem ser interpretadas unicamente a partir da representação de uma “sociabilidade densa” que se identifica como intimidade, ou seja, afinção espiritual e cooperação desinteressada ao estilo de Tönies. Como se evidencia nos contextos locais de interação em Dois Vizinhos, a amizade não é a única forma de sociação, a inimizade também configura esta moldura na qual se torna possível a sociação.

própria identidade profissional (de agricultores familiares), por isso mesmo trata-se de uma construção arbitrária¹²³. Doravante percorrerei os modos locais de produção da vida (técnicas produtivas) apresentando a configuração de identidades rurais abertas às tensões e disputas em torno das práticas agrícolas e dos saberes (leigos e especializados) sobre a agricultura. Construções que igualmente parecem estar produzindo reconfigurações nos modos de perceber e produzir a vida local, resignificando o universo rural no interior de Dois Vizinhos a partir de uma identidade rural forjada através de práticas e perspectivas que posicionam a agricultura familiar a partir de sua maior ou menor inserção no mercado e no universo do consumo.

6.1. AGRICULTURA E IDENTIDADE: PROJETOS E PERSPECTIVAS

Ao final de 2005 e início de 2006, quando já estava familiarizado com Dois Vizinhos, circulei sistematicamente por algumas famílias de agricultores que vivem no “interior” do município (como se costuma chamar por lá), mais precisamente entre as comunidades *Linha Beneti* e *Linha Conrado*. Durante este período convivi com cinco famílias da região que mantinham laços estreitos de sociabilidade a fim de investigar os modos pelos quais estes agricultores interpretavam e relacionavam (ou não) as mensagens do *Globo Rural* ao seu cotidiano profissional; tratou-se também de uma tentativa de organizar as questões centrais deste trabalho – do “lugar” ocupado pela televisão na reconfiguração dos modos de (re)produzir a vida (práticas sociais) e produzir sentido para sua atividade (identidade profissional) – a partir de um espectro reduzido de pessoas e relações sociais. Enquanto todos já se preparavam para as festas de final de ano, pensei certo investir na facilidade de acesso e no bom relacionamento que nutria com estes moradores; nesta escolha pesou o fato de que

¹²³ Evidentemente a televisão ocupa um “lugar” privilegiado no cotidiano de quase todos os agricultores com que convivi em Dois Vizinhos. Contudo, não parece demasiado frisar que a aparente hegemonia do discurso da *Rede Globo* frequentemente é dissolvida no contato e no diálogo com outros programas que circulam dentro e fora da televisão. Não apenas telejornais rurais, que concorrem com o *Globo Rural* dentro da televisão, mas também programas de rádio, jornais locais e, por vezes, a própria internet, configuram um cenário em que o conteúdo das mensagens e informações é interpretado a partir de um diálogo que também é promovido pelo próprio espectador nos momentos de decodificação destas mensagens.

encontrei nestas famílias telespectadores assíduos da *Rede Globo* e, eventualmente, do próprio *Globo Rural*¹²⁴.

Situada nos entornos do perímetro urbano de Dois Vizinhos, a comunidade *Linha Beneti* é considerada uma área rural muito “próxima” da cidade. Cruzando o bairro *Nossa Senhora da Luz* e seguindo cerca de 5 km por uma estrada de paralelepípedos, o aglomerado de casas e pequenas propriedades consideradas “urbanas” logo se desfaz em meio a áreas de “mata nativa” recortadas por breves plantações de milho. Na medida em que se avança pela estrada principal – permitindo acesso a todas as propriedades de *Linha Beneti* até a comunidade de *Linha Conrado* – os paralelepípedos vão dando lugar ao cascalho, que percorre quase toda a comunidade até finalmente transformar-se em uma estreita via de chão batido¹²⁵. Logo que se atravessa *Linha Beneti* o caminho bifurca-se à direita para comunidade *Flor da Serra* e à esquerda para *Linha Conrado*. Nunca peguei o caminho da direita em direção à *Flor da Serra*, sempre aproveitei a oportunidade para passar pela comunidade *Linha Conrado*. Ao todo as duas comunidades comportam mais de cem famílias (45 em *Linha Beneti* e aproximadamente 70 em *Linha Conrado*) divididas em pouco mais de noventa propriedades rurais “oficiais”, conforme informa a Secretaria da Agricultura local¹²⁶.

Tomei conhecimento destas localidades através de uma conversa “descompromissada” com Paulo, em um domingo de outubro de 2005, na praça central de Dois Vizinhos, logo em frente à igreja matriz do município. Este agricultor havia levado suas filhas (Carla e Vanessa) para tomar sorvete na cidade enquanto sua mulher (Indiga) visitava uma irmã que vive na cidade. Naquela ocasião Paulo me contou que frequentemente sua família vinha “para a cidade” passear e visitar alguns parentes ou amigos; segundo ele, “sempre tem um almoço ou o pessoal marca um futebol, aí a gente vem do interior para cá, não é tão longe”. E mesmo quando não vão “para a cidade”, seus parentes e amigos também costumam visitá-lo “no

¹²⁴ Neste estudo trabalho com uma concepção dinâmica das identidades sociais no campo; por isso mesmo tenho rejeitado qualquer definição fixa ou substancial do rural duovizinhense para pensá-lo a partir de processos identitários abertos às tensões que atravessam a vida local e significam a própria agricultura como um saber e uma atividade híbrida.

¹²⁵ Este movimento da estrada marca inclusive a sociabilidade interna da comunidade, uma vez que impõe aos moradores relações de “proximidade” e “distância” face à sede urbana de Dois Vizinhos, sobretudo nas épocas de chuva.

¹²⁶ Em ambas as comunidades, atualmente grande parte das famílias possui acesso à televisão aberta por meio de antenas parabólicas e é visível a difusão das telecomunicações, do transporte e do acesso à educação. Partindo de uma observação panorâmica talvez seja possível qualificá-las sócio-economicamente a partir de dois modelos propostos pela tipologia de LAMARCHE (1993): uma parcela significativa das comunidades poderia ser compreendida pelo modelo *empresa familiar* – visto que os agricultores utilizam colheitadeiras, implementos agrícolas e, não raramente, contratam mão-de-obra externa à família –; enquanto a outra parcela das famílias organiza-se como *agricultura camponesa ou de subsistência* –, pois a mão-de-obra familiar é inteiramente utilizada na produção e a dependência de recursos externos é mínima.

interior”, por isso mesmo diz não viver “assim tão isolado como uns por aí” e sempre sabe “o que está acontecendo” no município. Este é um movimento muito comum entre os agricultores que conheci em Dois Vizinhos e denota certa sociabilidade que transcende os limites imaginários das comunidades rurais, comunicando o “interior” com a “cidade” – mesmo quando não vão à cidade, a cidade também parece estar visitado o interior¹²⁷.

Algum tempo mais tarde, conhecendo *Linha Beneti* com um técnico local da *EMATER*, reencontrei a família de Paulo em uma propriedade “bem próxima de *Linha Conrado*” – onde cultiva milho e um “pouquinho de soja, só para testar”. Naquele dia a conversa circundou os projetos de Paulo para plantar morangos em uma área de seu terreno que não estava sendo adequadamente utilizada, o técnico ouviu tudo atentamente e prometeu estudar o caso – meses mais tarde descobri que Paulo desistira do “moranguinho” por ser financeiramente “inviável”. O que me interessou neste “reencontro” foi o breve relato de Paulo sobre uma reportagem do *Globo Rural* que parecia justificar seu interesse em diversificar a produção: “eu ouvi uma reportagem [no *Globo Rural*] que falava da batata doce em Guarapuava” – sugerindo que outros agricultores poderiam estar tendo êxito financeiro ao diversificar a produção – e completou, “seria uma boa tentar algo assim aqui também, pensei no moranguinho”. Fiquei curioso para conhecer mais sobre os planos de Paulo – bem como o papel do *Globo Rural* nesta elaboração – e para o dia posterior combinei uma entrevista.

Na manhã seguinte, com mais tempo, pude conhecer melhor a propriedade de Paulo – ele havia tirado o dia para me atender! Além do milho e da soja, ele me mostrou ter “umas vaquinhas” que produzem leite para ajudar nas contas domésticas, “além de outras coisinhas” como galinhas, batata, mandioca, feijão, legumes e verduras, tudo para o consumo familiar. Após este breve passeio retornamos à sua casa e começamos a conversar sobre seus planos de investir na produção de morangos como uma alternativa à lavoura de milho – na época Paulo estava bastante empolgado. Como dizia, “a gente não pode se encostar, tem de tentar melhorar sempre, sempre buscar coisas novas”; seu maior problema era que não tinha muita segurança sobre qual o “melhor” investimento, “mas para isso é que tem os técnicos”. Sua mulher também acompanhava a conversa e completou dizendo que eles haviam perdido “muito na cidade” e contraíram algumas dívidas, “agora é difícil ficar assim, só esperando que o ano seja

¹²⁷ Esta interdependência entre aquilo que é considerado “interior” e aquilo que é entendido como “cidade” não apenas confunde as fronteiras entre “rural” e “urbano”, como também possibilitou, sem maiores constrangimentos, meu próprio trânsito pelas diversas comunidades rurais locais durante esta pesquisa – afinal, nunca ninguém me barrou ou estranhou o fato de eu não pertencer à comunidade (estranharam sim outras coisas!).

bom” e consigam algum lucro na venda de milho, por isso “a gente fica tentando umas coisas diferentes”. Paulo lembrou que “nos últimos anos a safra não deu nem pra pagar o seguro” e eles se mantinham apenas da renda mensal advinda do leite¹²⁸. Este é um casal de “jovens” agricultores, ambos com quarenta e poucos anos, que vivem com Dona Maria (mãe de Paulo) e as filhas num terreno herdado por Paulo – antes de “virarem agricultores”, entretanto, este sujeito contou ter morado e trabalhado como mecânico durante anos no centro de Dois Vizinhos, mas “depois que a Carla nasceu não deu mais para ficar na cidade” e veio trabalhar com o pai até seu falecimento.

Após o almoço, neste mesmo dia, mas pela parte da tarde, Paulo e Indiga me levaram para conhecer duas propriedades “vizinhas” que se localizam não muito longe dali¹²⁹. Uma delas era a de Seu Manuel e Dona Rosa, também em *Linha Beneti*, que “são velhos amigos da nona” Dona Maria e estão na “região há bastante tempo”. Indiga contou que sempre deixa as crianças com Dona Rosa, porque ela “gosta bastante de ver elas” e leva Dona Maria para tomar um chimarrão ou fazer alguns doces de vez em quando. Este casal de “mais idade” parece ser bastante presente na vida da família de Paulo e Indiga, desde as atividades na agricultura (que “eles sempre acabam ajudando” financeiramente) até seus momentos de lazer – afinal, como comenta Paulo, “Seu Manuel é cheio de histórias e as crianças adoram”. Manuel hoje é aposentado, mas “ainda” não desistiu da agricultura, sua “paixão” – lamenta inclusive que seus filhos (que “vivem na cidade”) não “levam jeito para isso” e teme não ter quem cuide de sua propriedade quando falecer. Afirma cuidar “quase sozinho” de sua lavoura de milho e do aviário, só para plantar que busca ajuda com Paulo e alguns outros vizinhos. Dona Rosa é uma “típica nona” italiana, “passa o dia todo para lá e para cá, não para um segundo”, como a descreve Indiga; é cheia de histórias e diz gostar muito de Paulo e Indiga – “são como filhos para a gente”.

Quase de noite também conheci a família de Seu Chico e Dona Rizelda em *Linha Conrado*; estes são “bons amigos” de Paulo e Indiga e “moram logo ali”. Na chegada pude perceber que se tratava de uma casa “bem maior”, como afirmava Paulo, onde o casal vive com seus filhos Augusto e Adílio – eles também têm uma filha, “um pouco mais velha”, que é casada e vive no município de Verê. Como já estava quase escurecendo não pude conhecer a

¹²⁸ Quando perguntei se eles não pensavam em deixar de simplesmente pagá-lo, Indiga respondeu que viu na televisão sobre o aumento das dívidas na produção entre “grandes agricultores” de Maringá – “se até eles quebram, imagina a gente que é pequeno” – e completou dizendo que “os técnicos também sempre aconselham o Paulo a fazer” o seguro – “é caro, mas é uma segurança”.

¹²⁹ É preciso notar que o termo “vizinho”, ao menos nestas localidades rurais em Dois Vizinhos, indica mais as relações de afetividade (amizade, familiaridade) do que relações meramente espaciais.

propriedade de Seu Chico nesta ocasião, apenas os entornos de sua casa; Paulo me levou para ver uma horta e o aviário (vinculado à *Sadia*) nos fundos da casa, enquanto Indiga e Dona Rizelda conversavam na varanda – Seu Chico ainda não havia retornado da “lavoura”, ele tinha ido “capinar uns matos para lá”, como disse Rizelda. Para Paulo, Seu Chico e Dona Rizelda eram amáveis e sempre haviam sido bem legais com eles, sobretudo nos tempos mais difíceis que sucederam a morte de seu pai. Mais tarde, com a chegada de Seu Chico, conversamos brevemente sobre as histórias das famílias, que se conheciam já há um “par de anos”, e sobre a vida na comunidade, ou melhor, “sobre a vida do agricultor”, como informava Paulo – fiquei por lá até a hora do jantar, comemos pães e queijos e depois voltei para a “cidade”.

Neste dia me chamou atenção a interpretação que Paulo e Indiga faziam dos “vizinhos” que apresentavam. Atentos aos meus “interesses” em estudar “a vida do agricultor familiar”, Paulo, mais do que Indiga, cuidava para não exagerar nos elogios pessoais e tratava de frequentemente lançar suas severas críticas aos modos de trabalhar e perceber a vida no campo das famílias de Seu Manuel e Seu Chico. Afinal, como dizia, “agricultor não pode mais ser assim, fazer de qualquer jeito”, ou seja, quem não se adapta aos avanços do conhecimento “vai ficar para trás”. Em sua opinião, seus vizinhos “trabalham há muito tempo [na agricultura], estão estabelecidos e têm um jeito meio antigo de fazer as coisas”. Este “jeito antigo”, como me narrou o agricultor, não parece estar relacionado unicamente às técnicas de plantio, mas também, ou principalmente, ao modo como concebem a agricultura – “não adianta ficar discutindo muito, eles sempre fazem do jeito deles”.

Noutros dias, na medida em que ia conhecendo estes outros casais vizinhos, percebi que apesar das relações de proximidade e amizade que cultivavam eles também “estranhavam” o modo como Paulo e Indiga pensavam a atividade agrícola e elaboravam seus projetos familiares. Seu Chico chegou a me dizer certa vez que Paulo “fica muito entusiasmado com essas novidades” e “isso não dá certo, eu tento falar pra ele, mas não escuta”; em referência à idéia de produzir morangos. Opinião partilhada por Seu Manuel, que diz ter “muita bobagem” no que Paulo faz – “não calcula direito às vezes”. Segundo seus vizinhos, este modo “estranho” advém do fato de ser um casal “jovem” (que se revela na idade, mas também no pouco tempo e acúmulo de saberes sobre o campo e a agricultura). Esta “juventude”, ao menos da perspectiva de seus “velhos” vizinhos, parece fazer de Paulo um agricultor com “iniciativa”, que “procura coisas novas” e “sempre está se atualizando”,

mas também “um pouco inexperiente” e “sem muita prática”. Esta perspectiva sobre a “iniciativa” mesclada com “inexperiência” caracteriza um modo de olhar bem típico (recorrente) de muitos agricultores com quem convivi, os quais percebem com desconfiança a substituição de suas tradicionais práticas e saberes por técnicas e estratégias “mais adaptadas” às possibilidades do mercado. Um movimento que pôde também ajudar a compreender alguns processos envolvidos nas diferentes leituras que *Globo Rural* suscitou durante a pesquisa.

Evidentemente não se pode estabelecer uma relação direta entre os planos de vida e perspectivas para a agricultura que Paulo e Indiga cultivam com as imagens e mensagens cotidianamente veiculadas pelo *Globo Rural*, até porque se corre o risco de conferir à televisão e ao telejornalismo rural um “poder” (capacidade) de fabricar o real absolutamente inexistente, ao menos nos contextos estudados em *Dois Vizinhos*¹³⁰. Entretanto, o *Globo Rural* opera dentro de uma lógica de apresentar contextos e instruções (o “como fazer”) – na promoção da modernização do campo via tecnologia ou racionalização da agricultura (também da vida no campo) – que legitimam desejos e projetos de inserção do rural duovizinhense no agronegócio e no consumo. São imagens, mensagens, e narrativas que de modo direto ou indireto interferem nas decisões familiares e na própria percepção que muitos agricultores familiares da região têm de si mesmos e seu espaço de vida. Afinal, quem costuma assistir ao *Globo Rural* apresenta uma regularidade: posiciona-se sobre o que vê pela televisão a partir do que realiza em seu cotidiano agrícola.

Com estas questões em mente, durante o final de dezembro de 2005 e início de janeiro de 2006, passei a conviver diariamente com os moradores desta região a fim de observar a sociabilidade local e a presença da televisão em seus cotidianos familiares – foram conversas, passeios, chimarrões, almoços e jantares. Por intermédio das famílias de Paulo e Seu Chico¹³¹, passei a frequentar também a casa de duas outras: a de Seu Edmilson e Dona Sonia (que dividiam o terreno com seu filho Daniel), em *Linha Beneti*, e a de Seu Ademir e Dona Cecília,

¹³⁰ Cabe ressaltar que o discurso midiático é lido e interpretado a partir do diálogo local empreendido pelas audiências com as mais diversas instâncias que mediam a transmissão e a decodificação das mensagens. Conforme Guillermo Gómez Orozco (1991), os processos de recepção provêm da condição individual de cada sujeito na posição de um corpo que percebe e se comunica com o contexto que o cerca, bem como sua inserção objetiva nos mais diversos contextos sociais locais (como família, igreja, escola, trabalho) e a situação em que a recepção se processa – além, é claro, dos próprios interesses e intenções que o emissor tem com o processo de comunicação.

¹³¹ Optei por reproduzir esta construção local da família a partir da figura do pai para enfatizar um traço marcante da sociabilidade local; embora a presença das mulheres seja marcante na família e na sociedade duovizinhense, é comum observar sua importância diminuída tanto pelo desdém para com as atividades “tipicamente femininas”, quanto pela própria omissão dos nomes (pessoais ou familiares) na configuração das famílias e no registro dos filhos.

em *Linha Conrado*. Seu Edmílson, descendente de migrantes gaúchos, diz ser uns dos “moradores mais velhos da comunidade” – “quando cheguei com o pai não havia nada, umas famílias lá, outras aqui e tudo espalhado, mas aqui era tudo mato” – e sempre ter trabalhado na agricultura local; “criei meus filhos na roça”, hoje dois deles “moram fora” e apenas Daniel permanece em um “terreninho” ao lado. “Amicíssimo” de Seu Chico e conhecido de Paulo, este agricultor não teve problemas em me receber; sobretudo quando soube que estava estudando a agricultura familiar da região. Para ele, “o que conta é ter gente que ajuda os pequenos a se desenvolver”, e estudar a agricultura familiar “é um bom jeito de manter as famílias na terra”, pois acredita que “é a família que dá vida para o campo”. Como relata, há algumas diferenças entre o passado e o presente da agricultura duovizinhense que caracterizam a agricultura familiar a partir de certa “ruptura” não apenas com os tipos de produtos do trabalho agrícola, mas também com os próprios modos de produção. Conforme o agricultor, “antigamente (...) teve a época do fumo, a época o trigo, hoje só dá para plantar milho ou soja, o resto não se aproveita”, além disto, “antes o agricultor vivia muito isolado, produzia quase só para o sustento”, e a agricultura familiar parece marcar uma transição: “com a agricultura familiar os pequenos se abriram para fora [da propriedade] sem deixar a família”. Esta concepção da agricultura familiar ligada à sociabilidade familiar parece revelar um pouco do próprio estilo de vida e de algumas perspectivas hegemônicas sobre a atividade agrícola em Dois Vizinhos: de um lado, as transformações nos tipos de lavoura parecem ter acompanhado as mudanças mais abrangentes na economia agrícola do estado; de outro, a agricultura familiar também figura como uma modalidade produtiva e social que contribui para inserir o agricultor no mercado e no consumo (“para fora” de sua propriedade).

Seu Ademir e Dona Cecília não são “tão antigos” quanto Seu Edmílson e Dona Sonia, vieram de Santa Catarina “tem uns vinte anos” e se estabeleceram em *Linha Conrado*; têm apenas uma filha (Clara), “amiguinha” de Vanessa (a filha mais nova de Paulo), e hoje dizem viver apenas do leite e da produção de queijo para uma cooperativa local. Diferentemente das demais famílias mencionadas, este casal abandonou a lavoura de milho e concentra seus esforços na produção de leite. Seu Ademir me relatou que gostaria de voltar a trabalhar na lavoura (“é o que a gente sabe fazer melhor”), mas como acabou tendo prejuízos em anos anteriores, decidiu fazer um empréstimo para comprar um refrigerador para o leite e algumas “vaquinhas de leite”; desde então nunca mais conseguiu saldar suas dívidas para voltar a plantar. Hoje diz se sentir “um pouco mais seguro” porque descobriu na produção de queijo uma alternativa economicamente viável – “eu seguro um pouco do leite e ela [Dona Sonia]

trabalha o queijo, aí dá para a gente produzir aqui mesmo”. Ademir e Sonia dizem não ter tempo (e nem vontade) para assistir televisão; trabalham todo o tempo na produção de queijos e “quase nem tem tempo para cuidar do resto” (horta, pomar, galinheiro). Essa multiplicidade de atividades, cujas famílias mencionadas constituem apenas alguns exemplos, caracteriza a atividade agrícola na região e parece apontar para a própria possibilidade de manutenção (permanência) da maioria das famílias no interior de Dois Vizinhos.

As famílias de Edmilson e Ademir situavam-se um tanto distante das outras que havia conhecido durante a primeira visita, mas isto não os impedia de se relacionarem, sobretudo próximo do Natal. Durante o tempo em que convivi com estas cinco famílias, as “visitas” que faziam umas às outras foram constantes, bem como as referências aos nomes e histórias em meio às conversas. Todos diziam se “considerar” e enfatizavam bastante sua “união”; uma proximidade que certamente não incluía a totalidade das famílias nas comunidades¹³², mas que configura uma rede de sociabilidades bastante intensa entre estes “vizinhos”. Tal proximidade permitiu acessar um universo cotidiano de conversas e diálogos sobre algumas questões imediatas que envolvem a prática agrícola destes agricultores, ou seja, seu cotidiano profissional. Neste percurso, o telejornalismo rural, a partir do *Globo Rural*, serviu de fonte e “lugar” de estruturação de saberes e sentidos para a construção híbrida da agricultura familiar como uma atividade (identidade) profissional ligada a um modo de vida.

Com a chegada das festas de final de ano foi interessante notar como os laços de sociabilidade se fortaleceram e as amizades se avivaram nos interiores de Dois Vizinhos. A representação do fim de um ciclo parecia tornar-se cada vez mais forte e os desejos e projetos para o novo ano já começavam a borbulhar. Nessa atmosfera de trocas e renovação era difícil falar de outros projetos senão aqueles voltados para a agricultura, mesmo na “cidade” não se conversava sobre outra coisa senão das perspectivas e possibilidades para a agricultura e para o desenvolvimento do agronegócio. Em *Linha Beneti* e *Linha Conrado*, no contexto de ano considerado “ruim”, a entrada um de novo ciclo representava também a possibilidade para que estes agricultores refizessem seus planos e organizassem os orçamentos; e todo o empenho de Paulo e Indiga para “procurar” uma alternativa à produção fazia da atividade

¹³² Um exemplo disto ocorreu em uma visita que realizei a uma “outra” propriedade, de Seu Nilton, alguns dias após conversar com as famílias de Paulo, Chico e Edmilson. Já sabendo de minha passagem pela comunidade, este senhor se mostrou reticente e se recusou a prolongar qualquer conversa; foi logo dizendo que eu deveria me informar com Paulo. Mais tarde fiquei sabendo por intermédio de Paulo e Seu Manuel que aquele “não é de muita conversa”, “quase nunca ajuda ninguém e nem na missa vai!”, e por isso suas famílias “não se dão”. Na perspectiva daquele agricultor (Nilton) minhas conversas com estas outras famílias provavelmente me colocaram na posição de possível “inimigo”, ou seja, aquele que não é da família, nem mesmo amigo – preferi não incomodá-lo.

agrícola um tema aberto ao debate e a controvérsia. Foi com estas questões “no ar” que convivi pouco mais de um mês com estas cinco famílias, conversando sobre a agricultura e dialogando com seus fazeres cotidianos.

Grande parte das conversas e entrevistas que estas cinco famílias me ofereceram, ao menos nas primeiras semanas de convivência, concentraram-se ora sobre os projetos “ambiciosos” (e “ingênuos”) de Paulo e Indiga, ora sobre o significado da atividade agrícola naquelas localidades – que perpassava também meu interesse sobre o *Globo Rural*. Da perspectiva de Paulo e Indiga, diversificar a produção parecia ser a “única” alternativa à “estabilidade” econômica e ao “desenvolvimento” familiar no interior. Tal projeto nunca foi criticado por seus vizinhos, pelo contrário, eles também acreditam que quanto maior a diversidade, maior a facilidade de se manter no campo. O que de fato parecia-lhes causar certo “estranhamento” foram os sentidos a tais projetos de crescimento e expansão, frequentemente referidos como “desejos consumistas” ou sua “gana” por crescer “rapidamente na agricultura”. Seu Chico, assim como Seu Edimilson e Seu Ademir, partilhavam com a família de Paulo alguns desejos bastante recorrentes pelos interiores de Dois Vizinhos; estas famílias esperavam “tempos melhores”, de maior “prosperidade”, partilhavam sonhos comuns de consumo doméstico (como carros, eletrodomésticos ou móveis) e profissional (na aquisição de terras, tecnologias ou mão-de-obra); “sempre com o objetivo de melhorar de vida”, como me informou Seu Edimilson¹³³. O que não lhes parecia correto, como inúmeras vezes me disse Seu Chico, Seu Ademir e Seu Manuel, era o furor (“ganância”) com que Paulo os buscava. Para Seu Chico, Paulo “não conhece direito a região e pensa que dá pra fazer qualquer coisa, eu duvido que dê certo essas invenções dele” – em referência às propostas de Paulo em investir na produção de morangos ou mesmo algumas outras frutas que eram “estranhas à região”, como me informou este vizinho. Na opinião de Seu Manuel é disto que decorre a vontade de Paulo em “crescer a todo custo”; para ele, este agricultor “fica comprando, fazendo dívidas, fazendo dívidas e depois não consegue pagar mesmo!”. Tais perspectivas são partilhadas por Seu Ademir que, em referência ao *Globo Rural*, diz ser “como se a gente [agricultores da região] não soubesse, como se fizesse errado as coisas – mas tem coisas que a gente não faz por que não dá para fazer”.

Antes que todos estes pontos de vista sobre Paulo e Indiga passem por simples “fofoca”, cabe pontuar que eles nunca me foram gratuitamente expostos, nem mesmo fizeram

¹³³ Desejos estes que nunca foram “estranhos” às pessoas com quem convivi no “interior” ou na “sede urbana” de Dois Vizinhos e que sempre se fizeram presentes tanto no cotidiano familiar da roça como da cidade.

parte da agenda “comum” do bate-papo local; pelo contrário, são o resultado de “muita conversa” e foram produzidos no próprio convívio com um pesquisador da capital que apresentou (sugeriu) questões que dizem respeito ao cotidiano daquelas famílias e, por isso mesmo, “merecem resposta”, como disse Seu Manuel. Mais do que isso, são opiniões que informam sobre algumas das razões, condições e cenários em que o familiar agrícola é pensado e produzido, revelando os sentidos desta construção. Em *Linha Beneti e Linha Conrado* sempre foi assim: primeiro conversamos até não dar mais sobre o cotidiano e as histórias familiares; aos poucos começavam a surgir temas mais abrangentes sobre a economia, política e a própria sociedade envolvente; e por fim a atenção retornava para as práticas e sociabilidades locais. Neste movimento não foi a história local de famílias e comunidades rurais que chamou a atenção, mas a construção de representações sobre a agricultura (prática profissional) e o interior (espaço de vida) que ressignificam a identidade rural – aberta às tensões geradas pelas distintas estratégias, práticas, saberes e consumos locais.

Do mesmo modo que Paulo e Indiga se preocupavam com uma atividade alternativa para complementar sua renda, as famílias de Seu Chico, Seu Edmilson e Seu Ademir também se ocupavam em rever orçamentos e planejar as possibilidades para uma nova “temporada”; apenas Seu Manuel e Dona Rosa pareciam não se importar muito com “reformulações” ou “transformações” em sua atividade profissional – afinal, como pensa Seu Chico, “Seu Manuel é aposentado e não precisa se preocupar muito com essas coisas”. Embora a oposição entre as perspectivas de Paulo e os demais agricultores destas localidades rendesse maior polêmica, as perspectivas de Chico, Edmilson, Ademir e Manuel nunca pareceram ser exatamente as mesmas. Mesmo sem serem veementemente explicitadas, as diferenças entre seus planos e projetos também eram grandes. Em uma conversa entre Chico e Edmilson pude perceber claramente este desejo de “mudanças” e o sentimento de insegurança por ele trazido: Chico disse (para nós) ter planos para utilizar parte do crédito agrícola na aquisição de um automóvel novo, pois pensava ser “hora de comprar um carro bom para viajar”; Edmilson, por outro lado, julgava ser um investimento arriscado para um agricultor familiar, uma vez que Chico estaria “contando com a sorte” de um ano sem prejuízos – para ele, se a família depende da agricultura “não da pra correr esse tipo de risco”. Perspectivas como estas não revelam apenas diferenças nos gostos pessoais, mas posições distintas acerca da própria representação que estes agricultores fazem da agricultura e dos sentidos que são atribuídos à vida no interior. Neste sentido, os hábitos de consumo adquirem importância, pois distanciam

projetos de vida no campo e configuram distintas perspectivas acerca das prioridades familiares. Como me disse Manuel, “quem é pequeno precisa saber que a família depende do trabalho na roça, não pode ficar comprando assim qualquer coisa”, por isso mesmo, na opinião deste agricultor, são os hábitos de consumo que definem a própria agricultura familiar. Neste mesmo sentido, Ademir também diz ser justamente o consumo, ou melhor, o “não saber” consumir que faz com que muitos não consigam se manter na agricultura; segundo ele, “se não conseguir aproveitar o que produz em casa e sair comprando os alimentos fica difícil” a reprodução familiar¹³⁴.

Estes diferentes modos de consumir, que informam sobre as maneiras distintas de planejar a atividade agrícola e conceber a vida familiar, configuram diversas estratégias de produção e reprodução da agricultura familiar na região; estratégias presentes desde os “ambiciosos” planos da família de Paulo para diversificar sua produção, passando pelos desejos de Chico em adquirir um automóvel novo, até mesmo as próprias opiniões de Ademir sobre a “importância” de se aproveitar o que a propriedade tem a oferecer – isto para mencionar apenas algumas das experiências que presenciei nestas duas localidades. Ocorre que estas práticas de consumo individual, motivadas pelo desejo e pelos gostos pessoais, compõem apenas parte de um outro tipo de consumo que se realiza na própria apropriação e significação do interior como um espaço de trabalho e vida: o consumo cultural do rural¹³⁵. São estes processos que passam a (re)configurar a agricultura familiar a partir de identidades rurais híbridas, que se abrem à produção e reprodução de saberes, práticas e perspectivas diversas sobre o rural e a atividade agrícola. Neste caso, se for correto afirmar, como o faz García Canclini, que nos processos de consumo cultural “o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso ou troca, ou onde pelo menos estes últimos se configuram subordinados à dimensão simbólica” (1993:34), então a televisão e particularmente o telejornalismo rural (aqui investigado a partir do *Globo Rural*) de fato podem estar complexificando a vida cotidiana a partir da correlação de lógicas midiáticas, afinadas com a modernização (urbanização) das atividades e estilos de vida no campo, com práticas e saberes locais.

O destaque atribuído ao *Globo Rural* (telejornalismo rural) neste trabalho advém deste fato: a interpenetração de diferentes modos de representar e perceber a vida cotidiana no

¹³⁴ Esta discussão acerca do consumo doméstico como condição/necessidade para a própria reprodução familiar da agricultura remonta os clássicos textos de Chayanov (1981).

¹³⁵ Sobre o consumo cultural me parece relevante retomar a conceituação de Nestor García Canclini sobre o consumo como “o conjunto de processos socioculturais nos quais se realiza a apropriação e os usos dos produtos” (1993:24).

interior de Dois Vizinhos que pluralizam a idéia de agricultura familiar – entendida como uma identidade rural central na definição dos espaços rurais locais. Neste sentido, o que me parece teoricamente inovador e politicamente relevante é a necessidade de romper a descrição “pouco” dinâmica de um rural distanciado da sociedade que o envolve e focalizar nos processos de rearticulação das práticas, saberes e identidades sociais a partir da construção híbrida de estratégias culturais para produção e reprodução da vida no campo. Ultrapassando, assim, as narrativas sobre o campo (e seus habitantes) que reconstróem subjetividades originárias ou iniciais – como quem busca um tempo concreto (da “tradição”) e um sujeito espacialmente circunscrito (na “comunidade” ou “bairro” rural) – e penetrando em toda a trama de hibridismos culturais que emergem na negociação local dos sentidos e significados da vida e do trabalho.

6.2. TELEVISÃO E DINÂMICAS SOCIAIS DA VIDA RURAL

Disposta sempre no lugar mais “importante” das salas, junto aos retratos familiares, a televisão é um dos objetos prioritários de consumo também no interior de Dois Vizinhos. Percebidos como uma necessidade, estes aparelhos fazem parte da agenda de desejos materiais das mais variadas famílias com que convivi; no que diz respeito ao seu consumo visual cotidiano, não foi raro presenciar prolongadas discussões sobre a posse do controle remoto e das melhores opções de programação – sobretudo quando “o pai” não está presente. Em algumas casas, como na de Chico, havia mais de um aparelho: um deles ficava no quarto do casal, o outro estava posicionado diante da mesa das refeições – e pergunte se alguém sentava de costas para a televisão! Evidentemente, este é um padrão de consumo audiovisual que não pode ser estendido às maiorias em Dois Vizinhos; todavia, mesmo entre aqueles considerados “mais pobres”, em que a assistência técnica e médica “nem chega” (como algumas vezes fui informado), a proliferação de aparelhos e antenas de televisão foi uma constante¹³⁶.

¹³⁶ Conforme os indicadores do *IBGE*, 99% das propriedades (“rurais” e “urbanas”) no município de Dois Vizinhos detêm energia elétrica, o que ajuda a explicar a ampla penetração dos televisores nos mais diversos contextos locais. Não explica, contudo, o crescente movimento local de reconhecimento e auto-reconhecimento que se processa com e a partir da televisão.

Durante todo o tempo em que frequentei as casas de alguns agricultores em *Linha Beneti* e *Linha Conrado* a televisão nunca esteve ausente dos olhares, mesmo quando distante das conversas. Para a família de Paulo e Indiga, como mencionei no item anterior, os conteúdos televisivos pareciam despertar particular interesse. Em meio a conversas e convívios descobri que uma parcela significativa do lazer destes agricultores gira em torno das programações televisivas, que os fazem inclusive programarem algumas de suas atividades (visitas, refeições e mesmo o trabalho) de acordo com os horários da televisão. Na família de Seu Chico e Dona Rizelda se falava menos sobre os temas diretamente apresentados pelos programas, mas as narrativas televisivas também detêm certa centralidade nos momentos de “folga” (lazer). Como me disse Dona Rizelda: “quando as crianças não estão fazendo os deveres [da escola] sempre assistem com a gente o jornal e as novelas”, em referência ao *Jornal Nacional* e às novelas veiculadas pela *Rede Globo*. Seu Manuel e Dona Rosa, por outro lado, sempre se mostraram alheios à programação televisiva e diziam preferir “gastar o tempo” escutando rádio. Sempre que estive por lá a televisão esteve sintonizada na *Rede Globo*, mas eles nunca aparentaram prestar atenção no que se passava; Dona Rosa inclusive me contou que gosta de ter um “barulho” enquanto está em casa, mas como não escuta bem raramente entende o que está acontecendo. Evidentemente, eles não precisavam assistir à televisão para saber “do que se trata”, seus vizinhos constantemente os mantinham atualizados sobre os principais temas e assuntos em pauta. Seu Edmilson e Dona Sonia também aparentavam não se incomodar com o que se passa na televisão, desde que ela estivesse ligada, “é claro”; ganharam o aparelho do filho Daniel recentemente, mas “nunca” mudaram de canal, como afirmam. Edmilson passa o dia todo trabalhando e quando chega em casa diz não ter tempo nem paciência de assistir televisão, entretanto, como explica Sonia, “ele sempre me pergunta as notícias, e fica brabo quando não consigo explicar”. Caso diferente da família de Seu Ademir e Dona Cecília, que quase não admitem assistir à televisão, “apenas um pouco”, já que “não dá pra ficar sem ver” – também cuidam de “policiar” a filha Clara “para que não passe a tarde vendo televisão”. Seu Ademir sempre procurou se mostrar bastante crítico aos conteúdos e formatos televisivos; Dona Cecília, do mesmo modo, dizia até se sentir “um pouco mal quando começam a falar das novelas, por exemplo”, por achar “isso tudo muito chato”.

Estas falas descritas acima, que ilustram o contexto (material e simbólico) de pesquisa no qual estive inserido, parecem contar um pouco mais do que a história destas cinco famílias; auxiliam igualmente na construção de uma representação mais clara e precisa acerca do lugar

e papel da televisão no cotidiano rural de inúmeras famílias de agricultores familiares em Dois Vizinhos. Trata-se de agricultores que passaram a utilizar a narrativa televisiva (em seus variados gêneros) para interpretar e explicar o mundo que os cerca, servindo como uma das forças motrizes na construção e percepção da realidade social em que estão inseridos. Neste cenário, que talvez possa ser definido pela ampla penetração dos aparelhos e discursos midiáticos, a programação televisiva sempre me foi dividida pelos agricultores em dois tipos distintos de programas: aqueles cujos conteúdos são considerados “sérios” (informação) e outros “mais divertidos” (entretenimento); como me disse Dona Sonia em um almoço que tivemos na propriedade de Paulo e Indiga, sua família “vê televisão porque se diverte, menos quando fica vendo o jornal, que é coisa mais séria”. Essa opinião foi bem aceita por Paulo e Indiga e também reproduzida pelas outras famílias com as quais conversei, separando, de certo modo, os telejornais (tidos como programas “sérios”, de “respeito”, que “exigem atenção” e, por vezes, figuram como uma programação “menos gostosa de ver”) dos demais programas (como novelas, filmes, programas de auditório, culinária, música, ou mesmo os desenhos) – salvo os telejornais esportivos (como é o caso do *Globo Esporte* ou o *Domingo Esportivo* da *Rede Record*, que são os mais assistidos). Inserido no espectro dos telejornais, o *Globo Rural* aqui também ocupa uma posição ambígua (como já discutido em capítulo anterior); segundo Seu Chico, “o *Globo Rural* não é nem uma coisa nem outra”. Sua referência, contudo, é a do programa semanal, que assiste aos domingos; Dona Rizelda tem uma opinião diferente, pois acompanha também sua programação diária: “até que têm umas coisas divertidas sim, mas também as coisas chatas – tem vezes que eu nem tenho vontade” de assisti-lo. Essa recepção ambivalente, que revela a própria ambigüidade na narrativa deste telejornal (ora informação, ora entretenimento), foi constante durante quase todas as entrevistas – e configura a própria estratégia discursiva de sua equipe de produção.

Mesmo não sendo um objeto de consumo prioritário na televisão, o *Globo Rural* muitas vezes emergiu em meio a conversas sobre práticas e saberes diretamente relacionados com os contextos locais da vida rural em Dois Vizinhos. De fato, este programa frequentemente ativou identidades rurais e também foi ativado para legitimar práticas ou representações acerca da agricultura familiar – configurando, em grande medida, um lugar (espaço virtual) de “estruturação de sentidos” (HALL, 1980; MARTIN-BARBERO, 2001b) sobre as próprias “visões” acerca do rural e da vida no interior. Quem costuma assistir ao *Globo Rural* apresenta uma regularidade: não se trata de uma atividade estritamente diária, mas eventual; não é preciso acompanhar muito de perto para saber o que está acontecendo,

nem mesmo assistir ao telejornal inteiro – as imagens, sonoras e a própria estrutura narrativa das reportagens rapidamente informam o espectador. Por isso mesmo, as notícias frequentemente são percebidas como meros “retratos do rural” no país ou “objetivas” análises econômicas, destituídas que qualquer possibilidade de politizá-las. Tais leituras, contudo, abriram uma porta de acesso ao cotidiano agrícola duovizinhense, aos sujeitos e as distintas percepções da atividade profissional (saberes, práticas e identidades) vinculada ao espaço de vida, revelando uma faceta tácita da política que gira em torno das possibilidades destes agricultores em representarem e serem representados.

Enquanto estive em *Linha Beneti* e *Linha Conrado*, não conheci pessoas que acompanhassem mais a programação do *Globo Rural* do que Paulo e Indiga – estavam tão “por dentro” que muitas vezes me informavam sobre notícias atuais e as relacionavam com outras, mais antigas. Evidentemente o fato de diariamente acompanharem este telejornal não justifica sua “simpatia” para com o programa – também conheci outras audiências assíduas, porém mais críticas com relação ao telejornal –, mas parece ao menos ajudar a promover certa familiarização com o olhar “da *Globo*” sobre o rural. A familiaridade do casal com os formatos deste telejornal certamente contribuía não apenas para o entendimento das reportagens, mas também para a própria construção de um imaginário “afinado com as modernidades” do campo que este telejornal traz.

Em um domingo de janeiro de 2006, acordei cedo para assistir com o casal a uma reportagem do *Globo Rural* que narrava a trajetória de “progressos” no município “rural” de Primavera do Leste, no Mato Grosso. Intitulada “Só Progressos...”, a notícia iniciava com imagens que remetiam às profundas transformações que o município sofreu em seus quarenta anos de existência. Fundada no mesmo ano em que a *Rede Globo*, o programa (re)contou a história desta localidade narrando a trajetória das famílias precursoras, desde sua primeira viagem à região até o sucesso recente da “agricultura empresarial” na modernização local – acompanhei tudo junto de Paulo (enquanto Indiga preparava o café), que gostou de ver a mudança que aconteceu por lá. Com a imagem de uma extensa área plantada ao fundo – que logo passava para um enorme silo de armazenamento de grãos, contribuindo para enfatizar a “grande” produtividade da fazenda – surgia uma locução em *off* para noticiar tal processo de transformações como resultado da aquisição de “máquinas, equipamentos e implementos agrícolas” por aqueles agricultores; concluindo, desse modo, que “tudo que tinha de mais moderno naquela época foi levado para o lugar”, fazendo de Primavera do Leste “uma

referência na região”. Naquela ocasião Paulo concordou com o que via, afirmando que são tais “mudanças” que “fazem a agricultura se desenvolver”; para ele, “se o agricultor não se atualiza não consegue sobreviver”. Curioso, no entanto, foi observar a estratégia narrativa adotada pelo repórter, que intercalou as falas das famílias pioneiras com as que um jovem (chamado Daniel) fazia sobre seu jogo de computador – no qual desempenhava o papel de desenvolver áreas agrícolas e construir “cidades virtuais”. Apresentado como “um garoto do seu tempo, afinado com as modernidades”, a figura de Daniel contribuiu para que a reportagem construísse uma atmosfera de “progressos” em Primavera do Leste que não só modificou a estrutura material da região, mas a própria mentalidade das pessoas.

Conversando com Paulo e Indiga, logo após o programa, pude perceber que suas interpretações caminhavam na mesma direção que a reportagem sugeria; “olha só que beleza!”, disse-me Indiga, “se desde cedo tivessem nos ensinado a planejar as coisas [em referência ao tino empreendedor de Daniel] nossa região também virava uma referência, porque gente disposta a trabalhar não falta por aqui” – para ela o que falta mesmo é incentivo para “modernizar” e instrução para “aperfeiçoar” a produção. Além de as transformações tecnológicas estarem fascinando estes agricultores e influenciando suas perspectivas sobre a agricultura, é também relevante compreender como o discurso da modernização agrícola parece remeter a uma representação mais dinâmica sobre a agricultura e a uma imagem mais fluida e aberta da vida no campo. Trata-se de um encontro de experiências distintas (locais e midiáticas) que parece de fato acelerar certas transformações locais na reflexão e discussão sobre as melhores estratégias para produção material e simbólica da vida no interior – sobretudo quando estes agricultores se defrontam com as narrativas da modernização (urbanização)¹³⁷. Paulo é filho de agricultores e trabalhou na agricultura durante sua infância; embora sempre tenha “estudado muito” e trabalhado na cidade, nunca deixou de “ajudar os pais na roça”. Todavia, como faz questão de frisar, nunca ficou “fechado na propriedade”, sempre tratou de aperfeiçoar suas técnicas e se informar sobre “o que há de mais moderno” – toda essa “experiência na agricultura” hoje ele procura aplicar em sua propriedade. Para Paulo e Indiga o *Globo Rural* trata justamente destas questões: “é um programa que tenta ensinar como se aperfeiçoar, [como] não ficar tão fechado na vidinha da roça, como tirar o melhor de

¹³⁷ Não se trata exatamente de um processo que “retira” o espectador das imediações do interior e defronta-o com “grandes” indústrias ou paisagens “exuberantes”; é justamente a veiculação de conteúdos e informações sobre a própria vida rural, assim como a atividade agrícola, que parece, ao menos para Paulo, Indiga e tantos outros conectados com a programação rural do telejornalismo, colocar em xeque a manutenção (reprodução) de saberes, práticas e representações (identidades) pela aproximação de “outros” fazeres e estilos de vida rurais trazidos pela televisão (distantes espacialmente e socialmente) com as situações cotidianamente vividas por estes agricultores.

seu trabalho”, é um telejornal que “mostra um mundo bem maior do que a gente vê” – e disso eles não tinham dúvida. Esta é uma percepção sobre a realidade local que é construída no entrelaçar de relações internas e externas às comunidades¹³⁸.

Enquanto convivi com esta família me chamou atenção o modo como construíam seus projetos para a agricultura e suas preocupações familiares. Os modos de consumo familiar nunca me soaram estar em descompasso com suas perspectivas de desenvolver a propriedade e diversificar a produção agrícola. Se por um lado a necessidade de “lucrar mais” com a agricultura sempre foi colocada pelo casal como uma condição de sua permanência e reprodução familiar no campo, por outro as possibilidades de adquirir móveis, eletrodomésticos e até mesmo um automóvel, juntamente com a quitação de suas dívidas, pareciam fazer parte desta reprodução. Indiga nunca reclamou, ao menos para mim, do que comiam, dizia estar satisfeita com a alimentação da família e se admirava em ver “tanto verde assim na mesa, faz bem para as crianças”, desejava, porém, que “sobrasse um dinheirinho” para “fazer umas compras no supermercado” – “algumas frutas diferentes, umas bolachas, refrigerante de vez em quando e algo diferente para cozinhar... sei lá, podia ser uma massa”. Paulo, por outro lado, sempre que emprestava o “fusca velho” de Seu Manuel reclamava por não ter condições de ter seu próprio veículo; certa vez disse que, “se tudo der certo”, no final do próximo ano pretende comprar seu próprio automóvel, além de um computador para as crianças, pois pensa que “sem essas coisas a gente fica muito atrasado”.

Este imaginário colonizado pelo discurso do agronegócio, via *Globo Rural*, nunca despertou tanto a atenção das outras famílias com as quais convivi em *Linha Beneti* e *Linha Conrado*, como parecia despertar em Paulo e Indiga. Nas casas de Chico e Edmílson, onde também se sintoniza quase diariamente no *Globo Rural*, são as mulheres (Dona Rizelda e Dona Sonia) quem mais assistem ao telejornal, pois seus maridos levantam “cedo e vão para a roça trabalhar, sempre tem alguma coisa pra fazer”. Contudo, a atenção destas mulheres passeia por interesses diversos dos conteúdos trazidos pelo telejornal; mesmo parecendo estar sempre ligada, como observei, há tantos outros afazeres ou conversas paralelas (com os filhos) que raramente se referem ao que mostra a televisão. Dona Rizelda sempre lembra seu

¹³⁸ Como já observou Wanderley, o meio rural no Brasil pode ser entendido como “um espaço suporte de relações sociais específicas, que constroem, se reproduzem ou se redefinem sobre este mesmo espaço e que, portanto, o conformam enquanto um singular espaço de vida”; para apreendê-lo é necessário ter em mente sua “dinâmica social interna, isto é, aquela que resulta da maior ou menor intensidade e complexidade da vida local e, por outro lado, as formas de sua inserção em uma dinâmica social externa” (2000:30). Neste sentido, penso que dinâmica entre o interno e o externo têm se intensificado com a presença da televisão, ao menos em Dois Vizinhos – talvez se possa mesmo dizer que a sociedade envolvente nunca se fez materialmente tão presente como agora através da televisão.

filhos (Augusto e Adílio) e apenas “de vez em quando [dá] uma olhadinha” quando passa em frente a televisão; Dona Sonia também tem o hábito de ligar o rádio em sua cozinha enquanto prepara o café – enfim, são atividades dispersas, distraídas e que promovem com frequência certo distanciamento. Mesmo aos domingos, quando estas famílias geralmente acordam “um pouco mais tarde” e acompanham o *Globo Rural* reunidas, a programação sempre concorre com inúmeros outros eventos domésticos.

Se a atenção é dispersa na hora da própria narrativa do telejornal, é ainda mais dispersa durante os comerciais – Seu Chico é um dos que sempre pede silêncio na hora em que está assistindo ao telejornal, mas sai da sala, conversa e se distrai no intervalo. Estes acontecimentos, por sinal, são os que mais parecem “dificultar” o trabalho tanto dos jornalistas, quanto dos publicitários, que reconhecem a baixa atenção como um “problema” na estruturação das notícias (como me informou um editor chefe da RPC em Curitiba), bem como dos intervalos comerciais¹³⁹. Contudo, se o produto não é “vendido” pelo comercial, ao menos a representação de um rural que aumenta seu potencial de consumo e começa a ser inserido no mercado parece cristalizar-se na seqüência de imagens e falas trazidas pelo programa. Mesmo sem acompanhar concentradamente às notícias e chamadas do *Globo Rural*, tanto Chico, Rizelda, Sonia ou mesmo Edmílson (que se recusava a mostrar qualquer interesse) sempre fazem alguma idéia do que se passa na tela – por isso mesmo, sempre pudemos conversar sem maiores problemas de “entendimento” sobre os diversos assuntos apresentados pelo programa.

Estes modos “distraídos” na audiência do *Globo Rural* revelam uma maneira bastante descompromissada de assistir ao telejornal, que é frequentemente consumido como entretenimento por estas famílias. São histórias, curiosidades, receitas ou atividades que não dizem respeito exclusivamente à atividade agrícola, mas configuram um cenário mais amplo da realidade rural nacional apresentada pelo *Globo Rural*. São instruções incorporadas, por exemplo, pela culinária de Dona Rizelda, Sonia ou mesmo no assado gaúcho “típico” de Paulo; novidades que despertam a curiosidade de Seu Chico, Edmílson, ou qualquer outro espectador da região; enfim, são hábitos, gostos e sentimentos que retratam proximidades (afinidades) e distanciamentos entre o aqui (vivido em Dois Vizinhos) e o lá (trazido pelo telejornal). Neste sentido, me parece relevante perceber: não é exatamente o fazer agrícola e

¹³⁹ No que diz respeito à produção publicitária na televisão, o trabalho de David Ogilvy (1983) explicita esta “preocupação” em “prender” a atenção das audiências através do uso de som, que evitaria que os espectadores (“consumidores”) saíssem das salas já no início dos comerciais. Júlio Ribeiro (1985) também destaca a importância do impacto inicial para atrair a atenção dos telespectadores.

suas variadas instruções técnicas que prendem a atenção das famílias de Chico ou Edmílson, mas a exposição de mundos e situações, em sua maioria muito distintas daquilo que estes agricultores vivem (como eles próprios reconhecem), que atrai o olhar e os familiariza com determinadas concepções sobre o rural veiculadas por este telejornal. Aparentemente trata-se de uma leitura “desviada”, como quem observa apenas com “curiosidade” alguns dos estereótipos do interior e da agricultura na televisão; uma leitura que nada tem que ver com o modo “interessado” de Paulo, por exemplo, e não se fixar em nenhum conteúdo específico. Contudo, são leituras que isoladamente representam percepções dispersas e pouco consistentes, mas reunidas promovem um processo ativo de formação da sensibilidade. Trata-se dos processos pelos quais as informações são recebidas, discutidas e, por vezes, incorporadas. Portanto, fazendo valer aquilo que Raymond Williams define como “estruturas de sentimento”, ou seja, construções narrativas que operam na percepção e fabricação social da realidade (1992)¹⁴⁰. Neste sentido, não me parece equivocado concluir que tal familiarização com as mensagens e formatos do *Globo Rural* impõe às suas audiências rurais o repensar de suas atividades a partir do contato com contextos “mais desenvolvidos” (como identifica Seu Chico) e profundamente inseridos no mercado. Portanto, tais textos ou formatos culturais emergem como desdobramento de uma representação social do rural colonizada pelo discurso da modernização agrícola que informa e forma sensibilidades locais.

Um outro modo de “olhar” o *Globo Rural* também presente nos contextos rurais de *Linha Beneti* e *Linha Conrado* é o das famílias de Seu Manuel e Seu Ademir, que raramente acompanham o *Globo Rural* – mesmo aos domingos. Seu Ademir e Dona Cecília simplesmente não o consideram um programa “interessante”; Seu Manuel e Dona Rosa diariamente deixam o televisor sintonizado na *Rede Globo* no horário do *Globo Rural*, mas nunca os encontrei dentro de casa para assisti-lo, e aos domingos costumam ir à missa. Em algumas ocasiões que pedi para assistirmos ao telejornal, sempre percebi como estes espectadores “inexperientes” não tiveram o que comentar e, na maioria das vezes, pareciam não achar que as reportagens poderiam ser temas de discussão – menos ainda os formatos do próprio telejornal. Contudo, mesmo sem acompanhar o telejornalismo rural não foi raro observá-los debatendo as notícias veiculadas a partir das leituras realizadas por seus vizinhos. Seu Manuel diz gostar de discutir com Paulo porque sempre “dá uma discussão boa”; em sua opinião Paulo entende “pouco de agricultura” e aprende ainda “menos com a televisão” – para

¹⁴⁰ As estruturas de sentimento são, para Williams, formações sociais que surgem inicialmente na produção cultural, sempre vinculadas a uma determinada classe social, onde são desenvolvidas e através das quais interagem com a sociedade e tornam-se parte dela, disseminando-se socialmente e atuando na formação das sensibilidades (1992).

este senhor de mais de sessenta anos o *Globo Rural* é um programa “meio inútil” porque “ensina tudo errado”. Dona Cecília, a mulher de Seu Ademir, diz algo parecido: “as pessoas fazem uma idéia muito errada do que passa na televisão, lá é tudo bonitinho, tudo certinho, mas não é certo sempre – tem vezes que a gente tem de fazer do nosso jeito, senão as coisas dão erradas”; contudo, aprecia os “pratos” que suas vizinhas aprendem vendo o programa, mas como não tem “mão boa para a cozinha” acaba nem se interessando em acompanhar tais reportagens.

Estes modos de perceber o *Globo Rural* como um programa distante do cotidiano local em Dois Vizinhos, e desvinculado da atividade agrícola familiar da região, costumam ser bastante críticos em relação as notícias e informações por ele veiculadas. Revelando, desse modo, uma percepção aguçada acerca das distâncias entre a agricultura local, que se concentra sobre a estabilidade e reprodução (manutenção) da atividade de base familiar, e um rural midiaticizado, que é apresentado face a atividade empresarial ou agroindustrial através da promoção do empreendedorismo e das inovações (mudanças) tecnológicas – afinal, como argumenta Seu Ademir, grande parte das reportagens “falam de uma agricultura diferente da que temos aqui” na região. Entretanto, mesmo entre estas audiências, os discursos e narrativas sobre esta “outra” agricultura trazida pelo *Globo Rural* não passam despercebidos; nas conversas entre vizinhos ou familiares seus temas são atualizados e frequentemente confrontados com as mais diversas perspectivas locais, configurando um cenário de discussões e interpolações acerca da programação que (re)constrói processos de (re)conhecimento a partir das próprias estruturas narrativas do programa. Seu Manuel, por exemplo, “entrou” em uma discussão com Seu Chico acerca do significado do tropeirismo no sudoeste do Paraná, certa ocasião em que estive com eles. Chico questionava o fato de o sudoeste ser um “grande” reduto de tropeiros no estado, pois sabia que as tropeadas passavam longe da região – primeiro por Curitiba e Ponta Grossa, mais tarde por Palmas; Manuel dizia que isto nada tinha que ver com o fato de que muitos gaúchos, tropeiros e filhos de tropeiros, viriam se estabelecer na região. Mesmo sem se dar conta, Manuel estava participando (confrontando e negociando seus próprios conhecimentos) de uma conversa com seu vizinho em muito influenciada pela série de reportagens sobre *Os Tropeiros* no sul do Brasil – na época veiculadas pelo *Globo Rural*. Exemplos como este não são incomuns nos contextos de Dois Vizinhos e denotam um movimento pelo qual a narrativa televisiva, e particularmente as narrativas rurais, cotidianamente extrapola o universo circunscrito da audiência direta dos

programas – fazendo da recepção um processo complexo de decodificação que invade as mais variadas dimensões da vida cotidiana.

Neste caso, a importância não está no lugar em que a narrativa é assistida (decodificada), mas em seu consumo e disseminação local através das “vivas” dinâmicas da sociabilidade que configuram os processos de desconstrução e reconstrução das identidades (representações) rurais em Dois Vizinhos. Desse modo, dificilmente cruzei com agricultores “alheios” ao que se discute e apresenta no telejornalismo rural, todos sempre tiveram o que opinar, embora nem sempre controlassem os elementos narrativos que expressavam. É um movimento aberto a vasta possibilidade de interpretações, mas que sempre encerra um “sentido preferencial” para as leituras; mesmo porque, tais leituras “desviadas” ou interpoladas encerram sentidos e significados que são apresentados (propostos) num movimento que circula do *Globo Rural* ao agricultor – sem um efetivo espaço de diálogo, estruturando narrativas midiáticas que passam à margem de “pequenas” localidades como Dois Vizinhos. Portanto, os significados das mensagens difundidas pelo programa, mesmo não sendo unilateralmente impostos, também não são infinitamente abertos. Como já observou Hall, o texto cultural (dentro ou fora da televisão) não pode estancar ou fixar qualquer leitura preferencial, pois os significados intrínsecos ao texto sempre são “infinitamente diferidos”; isto, porém, não significa que ele esteja aberto a qualquer decodificação, pois os saberes e poderes envolvidos nos processos de produção atravessam os discursos e estruturam o horizonte de possibilidades para sua própria leitura e interpretação (2003: 364-365). Isto me parece evidente em Dois Vizinhos e seus contextos de interpretação do *Globo Rural*: a questão não é “aceitar” ou não estas reportagens, se reconhecer ou não neste gênero midiático, mas sim a da disparidade entre os conhecimentos, experiências e perspectivas de mundo que separam os processos de produção das possibilidades de leitura e decodificação que os agricultores realizam, sempre no contraste entre o que vêem e o que vivem. E neste sentido concordo com Hall ao afirmar que “não creio que as audiências ocupem as mesmas posições de poder daqueles que dão significado ao mundo para elas” (2003: 366).

Perceber na linguagem do telejornalismo rural um universo de informações e experiências “bem maior” do que se pode ver/conhecer em Dois Vizinhos não é uma interpretação exclusiva de Paulo e Indiga; quase todos os moradores (agricultores ou não) que conheci durante a pesquisa reconhecem na televisão, e particularmente no *Globo Rural*, certa

capacidade de colocar suas audiências em contato com contextos e experiências diversas daquelas cotidianamente vividas – ampliando, na medida em que informam e entretêm, o leque de “conhecimentos” sobre o campo e a cidade. Por um lado, me parece que tal processo certamente retira simbolicamente seus espectadores das imediações locais da vida cotidiana (seu lugar social no interior) para lançá-los em contextos diversos do mercado ou da modernização agrícola (via a promoção do agronegócio) – afinal, é um telejornal que “não fala da gente”. Por outro, ao veicular estilos de vida e fazeres distantes (especialmente e socialmente) que colocam em cheque os saberes, práticas e representações (identidades) presentes no rural duovizinhense, o telejornalismo rural também opera certa “dinamização” dos contextos locais da vida no interior, que são constantemente repensados à luz de “outros” modos de narrar a agricultura e viver o rural – afinal, é um telejornal que “fala pra gente”.

6.3. O GLOBO RURAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS NO “INTERIOR”

Após esta longa “travessia” por contextos diversos de vida e interação – cindidos entre um “aqui” da vida no interior e um “lá” onde se produz a notícia – busco interpretar o lugar social do telejornalismo e seu papel na reconstrução social do rural e da identidade agrícola em Dois Vizinhos. Entendo que a televisão (em particular através do *Globo Rural*) desempenha um papel relevante na configuração do cotidiano rural da região e interfere nos modos pelos quais estes agricultores interpretam sua realidade, chegando mesmo a impor uma posição (repensar) de suas audiências locais acerca de sua própria atividade profissional no campo. Evidentemente não se trata de um processo estanque pelo qual a televisão poderia estar unilateralmente formando mentalidades, nem mesmo a (re)construção de saberes, práticas e sociabilidades através da fixação de uma identidade entre o discurso midiático e a vida nos interiores; pelo contrário, trata-se de um movimento aberto às tensões que envolvem os processos de reprodução (manutenção) e transformação (mudança) da vida familiar. Um jogo de forças entre o rural vivido localmente e o rural representado pelo discurso televisivo que produzem perspectivas híbridas a partir dos processos de conhecimento e reconhecimento que tais identidades (representações) suscitam.

Cabe pontuar, todavia, que os processos identitários em Dois Vizinhos produzem conhecimentos e reconhecimentos a partir de planos de significação muito distintos daqueles estabelecidos pelo racionalismo contemporâneo. Isto porque no interior do campo do conhecer a operação de reconhecer tradicionalmente é tratada como redundância, ou seja, um ônus “inútil” que quando projetado para o plano ideológico se torna desconhecer (pura alienação). Ocorre que nos contextos locais da vida duovizinhense reconhecer assume o significado de interpolar, ou seja, não apenas conhecer, mas também alterar, complementar ou esclarecer a tal ponto uma mensagem (midiática, como é o caso) que a leitura pode chegar a adulterar o próprio sentido de sua emissão. É exatamente isto que parece sugerir falas como as do agricultor Baltazar, quando diz haver um “pacto entre as companhias de veneno [em referência a Bayer e Monsanto] e a televisão”, mesmo assistindo uma “ingênuas” reportagem (do *Globo Rural*) sobre a recuperação da mata ciliar e as “novas” técnicas de manejo integrado de solo e águas na região norte do Paraná; ou mesmo qualquer outro processo de decodificação das mensagens veiculadas pelo Globo Rural que se desprendem da relação espectador-televisão e invadem a sociabilidade cotidiana destes agricultores, como trabalhado anteriormente. Conformando, assim, os processos de reconhecimento como uma questão também dos sujeitos e seus modos específicos de constituir sua realidade e se reconhecer nela. Isto porque na trama das identidades sociais todos estes sujeitos se fazem e refazem no jogo das interpelações; como já observou Martin-Barbero “todo sujeito está sujeito a outro e é ao mesmo tempo sujeito para alguém. É a dimensão viva da sociabilidade atravessando e sustentando a dimensão institucional, a do ‘pacto social’” (2001a:316).

Durante o curso desta pesquisa pude observar que muitas das representações presentes nos contextos rurais de Dois Vizinhos, sobre o campo e seus principais sujeitos sociais (os agricultores), dialogam intensamente com os meios de comunicação, em especial com a televisão e suas linguagens. Representações que configuram um cenário de sucessivas significações e ressignificações para a agricultura familiar na região, frequentemente ativada como uma identidade social que estrutura as relações sociais nos interiores de Dois Vizinhos. Trata-se de uma categoria identitária que ativa processos de reconhecimentos da vida cotidiana e da própria realidade social em que estes agricultores estão inseridos; são construtos individuais e coletivos que se refazem constantemente conformando uma identidade rural e familiar que encontra formas (estereótipos), expressões e estilos de vida específicos no telejornalismo – muitos dos quais diversos daqueles vividos nestes contextos locais. Tal processo de conhecimento e reconhecimento da realidade rural na região e no país

é medido pela linguagem dos telejornais e interpolado localmente a partir dos mais diversos modos de perceber e dialogar com tais mensagens. Ao analisar o melodrama televisionado das novelas colombianas, Martin-Barbero (2001b) observou que as identidades étnicas e os saberes locais poderiam estar atuando nesta mediação entre o espectador e a mensagem televisiva. Para o caso de Dois Vizinhos e o cenário das emissoras de televisão no país, contudo, penso que não se pode esquecer que o atual modelo televisivo que se tem é hegemônico no sentido de transmitir um determinado estilo de vida e padrões de consumo tidos como mais “modernos” e “aceitáveis”. Por isso mesmo, tais saberes locais e as próprias identidades étnicas, ao sofrerem o impacto das mensagens televisivas também parecem estar sendo renegociados. Portanto, nas condições desta negociação podem estar lançadas as próprias possibilidades destes indivíduos ou grupos familiares pensarem a si mesmos (ABU-LUGNOD, 1997:13), seus hábitos e modos de reproduzir sua existência no interior de Dois Vizinhos.

O telejornalismo rural – entendido como um gênero midiático já consolidado no universo da televisão brasileira e amplamente conhecido pelos agricultores que entrevistei – foi tomado como um dos eixos centrais deste trabalho, a partir do qual tento estruturar uma interpretação dos atuais processos identitários que envolvem o rural e a agricultura familiar nos interiores de Dois Vizinhos. Trata-se de uma leitura das transformações e (re)significações que as identidades rurais locais vêm sofrendo a partir da penetração (algumas vezes tomada por colonizações) de imagens, mensagens e saberes que podem estar contribuindo para promover mudanças nos modos de trabalhar e conceber a vida nestes interiores. Neste sentido, o *Globo Rural* abriu caminho para compreender alguns dos processos de formação e reformulação de sentidos para o cotidiano rural, bem como a agricultura familiar (entendida como uma categoria profissional vinculada a um modo específico de vida na região), a partir da presença da televisão. Uma vez que este telejornal rural ocupa um lugar privilegiado no imaginário local, compreender os elementos subjacentes à produção e recepção de seus discursos pode (e deve) contribuir para identificar a dinâmica complexa das práticas e representações que envolvem a identidade agrícola familiar em Dois Vizinhos; isto porque sua recepção (decodificação) local parece estar colocando em xeque algumas das “tradicionais” representações sobre a atividade agrícola e o próprio cotidiano rural nestas comunidades e inserindo estes agricultores no universo do consumo via as hegemônicas narrativas do agronegócio e da modernização (urbanização) do campo.

No *Globo Rural* cotidianamente os espectadores de Dois Vizinhos são informados, ou “desinformados” como preferem alguns técnicos agrícolas com que conversei, sobre determinadas representações (interpretações apresentadas como verdades fixas) do fazer ou agir “concreto” de outros agricultores (“pequenos”, “médios” ou “grandes”) em suas propriedades rurais – também em agroindústrias. Cláudio, filho de Zilda e Mariano e cuja história foi mencionada anteriormente, em uma das visitas que fiz à família me disse que “sempre aprende” vendo “o que outros agricultores fazem em outros lugares, até para saber o que a gente pode e o que não pode fazer aqui”; todavia, quando perguntei o que ele efetivamente tinha “aprendido”, o sujeito confessou nunca ter aplicado nenhuma técnica nova em sua propriedade, até porque confiava mais nos técnicos agrícolas locais do que nas reportagens do *Globo Rural*. Por outro lado, Cláudio recordou ter substituído o cigarro de palha pelo cachimbo após um programa sobre “fumo de corda” que contava a história de um produtor de fumo em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, que “descobriu” na produção artesanal de cachimbos uma alternativa para a complementação de sua renda. Episódios como esse demonstram o “poder” que a televisão tem em formar, transformar ou mesmo conformar estereótipos. Por isso mesmo, deve-se considerar o telejornalismo também como uma instância de mediação entre os hábitos locais e “outros” fazeres, distanciados no tempo e no espaço, mas que frequentemente são decodificados pelas audiências na redefinição (“aprendizado”) de novos hábitos e técnicas não só para a agricultura. Ora, no contato com outros contextos e outros modos de vida a televisão parece estar “aproximando” os agricultores de Dois Vizinhos não somente a técnicas e práticas que informam o “como fazer” na atividade agrícola, mas também ao “como viver” no campo.

Seu João, cuja história foi apresentada anteriormente, me ensinou a observar mais cuidadosamente os significados da tradução destes “outros fazeres rurais” em práticas locais, sobretudo na agricultura. Diferentemente do casal mencionado acima, este agricultor assiste “com gosto” as reportagens do *Globo Rural* que ensinam “como fazer”; inclusive, lamenta o fato de não poder assistir ao programa todos os dias, pois vai cedo “cuidar de suas coisas”. Segundo ele, o programa “ensina muitas coisas boas para a gente do campo porque dá umas dicas sobre safra, sobre venenos e sobre o que mais vale a pena produzir; e minha mulher [Marcela] também vive aprendendo umas coisas novas na cozinha”. Seu João me disse já ter aplicado “os conselhos dos especialistas para melhorar a produção” – inclusive, lembra que certa vez não plantou feijão porque viu uma reportagem que dizia que o feijão não iria “estar bom para plantar”, no lugar plantou milho e diz ter dado “certo”. Seu filho Marcelo, contudo,

pensa o contrário, entende que “o pai nunca faz nada do que dizem pra ele fazer, nem quando o técnico da *EMATER* vem aqui para orientar ele dá bola”; ele reclama também por seu pai nunca deixar que aplique os conhecimentos que aprende “nos estudos” porque “não confia em ninguém, só em si mesmo”. Por detrás destas falas sobre os conteúdos do *Globo Rural*, fica claro que a interpretação dos significados veiculados pelas reportagens insere-se em uma lógica local de saberes e poderes que orientam as próprias práticas agrícolas destas famílias.

Com o passar dos meses cada vez mais tomei conhecimento de que toda a multiplicidade de informações que eu tivera coletado sobre as possíveis relações entre os conteúdos televisivos e a conformação local de práticas e concepções de mundo (do universo rural local) apontavam, direta ou indiretamente, para a emergência de identidades forjadas a partir de lógicas e saberes híbridos; identidades que eram posicionadas estrategicamente por estes agricultores na disputa por espaços de representação e legitimidade para a produção/reprodução de seus projetos de vida – mesmo quando estes espaços configuram apenas o cotidiano familiar e a legitimidade fica restrita ao plano imediato de sua ação. Desse modo, a televisão (e particularmente o *Globo Rural*) paulatinamente foi sendo descoberta (desnudada) pelas próprias conversas como um meio de aproximação destes agricultores em Dois Vizinhos com contextos sociais diversos que o programa diariamente traz à tela; trata-se do contato com outros modos de fazer e viver no campo que frequentemente promove a reflexão e revisão das práticas, saberes e concepções acerca da agricultura e do próprio significado da vida rural na região a partir da interpretação e decodificação das imagens e mensagens veiculadas pelo programa.

Desde o convívio com Seu João, passando pelas conversas que tive com Dona Zilda e Seu Mariano, bem como todas as outras famílias com que realizei esta pesquisa, o *Globo Rural* sempre me foi apresentado como o “lugar” onde, por excelência, se encontra todo tipo de notícia rural na televisão. Como já observei isto não quer dizer que os “assuntos” rurais não estejam presentes em outros gêneros televisivos; contudo, a presença destas temáticas no *Globo Rural* os habilita como “relevantes” para o campo – afinal, como já me disseram: “um noticiário mostra o que é importante mostrar”. Esta é a opinião de Marcelo, filho de Seu João, que disse ter visto uma interessante reportagem no *Globo Repórter* sobre “a exploração da mão-de-obra infantil” no campo, mas ele tinha entendido o caso como uma exceção; foi apenas quando viu uma série de reportagens sobre o assunto (os elevados índices de mão-de-obra infantil no trabalho rural) no *Jornal Nacional* e no *Globo Rural* que percebeu a

“relevância disso para as pessoas do campo”. Este exercício de interessar mais ou menos as audiências ajuda a revelar o lugar simbólico que o *Globo Rural* ocupa na televisão e no próprio imaginário acerca do que é ou não é uma questão “significativa” para o meio rural.

Foi a partir destas referências acerca do telejornalismo e do *Globo Rural* como um programa “legítimo” (ou legitimado) para tratar de temas e questões vinculadas ao universo rural que passei a organizar minhas questões em torno do que é mostrado e do como é mostrado. Uma vez que este programa – como explicita seu próprio informe comercial – se apresenta como “o mais importante programa ligado ao homem do campo”, ao mesmo tempo em que mostra “diariamente o agronegócio na tv”, é perceptível o processo ambíguo que sua recepção (decodificação) provoca, ao menos em Dois Vizinhos. De modo mais objetivo, de um lado, conversei com inúmeras pessoas que rejeitavam, negavam e mesmo se opunham à ênfase na modernização e na tecnificação da agricultura, que reifica a própria vida rural a partir da atividade agrícola; de outro, também convivi com interpretações, bem mais positivas, que exaltavam ou se submetiam ao caráter instrucional (de ensinar a fazer) do programa e reconheciam nele a necessidade de aprendizado, adaptação ou mesmo imposição de uma lógica mais planejada e “racional” para seu trabalho. Trata-se de uma leitura acerca de seus conteúdos e mensagens que se encontra cindida entre duas lógicas diversas que também opõem os saberes e práticas concretas de seus telespectadores.

Tal ambigüidade nos processos de recepção e decodificação dos conteúdos veiculados pelo *Globo Rural*, contudo, apenas aparentemente seria o resultado da veiculação ambivalente de discursos acerca do campo e dos inúmeros modos de vida que ali convivem, pois a concorrência de reportagens que transitam do agronegócio aos costumes, hábitos e crenças “típicos” da vida rural evidencia a construção da percepção de um mundo rural inserido nos contemporâneos processos de modernização. Portanto, o *Globo Rural* estaria colaborando para a promoção/educação de um modo de “olhar” o rural que limita mais do que amplia a percepção que seus espectadores detêm, ao menos em Dois Vizinhos. Certa vez assisti a uma reportagem do *Globo Rural* sobre o cultivo das uvas e a fabricação de “vinho colonial” no interior de Santa Catarina com Antônio; ela mostrava técnicas tradicionais utilizadas pelos “colonos” da região tanto no cultivo da uva quanto na produção do vinho, “assim como seus pais e avós o faziam na Itália”, dizia o repórter. Naquela ocasião Antônio, que tinha uma “pequena” propriedade “nos limites da cidade”, disse-me adorar “o jeito como eles [os agricultores apresentados na reportagem] falam das uvas, parece que eles estão mais próximos

delas”, e lembra que “no sítio do pai era assim também, é uma pena não vivermos mais assim por aqui”, fazendo referência à mecanização das técnicas de produção. No caso de Antônio e de quase todos os agricultores com que pude conversar, o *Globo Rural* realmente parece conduzir da família rural (“tradicional”) ao mercado, como se tratasse de estilos distintos de vida e produção que tendem a homogeneizar-se (também harmonizar-se) no seio da racionalidade moderna – uma perspectiva social e politicamente comprometida com os projetos de maximizar, planejar, racionalizar a agricultura, e, de certa forma, o próprio meio rural.

Há cerca de cem anos Max Weber perguntou, face ao problema da modernização (política e econômica) da Alemanha rural, sobre as possibilidades da “comunidade rural ou sociedade, que já existe, surgir novamente de modo a ser forte e duradoura” (WEBER. 1982:413). Desde então a complexidade social e perceptiva que a modernidade impôs às nossas sociedades vêm nos obrigando a rever as profundas hibridizações entre o tradicional e o moderno na cultura. A revisão destes conceitos, e da própria noção de racionalidade, tem modificado o modo como compreendemos tempo e espaço, nacional e local, rural e urbano, assim como a recente junção entre técnica e ciência que tanto se aprofundou em quase uma década de neoliberalismo no país. Hoje me parece ser necessário retomar as questões de qual o lugar do universo rural e das pessoas que vivem do campo na modernidade; até que ponto o acesso facilitado das tecnologias contemporâneas de fato permite um uso também contemporâneo destas ferramentas, possibilitando manipulá-las e combiná-las a favor dos interesses e perspectivas culturais locais. Responder estas questões significa romper de uma vez por todas com os paradigmas que explicam nossas sociedades ora pela “imitação”, ora pela “originalidade”, mas que “não conseguem dar conta da trama social, cultural e política que atravessamos” (CANCLINI: 2006:19).

7. CONCLUSÃO

Por que transformar experiências pessoais e cotidianas em um texto? Esta talvez seja a questão mais complexa com a qual me deparei no percurso desta pesquisa. A indeterminação da vida, essa impossibilidade da linguagem em acessar as distintas dimensões do real, de fato põe em xeque qualquer esforço em se buscar e narrar o sentido das relações e percepções cotidianas – “as coisas acabam com menos formato, nem acabam”, diz Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas* (1978). Constituídos como momentos “separados”, o campo e o texto operam lógicas diversas num processo em que o que se “vê” progressivamente distancia-se do que se “escreve”. Geralmente culpamos a língua pela falta de precisão, ou a nós mesmos por seu emprego incorreto; no entanto, como já apontou Geertz (1978), a interpretação envolvida na descrição consiste em tentar salvar o que foi “dito” num discurso social (conteúdos da fala) de sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. No intento de contribuir para o debate sobre as ruralidades no Brasil busquei “traduzir” neste trabalho algumas percepções sobre as dinâmicas sociais que incidem “nos interiores” do município de Dois Vizinhos, ao sudoeste do Paraná, que constituem o rural e a agricultura familiar a partir de identidades híbridas, forjadas no entrelaçar da vida local com a sociedade envolvente.

Uma vez que a televisão configura um importante “espaço” de intermediação entre o nacional e o local na cultura brasileira – mesmo produzindo uma representação mitificada da “realidade nacional” –, a proposta de estudar um “pequeno” município do “interior” do Paraná permite vislumbrar alguns modos de se conceber o país às margens da nação. Isto porque na articulação entre um “lá”, onde se produz a notícia e a informação, e um “aqui”,

distante social e culturalmente da televisão, reside um universo social que interpreta o país a partir dos interesses e expectativas geradas pelo consumo das mais variadas representações (valores) veiculadas. Associada de forma genérica ao desenvolvimento de um mercado consumidor de dimensões nacionais, a televisão é vista e entendida como a mídia mais “forte” para promover bens, serviços e idéias no Brasil. Para uma empresa como a *Rede Globo* sua rentabilidade advém do fato de atrair rentáveis anunciantes e atingir grandes públicos, o que a faz abrir sua programação a uma ampla variedade de temas com o intuito de obter as maiores fatias da audiência – “popular” ou “qualificada”. Nesse contexto, o rural televisivo, colonizado pelas perspectivas e investimentos do agronegócio, passa a conjugar interesses públicos e comerciais ao se aproximar de espectadores e “vendê-los” como potenciais consumidores.

Propus investigar como o telejornalismo rural, sobretudo na figura do *Globo Rural*, atua no processo de promoção da modernização agrícola. Trata-se da veiculação de saberes e atividades rurais amplamente inseridas no mercado via o discurso do agronegócio. Por isso mesmo, não são apenas os anunciantes, mas as próprias estratégias e opções narrativas que conferem ao *Globo Rural* a perspectiva de um discurso que legitima certo universo rural distante daquele cotidianamente vivido pelos agricultores familiares com os quais convivi durante a pesquisa. Uma distância percebida ora como “atraso”, ora como “isolamento”, mas que produz reformulações e ressignificações nos modos como estes sujeitos sociais do campo concebem a si próprios e seu cotidiano agrícola. Para tanto, há várias características que contribuem nesse processo: desde notícias que “retratam” os rurais brasileiros a partir da ótica da modernização, promovendo a revisão de projetos, saberes e representações sobre agricultura familiar e a vida rural local; até mesmo a veiculação de “instruções” para aprimorar e aperfeiçoar a atividade agrícola, que produzem a revisão das práticas e hábitos locais e, em alguns casos, a incorporação de novas. Meu argumento é que a recepção (decodificação) destas mensagens impõe aos moradores de Dois Vizinhos o (re)pensar de suas atividades e condições de vida no contato com experiências e estilos de vida altamente inseridos no mercado e no consumo. Portanto, de modo geral, este telejornal acaba familiarizando os agricultores locais (gostem eles ou não) com perspectivas e valores advindos de contextos tecnificados ou industrializados de vida e interação.

A experiência do trabalho de campo foi central para perceber o “lugar” da televisão no cotidiano rural e na legitimação de saberes, práticas e representações em Dois Vizinhos, pois revelou um processo ativo e criativo pelo qual agricultores refletem e dialogam com as

mensagens da televisão. Produzindo, desse modo, uma percepção híbrida acerca do rural e da agricultura a partir da ressignificação de seus modos de conhecer e reconhecer a vida nos interiores duovizinhenses. Embora o trabalho de campo não tenha seguido os tradicionais modelos de um estudo de recepção, mesmo porque considero a televisão um veículo cultural que interage no interior de um contexto maior e não pode ser analisada isoladamente, foi por meio da literatura oriunda desse campo da produção científica que procurei visualizar a “riqueza” do material analisado. Um contexto em que o *Globo Rural*, mesmo sem figurar como um objeto hegemônico de consumo dentro da televisão, conforma certo horizonte narrativo pelo qual estes agricultores concebem seu espaço de vida vinculado a sua atividade profissional. Por isso mesmo, não se trata de negar a “livre” reconstrução (decodificação) local das informações e instruções diariamente veiculadas pelo telejornal, mas reconhecer em seu exercício a limitação das possibilidades de sua interpretação.

No *Globo Rural* os espectadores entram em contato com uma gama de valores e formas de viver, familiarizam-se com as mais variadas atitudes diante do rural e das atividades agrícolas e constroem representações (interpretações) sobre sua vida familiar e profissional no campo. Nesse processo de interpretações e ressignificações, efetuam-se constantemente reflexões acerca dos temas apresentados pelo programa, discutem posições e perspectivas, rejeitam estereótipos, identificam-se com um rural sonhado e revêem suas próprias vidas e projetos pessoais ou familiares. Sentem-se assim como que espectadores de um Brasil que lhes diz respeito, mas no qual nem sempre se reconhecem. Observam um rural que “inova” e “desenvolve”, uma agricultura que “melhora” e “produz”, num discurso que é veiculado (vendido) como garantia de reprodução e permanência, mas também questionam algumas de suas próprias posições e orientações. Uma exposição de formas e estilos de vida que lhes negam na medida em que descrevem um rural separado da “vida típica de interior” e mergulhado em valores modernos. O telejornal permite que os espectadores leiam e interpretem os sinais de uma sociedade em “vias de urbanização”, onde a vida rural “tradicional” ocupa um “incômodo” lugar de “transição” ou “adaptação”.

Ao perceber que a multiplicidade de valores que caracterizam o rural duovizinhense cotidianamente são dissolvidos nas hegemônicas narrativas da modernização agrícola veiculadas pelo *Globo Rural*, a agricultura familiar (entendida como uma identidade social central neste universo rural) frequentemente foi ativada para designar um processo identitário aberto às tensões estabelecidas entre o que se vê “lá” (na televisão) e o que se vive “aqui” (nas localidades). Trata-se de uma categoria (identidade) que não diz respeito apenas às técnicas

produtivas, mas marca a própria diversidade do rural na região, tanto na (re)produção como na representação da vida nestes “interiores”; abrigando uma polissemia de sentidos para a vida e compondo diferentes estratégias identitárias que disputam espaço e legitimidade nos contextos locais de Dois Vizinhos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, Lila. *Melodrama egípcio: uma tecnologia do sujeito moderno?* Campinas: Cadernos Pagu n° 21. 2003.
- ADORNO, Theodor. *Mínima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática. 1992.
- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. São Paulo: Zahar. 1996.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque. *Telenovela, consumo e gênero: “muitas mais coisas”*. São Paulo: EDUSC. 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Hino Nacional. In: *Brejo das Almas*. São Paulo. 1934.
- ANDRADE, Thales. *Ecológicas manhãs de sábado: o espetáculo da natureza na televisão brasileira*. São Paulo: Annablume/Fapesp. 2003.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70. 2005.
- BARTHES, Roland. *O Rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense. 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.
- BHABHA, Homi. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG. 1998.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (org.). *Economia política das telecomunicações, da informação e da comunicação*. São Paulo: Intercom, 1995.
- BONIN, Jiani Adriana. *Memória familiar e recepção de telenovela*. Rio de Janeiro: Ciberlegenda n° 12. 2003.
- BOURDIEU, Pierre. “Compreender”. In: *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

- _____. *La noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.
- _____. “O Poder simbólico” e “Introdução a uma sociologia reflexiva”. In: *O poder simbólico*. 2ª. edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRANDENBUG, Alfio. *Agricultura familiar, ONGs e desenvolvimento sustentável*. Curitiba: UFPR. 1999.
- BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma História social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006.
- BRITTOS, Valério Cruz. As Organizações Globo e a reordenação das comunicações. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo. v. XXIII, nº 1. 2000.
- BURKIT, Ian. *Social Selves: Theories of the Social Formation of Personality*. In: *Current Sociology*, Vol. 93. Thousand OAKS (CA): Sage Books. 1991.
- CANCLINI, Nestor García. *El Consumo cultural en México*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes. 1993.
- _____. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. 1ª reimp. São Paulo: USP. 2006.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Gramsci e as culturas populares na América Latina. In: COUTINHO, Nelson e NOUGEIRA, Marco Aurélio (org.). *Gramsci e a América Latina*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades. 1979.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo. Edusp. 2006.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra. 2001.
- _____. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra. 1997.
- CHAYANOVY, Alexander. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: SILVA e V. Stolcke. *A questão agrária*. São Paulo: Brasiliense. 1981.
- COMERFORD, Jhon Cunha. *Como uma família: sociabilidade, território de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.
- COSTA, Alcir; SIMÕES, Inimá; KEHL, Maria Rita. *Um País no ar: história da TV brasileira em três canais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DEBRAY. Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente*. Petrópolis: Vozes. 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Rio. 1976.
- DUBY, Georges. *A Economia rural e a vida no campo no Ocidente medieval (I, II e III)*. s/l. Montaigne. 1962.

- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva. 1970
- FERREIRA, Angela Duarte Damasceno. Processo e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*. N° 18. 2002.
- _____. *Vers la reconstruction du rural au Brésil*. In Zanoni, M; Lamarche, H, *Agriculture et ruralité au Brésil*. Paris: Karthala. 2001.
- FERREIRA, Ângela Duarte; SILVA, Claudia e ANTUNIASSI, Maria Helena. *Assentamentos rurais e reforma agrária no Brasil: organização da produção agrícola, condições de vida e sustentabilidade*. São Paulo: USP, Cadernos Ceru n° 10 . 1999.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. *Paraná e seus municípios*. Paraná: Memória brasileira. 1996.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo. 1931.
- FREYRE, Gilberto. Novas reflexões em torno de uma reorientação para o desenvolvimento brasileiro: a urbana. In: *Rurbanização: Que é?* Recife: Massangana. 1982.
- GALEANO, Eduardo. *El Libro de los abrazos*. Montevideo: Chanchito. 1989.
- GALLISSOT, René. Sous l'identité, le procès d'identification. In: *L'Homme et la Société*. N° 83. Nouvelle Serie. 1989.
- GALVAN, Cleodinei José. *O parque industrial do município de Dois Vizinhos/PR*. 2001. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Orientador: Marcos Aurelio Saquet.
- GARCIA Jr, Afrânio Raul. *O Sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero, Brasília:UNB, MCT-CNPq, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- _____. *Works and Lives: the anthropologist as author*. Stanford University Press. 1988.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar. 1991.
- GLEDSON, John. *Brazil: Culture and Identity*. Universidade de Liverpool: Instituto de estudos Latino Americanos, 1994.
- GOMES, Íria. Z. *1957 A Revolta dos Posseiros*. Curitiba: Edições Criar. 1986.
- GONÇALVES, Elizabeth Moraes. *O Folclore na mídia de massa: Globo Rural e aspectos folclóricos do homem do campo*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). 2005.

- GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985.
- GUARESCHI, Neusa et alli. O cotidiano de meninos e meninas na favela: problematizando as Políticas de Identidade. in Guareschi, N. e Bruschi, M. (orgs) *Psicologia Social nos Estudos Culturais*, Petrópolis, Vozes, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa (I e II)*. Buenos Aires: Taurus. 1999.
- HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A. 2004.
- _____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2003.
- _____. New ethnicities. In: MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.). *Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies*. London/New York. Routledge. 1996.
- HALL, Stuart, HOBSON, Doroty, LOWE, D e WILLIS, Paul (orgs). *Culture, media, language*. London/New York: Routledge. 1980.
- HAMBURGER, Ester. *O Brasil antenado: a sociedade da novela*. São Paulo: Zahar. 2005.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- _____. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. São Paulo: Paz e Terra. 1999.
- ISER, Wolfgang. *O Fictício e o imaginário*. Rio de Janeiro: EDUERJ. 1996.
- JACKES, Nilda. História de família y etnografia: procedimientos metodológicos para un análisis integrado. In: GÓMEZ, Guillermo Orozco (coord.). *Recepción y mediaciones: Casos de investigación en América Latina*. Buenos Aires: Editorial Norma. 2002.
- JEAN, Bruno. *Territórios d'avenir: pour une sociologie de la ruralité*. Québec: PUQ. 1997.
- JOLLIVET, Marcel. *Vers um rural posdindustrial: rural et environnemente dans huit pays européens*. Paris: L'Harmattan. 1997
- KOLLING, Patrícia. *A Recepção das informações jornalísticas ambientais do programa Globo Rural: os sentidos produzidos por agricultores familiares do município de Santa Rosa (RS)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006.
- KROEBER, A. L. *Anthropology: culture, patterns and processes*. New York: Harcourt, Brace & Wolrd. 1948.
- LAMARCHE, Hugues (coord.). *A agricultura familiar: comparação internacional*. Campinas. UNICAMP. 1993.
- _____. *A agricultura familiar: do mito à realidade (vol. II)*. Campinas: UNICAMP. 1998.
- LEAL, Ondina Fachel. Etnografia de audiência: uma discussão metodológica. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense. 1994.

- LIMA, Alceu Amoroso. *O Jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Edusp. 1990.
- MACHADO, Arlindo. *A Televisão Levada a Sério*. 1. ed. São Paulo: Senac. 2000.
- _____. *O Quarto Iconoclasmo e Outros Ensaio Hereges*. Rio de Janeiro: Contracapa. 2002.
- McLUHAN, Marshall. *Comprender los medios de comunicación: Las extensiones del ser humano*. Barcelona: Piados. 1996.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 2001a.
- _____. *Os Exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo. Senac. 2001b.
- MATA, Maria Cristina. Interrogaciones sobre el publico. In: LOPES, M. I. V. NAVARRO, R. F. (orgs). *Comunicacion, campo y objeto de estudio*. México: ITESO. 2001.
- MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. Campinas. Ed. Psy II. 1995: p.114.
- MERCADO GLOBAL. *Ibope prepara o índice nacional de audiência*. São Paulo: Ed. Especial, nº 98. 1995.
- MÍDIA DADOS. *Anuário de Mídia*. São Paulo. 2005.
- MORAIS, Fernando. *Chato – o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NIETZSCHE, Friederich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.
- OGILVY, David. *Ogilvy on Adverstising*. London: Pan Books. 1983.
- OLIVEIRA, Valdir de Castro. Integração e subordinação do rural à indústria da cultura. In: MELO, José Marques (Org). *Comunicação na América Latina. Desenvolvimento e Crise*. Campinas: Papirus, 1989.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *Recepcion Televisiva – Três aproximaciones y una razón para su estudio*. México: Universidad Iberoamericana. 1991.
- ORTIZ, Renato. *A Moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- RAMALHO, Maria Irene. *A sogra de Rute ou intersexualidades*, In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez. 2005.
- READFIELD, Robert. *The Folk Culture of Yucatan*. Chicago: Univ. Press. 1941.
- RIBEIRO, Júlio. et al. *Tudo que você queria saber sobre propaganda e ninguém teve paciência de explicar*. São Paulo: Atlas. 1985.

- RIBEIRO, Renato Janine. *O Afeto autoritário: televisão, ética e democracia*. Cotia: Ateliê Editorial. 2004.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: Topbooks. 2003.
- ROBERTO, Cardoso de Oliveira. *O Trabalho do antropólogo*. 2ª ed. Brasília/São Paulo. Paralelo 15/Unesp. 2000.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1978.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez. 2001.
- SANTOS, Raimundo. *Rurabanização como estilo de desenvolvimento em Gilberto Freyre*. I Encontro Nacional das Redes Rurais. 2006.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins. *Muito além do jardim botânico*. São Paulo: Summus. 1985.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & LINHARES, Maria Yedda. *Terra Prometida – Uma História da Questão Agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- SILVA, José Graziano da. Uma Reforma agrária não essencialmente agrícola. In: COSTA, L. F. C. & SANTOS, R. *Política e reforma agrária*. Rio de Janeiro: Mauad. 1998.
- _____. *A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira*. Campinas: UNICAMP. 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- STECA, Lucinéia Cunha & FLORES, Mariléia Dias Flores. *História do Paraná: do século XVI à década de 1950*. Londrina: Ed. UEL. 2002.
- VEIGA, José Eli da. *Cidades Imaginárias*. Campinas: Ed. Autores Associados. 2002.
- VELHO, Octavio. O Ofício de Etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". In NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VERÓN, Eliseo. Semiose do Ideológico e do Poder: La mediatización. Buenos Aires. CBC-UBA. 1997.
- VERONEZZI, José Carlos. *Mídia de A a Z*. São Paulo: Edicom. 2002.
- WACHOWISZCZ, R. C. *O Comércio da Madeira e a Atuação da Brazil Railway no Sul do Brasil*. Boletim do instituto histórico, geográfico e etnográfico paranaense. Curitiba: Vol. 42. 1984.
- WACHOWISZCZ, R. C. *Paraná Sudoeste: Ocupação e Colonização*. 2ed. Curitiba: Ed. Gráfica Vicentina. 1987.

- WANDERLEY, Maria de Nazareth B. *A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o rural como espaço singular e ator coletivo*. Recife: UFPE, 2000.
- _____. *O lugar dos rurais*. Caxambu: Anpocs. 1997.
- _____. *Raízes históricas do campesinato*. Caxambu. XX Encontro Nacional da ANPOCS. 1996.
- _____. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACA, Norma. *Uma nueva ruralidad em América Latina?* Buenos Aires: Clacso. 2001.
- WEBER, Max. Capitalismo e Sociedade Rural na Alemanha, In: GERTH H. & MILLS W. C. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC. 1982.
- WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público*. São Paulo: Ática. 1990.
- _____. *Internet, e depois? Uma análise crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina. 2003.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.
- WILLIAMS, Raymond. *Television: Technology and Cultural Form*. Hanover: University Press of New England. 1992.
- WOORTMANN, Klass. Com parente não se negueia – O campesinato como ordem moral. In: *Anuário Antropológico/87*. Brasília: Tempo Brasileiro. 1990.

9. ANEXOS:

9.1. ANEXO I – DOIS VIZINHOS

No domínio do terceiro planalto paranaense, em meio ao Vale do Iguaçu, Dois Vizinhos localiza-se ao sudoeste do Paraná, próximo de Santa Catarina – na microrregião de Francisco Beltrão. Limitado ao norte pelos municípios de Salto do Lontra, São Jorge do Oeste e Verê, e ao sul por Boa Esperança do Iguaçu, Cruzeiro do Iguaçu e Enéas Marques, o território duovizinhense ocupa uma extensão de 419,229 km²¹⁴¹. Situado nas proximidades da Bacia do rio Paraná, esta região de terra “roxa” é cortada pelo rio Chopim e detêm um relevo ondulado – o que obriga, principalmente na agricultura, um constante controle da erosão. Através das atuais tecnologias da informação não é difícil visualizar esta área pelas coordenadas 25°44’30” de latitude sul e 53°04’30” de longitude oeste.

É fato que Dois Vizinhos não é nenhuma “Uqbar” ou qualquer outra cidade imaginária encontrada apenas nas “fantásticas” enciclopédias de Jorge Luis Borges; todavia, salvo alguns poucos relatos achados em manuais que procuram recompor a história dos municípios do Paraná, ou mesmo em alguns capítulos de textos mais abrangentes que relatam a “recente” história do sudoeste (onde Dois Vizinhos muitas vezes nem chega a figurar), parece ser difícil encontrar qualquer material mais “denso” sobre esta localidade, dada a própria escassez de trabalhos realizados nesse sentido¹⁴². Em sua história “oficial”, que é contada dos livros didáticos aos *sites* de internet, este município começa a surgir a partir da década de 1940 com

¹⁴¹ Parece haver certa imprecisão na denominação oficial dos habitantes de Dois Vizinhos; conforme informam os registros do *IBGE* ou mesmo algumas enciclopédias sobre a região, os moradores deste município deveriam ser chamados como “vizinhenses”, entretanto, optei pela utilização de “duovizinhense” neste trabalho por ser o modo como os moradores e os atuais registros públicos locais denominam seus habitantes.

¹⁴² Os trabalhos mais “consistentes”, pelo menos do ponto de vista da historiografia paranaense, talvez possam ser considerados os de Wachowicz (1984; 1987) acerca do ciclo da erva mate e do conflito administrativo entre a União Federal, o Governo do Estado e companhias privadas de colonização em torno das estratégias de regulamentação e ocupação deste território, e de Iria Gomes (1986) acerca da revolta dos posseiros nos anos 50.

“verdadeiras aventuras” privadas, bem ao gosto de Sérgio Buarque de Holanda, incentivadas pelas políticas públicas de ocupação de terras através da Colônia das Missões, a oeste do rio Chopin; “atraídos” pela facilidade de aquisição de terras, catarinenses e gaúchos foram os “primeiros moradores nesta região” de “mata virgem, ocupada de animais selvagens”¹⁴³ – conforme relatado na enciclopédia eletrônica *Wikipedia*. Este mito dos espaços vazios, que ainda hoje parecem movimentar algumas companhias de terra pelos “interiores” do país, é também reforçado no resgate local da história de Dois Vizinhos. Como informa o site da prefeitura municipal, “foram caçadores e pescadores que primeiro adentraram por estes sertões cobertos por Pinheiros”. Trata-se de uma auto-imagem (representação) que constrói certa idéia de “isolamento” da região, frequentemente atribuído às famílias que se estabeleceram durante a década de cinquenta – então ainda parte do distrito Francisco Beltrão¹⁴⁴.

Esta história “enciclopédica” sobre Dois Vizinhos, que se origina no ciclo da erva mate e caracteriza a “ocupação” do sudoeste através da “frente pioneira”, parece estar narrando o surgimento do município como resultado do processo de “evolução da economia extrativista” – para utilizar uma expressão empregada por João Carlos Vicente Ferreira (1996: 269). Uma perspectiva que se alinha aos registros e interesses oficiais de um Estado em franco processo de expansão, mas que parece não dar conta das complexidades e disputas em torno da chamada “ocupação do sudoeste”. Em relatos menos comprometidos com esta perspectiva “oficial”, Dois Vizinhos também figura, embora como um capítulo menor, dentro da história do sudoeste – sobretudo nos processos de colonização do então Território Federal do Iguaçu (WACHOWISCZ, 1987) e mais tarde também na revolta dos posseiros (GOMES, 1986) – como um território configurado a partir de disputas de interesses locais, federais e estaduais. Criado por uma medida administrativa do governo estadual, em 15 de novembro de 1953, o distrito de Dois Vizinhos “vive” (participa) os conflitos e lutas pela demarcação de terras – desencadeados pela atuação das companhias de terra – que também o originaram. A

¹⁴³ Cabe lembrar que muitos dos que inicialmente (1900 e 1920) migraram do Sul para as regiões do sudoeste e oeste do Paraná eram fugitivos das perseguições políticas que se seguiram à Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, em grande maioria “colonos” que ocuparam uma terra em disputa com a Argentina (STECA & FLORES, 2002). Portanto, este não era um território desocupado e “selvagem”.

¹⁴⁴ Uma história que não se coaduna com alguns relatos dos próprios “pioneiros” desta região. José Perin é um italiano naturalizado brasileiro que migrou do Rio Grande do Sul em busca de terras na região hoje conhecida como Dois Vizinhos. Este Sujeito de oitenta e poucos anos consta nos registros oficiais da prefeitura como um de seus “primeiros” moradores em 1947, mas relata que “já tinha gente ai por tudo, mas como era muita terra não tinha problema; a gente só tinha medo dos roubos, sempre tinha uns”. Relatos parecidos foram os de Seu Antônio Arca, que diz ter vindo com seu pai também do Rio Grande do Sul em 1951, “quando chegamos já tinha bastante gente em Dois Vizinhos, mas como tudo ficava tão longe, não dava pra saber direito, a gente ficava aqui na roça e quase não saía”; lembra inclusive que “tivemos até que negociar a propriedade para garantir a escritura”.

instalação oficial do município, contudo, ocorreu apenas em 28 de novembro de 1961, logo após a resolução destes conflitos, com a posse do prefeito Ivo Cartegiani – indicado pelo governador Moisés Lupion.

Este hiato estabelecido entre a história oficial do município e suas “outras” histórias – narradas por alguns moradores da região – reaparecem até mesmo nos “mitos” de origem do próprio nome de Dois Vizinhos. Há certa controvérsia quanto à denominação do município que não é partilhada por todos os moradores da região, nem mesmo alimentada pelas narrativas públicas, mas permanece como uma “história subterrânea” desta localidade. Oficialmente, a denominação Dois Vizinhos tem uma origem geográfica, dada por Atanásio Pires que analisou os aspectos topográficos da região e verificou que o rio Chopin recebia água de dois afluentes perfeitamente confrontantes, um à margem direita outro à margem esquerda. Quando deixei de lado as páginas das enciclopédias ou mesmo dos *sites* públicos, descobri entre os moradores da região que a origem do nome Dois Vizinhos também poderia ser atribuída aos primeiros ocupantes deste território que se estabeleceram ao redor de um morro e fundaram duas sedes distintas, então conhecidas como “cidade sul” e “cidade norte”; trata-se de uma referência ao desenvolvimento de dois centros “urbanos” separados que apenas recentemente parecem ter sido unificados pelo crescimento da cidade, mas constantemente são resgatados pela memória dos residentes do município. Na verdade, importa menos a verossimilhança da história do que o sentido que a ela podemos atribuir: de um lado, uma versão oficial que enfatiza os aspectos “naturais” e topográficos da região como elementos centrais na configuração do município – uma perspectiva curiosamente alinhada às idéias de “vazio” e “ocupação” presentes em sua história oficial; de outro, uma perspectiva local que enfatiza a consolidação de uma sociedade a partir de jogos de proximidades e oposições na sociabilidade local.

Hoje Dois Vizinhos é um município considerado de porte “pequeno” dentro do Paraná, com aproximadamente 32 mil habitantes. Esta localidade é frequentemente definida por algumas características socioeconômicas: região agrícola de produtores de soja, trigo e milho – isto, para não mencionar o queijo e o salame!; ocupada por “colonos” (hoje tidos como agricultores familiares ou mesmo “pequenos” produtores) descendentes de migrantes italianos; e também autodenominada como a “capital nacional do frango” (conforme reiteram técnicos e agricultores locais) devido à alta produtividade no abate de aves (130 mil toneladas/ano). Estes processos constituem uma chave na definição (interpretação) da realidade regional, pois a agricultura local, mesmo concentrada sobre a atividade familiar, é

frequentemente colonizada pelo discurso da produtividade agrícola via cooperativa ou agroindústria, ao mesmo tempo em que preserva certas “tradições” e identidades gaúchas e italianas. Trata-se de uma confluência entre as identidades étnicas e profissionais, que ativam estratégias identitárias em torno dos processos de produção de sentido para o campo e para a própria atividade agrícola no município.

Historicamente o município se desenvolve a partir da instalação de uma “grande” unidade industrial da *Sadia SA*, que ainda hoje detêm centralidade na economia da região – embora atualmente já divida sua importância com outros setores da econômica regional, como o setor têxtil, madeireiro e de metais leves. É com a *Sadia* que a paisagem rural começa a se modificar nos “interiores” de Dois Vizinhos, criando, principalmente na década de 1980 como muitos moradores relatam, uma cisão entre aqueles que trabalham com granjas vinculadas à *Sadia* e os que não. Uma mudança que parece ter modificado não apenas o modo como estes agricultores se inserem no mercado e na economia local, mas principalmente seus modos de produzir e conceber a atividade agrícola local – visto que muitos tiveram que se adaptar às modernas técnicas e tecnologias exigidas pela agroindústria.

Tais transformações na agricultura local logo refletiram no desenvolvimento da cidade (sede urbana), e não o contrário – como curiosamente comentam muitos textos e relatos locais. É “quando o campo vai bem que a cidade começa a prosperar”, afirmou Renato, agricultor familiar da comunidade *Flor da Serra*; o comércio local passa a despontar como o segundo principal núcleo comercial da microrregião de Francisco Beltrão (atrás apenas do próprio município de Francisco Beltrão) a partir da década de 90 – conforme demonstra o próprio *IBGE*. Em dezembro de 1997, no suceder deste processo, é criado um “moderno” parque industrial em Dois Vizinhos, como relatam alguns administradores públicos locais, como a política de desenvolvimento e incentivo à industrialização da localidade. A partir daí, como demonstra José Cleodinei Galvan (2002), as empresas passaram a receber incentivos tributários do município e a prefeitura passou a oferecer cursos de formação e capacitação de força de trabalho. Neste movimento, Dois Vizinhos hoje é considerada, ao menos pelos moradores da região, como a segunda cidade “mais importante” da microrregião de Francisco Beltrão; “uma cidade em constante progresso”, como afirma o prefeito local.

Seguindo esta trilha “oficiosa” de textos e relatos que narram o desenvolvimento desta localidade a partir do hegemônico discurso da modernização, permeando o campo e a cidade, não raramente Dois Vizinhos desponta como um dos municípios que mais teria trazido algum “progresso” à microrregião de Francisco Beltrão no decorrer das décadas de 70, 80 e 90; um

discurso que é reiterado pelos indicadores oficiais de “urbanização” dos espaços sociais e “tecnificação” das atividades agrícolas. Ocorre que ao “descobrir” tais transformações econômicas, tecnológicas ou mesmo espaciais, que frequentemente são caracterizadas pelo crescente processo de “êxodo rural” (“esvaziamento” do campo) e progressivo aumento na concentração das terras (“fim” da atividade agrícola familiar), corre-se o risco de encobrir processos de resistência presentes nos modos de planejar, conceber e perceber este cotidiano local a partir da permanência do rural (entendido como um espaço de vida) e da agricultura familiar nas engrenagens do agronegócio. De fato, a carência de trabalhos políticos, sociológicos, antropológicos ou mesmo econômicos sobre este território desde os anos de 1960 até as portas do século XXI dificultam qualquer análise mais detalhada das transformações ocorridas na dinâmica social do município. Por isso mesmo, os índices e estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (*IBGE*) possibilitaram uma primeira aproximação a esta “realidade” territorial – muito embora também não possam ser tomados como balizas definitivas para esta pesquisa, pois carregam “vícios” característicos de um modo de conceber o “mundo rural” e as “pequenas” localidades no interior do Brasil a partir de perspectivas que opõe campo e cidade, do mesmo modo que identificam o moderno a partir da produção e da tecnologia.

Conforme demonstram os dados do *IBGE*, a evolução econômica e social do município de Dois Vizinhos foi e ainda é impulsionada pela agricultura, que atualmente concentra mais de 40% do PIB local apenas na agropecuária (189,669 mil reais)¹⁴⁵; a partir da década de 80, todavia, a produção agrícola que tradicionalmente havia se concentrado na atividade de colonos e agricultores familiares começa a se mesclar ao setor agroindustrial¹⁴⁶. Este processo se evidencia, por exemplo, na produção pecuária e de aves: se até os anos de 1986 predominava na região a suinocultura, implantada ainda no final dos anos 40 com a migração principalmente de gaúchos, é com a entrada de agroindústrias a partir da segunda metade da década de oitenta (sendo a mais representativa a *Sadia*) – que hoje abate mais de 500 mil aves ao dia – que impulsiona considerável redução desta atividade e um aumento na produção de gado (para corte e leite) e aves (carne). Conforme um agricultor familiar da

¹⁴⁵ Neste trabalho optei por não utilizar os termos agricultura e agropecuária em separado, pois este não foi o modo corrente que utilizei durante a pesquisa, nem mesmo uma é separação habitual entre os agricultores entrevistados. Portanto, quando me refiro a agricultura entenda-se a atividade agrícola em sua produção animal e vegetal.

¹⁴⁶ Paradoxalmente a fala corrente de técnicos agrícolas e administradores públicos, embasada nos atuais índices demográficos do *IBGE*, apontam na direção da “urbanização” do município; um movimento que teria acompanhado processos mais amplos do mundo rural paranaense ou mesmo brasileiro e, aos olhos destes agentes públicos, demonstrariam uma realidade social (rural) em declínio, com papéis sociais delimitados por uma cultura urbana em expansão – o que também remeteria a criação de identidades rurais em transformação.

região de *São Roque* (Seu Cleison) “a gente tentou até que deu manter o chiqueirão” na propriedade; como relata, “gostava de trabalhar com isso e dava até pra fazer salame e vender na cidade”, mas “de uns dois anos para cá não deu para continuar levando mais esse prejuízo”, mesmo não tendo abandonado este hábito de consumo – afinal, “cá entre nós não tem carne igual a do porco, mas agora a gente tem que comprar fora”. Como informou um técnico agrícola local: “foi duro para fazê-los deixar os chiqueirões, ninguém mais comprava, a carne tava comprometida, eles estavam fazendo tudo errado; daquele jeito não dava para vender pra ninguém” – relatando a impossibilidade, algumas vezes confundida com incapacidade, de muitos agricultores familiares da região em se adaptar as “novas” exigências de produção e comercialização dos suínos.

Neste processo as granjas de abate de frango substituíram a suinocultura e passaram a ser o principal sustentáculo da economia local – sobretudo a partir de 1981, com a instalação do *Moinho da Lapa S/A* que criou condições para aumento da produtividade no setor. Durante a década de noventa a *Sadia* tornou-se sinônimo de desenvolvimento na agricultura e, ao menos na memória desse pessoal, a “garantia” que o agricultor tinha de se manter na atividade agrícola; como relata Seu Nelson, morador da comunidade *São Luiz do Chopin*, “não tinha jeito de sobreviver, se não fosse pela Sadia não valia a pena ficar na terra, era melhor vender então”. Opiniões com as deste agricultor ainda hoje são comuns, sobretudo entre aqueles que estão vinculados à empresa, contudo enceram um imaginário colonizado pelo discurso do agronegócio. Mesmo porque, embora a venda de propriedades rurais realmente pareça ter aumentado, a grande maioria dos moradores do “interior” de Dois Vizinhos não estavam vinculados à Sadia (não naquele tempo, nem mesmo hoje) e mesmo assim conseguiram se manter na agricultura. Diferentemente de outros tantos que ficaram endividados com planos e créditos bancários para adquirir maquinário ou implementos agrícolas e se adaptar as exigências da empresa; afinal, como relataram muitos técnicos agrícolas com que conversei: “o agricultor só sai da terra se estiver endividado”.

Mas também saíram aos montes, principalmente nas décadas de oitenta e noventa; como sugerem as estatísticas do *IBGE*, houve um enorme “esvaziamento demográfico” no rural duovizinhense e um conseqüente “inchaço” de sua sede urbana – “agora tem até favela aqui, nunca vi isso”, relatou uma moradora local¹⁴⁷. Evidentemente estes processos sociais

¹⁴⁷ Entre as décadas de 1970 e 2000, segundo os indicadores do *IBGE*, a população “rural” duovizinhense decresce à medida que a população “urbana” aumenta: na década de 1970 os residentes de áreas rurais eram 33.004 habitantes, enquanto a população urbana detinha apenas 4.149; nos anos 1980 a população rural permanece mais ou menos estável como 30.234 habitantes, mas os habitantes da cidade começam a aumentar, chegando a 12.302; em 1991 a situação começa a se inverter e a população rural decresce até 18.065 habitantes,

possibilitam diversas e contraditórias leituras, como pretendo discutir no decorrer deste trabalho; contudo, para os fins desta “breve” apresentação, interessa perceber como a interpretação “normal” (hegemônica) dos textos, relatos e posições oficiais (técnicas ou administrativas) em Dois Vizinhos aponta para um movimento de declínio do papel social do rural (um mundo em vias de urbanizar-se); trata-se de uma perspectiva fundamentada na idéia de desaparecimento do rural e de seus “tradicionais” sujeitos sociais (campesinato) a partir do envolvente processo de modernização agrícola – por sinal, esta é uma perspectiva nada estranha aos quadros clássicos do pensamento social contemporâneo¹⁴⁸.

No diálogo com a televisão este imaginário local, colonizado pelas lógicas e narrativas modernizantes, tem encontrado no agronegócio um ideal de produção agrícola e inserção do rural na sociedade de mercado; trata-se de uma perspectiva que legitima a produção e incentiva a prática de uma agricultura separada de sua base natural e social (identificada com o rural). Um saber técnico e administrativo sobre o rural e a agricultura que, ao passo que procurou subordinar a agricultura local ao crescente processo de agroindustrialização que se desenvolveu na região durante as décadas de oitenta e noventa, atualmente também parece impulsionar um processo orientado a racionalizar (uma racionalidade de mercado) a atividade agrícola e da própria vida rural. Uma representação do mundo rural que diariamente é veiculada pela televisão (em particular na figura do telejornalismo rural) e é (re)produzida neste município através da ênfase na precarização local da agricultura (enquanto atividade profissional) e dos próprios trabalhadores rurais, tanto em suas modalidades patronais como nas diferentes formas de agricultura familiar (então subordinadas à agroindústria). Tais posicionamentos, que circulam dentro e fora da televisão, legitimam ao mesmo tempo em que são legitimadas pelos discursos locais e regionais da modernização agrícola como uma via de sentido único.

Ocorre que esta visão sobre o “declínio rural” obscurece tanto a permanência de uma agricultura de base familiar, quanto algumas das transformações que vem ocorrendo na paisagem duovizinhense e sugerem certa revitalização do espaço rural local a partir da reprodução da agricultura familiar como um modo de vida específico da região;

ao passo que a população urbana aumenta para 22.202; em 2000 é a “cidade” que se estabiliza com 22.380 habitantes e os residentes de áreas rurais chegam a 9.604.

¹⁴⁸ A esse respeito observa Angela Duarte Damasceno Ferreira: “de Spencer a Durkheim, de Weber a Marx, o pensamento clássico pressupunha a hegemonia do industrialismo e da urbanização na civilização moderna; a substituição da comunidade pela sociedade e da solidariedade mecânica pela orgânica; a racionalização do mundo como sentido dos processos sociais em curso e a generalização do modo de produção capitalista industrialista e urbana em escala planetária. Mesmo que a espacialização rural-urbana não constituísse o elemento central destas formulações, estava implícito o suposto segundo o qual o novo mundo era urbano e o velho rural (...)” (FERREIRA, 2002: 28/29).

transformações que operam na contramão do processo de “urbanização” do município e apontam para as potencialidades do rural como um espaço onde é possível repensar os próprios processos societários que vem ocorrendo no meio rural brasileiro. Trata-se da percepção de que a recomposição social dos espaços rurais – face à modernização agrícola – registra processos de ressignificação da vida e do trabalho no campo que indicam, também em Dois Vizinhos, a reconstrução de saberes, sociabilidade e identidades¹⁴⁹. “Novos” processos sociais que apontam para a emergência de ruralidades complexas: fomentando desejos e projetos de vida que conferem certa especificidade ao “interior” duovizinhense, ao mesmo tempo em que produzem identidades e sociabilidades que não podem ser descritas a partir de espaços sociais circunscritos (totalizantes) – rural ou urbano.

A percepção de que Dois Vizinhos tem sofrido certa recomposição em seus espaços rurais, sobretudo a partir da agricultura familiar local, sugere não apenas a atualização da problemática das ruralidades, mas também aponta para certa controvérsia entorno das possibilidades de interpretação desta “realidade”. De um lado, a tese de que há um *continuum* entre rural e urbano que indicaria a própria transformação da identidade (profissional ou não) rural a partir da interpenetração destas racionalidades, lógicas e saberes “estranhos” ao “interior”; de outro, a tese de que as contemporâneas transformações na identidade rural estão associadas à ressignificação da vida rural, seja em sua paisagem ecológica ou cultura, a partir arranjos ou configurações específicas de pertencimento – como sugere Angela Ferreira: “em torno dessa controvérsia gira uma parte significativa da análise da ruralidade” contemporânea (2002: 32).

A visão que percorre o presente trabalho se alinha à compreensão de que a reconstrução do rural – esteja ela vinculada às novas ruralidades, ao renascimento (emergência) de atores sociais, ou mesmo à compreensão dos espaços sociais como territórios do futuro¹⁵⁰ – parte de singularidades materiais e imateriais que configuram dinâmicas próprias à localidade de Dois Vizinhos; oferecendo, inclusive, a perspectiva de uma reação às políticas rurais e agrícolas gestadas dentro de um modelo modernizador de desenvolvimento social – como já observou Marcel Jollivet, este “desenvolvimento, longe de passar pela ignorância de um rural fadado a desaparecer e a se dissolver no urbano, supõe duas dinâmicas paralelas, uma rural, outra urbana, complementares e se constituindo e desconstituindo uma à outra” (1997: 10). Neste sentido, o rural duovizinhense foi interpretado a partir de um “olhar” que procurou nas

¹⁴⁹ Conforme define Huges Lamarche, trata-se de “um rural que se define não pela agricultura, mas com a agricultura” (2000:4).

¹⁵⁰ Sobre este tema ver: JEAN, 1997.

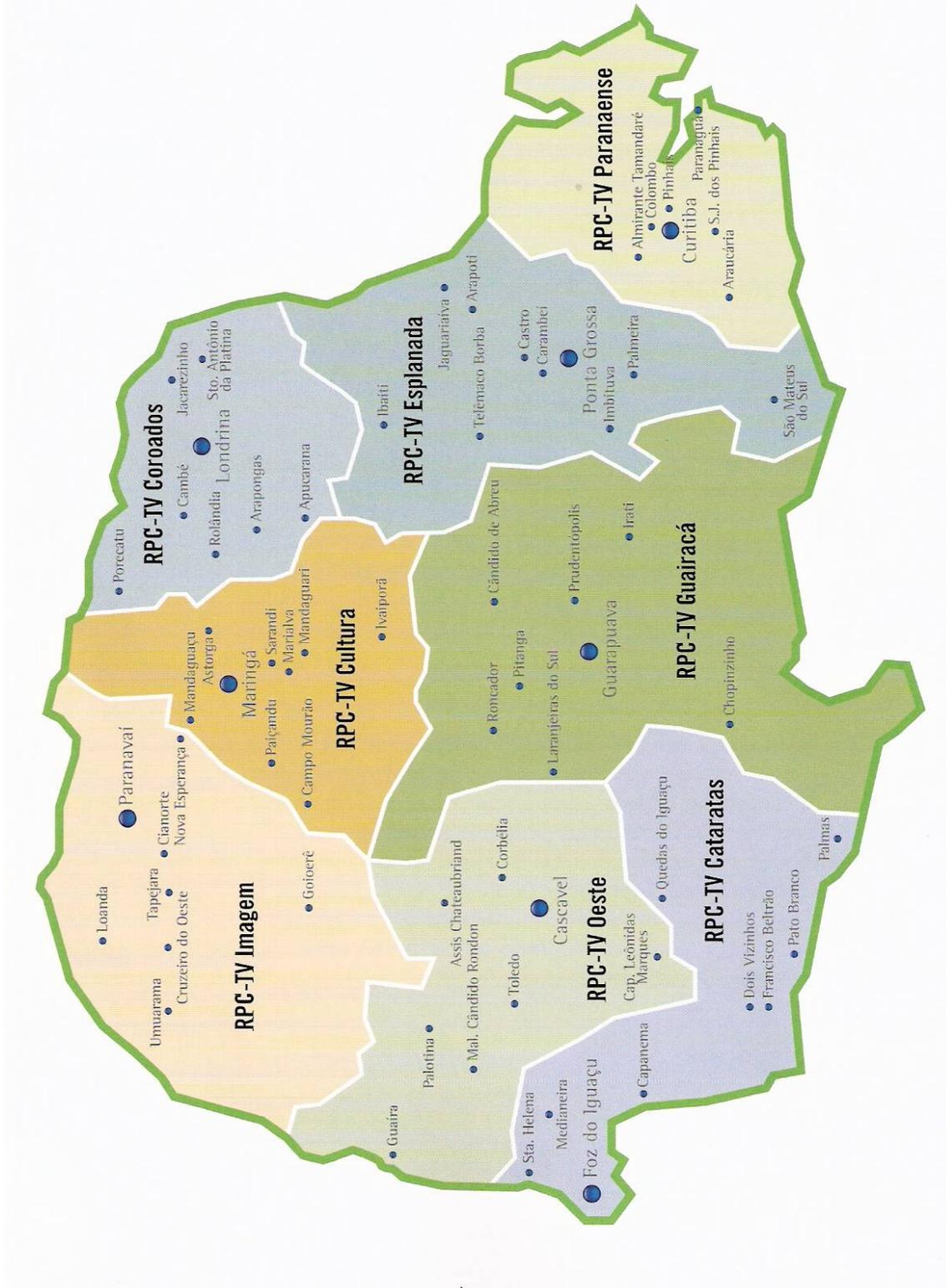
especificidades de vida e trabalho as condições e possibilidade pelas quais as pessoas criam estratégias identitárias (representações) a partir da atividade agrícola; especificidades que não tem um caráter “totalizante”, mas complementar (comunicativo) em relação ao universo que o envolve, conferindo, assim, a possibilidade de pensar identidades híbridas a partir das mudanças nos modos de perceber e produzir as ruralidades na região¹⁵¹.

Compreender os espaços sociais em Dois Vizinhos a partir da resignificação de sua própria paisagem rural significa atentar para a existência de um universo dinâmico de representações, práticas e relações sociais que não podem ser adscritas a uma espacialidade ou temporalidade concreta (rural ou urbano). São espaços sociais dinamizados, sobretudo, pela permanência dos agricultores e da agricultura de base familiar; personagens de um rural aberto às tensões e significações da sociedade que os envolve. Agricultores que respondem as necessidades cotidianas pondo em prática estratégias de diversificação, de pluriatividade, de associativismo, ou mesmo de agroindustrialização em pequena escala de seus estabelecimentos. Afinal, o espaço local abriga mecanismos e estratégias que permitem a reprodução destes agricultores e sua valorização enquanto personagens do rural.

¹⁵¹ Embora esta oposição possa ser demasiado simplificada, ela me parece elucidar alguns dos principais diálogos e disputas em torno do tema das ruralidades no Brasil.

9.2. ANEXO II – MAPA DAS COMUNIDADES RURAIS DE DOIS VIZINHOS

MAPA DE COBERTURA



Fonte: Tabela de preços da RPC TV, 2007.

9.4. ANEXO IV – CRITÉRIO BRASIL



CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA – CRITÉRIO BRASIL

ECONOMIC CLASSIFICATION – CRITERION BRAZIL

SISTEMA DE PONTUAÇÃO PARA CLASSIFICAÇÃO DA POPULAÇÃO /
PUNCTUATION SYSTEM TO CLASSIFY THE POPULATION

CLASSE SOCIAL/ECONOMIC CLASS	
CLASSE A1	30 – 34
CLASSE A2	25 – 29
CLASSE B1	21 – 24
CLASSE B2	17 – 20
CLASSE C	11 – 16
CLASSE D	6 – 10
CLASSE E	0 – 5

GRAU DE INSTRUÇÃO DO CHEFE DE FAMÍLIA / FAMILY HEAD EDUCATION

	PONTUAÇÃO/SCORING
ANALFABETO, PRIMÁRIO INCOMPLETO <i>4th grade or less</i>	0
PRIMÁRIO COMPLETO, GINASIAL INCOMPLETO <i>4th - 8th grade</i>	1
GINASIAL COMPLETO, COLEGIAL INCOMPLETO <i>8th - 12th grade</i>	2
COLEGIAL COMPLETO, SUPERIOR INCOMPLETO <i>high school, unfinished college</i>	3
SUPERIOR COMPLETO <i>College</i>	5

PONTOS POR QUANTIDADE / QUANTITY SCORING

	UNIDADE/UNIT			
	1	2	3	4 ou +
TELEVISOR EM CORES <i>Color TV sets</i>	2	3	4	5
RÁDIO <i>Radio</i>	1	2	3	4
BANHEIRO <i>Bathroom</i>	2	3	4	4
AUTOMÓVEL <i>Car</i>	2	4	5	5
EMPREGADA MENSALISTA <i>salaried domestic employee</i>	2	4	4	4

POSSE / OWNERSHIP

	PONTUAÇÃO/SCORING
VIDEOCASSETE <i>VCR</i>	2
GELADEIRA <i>Refrigerator</i>	2
FREEZER (APARELHO INDEPENDENTE OU 2ª PORTA DA GELADEIRA DUPLEX) <i>Freezer</i>	1
ASPIRADOR DE PÓ <i>Vacuum Cleaner</i>	1
MÁQUINA DE LAVAR ROUPA <i>Washing machine</i>	1

Fonte: Mídia Dados, 2005.

9.5. ANEXO V – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR CLASSE ECONÔMICA

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR CLASSE ECONÔMICA – CRITÉRIO BRASIL

POPULATION DISTRIBUTION PER ECONOMIC CLASS – CRITERION BRAZIL

PRAÇA MARKET	UNIVERSO (MIL)	A	A1	A2	B	B1 (%)	B2	C	D	E
GRANDE SÃO PAULO	12.015	10	2	8	34	14	20	35	19	1
GRANDE RIO DE JANEIRO	8.953	7	2	5	26	10	16	39	26	2
GRANDE RECIFE	2.430	5	2	3	19	8	12	36	35	5
GRANDE PORTO ALEGRE	2.534	8	2	6	35	14	21	37	18	2
GRANDE SALVADOR	2.399	7	2	5	20	10	11	35	33	5
GRANDE BELO HORIZONTE	2.803	10	3	7	26	11	16	35	26	2
CURITIBA E SÃO JOSÉ DOS PINHAIS	1.648	11	3	8	34	14	20	37	16	2
FORTALEZA	1.936	8	2	6	20	10	11	29	36	7
BRASÍLIA/DF	1.804	13	5	9	31	15	16	31	23	2
9 MERCADOS	36.523	9	2	6	29	12	17	36	24	2
GRANDE VITÓRIA	1.156	12	4	8	27	13	14	33	25	2
10 MERCADOS	37.679	9	2	6	29	12	17	36	24	2

Fonte: Mídia Dados, 2005.

9.6. ANEXO VI – PROJEÇÃO DE RENDA POR CLASSE ECONÔMICA



MERCADO & DEMOGRAFIA

PROJEÇÃO DE RENDA MÉDIA MENSAL POR CLASSE ECONÔMICA – CRITÉRIO BRASIL

AVERAGE MONTHLY INCOME PROJECTION PER ECONOMIC CLASS

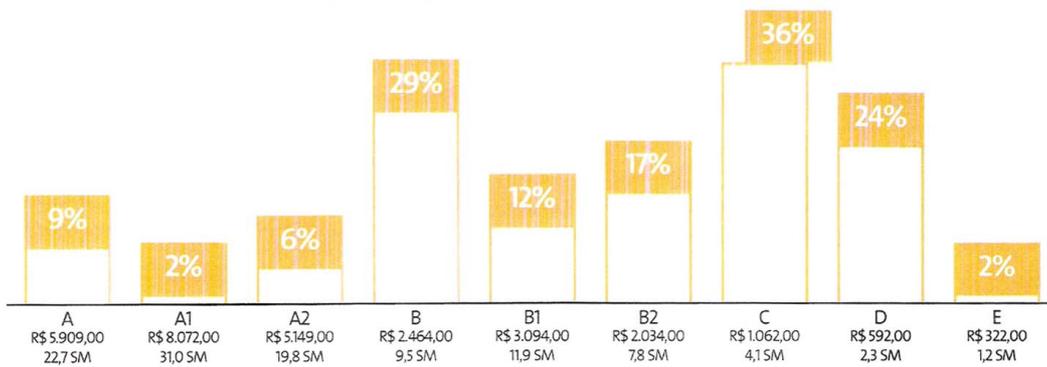
RENDA MÉDIA INDIVIDUAL

AVERAGE INDIVIDUAL INCOME



RENDA MÉDIA FAMILIAR

AVERAGE FAMILIAR INCOME



Fonte: Mídia Dados, 2005.